

Reginaldo Francisco

**REIS CAOLHOS E CAJADADAS EM COELHOS:
a questão da tradução de provérbios e expressões idiomáticas**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução: Teoria, crítica e história da tradução.

Orientador: Prof. Dr. Mauri Furlan
Coorientadora: Profa. Dra. Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos

FLORIANÓPOLIS

2010

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária
da
Universidade Federal de Santa Catarina

F819r Francisco, Reginaldo

Reis caolhos e cajadadas em coelhos [dissertação] : a questão da tradução de provérbios e expressões idiomáticas / Reginaldo Francisco ; orientador, Mauri Furlan. - Florianópolis, SC, 2010.
232 p.: tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução.

Inclui referências

1. Tradução e interpretação - Expressões idiomáticas. 2. Linguística. 3. Provérbios. I. Furlan, Mauri. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. III. Título.

CDU 801=03

Reginaldo Francisco

**REIS CAOLHOS E CAJADADAS EM COELHOS: a questão da
tradução de provérbios e expressões idiomáticas**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre em Estudos da Tradução e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, agosto de 2010.

Prof. Dr. Walter Carlos Costa
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Mauri Furlan
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos
Co-Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Claudia Borges de Faveri
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Germana Henriques Pereira de Sousa
Universidade de Brasília

À Roberta, companheira constante, meu
equilíbrio, que me faz uma pessoa bem
melhor do que eu conseguiria ser sozinho.
A todos os amigos, próximos e distantes, que
me fazem achar a vida uma experiência
fantástica, e que me enchem de uma saudade
permanente espalhada “pelos quatro cantos
do mundo”.

AGRADECIMENTOS

Vendo concretizar-se o resultado deste trabalho, devo sinceros agradecimentos a todos que colaboraram para seu desenvolvimento, em especial:

Ao meu orientador Prof. Dr. Mauri Furlan e à minha coorientadora Profa. Dra. Maria Lúcia Vasconcellos, pelas leituras atentas e sábias sugestões, que tanto contribuíram para minha pesquisa e para a escrita desta dissertação. Antes deles (temporalmente), à minha família, à Profa. Dra. Claudia Zavaglia e à Profa. Dra. Cristina Carneiro Rodrigues, que me ensinaram, das mais diversas (e às vezes misteriosas) formas, a trabalhar com rigor;

A todos que me ajudaram a reunir o material necessário para esta pesquisa, especialmente à Profa. Me. Márcia Moura da Silva, à Profa. Dra. Cláudia Borges de Fáveri e à Profa. Dra. Marie-Hélène Catherine Torres, por me emprestarem os diversos *Macunaímas*;

Ao Deni Yuzo Kasama, amigo constante e prestativo, pelo auxílio nas consultas a materiais da Biblioteca da UNESP de São José do Rio Preto (SP);

Ao Gino Dornelles, por ouvir e, quando possível, ajudar a sanar minhas dúvidas de informática;

Aos desenvolvedores do BrOffice Writer (BrOffice.org), por disponibilizarem gratuitamente esta ferramenta que agilizou bastante minha escrita;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (CAPES) e à Pós-graduação em Estudos da Tradução (PGET), pela bolsa que me permitiu a dedicação necessária para a conclusão deste trabalho.

“O papel tudo aceita.”

(Meus pais, ensinando-me, quase sem querer, a ser um leitor crítico, e Pérez (1961), com base em muitos outros antes deles, registrando o ensinamento entre seus *Provérbios brasileiros*.)

RESUMO

Provérbios e expressões idiomáticas (EIs) são lexias complexas que têm em comum características como indecomponibilidade, cristalização na língua e sentido conotativo. O objetivo deste trabalho é investigar a questão da tradução de provérbios e EIs, buscando reunir estratégias possíveis para lidar com esses fraseologismos no ato tradutório. Primeiramente, é realizada uma revisão bibliográfica na qual são analisados diferentes pontos de vista de diversos autores a respeito do tema. Com base nessa revisão, propomos uma sistematização das soluções mencionadas na bibliografia em dez estratégias de tradução. Em seguida, é apresentada a composição e a análise de um corpus composto por trechos retirados do romance brasileiro *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*, de Mário de Andrade, contendo provérbios e EIs, acompanhados dos trechos correspondentes em traduções para o italiano, o espanhol, o inglês e o francês. Nesse corpus, estudamos cada solução utilizada para traduzir provérbios e EIs, verificando se se assemelham às estratégias previstas a partir da bibliografia.

Palavras-chave: Provérbios. Expressões Idiomáticas. Estratégias de Tradução.

ABSTRACT

Proverbs and idioms are frozen patterns of language which have some characteristics in common: they allow little or no variation in form and have a figurative meaning, which is conventional and fixed in the language. This study aims at investigating the translation of proverbs and idioms, seeking to gather strategies to deal with them when translating literature. Firstly, a bibliography about the subject is examined, in order to compare different authors' points of view. The solutions mentioned in that bibliography are then systematized into a set of ten translation strategies. Finally, we build up and analyze a corpus with excerpts from the Brazilian novel *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*, by Mário de Andrade, containing proverbs and idioms, followed by the corresponding excerpts from its translations into Italian, Spanish, English and French. The solutions found in the corpus to render proverbs and idioms are studied, in order to verify whether they are similar to those established based on the bibliography.

Keywords: Proverbs. Idioms. Translation Strategies

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1: DEFINIÇÕES, DELIMITAÇÕES E CARACTERÍSTICAS	29
1.1 CATEGORIAS MAIS AMPLAS	30
1.2 DEFINIÇÃO: EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS	33
1.3. DEFINIÇÃO: PROVÉRBIOS	34
1.4 CARACTERÍSTICAS EM COMUM	37
1.4.1 Indecomponibilidade	37
1.4.2 Conotação	39
1.4.3 Cristalização	43
1.5 OUTRAS CARACTERÍSTICAS	45
1.5.1 Outras características das EIs	46
1.5.2 Outras características dos provérbios	48
CAPÍTULO 2: PERSPECTIVAS A RESPEITO DA TRADUÇÃO DE PROVÉRBIOS E EIS	55
2.1 BERMAN	55
2.2 NIDA	59
2.3 BURITY	66
2.4 BAKER.....	67
2.5 RÓNAI.....	72
2.6 XATARA.....	74
2.7 OUTROS LEXICÓGRAFOS E A QUESTÃO DOS DICIONÁRIOS BILÍNGUES	78
2.8 MALLAFRÈ E MONLLOR.....	82
2.9 OUTROS AUTORES E A PREFERÊNCIA PELA BUSCA DE CORRESPONDENTES	89
CAPÍTULO 3: SISTEMATIZAÇÃO DAS ESTRATÉGIAS PARA TRADUÇÃO DE PROVÉRBIOS E EIS	93
3.1 TRADUÇÃO POR CORRESPONDENTE LITERAL	94
3.2 TRADUÇÃO LITERAL	96
3.3 TRADUÇÃO POR FIGURA DE LINGUAGEM NÃO-CONSAGRADA	100
3.4 TRADUÇÃO DA LETRA.....	101
3.5 TRADUÇÃO POR CORRESPONDENTE NÃO-LITERAL ..	104
3.6 TRADUÇÃO POR CORRESPONDENTE ADAPTADO	107
3.7 TRADUÇÃO POR CRIAÇÃO DE CORRESPONDENTE.....	108
3.8 TRADUÇÃO POR PARÁFRASE	110
3.9 TRADUÇÃO POR OMISSÃO	112
3.10 COMPENSAÇÃO	113

3.11 RESUMO DAS ESTRATÉGIAS.....	114
CAPÍTULO 4: ELABORAÇÃO E ANÁLISE DO CORPUS	117
4.1 COMPOSIÇÃO DO CORPUS.....	117
4.2 SELEÇÃO E VALIDAÇÃO DE PROVÉRBIOS E EIS	118
4.3 DELIMITAÇÃO DO CONTEXTO	120
4.4 ANÁLISE DO CORPUS E RESULTADOS OBTIDOS	120
4.4.1 Ocorrências de tradução por paráfrase	121
4.4.2 Ocorrências de tradução por correspondente literal ...	123
4.4.3 Ocorrências de tradução literal	128
4.4.4 Ocorrências de tradução por correspondente não-litera	
.....	131
4.4.5 Ocorrências de tradução da letra	134
4.4.6 Ocorrências de tradução por figura de linguagem não-	
consagrada.....	139
4.4.7 Ocorrências de tradução por correspondente adaptado	
.....	142
4.4.8 Ocorrências de tradução por criação de correspondente	
.....	143
4.4.9 Ocorrências de compensação	145
4.4.10 Ocorrências de tradução por omissão.....	148
4.4.11 Estratégias coincidentes.....	148
4.4.12 Estratégias concorrentes	150
4.4.13 Soma de estratégias.....	152
CONSIDERAÇÕES FINAIS	155
REFERÊNCIAS	159
ANEXO – CORPUS.....	175

INTRODUÇÃO

Frequentes em muitas línguas, se não em todas, os provérbios e as expressões idiomáticas (EIs) apresentam um estatuto ambíguo: por um lado, muitos se manifestam de formas semelhantes em diversos idiomas, e geralmente é possível encontrar correspondentes¹ (inclusive porque vários são importados de uma língua para outra); por outro lado, essas lexias mantêm uma forte relação com as culturas e os povos nos quais ocorrem. Neste trabalho, estudamos a questão da tradução desses fraseologismos, numa tentativa de reunir as possíveis soluções para lidar com esse estatuto ambíguo no texto traduzido.

Consideramos ser relevante refletir sobre a tradução de provérbios e EIs por eles serem bastante utilizados em textos literários (além de publicitários, jornalísticos, etc.)², proporcionando efeitos expressivos que merecem a atenção do tradutor que pretenda tornar esses textos disponíveis em outras línguas e para outras culturas. De fato, conforme Xatara (2008), os idiomatismos constituem uma “fonte constante de problemas para o tradutor”, uma vez que,

por representarem expressões lingüísticas culturalmente construídas, ou seja, típicas de uma determinada cultura e próprias a uma determinada língua, são considerados, por muitos, intraduzíveis. Na realidade, retratam um dos indícios de uma mentalidade nacional, pois se a cultura vem do povo, a língua exprime e molda o espírito do povo e a alma da nação, naquilo que eles têm de mais específico, como diz Humboldt. (p. 65)

Na mesma linha de pensamento, a pesquisadora Maria Tereza Camargo Biderman acredita que o conjunto dos provérbios de uma nação, “se de um lado remete à identidade profunda de seu povo, de outro constitui domínio linguístico que levanta inúmeros obstáculos para o tradutor”. Quanto às EIs, essa autora chega a afirmar que sejam “a

¹ O conceito de “correspondente” utilizado neste trabalho é discutido no capítulo 2, no qual também se justifica a escolha deste termo em detrimento de “equivalente”.

² Apesar de termos consciência de que essas lexias ocorrem também em outros tipos de texto, para não tratarmos de gêneros demasiadamente distintos, o que obrigaria a considerar muitos outros aspectos, neste trabalho ocupamo-nos apenas da tradução literária. Ademais, a esta se refere a grande maioria da bibliografia utilizada. Para um estudo sobre idiomatismos em textos publicitários, ver Ferraz e Souza (2004).

área mais problemática e que maiores dificuldades apresenta na tradução de uma língua para outra”, pois reúnem “as idiossincrasias, a idiomaticidade medular de uma cultura” (*In* XATARA e OLIVEIRA, 2008, p. 11).

Galisson (1989) também crê que os idiomatismos, por serem lexias conotativas que fazem parte da cultura compartilhada de um povo, constituem certo problema para tradutores e estudiosos de línguas estrangeiras. De acordo com ele, por meio dessa cultura compartilhada, que rege o cotidiano, os indivíduos de um grupo sociocultural se identificam, se reconhecem e se aproximam, advindo daí a dificuldade do estrangeiro para compreender os falantes nativos, se não possuir essa cultura cotidiana (CAMACHO, 2008, p. 40).

Como frequentemente o tradutor é um estrangeiro, conforme aponta Rios (2003), ou seja, a língua da qual traduz não é sua língua materna, para traduzir uma EI ele “recorre a dicionários e outros materiais de consulta, ou a seu conhecimento, adquirido em aulas de língua estrangeira e com base em sua vivência, como estrangeiro, em um país onde se fale essa língua” (p. 56). A mesma autora menciona ainda que o tradutor pode encontrar obstáculos nessa pesquisa pelo fato de por muito tempo a linguagem coloquial, parte da cultura cotidiana, não ter sido aprendida na escola nem descrita seriamente e, conseqüentemente, não ter sido incluída nos materiais de referência.

Nosso interesse pelo tema nasceu a partir da leitura do livro *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*, do teórico e crítico de tradução francês Antoine Berman (1985/1999/2007)³. Nessa obra, resultante de um seminário realizado em 1984 no Collège International de Philosophie, em Paris, o autor faz uma defesa contundente da tradução da “letra” do texto original, ou seja, aquela que tem sua “atenção voltada para o jogo de significantes” (BERMAN, 2007, p. 16), e um exemplo utilizado por ele para indicar o que seria (e o que não seria) traduzir dessa forma é a tradução de provérbios e “locuções” (“*locutions*”)⁴. Assim, Berman (2007) considera que essas ocorrências

³ A primeira edição em francês (*La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain*) foi publicada em 1985. Neste trabalho utilizamos a tradução para o português de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini, publicada em 2007 e realizada a partir da segunda edição francesa, de 1999.

⁴ Em nosso capítulo I, veremos que o termo “locuções” não é definido claramente pelo autor, porém nos parece bastante coerente considerar que se refira, se não totalmente, ao menos em parte, ao que estamos chamando aqui de expressões idiomáticas (EIs). Seria possível também atribuir uma significação mais abrangente ao termo, semelhante ao conceito de “lexia complexa”, como utilizado em Francisco e Zavaglia (2008), mas neste caso teríamos um objeto demasiadamente amplo para o presente trabalho, já que trataríamos de formas extremamente

devam ser traduzidas de uma maneira próxima à literalidade, reproduzindo a imagem e as características formais presentes no provérbio ou locução original, em lugar de substituí-los por correspondentes na língua da tradução.

Diante desse posicionamento de Berman (2007), veio-nos o interesse em pesquisar a visão de outros autores e reunir as diferentes estratégias propostas para a tradução de provérbios e EIs. Posteriormente, consideramos que seria produtivo também comparar tais estratégias com aquelas utilizadas por tradutores profissionais em um corpus de pequenas dimensões.

Portanto, o objetivo geral deste trabalho é chegar a um levantamento de estratégias que poderiam ser empregadas para lidar com provérbios e EIs no ato tradutório. Nesse sentido, tivemos como objetivos específicos (i) realizar uma revisão crítica do que já foi afirmado a respeito desse assunto⁵ por teóricos da tradução, tradutores, lexicólogos e lexicógrafos⁶; (ii) analisar um corpus de traduções, observando a ocorrência das estratégias estabelecidas a partir dessa revisão bibliográfica e buscando definir se elas seriam suficientes para dar conta de todos os casos observados. Esse corpus é composto por trechos do romance brasileiro *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*, de Mário de Andrade (1928), e os excertos correspondentes nas traduções para o inglês, o italiano, o espanhol e o francês de E. A. Goodland, Giuliana Segre Giorgi, Héctor Olea e Jacques Thiériot, respectivamente.

Da mesma forma que Silva (2009), o conceito de estratégias que empregamos aqui é aquele encontrado em Chesterman (2000) como “formas de manipulação explicitamente *textual* [...] diretamente observáveis a partir do produto da tradução em comparação com o

variadas, indo desde “com certeza” ou “de fato”, por exemplo, até “De cavalo dado não se olha os dentes” ou “Quem tudo quer nada tem”.

⁵ Obviamente, embora tenhamos nos esforçado para encontrar o máximo possível de referências sobre o tema, temos ciência de não ser possível dar conta de absolutamente tudo que já foi afirmado a respeito. Mesmo considerando apenas a cultura ocidental, ainda estivemos limitados ao que foi escrito nas línguas neolatinas que compreendemos, ou traduzidas a elas, além das demais limitações relacionadas ao acesso a materiais e ao prazo disponível para a realização do trabalho de pesquisa.

⁶ Apesar de tratarmos de espaços teóricos distintos, como tradução literária, no caso de Berman (2007), e lexicologia/lexicografia, no caso de Xatara (1994, 1998, 2002), por exemplo, julgamos válidas as comparações estabelecidas, tendo como eixo o tema da tradução de provérbios e EIs, uma vez que tomamos o cuidado de buscar em cada texto as referências específicas às possíveis soluções às quais o tradutor pode recorrer, em sua prática tradutória, para lidar com esses elementos.

texto-fonte” (p. 89, grifo do autor)⁷. Chesterman (2000) afirma que o ponto de partida de uma estratégia é sempre um problema, para o qual ela ofereceria uma solução. Assim, no nosso caso temos o problema da tradução de EIs e provérbios e estamos interessados nas estratégias que possam ajudar a solucioná-lo. Nesse sentido, aquelas estudadas aqui se identificam com o grupo das estratégias locais (*local strategies*) proposto pelo autor (seguindo Jääskeläinen, 1993, e Séguinot, 1989), que se refere a como traduzir uma dada estrutura, ideia ou item, em oposição às estratégias globais (*global strategies*), que dizem respeito à tradução de um certo texto ou tipo de texto (CHESTERMAN, 2000, p. 90-91).

Essa distinção é importante para nosso trabalho, pois não nos inserimos na linha de estudos iniciada por Vinay e Darbelnet (1958), que tenta estabelecer os diversos procedimentos adotados pelos tradutores na tradução em geral⁸. Nosso interesse são unicamente as estratégias possíveis para traduzir EIs e provérbios. Por esse motivo preferimos a nomenclatura e a definição de Chesterman (2000) e não as desses autores. Além disso, preferimos “estratégias” a “procedimentos”⁹, por parecer-nos que, embora usual no campo dos Estudos da Tradução, este último termo traz uma carga semântica mais associada a regras que *devem* ser seguidas, enquanto o primeiro parece transmitir melhor a ideia, pretendida neste trabalho, de soluções possíveis, à escolha do tradutor, que pode decidir qual utilizar ou mesmo não utilizar nenhuma delas.

⁷ “forms of explicitly textual manipulation [...] directly observable from the translation product itself, in comparison with the source text”. Todas as traduções de citações em língua estrangeira utilizadas neste trabalho, quando não houver menção em contrário, são de nossa autoria.

⁸ Para uma revisão dos procedimentos descritos por esses autores e por diversos outros depois deles, acompanhada de uma nova proposta de categorização para procedimentos de tradução, ver Barbosa (1990).

⁹ Chesterman (2000) lembra ainda outras nomenclaturas:

“The term ‘strategy’ has many different senses in psychology, sociology, linguistics and applied linguistics, and translation theory. Different kinds of distinctions have been made between strategies, tactics, plans, methods, rules, processes, procedures and principles etc. (see e.g. Lörscher 1991): the result has been considerable terminological confusion.” (p. 87).

O termo ‘estratégia’ tem diversos sentidos diferentes na psicologia, na sociologia, na linguística e na linguística aplicada, e na teoria da tradução. Diferentes tipos de distinções têm sido feitos entre estratégias, táticas, planos, métodos, regras, processos, procedimentos, princípios, etc. (ver por exemplo Lörscher, 1991): o resultado tem sido uma considerável confusão terminológica.

Aubert (1984), trabalhando na linha de Vinay e Darbelnet (1958), prefere “modalidades” a “procedimentos”.

Outra distinção mencionada por Chesterman (2000) é aquela entre estratégias de compreensão (*comprehension strategies*) e estratégias de produção (*production strategies*), aquelas tendo a ver com a análise do texto-fonte e a natureza da tarefa de tradução e estas com as manipulações do material linguístico visando a produzir um texto-alvo apropriado (CHESTERMAN, 2000, p. 92). Neste trabalho tratamos sempre de estratégias de produção, uma vez que, conforme destacamos mais adiante, estamos interessados nas alternativas para traduzir EIs e provérbios, considerando que já tenha sido superada a etapa de compreensão desses elementos.

Como a nomenclatura empregada pelos autores estudados em relação aos fraseologismos com os quais estamos lidando é bastante variável e muitas vezes confusa, reservamos o primeiro capítulo para uma discussão conceitual. Por ora, vale dizer que ao longo de nosso trabalho tomamos emprestada a seguinte definição para EI: “lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural” (XATARA, 1998, p.17; XATARA e OLIVEIRA, 2002, p. 57; XATARA e OLIVEIRA, 2008, p. 125). Além disso, utilizamos o termo “idiomatismo” como sinônimo de EI¹⁰ e os termos “fraseologismo”, “lexia” e “lexia complexa” como hiperônimos nos quais se incluem tanto os provérbios quanto as EIs.

Para provérbio, decidimos adotar a definição de Succi (2006):

UL [unidade lexical] fraseológica relativamente *fixa, consagrada* por determinada comunidade linguística que recolhe experiências vivenciadas em comum e as formula em enunciados *conotativos*, sucintos e completos, empregando-os como um discurso polifônico de autoridade por encerrar um valor moral atemporal ou verdades ditas universais e por representar uma tradição popular transmitida até milenarmente entre as gerações. (p. 31, grifos nossos)

Essa definição não reúne todas as características possíveis dos provérbios, uma vez que cada provérbio não contém todas as características dos provérbios como um todo, e também a definição de EI adotada é bastante sintética. Entretanto, veremos ao longo do trabalho

¹⁰ Nas citações em inglês e francês, consideramos *idiom* e *idiotisme*, respectivamente, como correspondentes de EI ou idiomatismo.

que ambas foram suficientes para os nossos objetivos. Além disso, mais detalhes serão apresentados no capítulo 1.

Com os grifos na citação de Succi (2006) acima, pretendemos chamar a atenção para traços comuns aos provérbios e EIs. Nota-se, pelas definições adotadas, que ambos são (relativamente) indecomponíveis/fixos, cristalizados/consagrados e conotativos. Esses importantes pontos em comum permitem considerar a possibilidade de haver estratégias aplicáveis à tradução de ambos (como na proposta de Berman, 2007), o que representa uma justificativa para nossa decisão de trabalhar com essas duas categorias de fraseologismos, e não com outras ou com todas.

É importante ressaltar, no entanto, que o foco deste estudo não são os provérbios e EIs em si, e sim a questão de como podem ser traduzidas suas ocorrências. Estudos sobre essas lexias, suas características sintáticas, semânticas, discursivas, etc., assim como obras lexicográficas especializadas nelas, já existem, como se pode verificar em nossa bibliografia.

A pesquisadora Claudia Maria Xatara, por exemplo, de quem utilizamos a definição de EI, dedica todo um conjunto de trabalhos ao estudo das EIs do francês e do português, além de ter publicado alguns artigos sobre provérbios e de ter orientado pesquisas sobre esses assuntos. Na sua dissertação de mestrado, Xatara (1994) trata das EIs de matriz comparativa no francês, organizando, depois de conceituá-las e diferenciá-las de outros fraseologismos, um vocabulário francês-português de expressões desse tipo e discutindo as traduções propostas nele.

No doutorado, Xatara (1998) expande seu escopo para as EIs em geral, embora sempre tendo em vista a tradução no par linguístico francês-português. Mais uma vez o trabalho resulta em um vocabulário bilíngue a partir do qual a autora propõe uma tipologia das EIs, analisando do ponto de vista interlinguístico e intercultural, apontando as temáticas mais recorrentes, e novamente comenta os critérios para chegar às traduções apresentadas.

A partir desses dois trabalhos, a autora aborda as EIs e outros fraseologismos em diversos artigos. Em Xatara (2002a), ao tratar da “tradução fraseológica”, poderia parecer que a autora estaria realizando aquilo que propomos neste trabalho, mas na verdade ela apresenta apenas a maneira que concebe como sendo a mais adequada para traduzir fraseologismos, enquanto em nosso estudo buscamos reunir diversas estratégias para atingir esse objetivo.

Em Xatara (2002b), é discutida a importância das EIs no ensino de línguas e na lexicografia, apesar de seu tratamento geralmente secundário nessas áreas. Em Xatara, Riva e Rios (2002), analisam-se os problemas teóricos e práticos na elaboração de um dicionário de EIs na direção francês-português. Também sobre a construção de um dicionário de idiomatismos temos Xatara e Rios (2005). Xatara e Riva (2005) pensam a categorização dos idiomatismos a partir de seus elementos temáticos, organizados em pares dicotômicos. Não relacionado com a língua francesa, temos Falcão e Xatara (2005), em que se analisam idiomatismos em inglês contendo nomes de animais. Além desses e de outros trabalhos sobre EIs ou sobre fraseologismos em geral, também contamos com a participação da autora no artigo de Xatara e Succi (2008), no qual são comentadas as características mais frequentemente atribuídas aos provérbios.

Em 2002, Xatara e Oliveira publicaram o *PIP – dicionário de provérbios, idiomatismos e palavras: francês-português/português-francês*, obra que teve boa repercussão nas áreas de Lexicografia, Língua Francesa e Tradução, sendo posteriormente reorganizada no *Novo PIP – dicionário de provérbios, idiomatismos e palavras em uso: francês-português/português-francês* (2008).

Dentre os trabalhos sobre o assunto orientados pela pesquisadora estão: Falcão (2002), que elabora um dicionário bilíngue inglês-português de EIs com nomes de animais; Rios (2003), que apresenta um dicionário trilingue português-francês-espanhol de EIs com nomes de partes do corpo humano; Riva (2004, 2009), que apresenta uma proposta de dicionário onomasiológico de EIs do português do Brasil; Succi (2006), que pesquisa os provérbios em português relacionados aos sete pecados capitais; e Camacho (2008), que estabelece correspondências entre EIs em português brasileiro e europeu e em francês da França e do Canadá.

O artigo de Ferraz e Souza (2004) trata de EIs encontradas em textos publicitários de revistas de circulação nacional, e o de Gonçalves e Sabino (2001) aborda as dificuldades enfrentadas por aprendizes de italiano para conseguir dominar as EIs dessa língua. Podemos mencionar ainda o livro de Rocha (1995) sobre os efeitos enunciativos do provérbio, as pesquisas sobre expressões convencionais e idiomáticas de Tagnin (1989, 2005), o capítulo de Francisco e Zavaglia (2008) sobre as armadilhas que as lexias complexas em geral podem ocasionar ao tradutor, dentre inúmeros outros trabalhos.

Na Pós-graduação em Estudos da Tradução (PGET) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) também houve

trabalhos de pesquisa envolvendo EIs e provérbios, dos quais podemos citar Arancibia (2007) e Matias (2008), que estudam as EIs presentes no *Diccionario Bilingüe de Uso Español-Portugués / Português-Espanhol (DiBU)*, e Reis (2008), que compara o tratamento dado às EIs em quatro dicionários bilíngues francês-português e português-francês. Na Pós-graduação em Língua Inglesa e Literatura Correspondente da mesma universidade, Burity (1989) aplicou a teoria de Eugene Nida para discutir a traduzibilidade de provérbios:

Quanto aos dicionários especiais contendo EIs e/ou provérbios, além daqueles já referidos de Xatara e Oliveira (2002, 2008), podemos citar, envolvendo diferentes línguas ou pares de línguas, mas apenas a título de amostra e sem nenhuma intenção de sermos exaustivos, as obras de Cabral (1982), Camargo e Steinberg (1989, 1990), Campos (1980), Fraenkel (1987), Gomes (2003), Jiménez (2005), Natale e Zacchei (2000), Schambil e Schambil (2002), Schwamenthal e Straniero (1999), Silva (1975), Simões (1993), Steinberg (1985/2002), além de compilações clássicas como o *Tesouro da fraseologia brasileira*, de Antenor Nascentes (1966), os *Provérbios brasileiros* de José Pérez (1961), as *Locuções tradicionais no Brasil*, de Luís da Câmara Cascudo (1977), e o *Adagiário brasileiro* de Leonardo Mota (1987)¹¹.

Alguns teóricos da tradução também trataram do tema, embora muitas vezes sem se aprofundar nele. Dentre eles, podemos citar Meschonnic (1973, 1976), Berman (2007), Rónai (1981), Baker (1992), cujas contribuições serão discutidas mais adiante, em nosso segundo capítulo.

Vários desses autores apontam como primeiro obstáculo na tradução das lexias complexas em geral, incluindo EIs e provérbios, a necessidade de identificar seu sentido global, o que na maioria das vezes não é possível apenas considerando o sentido literal de cada um dos elementos que as compõem. Francisco e Zavaglia (2008), tratando de dificuldades na tradução do italiano para o português a partir da análise de traduções de aprendizes, reservam um capítulo para o estudo dos obstáculos causados por lexias complexas. Nesse capítulo, explicitam como “todo tipo de lexia complexa, constituindo um todo inseparável, com um sentido único global que não resulta da soma dos sentidos das partes que o compõem, representa uma possibilidade de armadilha para

¹¹ Apesar de o *Adagiário* de Leonardo Mota ter sido publicado apenas em 1987, pelo fato de o original ter-se perdido, acarretando a necessidade de uma reconstituição realizada posteriormente pelos filhos do autor, consta que a coleta dos fraseologismos já estava concluída em 1935.

o tradutor” (p. 56) e concluem que o motivo da maioria das inadequações observadas “consiste na não identificação por parte do tradutor da lexia complexa como uma unidade de sentido indecomponível (p. 69).

Em relação às EIs especificamente, a questão já havia também sido tratada por Baker (1992), que afirma: “No que diz respeito aos idiomatismos, a primeira dificuldade que um tradutor encontra é ser capaz de reconhecer que está lidando com uma expressão idiomática. Isto não é sempre tão óbvio. Há vários tipos de idiomatismos, alguns mais facilmente reconhecíveis que outros” (p. 65)¹². A autora chega a desenvolver o tema de quais seriam as EIs mais facilmente reconhecíveis — normalmente aquelas que parecem estranhas quanto à lógica ou à gramaticalidade, ou que não fazem sentido se interpretadas literalmente — e quais ocasionariam maior risco de serem interpretadas de forma equivocada — aquelas que possibilitam tanto um sentido literal quanto um idiomático e aquelas que existem em mais de um idioma com significados total ou parcialmente diferentes.

Entretanto esse não é o foco de nosso estudo: como indicado acima, nosso trabalho se centra nas estratégias de produção, não nas de compreensão. Assim, levaremos sempre em conta que esse primeiro obstáculo já tenha sido superado, que já se tenha observado se tratar de uma sequência de vocábulos com um sentido em conjunto, de modo que estaremos então diante da questão de como traduzir um provérbio ou EI já identificado e cujo significado já é conhecido. E, como coloca a mesma Baker (1992), “as dificuldades envolvidas em traduzir um idiomatismo são totalmente diferentes daquelas envolvidas em interpretá-lo. Aqui, a questão não é se um dado idiomatismo é transparente, opaco ou enganador. Uma expressão opaca pode ser mais fácil de traduzir do que uma transparente” (p. 68)¹³.

Conforme foi possível notar, não temos conhecimento de nenhum trabalho que trate especificamente da questão da tradução de provérbios e EIs com a delimitação e a abordagem adotadas aqui. Mesmo os teóricos da tradução mencionados acima apenas tangenciam o tema, não constituindo ele o ponto central de seus escritos. Meschonnic (1976), por exemplo, na verdade analisa apenas os provérbios, sem abordar as

¹² “As far as idioms are concerned, the first difficulty that a translator comes across is being able to recognize that s/he is dealing with an idiomatic expression. This is not always so obvious. There are various types of idioms, some more easily recognizable than others.”

¹³ “the difficulties involved in translating an idiom are totally different from those involved in interpreting it. Here, the question is not whether a given idiom is transparent, opaque, or misleading. An opaque expression may be easier to translate than a transparent one.”

dificuldades para traduzi-los. É para preencher essa lacuna que procuramos oferecer subsídios com este trabalho, reunindo e sistematizando diferentes propostas a respeito. Assim, nosso trabalho não representa um estudo conceitual de provérbios e EIs¹⁴ nem pretende realizar um levantamento com fins lexicológicos ou lexicográficos, mas atém-se principalmente ao problema de sua tradução.

De fato, nossa pesquisa se diferencia da maioria das existentes inclusive pelo fato de tratar essas duas categorias de fraseologismos em conjunto, o que se justifica pelos importantes traços em comum de ambas, apontados acima e examinados mais detalhadamente no capítulo 1. Além disso, esse tratamento em conjunto persegue abordagem semelhante à dada a provérbios e locuções por Berman (2007), e pretende dessa forma verificar a hipótese implícita nela de que seria possível pensar em soluções aplicáveis a ambos.

Contudo, a principal diferença entre este estudo e aqueles citados é nosso interesse em reunir diversas estratégias distintas. Mesmo nos trabalhos consultados que mencionam a questão da tradução, apesar de concordarem que EIs, provérbios e outras lexias complexas causam dificuldades ao tradutor, normalmente cada estudioso acaba se limitando a poucas opções, quando não a uma só, para lidar com elas, descartando a possibilidade de que, dependendo da situação tradutória, possa ser interessante ou necessário lançar mão de diferentes estratégias. Nossa sistematização, pelo contrário, pretende permitir ao tradutor uma visão mais geral do assunto e das escolhas que pode realizar.

Nesse sentido, partimos do pressuposto de que a tradução de provérbios e EIs é possível. Ou melhor, consideramos improdutivo, no contexto desta pesquisa, questionar sua possibilidade, uma vez que afirmar ser impossível traduzir uma EI ou um provérbio significaria partir da ideia de que deveria haver uma forma única e ideal de traduzi-los (e que seria, então, inatingível), concepção oposta aos objetivos deste trabalho. Pretendemos, em vez disso, pensar as diversas soluções já propostas, de modo a ter sempre uma alternativa quando outra se mostrar “impossível”.

Iniciamos nossas pesquisas pela leitura de trabalhos a respeito de EIs e provérbios, especialmente aqueles de Claudia Xatara e Stella Tagnin. A partir das referências bibliográficas desses textos, pudemos chegar a outros textos sobre o tema. Além de textos teóricos,

¹⁴ Apesar de reservarmos um capítulo para discutir as definições com as quais trabalhamos, este tem apenas o objetivo de esclarecer os conceitos instrumentais para este trabalho, e não o de contribuir para a discussão conceitual dos objetos de estudo.

pesquisamos também dicionários especiais¹⁵, em busca de prefácios, prólogos e introduções que pudessem tratar da questão da tradução desses fraseologismos. E, concomitantemente, revisitamos teóricos da tradução em busca de trechos nos quais viesse à tona esse tema, mesmo que fosse, como ocorreu algumas vezes, apenas como um exemplo utilizado por um autor para ilustrar uma posição que estivesse defendendo.

Ao analisar referências tão diversas, ocorreu muitas vezes de termos de lidar com nomenclaturas diferentes em cada texto. Assim, encontramos, por exemplo, informações e opiniões sobre o que chamamos de EIs, com base na definição citada acima, porém sob o nome de “locuções”, como em Berman (2007), “metáforas convencionais”, como em Rónai (1981), entre outros. Da mesma forma, o que consideramos provérbios muitas vezes era chamado de “ditados”, “adágios”, “refrães”, etc. Nesses casos, consideramos tratar-se de EIs ou provérbios sempre que as características ou os exemplos coincidissem ou tivessem uma grande intersecção com as categorias conforme as definições assumidas por nós. Assim, por exemplo, consideramos como provérbios a maioria dos adágios de Mota (1987) e dos *refranys* de Monllor (1999), e como EIs a maior parte das “locuções tradicionais” de Câmara Cascudo (1977), das “metáforas consagradas” de Rónai (1981), dos *modi di dire* de Quartu (1993), etc.

Problema ainda mais frequente, muitas vezes eram utilizados os termos “provérbio” ou “expressão idiomática”, porém com abrangências diferentes, incluindo ou não ditados, aforismos, etc., no caso daquele primeiro, ou verbos frasais, coloquialismos, gírias, etc. no caso desta última. Trabalhando com base nas definições apresentadas, normalmente nossas categorias eram menos abrangentes que as dos autores estudados. Ou seja, pudemos sempre considerar que as afirmações desses autores se aplicavam às nossas categorias, já que estas estavam inclusas no conjunto, mais abrangente, de EIs e provérbios conforme definidos por eles. Assim, consideramos como provérbios boa parte, mas não a totalidade, dos *Provérbios brasileiros* de Pérez (1961),

¹⁵ Falcão (2002) reúne algumas definições para “dicionário especial”: “Dentre os vários lingüistas que se referem aos tipos de dicionários, porém, encontramos Rey-Debove (1984), para quem um dicionário especial (DE) só descreve um setor de todos os signos de uma língua dada ou de todos os valores de uma civilização, Boutin-Quesnel (1985, p. 290), que define um DE como um ‘dicionário de língua que descreve unidades lexicais selecionadas por algumas de suas características’, e Hartmann & James (2001, p. 129), para os quais um DE é ‘o termo coletivo para uma gama de trabalhos de referência dedicados a um conjunto relativamente restrito de fenômenos’.” (FALCÃO, 2002, p. 25)

por exemplo (pois o autor acabou incluindo ditados e até algumas EIs), e também muitas, mas não a totalidade, das expressões chamadas de “expressões idiomáticas” em praticamente todos os os dicionários consultados, que quase sempre incluíam outros fraseologismos.

Com essa metodologia realizamos a revisão bibliográfica a partir da qual conseguimos um levantamento das estratégias de tradução já propostas por diferentes autores para solucionar o problema alvo de nosso estudo. A composição e a análise do corpus no qual pesquisamos a aplicação dessas estratégias estão fortemente relacionadas a esse levantamento, assim como às definições e características abordadas no capítulo 1. Por esse motivo, preferimos apresentar a metodologia referente a essas etapas da pesquisa em nosso capítulo 4 e não nesta introdução.

Primeiramente, no entanto, consideramos apropriado dedicar um capítulo a uma breve discussão das nomenclaturas e definições dos fraseologismos estudados e de alguns outros “vizinhos” cujas fronteiras conceituais não costumam ser muito claras. Essa discussão constitui o capítulo 1.

Em seguida, no segundo capítulo, passamos à análise dos textos a respeito da tradução de EIs e provérbios encontrados a partir da metodologia descrita acima, expondo os posicionamentos teóricos de cada autor tratado e as diversas estratégias propostas por eles para lidar com as ocorrências desses fraseologismos no ato tradutório.

No capítulo 3, reunimos todas as estratégias mencionadas e discutidas ao longo do capítulo anterior e propomos uma nova sistematização para elas.

No quarto capítulo, apresentamos a composição e a análise de um corpus de pequenas dimensões para observar exemplos reais de estratégias utilizadas por tradutores e verificar a relação entre estas e aquelas reunidas e sistematizadas no capítulo anterior.

Por fim, apresentamos nossas considerações finais com base nos capítulos anteriores, além das possibilidades de pesquisas futuras, em termos do que este estudo não pôde cobrir e que mereceria atenção.

CAPÍTULO 1: DEFINIÇÕES, DELIMITAÇÕES E CARACTERÍSTICAS

Neste capítulo, discutimos algumas definições, conceitos e distinções que ajudam a esclarecer melhor as características das lexias complexas de cuja tradução estamos tratando. Entretanto, como não é o foco de nosso trabalho, conforme exposto na Introdução, não discutiremos de maneira aprofundada todos os atributos dos provérbios e EIs, inclusive por já existirem trabalhos a respeito, aos quais remetemos o leitor que deseje mais informações nesse sentido. Procuramos apenas entender melhor o que são esses fraseologismos de acordo com as definições adotadas, para podermos refletir sobre a sua tradução.

É importante ressaltar também que os conceitos apresentados aqui não são consensuais, de modo que sua abrangência varia bastante de autor a autor, e as definições utilizadas neste trabalho não deixam de representar escolhas. A confusão maior parece girar em torno dos termos “locução” e “expressão idiomática”, bastante utilizados, quase sempre com sentidos demasiadamente amplos, muitas vezes controversos e pouco rigorosos. É o que aponta Claudia Xatara, ao comentar sobre dicionários especializados existentes:

No que diz respeito a inventários específicos, sob o título de “dicionários de locuções” ou “dicionários de expressões idiomáticas”, encontramos obras muito incompletas. São coletâneas de verbetes, isto é, de entidades lexicais de natureza heterogênea: ora referem-se a “armadilhas” de certa língua estrangeira onde até um pronome de tratamento é incluído como EI; ora referem-se a problemas de regência verbal, coloquialismos e gírias; outras vezes são identificados como frases feitas ou clichês. (XATARA, 1994, p. 8)

A elaboração de dicionários especiais de EI também carece de sistematização, pois geralmente essas expressões são tratadas de um modo excessivamente amplo. Juntam-se a elas unidades lexicais muito heterogêneas e heteróclitas, como lexemas isolados de sentido figurado fixo, todo tipo de anomalias e curiosidades gramaticais,

perífrases verbais, provérbios, ditados, gírias, vulgarismos, fraseologismos técnico-científicos, etc. (XATARA, 2008, p. 16)

1.1 CATEGORIAS MAIS AMPLAS

Em primeiro lugar, há de se observar que provérbios e EIs estão incluídos em categorias maiores, como lexias, fraseologismos, que temos utilizado como seus hiperônimos, ou locuções, lexias complexas, empregadas respectivamente por Berman (2007) e Francisco e Zavaglia (2008), por exemplo. Em relação às lexias, tratando-se de um termo bastante geral, não há necessidade de nos aprofundarmos em seu conceito, sendo suficiente a definição simplificada oferecida por Xatara e Rios (2007): “[...] a lexia é uma unidade funcional significativa do discurso [...]” (p. 60)¹.

No mesmo artigo, encontramos que fraseologismos

podem ser formas simples ou complexas, conotativas ou denotativas, idiomáticas ou não. São exemplos dos vários tipos de fraseologismos: gírias (manero, mano, estar ligado), idiomatismos (fazer cara de quem comeu e não gostou, agüentar a mão, saltar aos olhos), injúrias (corno manso, filho da puta, orelhudo), provérbios (uma mão lava a outra; barriga cheia, goiaba tem bicho; quem procura, acha) etc. (XATARA e RIOS, 2007, p. 58).

Outro conceito geral, embora já menos amplo, é o de lexia complexa, que seria uma sequência de palavras que constitui “um todo inseparável, com um sentido único global que não resulta da soma dos sentidos das partes que o compõem” (FRANCISCO e ZAVAGLIA, 2008, p. 56). Em outras palavras, partindo do conceito de lexia citado acima, Xatara e Rios (2007) afirmam que uma lexia complexa é “uma unidade funcional significativa do discurso constituída por uma seqüência estereotipada de lexemas” (p. 60).

¹ Uma definição mais elaborada para lexias seria a encontrada em Greimas e Courtés (1979): “unidades de conteúdo [...] que poderiam ser definidas, paradigmaticamente, por sua possibilidade de substituição no interior de uma classe de lexemas dados (“ipê”, “pinheiro”, “pé de mandioca”, por exemplo) [...] e, sintagmaticamente, por uma espécie de recursividade léxica, podendo as unidades de nível hierarquicamente superior ser reproduzidas no nível lexemático (p. 29)

O termo “locução” (“*locution*”), utilizado por Berman (2007), merece um comentário à parte. Não sendo este o ponto central de sua reflexão, o autor não se preocupa em apresentar definições para provérbio ou locução, ou em ser homogêneo em relação à terminologia sobre o assunto. Veja-se o parágrafo a seguir, presente na seção de seu livro intitulada “A destruição das locuções” (“*La destruction des locutions*”):

Ora, ainda que o sentido seja idêntico, substituir um **idiotismo** pelo seu equivalente é um etnocentrismo [...] As equivalências de uma **locução** ou de um **provérbio** não os *substituent*. [...] Ademais, querer substituí-las significa ignorar que existe em nós uma *consciência-de-provérbio* que perceberá imediatamente no novo **provérbio**, o irmão de um provérbio local. (BERMAN, 2007, p. 60, itálicos do autor, negritos nossos)

É possível notar que “locução” e “idiotismo” são utilizados no parágrafo praticamente de forma intercambiável, além de o próprio provérbio acabar inserido no conceito de locução, uma vez que o autor também o menciona no parágrafo e, logo em seguida, oferece correspondentes em várias línguas de um mesmo provérbio (“*Le monde appartient à ceux qui se lèvent tôt*”), e tudo isso dentro do mesmo tópico intitulado “A destruição das **locuções**”. Já no início deste, aliás, Berman (2007) faz menção aos diversos tipos de fenômenos aos quais se refere: “A prosa abunda em imagens, locuções, modos de dizer, provérbios etc., que dizem respeito ao vernacular. A maioria deles veicula um sentido ou uma experiência que se encontram em locuções etc., de outras línguas” (p. 59).

Semelhantemente abrangente parece-nos ser a definição explicitada por Xatara (1994): “O termo ‘locução’, na verdade, quer dizer que se trata de mais de uma palavra formando um sintagma, uma unidade lexical, que exprime um conceito, e cuja função gramatical é explícita” (p. 23)². Já para Casares (1969), uma locução seria uma “combinação estável de dois ou mais termos, que funciona como elemento oracional e cujo sentido unitário consagrado não se justifica

² Também o conceito de *lexia complexa* utilizado em Francisco e Zavaglia (2008) ou o de *fraseologismo* de Xatara e Rios (2007) expostos acima apresentam uma abrangência próxima àquela aparentemente dada por Berman (2007) às suas locuções.

apenas como uma soma do significado normal dos componentes” (p. 170)³.

No *Dicionário francês-português de locuções*, de Aluísio Mendes Campos, pode-se notar como o autor abarca com esse termo os mais variados fraseologismos, inclusive provérbios. Na própria apresentação da obra é apontado que nela se encontram entidades lexicais “de natureza heterogênea, diferentes na extensão, na estrutura e na função, assim como no nível e no registro em que se usam: são locuções no sentido clássico do termo⁴, populares, coloquiais ou literárias, além de frases feitas e provérbios”, tendo em comum apenas o fato de constituírem dificuldades para aprendizes do francês, professores, tradutores, etc. e de se tratarem de “associações vocabulares” (CAMPOS, 1980, p. 4).

Já no clássico de Luís da Câmara Cascudo, *Locuções tradicionais no Brasil*, embora o autor não discuta a definição do termo, observando as dez primeiras “locuções” de sua lista podemos notar como aparecem desde vocábulos individuais até sentenças completas: “favas contadas”, “porrado”, “minha senhora!”, “camisa de onze varas”, “amarrar o bode”, “macaco não olha o rabo!”, “coma sal com ele”, “andar à toa”, “ouvir como grilo”, “apetitosa!” (CASCUDO, 1977, p. 15-18). Também Pugliesi (1981) dá ao seu *Dicionário de expressões idiomáticas* o subtítulo “locuções usuais da língua portuguesa” e, conforme observa Falcão (2002), inclui, além de EIs, também ditados, provérbios e locuções adverbiais como “à inglesa” (FALCÃO, 2002, p. 32).

Para muitos autores, porém, o conceito de locução é bem menos amplo. É o caso de Rios (2003), por exemplo, que vê locuções “apenas como lexias complexas denotativas e preposicionadas, que geralmente desempenham uma função gramatical: *de modo que, de acordo com, com cuidado* etc.” (p. 27). Ortíz Alvarez (2000), por sua vez, define-a como uma “combinação lexical formando um sintagma que constitui uma unidade significativa e cujos componentes conservam sua individualidade fonética e mórfica” (*apud* XATARA e RIOS, 2007, p. 125). Por fim, como veremos logo abaixo, Xatara (1994) aponta que Diaz (1984) utiliza locuções e EIs indiferentemente.

³ “combinación estable de dos o más términos, que funciona como elemento oracional y cuyo sentido unitario consabido no se justifica, sin más, como una suma del significado normal de los componentes”

⁴ Infelizmente não é explicitado com mais clareza qual seria esse “sentido clássico do termo”.

1.2 DEFINIÇÃO: EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

Em relação às EIs, um dos tipos de fraseologismo envolvidos em nosso trabalho, valemo-nos da seguinte definição: “lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural” (XATARA, 1998, p.17; XATARA e OLIVEIRA, 2002, p. 57; XATARA e OLIVEIRA, 2008, p. 125). Atendo-nos a essas características essenciais e utilizando o termo “idiomatismo” como sinônimo de EI, esperamos conseguir escapar à confusão conceitual verificada em muitas obras:

o termo **expressão idiomática**, ao lado de **idiomatismo**, parece-me consagrado, embora não seja muito adequado, pois seu sentido etimológico é amplo demais e, justamente por isso, bastante impreciso.

Além disso, há termos vizinhos que provocam confusão: Galisson (1984) considera expressões idiomáticas sinônimos de frases feitas e de locuções figuradas. Locuções ou expressões idiomáticas são utilizadas indiferentemente por Diaz (1984); Rwet (1983), Danlos (1981) e Gross (1982) falam apenas em expressões ou frases cristalizadas (*figèes*). (XATARA, 1994, p. 22, grifos da autora)

Assim como a autora, decidimos trabalhar com o termo “expressão idiomática”, por se tratar de uma denominação amplamente difundida e consagrada, mesmo cientes da relativa imprecisão de seu sentido conforme o uso pelos diferentes autores. Procuramos, entretanto, não reproduzir tal imprecisão, tendo sempre em vista a definição adotada. Levando em conta apenas uma das características mencionadas nela, aliás, Ferraz e Souza (2004) já estabelecem várias distinções úteis como complemento por negação para a definição acima. Considerando o “caráter eminentemente conotativo” das EIs, as autoras diferenciam-nas de outras lexias que não apresentam essa particularidade: locuções⁵ (“às pressas”), combinatórias usuais⁶ (“perdidamente apaixonado”, “água potável”), perífrases verbais (“dar um passeio”), ditados (“amor com

⁵ Aqui aparentemente no sentido de “lexias complexas denotativas e preposicionadas”, como na definição presente em Rios (2003), citada acima.

⁶ Também chamadas de “colocações”.

amor se paga”), sintagmas terminológicos ou termos técnicos (“válvula redutora de pressão”), e coletivos (“constelação de estrelas”) (p. 145).⁷

Quanto às diferenças entre EI e provérbio, a mais marcante parece ser a sintática: este, conforme aponta a definição citada em 1.3, é um enunciado completo, independente (embora semanticamente se relacione com o contexto), encerrando muitas vezes uma micronarrativa, enquanto aquela,

além de não representar nenhuma verdade universal, na maioria das vezes, é estruturalmente constituída por enunciados incompletos ou ULs [unidades lexicais] complexas que constituem partes de enunciados, ao invés de orações completas e fechadas (“ter alguém atravessado na garganta”, por exemplo, só será um enunciado completo com a determinação de um sujeito e um objeto direto). (XATARA e SUCCI, 2008, p. 34)

Assim, podemos comparar, por exemplo, o provérbio “Em terra de cego, quem tem um olho é rei”, enunciado completo, com a EI “matar dois coelhos com uma cajadada só”, que necessita de um sujeito que se atualiza a cada enunciação. Isso pode ser verificado mesmo no caso de EIs frasais: em “O gato comeu sua língua?”, por exemplo, o pronome possessivo se refere ao destinatário específico da situação em que a EI está sendo empregada.

1.3. DEFINIÇÃO: PROVÉRBIOS

Em relação aos provérbios, decidimos adotar a definição de Succi (2006):

provérbio é uma UL [unidade lexical] fraseológica relativamente *fixa, consagrada* por determinada comunidade linguística que recolhe experiências vivenciadas em comum e as formula em enunciados *conotativos*, sucintos e completos, empregando-os como um discurso polifônico de autoridade por encerrar um valor moral atemporal ou verdades ditas universais e por representar uma

⁷ Para mais informações sobre essas e outras lexias complexas, com a mesma nomenclatura ou com denominações diferentes, consultar o estudo sobre a convencionalidade linguística realizado por Tagnin (1989, 2005).

tradição popular transmitida até milenarmente entre as gerações. (p. 31, grifos nossos)

Observando nossos grifos acima, pode-se notar que as três características presentes na definição que adotamos para EI aparecem também na de provérbio: a indecomponibilidade, a cristalização e a conotatividade. Tratamos de cada uma abaixo, com mais detalhes.

No entanto, assim como com as EIs, não existe consenso a respeito dessa definição, seja no senso comum, seja na bibliografia sobre o assunto:

Normalmente o provérbio é tomado, pelos leigos, por designações genéricas ou pretensamente sinônimas, mas, se observarmos as definições de provérbio e de outros fraseologismos propostas por lexicógrafos e fraseólogos renomados (OLIVEIRA, 1991; SILVA, 1992; ROCHA, 1995; VELLASCO, 2000; HOUAISS, 2001; BRAGANÇA JÚNIOR, 2003), poderemos constatar que os vários fraseologismos tidos como “sinônimos” de provérbio ora se distanciam, ora se aproximam entre si. Uns possuem traços particularmente diferenciados de provérbio, como a chufa, o rifão e o dictério, que têm traços maliciosos, satíricos e vulgares respectivamente; outros possuem autoria conhecida como o aforismo, o apotegma, o axioma, a citação, o pensamento e a sentença. Existem fraseologismos, como a máxima e o brocardo, que têm cunho erudito; outros, cunho publicitário como o slogan; outros, forma estereotipada como o clichê e a frase feita; sem esquecermos das unidades que se caracterizam primordialmente pela rima, como o refrão. Entretanto, alguns fraseologismos são apenas sutilmente diferentes de provérbio como o adágio, o anexam, o dito, o preceito e o ditado; este último, aliás, difere especialmente por não apresentar metáfora. (XATARA e SUCCI, 2008, p. 33-34)⁸

⁸ Succi (2006) lista citações de definições de vários autores para cada um dos fraseologismos vizinhos e/ou pretensos sinônimos de provérbios, ilustrando bem a confusão conceitual existente na bibliografia.

Vale frisar que essas irregularidades no que tange às distinções entre categorias de fraseologismos não ocorrem apenas em português. Quartu (1993), por exemplo, inicia a introdução do seu *Dizionario dei modi di dire della lingua italiana* alertando: “Máximas, provérbios, modos de dizer, locuções e frases feitas são todas categorias que fogem a uma definição precisa, ainda que muitos pesquisadores, em épocas diversas, tenham tentado classificá-las” (p. III)⁹. Veja-se também em Sintés Pros (1961): “É muito difícil deslindar completamente a diferença que existe entre aforismo e cada um dos termos: *adágio*, *provérbio*, *refrão* e *apoteagma*, pois todos incluem o sentido de uma proposição ou frase breve, clara, evidente e de profundo e útil ensinamento” (p. 5, grifos do autor)¹⁰. O autor chega a afirmar:

Nenhum autor antigo ou moderno conseguiu expor clara e definitivamente as diferenças entre uns e outros, e o próprio uso vulgar raso e corrente, conforme as épocas e os títulos que adotaram seus autores ou compiladores, chamou de *provérbio*, *adágio*, *refrão* ou *aforismo*, indistintamente, a mesma classe de expressões da sabedoria popular. (p. 5, grifos do autor)¹¹

Da mesma forma que com as EIs, também em relação aos provérbios tentamos escapar a essa confusão conceitual remetendo-nos sempre à definição adotada. Além disso, dadas as muitas sobreposições entre os fraseologismos próximos ao provérbio, como os mencionados acima, e a pouca ajuda da bibliografia consultada para traçar fronteiras mais definidas entre eles (se é que tais fronteiras são possíveis), consideramos ser mais relevante em nosso caso distinguir se cada exemplo seria ou não um provérbio, sem nos preocuparmos se simultaneamente seria também um adágio, refrão, ou outro. “Água mole

⁹ “*Motti, proverbi, modi di dire, locuzioni e frasi fatte sono tutte categorie che sfuggono a una definizione precisa anche se molti ricercatori, in epoche diverse, hanno tentato di classificarli*”. A autora justifica sua escolha do termo “*modi di dire*” por considerá-lo talvez o mais genérico. Seu dicionário de fato inclui fraseologismos variados, com predominância, a nosso ver, de EIs.

¹⁰ “*Es muy difícil deslindar cumplidamente la diferencia que existe entre aforismo y cada una de las voces: adagio, proverbio, refrán y apoteagma, pues todas ellas incluyen el sentido de una proposición o frase breve, clara, evidente y de profunda y útil enseñanza.*”

¹¹ “*Ningún autor antiguo ni moderno ha logrado todavía exponer clara y terminantemente las diferencias entre unas y otras, y el mismo uso vulgar llano y corriente, según las épocas y los títulos que adoptaron sus autores o compiladores, ha llamado proverbio, adagio, refrán o aforismo, indistintamente, a una misma clase de expresiones de la sabiduría popular.*”

em pedra dura tanto bate até que fura”, por exemplo, por apresentar rima, talvez seja um refrão, conforme o afirmado por Xatara e Succi (2008) acima, mas para os efeitos deste trabalho basta verificar que pode ser considerado um provérbio, pois contém as características essenciais mencionadas na definição deste.

1.4 CARACTERÍSTICAS EM COMUM

1.4.1 Indecomponibilidade

O fato de as EIs e os provérbios serem lexias complexas indecomponíveis refere-se à pouca possibilidade de variações formais permitidas sem que se perca seu sentido idiomático. Em outras palavras,

Uma *EI* [...] constitui uma combinatória fechada, de distribuição única ou distribuição bastante restrita, pois se apresenta como um sintagma complexo que não tem paradigma, ou seja, *quase nenhuma operação de substituição* característica das associações paradigmáticas pode ser normalmente aplicada. [...] sua interpretação semântica não pode ser calculada a partir da soma dos significados individuais de seus elementos (“dar com a cara na porta” significa por conotação “não encontrar ninguém onde se foi procurar” e não “bater a cara, intencionalmente ou não, numa determinada porta”). (XATARA e OLIVEIRA (2002, p. 57, grifos nossos)

Apresentando uma distribuição única ou muito restrita dos seus elementos lexicais, o *provérbio* é uma UL [unidade lexical] autônoma além de complexa, pois encerra todo um discurso, dispensando outras ULs para completar seu significado, como “Tal pai, tal filho”. Note-se também que as ULs “pai” e “filho”, no enunciado proverbial, *não são mais unidades independentes* e são dispostas em uma *ordem pré-determinada* na língua, com uma significação estável, ou seja, uma construção reconhecidamente lexicalizada. (SUCCI, 2006, p. 33, grifos nossos)

Portanto, tanto EIs como provérbios apresentam uma forma fixa, cristalizada, na qual geralmente não se pode substituir, acrescentar, retirar ou mesmo flexionar qualquer elemento sem que o resultado deixe de constituir uma EI ou provérbio. Dizemos “geralmente” porque algumas vezes são permitidas adaptações sintáticas, ou coexistem duas ou mais variantes¹² (casos de “distribuição restrita”), mas mesmo nesses casos as alterações possíveis são bastante limitadas. Veja-se o quadro de exemplos abaixo¹³:

Tabela – Fraseologismos e não-fraseologismos

São EIs	Não são EIs
“cutucar a onça com vara curta”	“cutucar a leoa com vara curta” / “cutucar a onça com vara longa” (para uma provocação menos arriscada, por exemplo)
“dois dedos/dedinhos de prosa”	“duas mãos de prosa” (para uma conversa mais longa, por exemplo)
“bater/bateu as botas”	“as suas botas foram batidas”
“o gato comeu sua língua?”	“comeu o gato sua língua?”
“[já] estar [meio] alto”	“estar no alto”
“não ir [muito] bem das pernas”	“não ir bem das duas pernas”
“achar-se o centro do universo” / “sentir-se o centro do universo” / “achar-se o umbigo do universo” / “achar-se o centro do mundo”	“sentir-se no meio do universo”
São provérbios	Não são provérbios
“Tal pai, tal filho”	“Tal tio, tal primo”
“A ocasião faz o ladrão”	“A ocasião faz o ladrão profissional”
“Beleza não se põe à mesa”	“À mesa beleza não se põe”
“O castigo anda/vem a cavalo”	“O castigo corre a cavalo”
“De cavalo dado não se olha os dentes”	“De cavalo dado como presente não se repara nos dentes”
“Deus ajuda quem cedo madruga”	“Cristo ajuda quem cedo madruga”

¹² Para provérbios sinônimos, antônimos e variantes, ver Succi (2006, p. 45-47) e Xatara e Oliveira (2008, p. 22). Steinberg (2002) apresenta uma lista de provérbios “semanticamente semelhantes” em inglês (juntamente com outra de provérbios no mesmo idioma que se contradizem).

¹³ A maioria dos exemplos foi adaptada de Falcão (2002), Rios (2003), Succi (2006), Xatara e Succi (2008), Camacho (2008) e Xatara e Oliveira (2008). Para exemplos semelhantes em inglês, ver Longman (1979) e Baker (1992).

Essa propriedade de EIs e provérbios relaciona-se com outras. Por exemplo, sendo fixas, indecomponíveis, essas estruturas precisam ser aprendidas como um todo, pois, assim como as lexias complexas em geral, seu significado não equivale à soma dos significados literais de cada termo que as compõe. Além disso, são fixas porque sofreram um processo de cristalização (ver 1.4.3 abaixo) que as consagrou na forma como as conhecemos hoje.

Xatara (1994) fala em “graus de cristalização”, Tagnin (1989, 2005) em “graus de idiomaticidade”, e na introdução do dicionário Longman (1979) encontramos que “os idiomatismos variam muito em relação a *quão* metafóricos ou invariáveis eles são. Em outras palavras, a *idiomaticidade* (a qualidade de ser idiomático) é uma questão de grau ou escala” (p. viii, grifo dos autores)¹⁴. Contudo, para nossos objetivos basta a informação de que uma das características essenciais de EIs e provérbios é possuírem formas consagradas, com pouca ou nenhuma variação paradigmática, de modo que não nos preocupamos com essas graduações.

Vale comentar ainda que frequentemente a linguagem publicitária ou jornalística lança mão de EIs ou provérbios propositalmente modificados para causar estranhamento, como recurso estilístico, o qual, entretanto, somente provocará o efeito desejado se o leitor conhecer o fraseologismo original. Camacho (2008, p. 19) cita o exemplo “acabar em tapioca” (variação da EI “acabar em pizza”), utilizada na mídia por ocasião da investigação a respeito da compra de tapioca por um ministro utilizando um cartão corporativo do governo federal. Outros exemplos reais podem ser encontrados em Riva (2004, p. 22-23). Para mais detalhes sobre a indecomponibilidade de EIs e provérbios, ver Xatara (1994, 1998), Xatara e Oliveira (2002), Boatner e Gates (1984) e os textos mencionados na nota de rodapé número 13 deste capítulo.

1.4.2 Conotação

Uma das razões da idiomaticidade de EIs e provérbios, ou seja, de seu sentido não corresponder à soma dos significados literais das partes que os compõem, vem do fato de constituírem enunciados conotativos. Isso significa que apresentam uma representação figurada da realidade, uma conotação que é própria da linguagem cotidiana, porém difere da utilizada na linguagem literária: esta é normalmente

¹⁴ “*Idioms vary a great deal in how metaphorical or invariable they are. In other words, idiomacity (the quality of being idiomatic) is a matter of degree or scale.*”

consciente, refletida, enquanto aquela já faz parte do sistema linguístico (XATARA e OLIVEIRA, 2002), tendo passado por um processo de lexicalização, pelo qual um uso conotativo repetido várias vezes, por várias pessoas, torna-se parte do léxico de uma língua (CAMACHO, 2008, p. 21). Daí resulta sua idiomaticidade, por meio do fenômeno da dessemantização, pelo qual “cada um de seus componentes perde sua função nominativa, ou sua relação com o objeto que representa, em favor do significado global próprio da EI” (RIOS, 2003, p. 37). Xatara, Riva e Rios (2002) exemplificam com “procurar uma agulha na gaveta”, de sentido denotativo, enquanto “procurar uma agulha no palheiro” tem um sentido conotativo cristalizado: “procurar algo difícil de ser encontrado” (p. 185).

O mesmo é válido para os provérbios, pois sua significação também se estabiliza no idioma, passando do uso individual para o coletivo:

[...] “Mais vale um pássaro na mão do que dois voando”, por exemplo, significa que é melhor se contentar com aquilo que se tem do [*sic*] correr o risco de perdê-lo ao procurar por mais. Já um enunciado denotativo, de mesmo significado como “Garanta o pouco que tens ao invés de procurar ter mais” não se consagrou pela tradição cultural [...] (SUCCI, 2006, p. 45; XATARA e OLIVEIRA, 2008, p. 22)

Nesse sentido, a conotação é uma característica essencial para nosso trabalho por constituir um fator semântico distintivo das lexias estudadas. Nas palavras de Xatara (1998), uma EI “poderia ser confundida com qualquer unidade léxica composta, devido ao critério de cristalização comum a ambas, mas não o é por seu caráter eminentemente conotativo” (p. 21). Como vimos em 1.2 acima, é esse aspecto que diferencia EIs de outras expressões convencionais, como locuções, perífrases verbais, termos técnicos, etc.

Nesse sentido, é pertinente ainda a observação de Camacho (2008):

Aliás, sempre que uma EI também puder ser entendida em um sentido denotativo, por exemplo, quando dizemos “lavar a roupa suja” diante de uma pilha de roupa suja, ela deixará de ser aí classificada como EI, marca fraseológica restrita a

contextos em que significa “discutir assuntos desagradáveis apenas com os que estão envolvidos”. (CAMACHO, 2008, p. 20)

Essa observação, aliás, também traz à baila o fato de o contexto ser essencial ao se pensar em EIs e provérbios¹⁵. Como se vê no exemplo apresentado pela autora, há EIs que só o são em determinados contextos, nos quais são usadas com seu sentido conotativo consagrado, e também o provérbio

nunca é desvinculado do discurso, de um contexto, quer dizer, nunca se dá isolado. Sem dúvida, todos falantes [*sic*] sabem identificar um provérbio referente a um determinado tema, mas se pedirmos para alguém citar um provérbio sobre um tema, por exemplo, ele dificilmente o falará de imediato. A menção a um provérbio normalmente desencadeia-se após uma seqüência de pensamentos ou de falas, por isso, nas situações em que ele é requerido, surge repentinamente. (XATARA e OLIVEIRA, 2008, p. 21-22, grifos das autoras)

Meschonnic (1976) enfatiza esse aspecto, comparando o provérbio fora de contexto a uma palavra em um dicionário:

Entre o provérbio empregado no discurso e o provérbio que figura em um dicionário ou uma lista de provérbios, a relação é a mesma que entre um segmento do discurso e uma palavra em sua posição alfabética em um dicionário de palavras. O provérbio é frase e, mesmo frase feita, separá-lo de seu emprego é chegar ao contra-provérbio, à contra-linguagem. (MESCHONNIC, 1976, p. 426-427)¹⁶

¹⁵ Em função disso, tomamos o cuidado, ao elaborar nosso corpus, de manter o contexto imediato no qual ocorriam os provérbios e EIs, conforme descrito no capítulo 4.

¹⁶ “Entre le proverbe employé dans le discours et le proverbe figurant dans un dictionnaire ou une liste de proverbes, le rapport est le même qu’entre un segment de discours et un mot à sa place alphabétique dans un dictionnaire de mots. Le proverbe est phrase, et, même toute faite, le séparer de son emploi est aller à contre-proverbe, à contre-langage.”

Voltando à característica da conotação, ela também foi utilizada como critério para separarmos provérbios de ditados, pois estes, apesar de também serem indecomponíveis, cristalizados, e de apresentarem várias características em comum com aqueles, possuem sentido denotativo (SUCCI, 2006; XATARA e SUCCI, 2008). Portanto, “Quanto mais se tem, mais se quer”, “Não faça aos outros o que não gostaria que lhe fizessem”, “Faça o bem sem olhar a quem” seriam ditados, pois seu sentido é denotativo, enquanto “Em terra de cego, quem tem um olho é rei”, “Mais vale um pássaro na mão do que dois voando”, “Quando a esmola é demais, o santo desconfia”, todos de sentido conotativo, seriam provérbios. XATARA e SUCCI (2008) fornecem outros exemplos:

Assim, “Quem ama o feio, bonito lhe parece” é totalmente motivado, composicional e denotativo — por isso estamos diante de um ditado. Já em “Dinheiro não tem cheiro”, não se recupera a motivação que nos leva sem dificuldades à compreensão conotativa da seqüência: trata-se, pois, de um provérbio não-composicional, mas — como sempre — figurado. E em “Quando a esmola é demais, o santo desconfia”, resgatam-se elementos composicionais que nos facilitam compreender o sentido figurado e esse caráter composicional não invalida a identidade proverbial do enunciado. (p. 36)

Rios (2003) chama a atenção para o fato de alguns autores, como Tagnin (1989) e Roncolato (2000), falarem em metáfora em vez de conotação ao tratarem de definições de EI. Esta última, por exemplo, afirma: “Com base em pontos de vista e visões de mundo são criadas imagens mentais que geram metáforas. Essas se consolidam no uso popular e são transmitidas de geração em geração. As expressões idiomáticas são frutos de um processo metafórico de criação” (*apud* RIOS, 2003, p. 33). Porém, concordamos com Rios (2003) quanto à necessidade de distinguir metáfora e conotação, sendo esta última mais abrangente, por incluir, além da metáfora, também outras figuras de linguagem. Assim, seria mais apropriado, segundo a autora, falar em conotação em se tratando de EIs (e, a nosso ver, também de provérbios), uma vez que “podemos encontrar idiomatismos sempre conotativos, mas

que apresentam outras figuras como a metonímia, a comparação¹⁷, a hipérbole etc.” (p. 33).

1.4.3 Cristalização

As duas características discutidas acima estão diretamente ligadas à frequência de uso do provérbio ou EI, ou seja, à sua cristalização. Conforme Xatara e Oliveira (2008):

Outro fator que será responsável por seu [das EIs] processo de lexicalização [...] é a frequência de seu emprego pela comunidade dos falantes, em outras palavras, é a sua consagração pela tradição cultural que o cristaliza em um idioma, tornando-o estável em significação, o que possibilita sua transmissão às gerações seguintes e seu alto grau de codificabilidade. (p. 125)

Assim, o uso frequente de uma frase ou expressão leva à consagração de sua forma e também de seu significado conotativo. Desse modo, apesar de não apresentar um sentido denotativo, transparente, a compreensão do sentido conotativo de uma EI ou de um provérbio não depende da interpretação do falante/ouvinte, pois seu significado é estável, convencionado.

Dizemos que uma expressão idiomática é cristalizada em um idioma pela tradição cultural, porque o seu significado, embora conotativo, é estável, o que permite uma rápida e correta decodificação pelo falante/ouvinte, além de possibilitar que a expressão seja transmitida a gerações futuras. (FERRAZ e SOUZA, 2004, p. 146)

Falcão (2002) descreve a evolução de um idiomatismo da seguinte forma: num primeiro momento, um indivíduo seleciona combinações dentre as possibilidades do sistema da língua, que subjaz à sua competência linguística, e produz uma formulação idiomática no nível da fala. Posteriormente, essa formulação é reproduzida no discurso coletivo até que, num terceiro momento, “passa a ser consagrada por

¹⁷ As EIs de matriz comparativa são o objeto de estudo de Xatara (1994).

toda a comunidade, ou seja, acolhida pela norma que corresponde ao conjunto das possibilidades lingüísticas já selecionadas pelas tradições e valores socioculturais dos falantes da língua em questão” (FALCÃO, 2002, p. 21; FALCÃO e XATARA, 2005, p. 73-74).

No caso dos provérbios, a sua consagração é um dos motivos para que sejam tomados pelos falantes como representativos da sabedoria dos antigos, ajudando a manter seu caráter de discurso de autoridade:

Os provérbios fazem parte do folclore de um povo, assim como as superstições, lendas e canções, pois são frutos das experiências desse povo, representando verdadeiros monumentos orais transmitidos de geração em geração, cuja autoridade está justamente nessa tradição; para seus destinatários tão anônimos quanto seus autores. (XATARA e OLIVEIRA, 2008, p. 20)

Na verdade, mais do que uma forma lingüística cristalizada, os provérbios representam maneiras de pensar cristalizadas, afirmações consagradas como verdades eternas (embora seja fácil encontrar provérbios que se contradigam entre si). Assim, o provérbio

constitui uma verdade de origem anônima consagrada pelo senso comum, ou seja, um enunciado citado, e não criado no momento de uma enunciação específica. Por isso a argumentação apresenta-se como totalmente cerceadora, na medida em que o locutor reenunciador apóia-se sobre princípios anteriormente admitidos. (ROCHA, 1995, p. 175)

Entretanto, essa estabilidade das EIs e mesmo dos provérbios não é eterna, de modo que alguns podem desaparecer pouco tempo depois de seu surgimento, pois se adaptam às necessidades comunicacionais do momento. Porém, o fato de não estar mais em uso atualmente não impede que um item seja considerado uma EI ou provérbio, pois, como esclarece Riva (2004), “para que uma lexia complexa possa, então, ser identificada como EI [ou provérbio, no nosso caso], é necessário que seu uso seja, *ou tenha sido*, freqüente por um considerável número de pessoas” (p. 19, grifo nosso). Muitos, porém, continuam no léxico,

incorporados pela língua, e, especialmente em relação aos provérbios, chegamos a ter alguns cuja origem remonta à Antiguidade¹⁸.

1.5 OUTRAS CARACTERÍSTICAS

As três características comentadas acima — indecomponibilidade, conotação e cristalização — constituem, a nosso ver, as essenciais para identificar EIs e provérbios, além de serem aquelas que, já nas definições adotadas, são comuns às duas categorias de fraseologismos. Foram, por isso, aquelas nas quais nos apoiamos ao longo do trabalho para nos certificarmos se uma determinada ocorrência poderia ser considerada como pertencente a tais categorias.

Como foi possível observar, esses atributos principais estão estreitamente relacionados uns aos outros, de modo que podemos afirmar serem indissociáveis. Assim, podemos estender a EIs e provérbios as seguintes considerações de Rios (2003) sobre as primeiras: “o significado idiomático de uma EI, que provém de seu caráter conotativo, só pode ser compreendido se esse for usado da maneira como foi cristalizado. Uma EI é, portanto, a cristalização indecomponível de um uso conotativo” (p. 39).

Além dessas características principais, existem ainda várias outras, embora nem sempre se trate de traços presentes em todas as ocorrências de EIs ou provérbios. Quanto às EIs, “costumam ter outras características em comum, embora estas não se apliquem geralmente a todos os casos” (LONGMAN, 1979, p. viii, grifo do autor)¹⁹, e em relação às características formais dos provérbios é “pertinente observarmos que raramente qualquer um desses recursos de construção não se faz acompanhar por outro recurso, e que muito dificilmente encontraríamos todos eles reunidos em um só provérbio” (XATARA e OLIVEIRA, 2002, p. 14).

Velasco (2000) chega a apontar esse fato como uma possível causa da dificuldade de se chegar a uma definição para o provérbio: “No meu entender, a inviabilidade de se chegar a uma definição geral de

¹⁸ “O provérbio, um discurso cristalizado do passado, cuja origem de produção foi apagada, mantém-se surpreendentemente vivo no presente. Além de transmitir e preservar o conhecimento serve para nos mostrar que o homem em quase nada evoluiu: os sentimentos, os conflitos e guerras, as uniões são experiências comuns a todas as culturas, em todas as épocas, dos gregos aos nossos contemporâneos. Alguns provérbios até conservam palavras arcaicas, justamente porque elas lhes conferem um caráter de sabedoria ancestral.” (XATARA e SUCCI, 2008, p. 37; XATARA e OLIVEIRA, 2008, p. 20).

¹⁹ “*tend to have other characteristics in common, although these do not apply generally to every case.*”

provérbio decorre do fato de que não se pode trazer todos os vários tipos desta forma concisa para uma só categoria: um provérbio não reúne todas as características atribuídas aos provérbios como um todo” (*apud* SUCCI, 2006, p. 30).

Assim, tendo apresentado e discutido as características essenciais de EIs e provérbios e comuns a ambos, comentaremos rapidamente a seguir outras características recorrentes que, no entanto, não são encontradas em todas as suas ocorrências.

1.5.1 Outras características das EIs

Sobre o emprego de EIs, Xatara (1994) afirma:

O uso ou não de uma EI justifica-se por corresponder a certas expectativas do usuário em relação ao seu interlocutor, mas também por ser apropriado ao nível de linguagem em que os falantes estiverem envolvidos.

[...]

O enunciado:

Você deve mandar brasa em suas pesquisas.

onde se reconhece a EI mandar brasa, seria coerentemente usada se se tratasse de um registro informal, oral e ajustado entre, por exemplo, dois colegas de profissão. O mesmo não aconteceria se fosse um diretor enviando uma circular, ou mesmo falando, com seu funcionário. (p. 34, grifos da autora)

No entanto, apesar de as EIs ocorrerem principalmente na linguagem informal e falada, em Falcão e Xatara (2005) temos que elas “são utilizadas, diariamente, como parte da linguagem comum de registro informal, tanto na modalidade oral quanto na escrita” (p. 74), e Rios (2003) afirma que

são mais freqüentes no estilo informal, mas também estão presentes em situações que exigem maior grau de reflexão sobre o uso da língua, como é o caso da literatura ou da publicidade. Na literatura, para caracterizar ou reproduzir o modo de falar dos personagens; na publicidade, para atrair a atenção por meio de implícitos culturais. (p. 43)

Outra característica apontada por diversos autores é o fato de EIs representarem dificuldades para estrangeiros, uma vez que “nem todos os aprendizes de uma língua, considerados *falantes ingênuos* (Fillmore 1979), têm a oportunidade de estar em contato direto e contínuo, ou mesmo indireto, mas sistemático, com a maneira de cada povo expressar-se em seu idioma” (FALCÃO, 2002, p. 21; FALCÃO e XATARA, 2005, p. 74, grifos das autoras). O mesmo é apontado por Tagnin (1989, 2005) em relação a todas as manifestações de convencionalidade na linguagem, o que inclui, além de EIs e provérbios, também colocações, binômios, coletivos, marcadores conversacionais, entre outros.

Em relação à sua necessidade e à motivação para sua lexicalização, aponta-se que as EIs preenchem lacunas do léxico das línguas, permitindo ao falante comunicar-se com mais expressividade, valendo-se de diferentes efeitos de sentido.

As EIs são indispensáveis para a comunicação entre as pessoas, pois apesar de a língua dispor de meios para se expressar objetivamente sobre qualquer assunto, essas expressões saciam a necessidade do falante de comunicar suas experiências de maneira mais expressiva, lançando mão de combinatórias inusitadas. O falante procura recursos para tornar sua fala mais persuasiva, como em: Não “feche os olhos” para os problemas ambientais. Ou para ficar mais próximo de seu interlocutor: Nós, eleitores brasileiros, estamos todos “no mesmo barco”. Também são utilizadas para despertar sentimentos como emoção: Após conquistar a medalha, estava “feliz como uma criança”; comoção: A situação de sua mãe era de “cortar o coração”; ironia: Era alto como um “pintor de rodapé”; irritação: Durante a reunião saiu “cuspidando fogo” e amor: Como nos contos de fada, foi “amor à primeira vista”, etc. (CAMACHO, 2008, p. 17)

Quanto às imagens utilizadas nas EIs, há uma forte recorrência de itens de campos semânticos relacionados ao cotidiano, como animais, corpo humano, família, etc., o que permite que em diversas pesquisas, especialmente de cunho lexicográfico, escolha-se trabalhar com um

desses grupos. É o que fazem, por exemplo, Falcão (2002), com nomes de animais, e Rios (2003) e Matias (2008), com partes do corpo humano²⁰.

1.5.2 Outras características dos provérbios

Conforme já mencionado, a variedade de características recorrentes em muitos provérbios, porém não presentes em todos eles, é muito grande, a ponto de ser considerada uma das razões para a dificuldade de estabelecer-lhes uma definição geral. Seria desnecessário discutir todas elas, uma vez que isso já foi realizado em outras obras, mas transcrevemos abaixo um trecho de Xatara e Oliveira (2002) no qual boa parte dessas características, especialmente as formais, é listada.

O provérbio estrutura-se com vários recursos de construção, como rima (para dar cadência e facilitar a memorização), aliteração, assonância, elipse de artigo, elipse do antecedente, repetição de palavras, oposição de palavras, paralelismo fônico, paralelismo morfossintático, dialogismo, deformação intencional de palavras, paronomásia; unidades completas e independentes (enunciados fechados) realizadas nas dimensões do período, da oração ou da oração sem verbo; estrutura binária de sintagmas correlatos; arcaísmos lexicais; ordem não-convencional das palavras; preferência pelo presente do indicativo ou imperativo²¹; formulação abstrata, figurada ou plena de imagens; formas impessoais ou indefinidas; concisão e brevidade (não há palavras inúteis e às vezes algumas úteis são dispensadas para dar ao conjunto o atrativo de uma certa obscuridade, facilitando também a memorização do enunciado).²²

²⁰ Em relação aos temas a que se referem as EIs (avareza, sorte/azar, riqueza/pobreza, loucura, etc.), pode-se consultar o dicionário onomasiológico proposto por Riva (2009).

²¹ “Podem ser registrados provérbios em outros tempos verbais, mas com menor incidência: ‘*Quem pariu Mateus que o embale*’, ‘*Quem nunca comeu melado, quando come se lambuzo*’, etc.” (JESUS, 2005, p. 152, grifos da autora)

²² “[...] *la brevità della formulazione riveste un carattere essenziale; seguono gli accorgimenti metrici e ritmici più comuni, dalla rima alle assonanze, dall’allitterazione alle simetrie strutturali, che tutte mirano a conferir loro la necessaria incisività, fissandoli nella memoria dei parlanti come tante utili pezze d’appoggio del discorso pronte a venire alla luce non*

[...]

Quanto ao conteúdo, o provérbio tende ao geral, sem restrições de tempo ou lugar, sem referências a nenhum caso em particular, procurando uma validade universal. Os provérbios falam de animais, de condições climáticas, de idéias religiosas²³, de fases de vida, de costumes corriqueiros, de profissões, de comportamentos diversos frente às mais variadas situações. (p. 13-14, grifos da autora)

Em razão de todos esses recursos de construção, podemos certamente concordar com Amadeu Amaral (1982) quando afirma que “o provérbio, quando não é puro verso, é parente próximo dêste, pelo ritmo e, muitas vezes, também pela rima” (p. 219), muitos tendo até mesmo sete pés métricos. Isso justificaria que algumas ponderações a respeito da tradução de poesia fossem pensadas também em relação à tradução de provérbios (como a necessidade de considerar a importância da forma além do conteúdo ao realizar a tradução).

Sobre seu emprego, Xatara e Succi (2008) apontam que são utilizados “com a função de ensinar, aconselhar, consolar, advertir, repreender, persuadir ou até mesmo praguejar (p. 35)”²⁴. Nota-se, portanto, que constituem claramente instrumentos de argumentação, e dos mais eficientes, conforme analisado por Rocha (1995):

appena se ne presenti l'occasione opportuna.” (SCHWAMENTHAL e STRANIERO, 1999, p. IX)

“[...] a brevidade da formulação reveste um caráter essencial; seguem-se os recursos métricos e rítmicos mais comuns, da rima à assonância, da aliteração às simetrias estruturais, que visam todos a conferir-lhes a necessária incisividade, fixando-os na memória do falante como numerosas peças de apoio do discurso prontas para vir à luz tão logo se apresente a ocasião oportuna.”

²³ O trabalho de Succi (2006), por exemplo, trata dos provérbios sobre os sete pecados capitais.

²⁴ Em muitos desses usos, o provérbio pode ser empregado como uma forma de amenizar o que se pretende dizer. Xatara e Succi consideram esse efeito uma forma de eufemismo: “O provérbio, por vezes, comporta uma sentença enigmática, apresentando-se como uma palavra que vale por outra, muitas vezes empregado como uma forma indireta de dizer algo desagradável. Assim, numa situação em que o indivíduo A se propõe a fazer algo que B é contra, este pode se utilizar do provérbio ‘Quem avisa amigo é’, por exemplo, que na verdade mascara uma forma direta de dizer simplesmente ‘Não faça isso, as consequências não serão agradáveis’. As duas orações em questão são reprovações, no entanto, a diferença consiste em que a primeira é uma frase impessoal que requer uma prévia decifração do interlocutor — ele necessita tirar suas próprias conclusões; enquanto a segunda é uma frase imperativa, direta, uma imposição. Por isso, também se diz que o provérbio funciona como um eufemismo, ajudando as pessoas a administrarem conflitos e evitando reações mal-humoradas” (SUCCI, 2006, p. 37; XATARA e SUCCI, 2008, p. 38).

[...] o locutor que emprega um provérbio em seu discurso é invencível, porque não se apresenta como o criador de tal enunciado. O que ele faz é apoiar-se sobre uma idéia estabelecida pelo senso comum, não-refutada pela coletividade, admitida de longa data como verdadeira, e preexistente assim à sua argumentação de locutor particular numa situação particular. (p. 175)

Assim, discursivamente, o provérbio permitiria o ideal da argumentação, reduzindo o interlocutor ao silêncio, criando nele uma adesão obrigada, e “isto sem que o argumentador aja como se quisesse forçar diretamente o comportamento de seu parceiro, uma vez que se trata de um discurso polifônico” (ROCHA, 1995, p.176), funcionando de forma semelhante à citação²⁵. Ou seja, o enunciador toma emprestado um conceito estabelecido para dar respaldo à sua argumentação, porém “[...] ao contrário da citação, que é a idéia do outro, em que consta um autor, o autor do provérbio é toda uma coletividade [...]” (XATARA e OLIVEIRA, 2008, p. 20). Assim, o falante realiza uma enunciação-eco, na qual retoma “infindas enunciações anteriores do mesmo provérbio” (BUSARELLO, 1998, p. 25), enquanto “mistura sua voz com todas as que proferiram antes dele o mesmo pensamento” (XATARA e OLIVEIRA, 2002, p. 14), conseguindo, ao mesmo tempo em que concorda com o conteúdo expresso, distanciar-se dele por atribuí-lo ao Outro.

Na verdade, tudo se passa de um modo muito indireto, quando se trata do uso de provérbios em discurso: o locutor não fala com suas palavras, já que usa o discurso do Outro, em cuja autoridade se apóia, e dirige-se indiretamente ao alocutário, pois mesmo que o provérbio traga um nítido tu, trata-se sempre de um tu de percurso, que designa todo mundo em geral e ninguém em particular. (ROCHA, 1995, p.172).

²⁵ Greimas (1975) aponta um reflexo disso na expressão oral dos provérbios: “Na língua falada, os provérbios e ditados se distinguem nitidamente do conjunto da cadeia pela mudança de entonação. Tem-se a impressão de que o locutor abandona voluntariamente sua voz, tomando uma outra de empréstimo a fim de proferir um segmento da fala que não lhe pertence propriamente e que ele está unicamente citando” (p. 288).

Outro elemento que contribui para a força argumentativa do provérbio, conferindo-lhe autoridade, é a sua antiguidade. De fato, os provérbios são utilizados desde os primórdios da humanidade²⁶, e muitos dos utilizados ainda hoje têm sua origem muitos séculos (às vezes alguns milênios) atrás. Com base nisso, Câmara Cascudo (1977) compara vários provérbios atuais com seus antecedentes ou semelhantes da Antiguidade, como no exemplo abaixo:

O imperador Vespasiano faleceu em Roma a 23 de junho do ano de 79 na Era Cristã.
Dezenove séculos passaram.
Dizia ele que a raposa mudava de pêlo mas não de costumes. *Vulpem pilum mutare, non mores.*
O sertanejo continua convencido de que “a raposa muda de cabelo, mas não deixa de comer galinhas”. (CASCUDO, 1977, p. 22)

Mais ainda, muitos provérbios conservam ou recriam um estilo arcaico, que os remete “a um passado não determinado, além de conferir uma espécie de autoridade que provém da ‘sabedoria dos antigos’” (GREIMAS, 1975, p. 294).

Todavia, apesar desse estatuto de expressão da sabedoria dos antigos ou da sabedoria do povo²⁷, é fácil encontrar provérbios que explicitam certas ideologias difundidas que na verdade não são nenhum exemplo de sabedoria, como racismo, sexismo, preconceitos, superstições. De fato, Schwamenthal e Straniero (1999) afirmam com muita propriedade que os provérbios, além da sabedoria, expressam igualmente a estupidez, a ambiguidade e a incerteza dos povos. Além disso, é fácil encontrar provérbios completamente opostos entre si, embora nem sempre isso signifique que um esteja correto e o outro equivocado.

²⁶ Para uma retomada histórica sobre o uso de provérbios, consultar, entre outros, Maloux (1960/2001), Tosi (1996), Schwamenthal e Straniero (1999), Succi (2006) e Xatara e Succi (2008).

²⁷ Apesar de ser comum se referir a eles como parte da “sabedoria popular”, Tosi (1996) lembra que “muitas vezes os provérbios não passam de redações estereotipadas de *topoi* literários e que as relações entre a tradição literária e a pretensa ‘sabedoria popular’ se revelam profundas e complexas. Além disso, é evidente que muitas expressões proverbiais têm origem não certamente popular, mas derivam de trechos e textos famosos, citados como sentenças independentes (e às vezes propositalmente com significados diferentes dos originais)” (p. XIII).

Que os provérbios expressem a sabedoria dos povos é um lugar comum abonado sobretudo pelos próprios provérbios e até, como se diz, passado em provérbio; mas poder-se-ia com igual fundamento afirmar que, dos povos, eles expressam igualmente bem a estupidez, a ambiguidade e a incerteza. Talvez, no fim das contas, são estes os componentes, ou alguns dos componentes, da tão exaltada sabedoria. Não é difícil dar-se conta, mesmo somente de memória, da fragilidade de provérbios e ditos proverbiais de qualquer povo, sem falar de sua frequente contraditoriedade. “O hábito não faz o monge”? Claro; contudo “as aparências enganam”, e de qualquer modo se sugere no napolitano (terra bastante proverbial), “vista-se de Ceppone, que parecerá Barão”... “De cavalo dado não se olha os dentes”? Certamente! E todavia, adverte o antigo latino, “timeo Danaos et dona ferentes”, quer dizer, desconfio dos dânaos (ou seja, dos gregos), mesmo que venham com presentes. (SCHWAMMENTHAL e STRANIERO, 1999, p. V)²⁸

Apesar de que em muitos adágios se faz notar o bom senso ou mesmo a sabedoria do povo, ninguém deve buscar neles uma filosofia coerente. Tanto menos que muitas vezes nota-se em dois ditados contradição redonda. Entre “Deus dá o frio conforme a roupa” e “Deus dá nozes a quem não tem dentes”, para qual votar? Seria lamentável excluir um ou outro por motivo ideológico. (Rónai, *in* MOTA, 1987, p. 28)

²⁸ “*Che i proverbi esprimano la saggezza dei popoli è un luogo comune accreditato soprattutto dai proverbi stessi, e anzi a sua volta, come si dice, passato in proverbio; ma si potrebbe con eguale fondamento asserire che, dei popoli, essi esprimono altrettanto bene la stupidità, l’ambiguità e l’incertezza. Forse, dopotutto, sono proprio queste le componenti, o alcune delle componenti, della tanto lodata saggezza. Non è difficile accorgersi, anche soltanto a memoria, della fragilità di proverbi e detti proverbiai di qualsiasi popolo, nonché della loro frequente contraddittorietà. « L’abito non fa il monaco » ? Certo; tuttavia « l’apparenza inganna », e in ogni modo, si suggerisce nel Napoletano (terra assai proverbiale), « vesti Ceppone, che pare Barone »... « A caval donato non si guarda in bocca »? Sicuro! E tuttavia, ammonisce l’antico latino, « timeo Danaos et dona ferentes », vale a dire, diffido dei Dânai (ossia, praticamente, i Greci), anche se arrivano coi regali.”*

Succi (2006), Xatara e Succi (2008) e Xatara e Oliveira (2008) também falam em provérbios e ditados “antagônicos” ou “antônimos” e recordam, dentre outros exemplos, “Ruim com ele, pior sem ele” x “Antes só do que mal acompanhado” e “Rei morto, rei posto” x “Quem foi rei nunca perde a majestade”. Steinberg (2002) apresenta em seu apêndice uma lista de provérbios em inglês que se contradizem (juntamente com outra de provérbios semanticamente semelhantes nesse mesmo idioma).

Por fim, vale lembrar que muitos provérbios existem em formas muito semelhantes em diferentes línguas, principalmente por ser comum passarem de um povo para outro, tornando-se geralmente impossível determinar em qual cultura surgiu primeiro. Por esse motivo não é difícil encontrar obras que os listem em diversas línguas, como o dicionário de Jorge Sintes Pros (1961), que o faz em espanhol, latim, francês, italiano, inglês e alemão.

Por outro lado, como mencionamos no início da Introdução, eles se adaptam a cada povo, além de cada cultura ter provérbios bastante próprios, de modo que esses fraseologismos têm muito a dizer sobre a cultura na qual se encontram, reforçando a relevância da reflexão a respeito de sua tradução. Como exemplificam Moacir e Orlando Mota na apresentação do *Adagiário brasileiro* de seu pai Leonardo Mota,

Quem primeiro afirmou que “Pobre só alevanta a cabeça quando quer comer pitomba” estava apenas confirmando milenar convicção comum, a de que os fracos devem mostrar-se humildes. Mas fê-lo de modo tão nosso, tão verde-e-amarelo que a sentença pode, sem exagero, ser considerada tipicamente brasileira. Expressando a mesma idéia, é evidente que um esquimó não o faria nos mesmos termos. (*in* MOTA, 1987, p. 25)

Tendo em mente as características de provérbios e EIs que comentamos neste capítulo, esperamos ter esclarecido a delimitação desses fraseologismos no contexto deste trabalho e evidenciado a imbricação desses elementos com a língua e a cultura às quais pertencem, e as consequentes complicações que podem surgir no momento de traduzi-los para um outro complexo língua-cultura. No próximo capítulo, abordaremos as reflexões de alguns autores a esse respeito e as possíveis soluções propostas por eles.

CAPÍTULO 2: PERSPECTIVAS A RESPEITO DA TRADUÇÃO DE PROVÉRBIOS E EIS

Uma vez discutidas no capítulo anterior as principais características dos provérbios e das EIs, neste reunimos concepções a respeito de sua tradução encontradas em diferentes textos de teóricos, lexicógrafos e tradutores. Apesar de os autores pesquisados ora se referirem a EIs e ora a provérbios, além de alguns incluírem outros fraseologismos, preferimos não abordar cada lexia em uma seção separada, tanto por considerarmos que apresentam semelhanças suficientes para receberem tratamento parecido no ato tradutório, como pelo fato de muitas vezes um autor estar tratando principalmente de uma das categorias mas fazer referências também à outra.

2.1 BERMAN

Começamos abordando a posição do teórico e crítico de tradução francês Antoine Berman, por ser um dos poucos teóricos da tradução que tratam especificamente, embora de maneira rápida e superficial, da tradução de provérbios e EIs (estas últimas incluídas no que ele chama de “locuções”), e também por ter sido, por isso, um dos autores que chamaram nossa atenção para o assunto. Vemos mais adiante, no entanto, que a posição defendida por ele se contrapõe à da maioria dos estudiosos e tradutores.

Em seu livro *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*, resultante de um seminário realizado em 1984 no Collège International de Philosophie, em Paris, Berman faz uma defesa contundente da tradução da “letra” (“*lettre*”) do texto original, ou seja, aquela que tem sua “atenção voltada para o jogo de significantes” (BERMAN, 2007, p. 16). Apesar disso, o autor tem consciência de que a maior parte das traduções realizadas em seu país tanto atualmente como no passado não seguem esse posicionamento, assim como a maioria das teorias a respeito.

Berman (2007) afirma que as traduções literárias em suas formas tradicionais e dominantes representam um ato culturalmente etnocêntrico, isto é, “que traz tudo à sua própria cultura, às suas normas e valores, e considera o que se encontra fora dela — o Estrangeiro — como negativo ou, no máximo, bom para ser anexado, adaptado, para aumentar a riqueza desta cultura” (p. 28). Para ele, esse tipo de tradução busca “fazer com que a esqueçam”, fazer com que “não se ‘sinta’ a tradução”, evitando “*chocar* com ‘estranhamentos’ lexicais e sintáticos”

(p. 33, grifo do autor). Ecoando o texto clássico de Schleiermacher (1813/2007)¹, afirma ser um dos princípios da tradução etnocêntrica que “a tradução deve oferecer um texto que o autor estrangeiro teria escrito se tivesse escrito na língua da tradução” (BERMAN, 2007, p. 33).

Para se opor à tradução etnocêntrica dominante, o autor propõe a prática de uma tradução ética, cujo objetivo estaria em “reconhecer e em receber o Outro enquanto Outro” (BERMAN, 2007, p. 68), em lugar de esconder o elemento estrangeiro da obra traduzida². Para esse propósito defende uma tradução literal³, fiel à “letra” do original, o que para ele representaria a “essência última e definitiva da tradução”: “Partimos do seguinte axioma: a tradução é tradução-da-letra, do texto enquanto *letra*” (BERMAN, 2007, p. 25, grifo do autor). Assim, para o autor, não teria cabimento uma fidelidade ao sentido ou ao “espírito” da obra.

O objetivo ético do traduzir, por se propor acolher o Estrangeiro na sua corporeidade carnal, só pode estar ligado à letra da obra. Se a forma do objetivo é a fidelidade, é necessário dizer que só há fidelidade — em todas as áreas — à letra. Ser ‘fiel’ a um contrato significa respeitar suas cláusulas, não o ‘espírito’ do contrato. Ser fiel ao ‘espírito’ de um texto é uma contradição em si (BERMAN, 2007, p.70).

¹ *Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens*, de 1813. Em nossa bibliografia consta a tradução de 2007 para o português, *Dos diferentes métodos de traduzir*, realizada pelo Prof. Dr. Mauri Furlan, ainda não publicada. Berman (1985/1999/2007) cita em sua bibliografia a tradução ao francês realizada por ele mesmo: “*Des différentes méthodes du traduire*”.

² Posteriormente, Berman ameniza essas afirmações. Em seu último livro, *Pour une critique des traductions: John Donne*, publicado postumamente, Berman (1995) passa a associar a ética do tradutor à transparência deste em relação à forma como realizou sua tradução e a condenar como antiético apenas o ato de esconder as manipulações realizadas no texto traduzido:

“Não dizer aquilo que se vai fazer — por exemplo adaptar em vez de traduzir — ou fazer algo diferente daquilo que se disse é o que valeu à corporação o adágio italiano *traduttore traditore*, e que a crítica deve denunciar duramente. O tradutor tem *todos os direitos*, desde que jogue abertamente”.

“*Ne pas dire ce qu'on va faire — par exemple adapter plutôt que traduire — ou faire autre chose que ce qu'on a dit, voilà ce qui a valu à la corporation l'adage italien traduttore traditore, et ce que le critique doit dénoncer durement. Le traducteur a tout les droits dès lors qu'il joue franc jeu*” (BERMAN, 1995, p. 93, grifos do autor).

³ Apesar de Berman (2007) utilizar algumas vezes a palavra “literal”, é fácil notar que essa literalidade é bastante diferente daquela tratada por Xatara, por exemplo (ver abaixo). Por esse motivo, preferimos adotar “tradução da letra”, também utilizada pelo autor, de modo que a distinção fique mais clara. A tradução da letra de um texto, para esse autor, não deve ser confundida com uma tradução “palavra por palavra”, pois não se restringe às palavras; envolve também, como ele exemplifica ao tratar da tradução de provérbios, ritmo, comprimento, possíveis aliterações, rimas, etc. (BERMAN, 2007, p. 16).

A tradução de provérbios e “locuções” (como vimos no primeiro capítulo, este termo é utilizado pelo autor de maneira abrangente, mas aqui nos atemos às EIs) é um exemplo utilizado por Berman (2007) para indicar o que seria (e o que não seria) traduzir da forma como ele propõe. Nesse ponto fica bem claro o significado para ele de uma tradução voltada para a letra, conforme assinala em relação aos provérbios, por exemplo: “traduzir literalmente um provérbio não é simplesmente traduzir ‘palavra por palavra’. É preciso também traduzir o seu ritmo, o seu comprimento (ou sua concisão), suas eventuais aliterações etc. Pois um provérbio é uma forma” (p. 16).

Apesar de numa perspectiva geral a tradução no Brasil já ter uma orientação mais voltada para o estrangeiro, diferentemente do contexto francês que inspira a crítica de Berman (2007) à tradução etnocêntrica, mesmo aqui a tradução da letra em relação a provérbios e EIs, conforme proposta pelo autor, não é defendida pela maioria dos autores, como veremos ao longo deste capítulo.

Os provérbios são mencionados logo no início do seu livro. Por repousarem em experiências a princípio semelhantes, normalmente apresentam correspondentes em outros idiomas, embora muitas vezes com imagens diferentes. Berman (2007) emprega o termo “equivalente” (*équivalent*), mas preferimos não utilizá-lo para evitar o conceito problemático de “equivalência” e especialmente fugir da sua significação etimológica ligada a “igual valor”. Considerando que dificilmente dois fraseologismos de idiomas diferentes terão exatamente o mesmo valor, e também que as correspondências não são fixas e não existem de antemão, sendo definidas de acordo com cada situação tradutória, quando falamos em fraseologismo “correspondente” queremos dizer aquele que o tradutor seleciona na língua de chegada como sendo capaz de cumprir uma função semelhante à daquele utilizado na língua de partida, se empregado no contexto correspondente no texto traduzido.

Provavelmente com base nessa frequente existência de correspondentes em outros idiomas, a maior parte dos tradutores, segundo Berman (2007), acredita que traduzir um provérbio seja sempre encontrar o seu correspondente. O autor, no entanto, defende que

procurar equivalentes não significa apenas estabelecer um sentido invariante, uma idealidade que se expressaria nos diferentes provérbios de língua a língua. Significa recusar introduzir na

língua para a qual se traduz a *estranheza* do provérbio original [...], significa recusar fazer da língua para a qual se traduz “o albergue do longínquo”, significa, para nós, afrancesar: velha tradição. Para o tradutor formado nesta escola, a tradução é uma transmissão de sentido que, ao mesmo tempo, deve tornar este sentido *mais claro*, limpá-lo das obscuridades inerentes à estranheza da língua estrangeira. (p. 17, grifos do autor)

Mais adiante, Berman (2007) inclui a “destruição das locuções” em sua lista das “tendências deformadoras” da tradução, e demonstra ser também nesse caso favorável a uma tradução voltada para a letra. Além disso, na sequência esclarece como acredita poder o leitor da tradução compreender o sentido do provérbio estrangeiro traduzido desse modo, por meio de uma “consciência-de-provérbio” que os falantes de qualquer idioma possuiriam.

Ora, ainda que o sentido seja idêntico, substituir um idiotismo pelo seu equivalente é um etnocentrismo [...] Servir-se da equivalência é atentar contra a falância da obra. As equivalências de uma locução ou de um provérbio não os *substituem*. Traduzir não é buscar equivalências. Ademais, querer substituí-los significa ignorar que existe em nós uma *consciência-de-provérbio* que perceberá imediatamente no novo provérbio o irmão de um provérbio local. (BERMAN, 2007, p. 60, grifos do autor)

Assim, empregar um equivalente nesses casos significaria limitar o leitor, impedi-lo de ter contato com uma riqueza do texto estrangeiro e conhecer novas formas de expressão. Ao contrário, realizar uma tradução próxima à letra, procurando manter as imagens, a sonoridade e o jogo dos significantes da expressão ou provérbio seria uma forma de não esconder o elemento estrangeiro da obra original, de reconhecer e “receber o Outro enquanto Outro” (p. 68)⁴.

⁴ Em Francisco (2009), procuramos verificar as possibilidades dessa estratégia tradutória, testando sua aplicação na tradução de provérbios e expressões extraídos do romance italiano *Fontamara*, de Ignazio Silone. Chegamos à conclusão de que, considerando os exemplos com os quais trabalhamos, parece ser viável realizar uma tradução da letra, no sentido proposto por Berman (2007), dessas lexias complexas, pois diversos indícios contextuais são capazes de

Ao introduzir o tema da tradução dos provérbios, Berman (2007) lembra que o assunto já foi examinado por Valery Larbaud e Henri Meschonnic. De fato, a posição de Berman é bastante semelhante à de Meschonnic (1973), que por sua vez evoca o clássico *Sous l'invocation de Saint Jérôme*, de Larbaud, para defender o “empréstimo” (*emprunt*) como possibilidade para traduzir provérbios, EIs e outros fraseologismos de uma forma que enriqueça a língua da tradução:

Para a poética das línguas e da tradução, o provérbio é um desses locais de câmbio e intercâmbio. V. Larbaud mostra que o empréstimo neste caso fornece essas “condições de ‘estranheza’ que pede Aristóteles” e “que enriquecem incontestavelmente as línguas em que são introduzidas. Os tradutores se dão conta disso quando se encontram na presença de frases feitas, de provérbios, de ditados, e mesmo de simples idiomatismos, cujo equivalente na sua língua perderia sua característica, e que ganhariam muito se fossem traduzidos literalmente [...]”. (MESCHONNIC, 1973, 356)⁵

Embora as posições de Larbaud, Meschonnic e Berman estejam em consonância, veremos que a maior parte dos autores tem uma visão bastante diferente do assunto.

2.2 NIDA

Tendo trabalhado por muitos anos no departamento de tradução do *American Bible Society*, Eugene A. Nida utilizou sua experiência em projetos de tradução da Bíblia para diversos idiomas para tentar formular uma teoria que fosse válida também para outros tipos de tradução. Uma de suas propostas mais conhecidas é a distinção entre equivalência formal e equivalência dinâmica, a primeira mais ligada à

levar o leitor a reconhecer o provérbio ou expressão idiomática como tais e a compreender seu sentido.

⁵ *Pour la poétique des langues et de la traduction, le proverbe est un de ces lieux d'échange et de changement. V. Larbaud montre que l'emprunt ici fournit ces « conditions d'étrangeté* que demande Aristote » et « qui enrichissent incontestablement les langues où elles sont introduites. Les traducteurs s'en rendent bien compte, lorsqu'ils se trouvent en présence de locutions toutes faites, de proverbes, de dictons, et même de simples idiotismes, dont l'équivalent dans leur langue serait sans caractère, et qui en acquièrent beaucoup si on les traduit littéralement [...] ».*

reprodução tanto da forma quanto do conteúdo do texto original e a segunda mais voltada para a busca de uma resposta dos receptores da tradução que seja semelhante àquela dos leitores do texto original.

Essa divisão teve grande repercussão nos Estudos da Tradução, e Nida se tornou um nome bastante conhecido na área, embora alguns autores considerem sua proposta como apenas uma reformulação da velha dicotomia tradução literal x tradução livre, como comenta Rodrigues (2000). Esta mesma autora analisa a obra de Nida e aponta ainda vários pontos problemáticos nela, como a falta de uma definição clara para o termo “equivalência” utilizado pelo autor; o prescritivismo observável em vários pontos da teoria, mesmo esta se colocando como fundamentalmente descritiva; os pressupostos pretensamente válidos para todas as línguas, mas contaminados pela perspectiva angloamericana e protestante de Nida; etc.

Ainda que sua exposição teórica remeta aos primeiros leitores da Bíblia, praticamente todos os exemplos fornecidos se referem ao inglês, sugerindo que toma como ponto de partida para suas análises o texto em inglês. O fato de Nida (Nida & Taber, 1969/1982) incluir dez textos bíblicos em sua bibliografia, mas apenas um em grego, reforça essa hipótese. A certeza dessa idéia se amplia porque o autor não se reporta às versões do hebraico ou do aramaico.

Assim, o processo de tradução da Bíblia, no esquema colocado pelo autor, não envolve apenas a cultura bíblica e a receptora, pois as traduções não são necessariamente feitas do hebraico, do grego e do aramaico para outras línguas: há uma terceira cultura envolvida, a anglo-americana, ou melhor, uma parcela dessa cultura, que compartilha determinada orientação religiosa, o que sugere que já houve uma etapa de “aculturação” do texto anterior à passagem para as outras línguas. (RODRIGUES, 2000, p. 91)

Meschonnic (1976) também denuncia “a escamoteação da língua de partida” (p. 335)⁶ pelo fato de o ponto de partida dos exemplos ser quase sempre a *King James Version*, além de criticar duramente outros aspectos, como a distinção, ideológica segundo Meschonnic (1976),

⁶ “l’escamotage de la langue de départ”.

segundo a qual a forma é oposta ao sentido e privada de significado. Em suma, o crítico francês busca demonstrar que

[...] a teoria de Nida não é científica; que traveste a gramática transformacional que utiliza; que procede a uma distorção ideológica da Bíblia, e que é feita para garantir uma completa distorção ideológica; que nada mais é que o aprimoramento com instrumentos modernos da mais velha ideologia da tradução. (p. 329)⁷

Já Venuti (1995) aponta que a busca de uma equivalência dinâmica conforme a teoria nidiana, com seu ideal de produzir uma resposta nos receptores finais semelhante àquela dos receptores originais, na verdade representaria a domesticação resultante do discurso fluente, da transparência na tradução, valorizada na cultura anglófona, “mascarando uma disjunção básica entre os textos da língua-fonte e da língua-alvo que colocam em questão a possibilidade de obter uma resposta ‘semelhante’” (p. 21)⁸.

O que nos interessa na teoria nidiana, porém, não é a conhecida distinção entre os tipos de equivalência, mas a menção à tradução de EIs e provérbios, que surge em Nida (1964) quando este comenta os ajustes formais que se fariam necessários para alcançar uma equivalência dinâmica, afetando principalmente, segundo ele, três áreas: “formas literárias especiais” (“*special literary forms*”), como no caso da poesia⁹; “expressões semanticamente exocêntricas” (“*semantically exocentric expressions*”), que a nosso ver incluiriam fraseologismos como EIs e provérbios; e “significados intraorganísmicos” (“*intraorganismic meanings*”), isto é, itens cuja compreensão depende do contexto cultural no qual estão inseridos.

Burity (1989) afirma que Nida (1964) considerava como expressões semanticamente exocêntricas as combinações de palavras

⁷ “[...] la théorie de Nida n'est pas scientifique ; qu'elle travestit la grammaire transformationnelle qu'elle utilise ; qu'elle procède à une distorsion idéologique de la Bible, et qu'elle est faite pour cautionner toute distorsion idéologique ; qu'elle n'est que le perfectionnement avec des outils modernes de la plus vieille idéologie de la traduction”.

⁸ “masking a basic disjunction between the source- and the target-language texts which puts into question the possibility of eliciting a ‘similar’ response.”

⁹ Burity (1989) considera que, juntamente com a poesia, os provérbios também caberiam nesta categoria de Nida (1964), uma vez que muitos envolvem ritmo, outros rima, outros jogos de palavras, trocadilhos, figuras de linguagem, e outros ainda são em forma de poema (BURITY, 1989, p. 71). A visão desse autor sobre a tradução de provérbios, baseada na teoria de Nida, será discutida mais adiante.

que formam uma unidade lexical, ou seja, cujo sentido não é resultante da soma do sentido das suas partes, mas sim aplicado à combinação como um todo, o que aparentemente equivaleria a lexias complexas ou fraseologismos. Observando, no entanto, os exemplos de Nida (1964), sempre retirados da tradução da Bíblia, nota-se que o conceito do autor parece mais abrangente, abarcando também figuras de palavra e metáforas não-convencionais, ou seja, não-consagradas, não-cristalizadas, sem deixar, porém, de incluir aquelas convencionais como as EIs.

Embora não afirme que a tradução literal dessas expressões sempre resulte em problemas, Nida (1964) aponta que quando isso ocorre são necessários ajustes para conseguir uma tradução com equivalência dinâmica (*D-E translation*).

Quando locuções semanticamente exocêntricas no idioma de partida ficam sem sentido ou equivocadas se traduzidas literalmente para o idioma receptor, é-se obrigado a realizar alguns ajustes em uma tradução com equivalência dinâmica. Por exemplo, o idiomatismo hebraico “cinja os quadris da sua mente” pode não significar nada além de “coloque um cinto ao redor dos quadris dos seus pensamentos” se traduzido literalmente. (p. 170)¹⁰

Assim, Nida (1964) sugere que tais expressões sejam classificadas de acordo com esses ajustes ou adaptações: metáforas por metáforas, metáforas por símiles, metáforas por não-metáforas e não-metáforas por metáforas. O primeiro tipo de ajuste, se pensarmos apenas em figuras consagradas, corresponderia primeiramente à tradução por um fraseologismo correspondente, nos termos propostos por Xatara (ver 2.6 abaixo).

A necessidade de realizar certas alterações profundas em relação a expressões exocêntricas

¹⁰ “When semantically exocentric phrases in the source language are meaningless or misleading if translated literally into the receptor language, one is obliged to make some adjustments in a D-E translation. For example, the Semitic idiom “gird up the loins of your mind” may mean nothing more than ‘put a belt around the hips of your thoughts’ if translated literally.” Como os exemplos do autor utilizam sempre a língua inglesa, resultando numa espécie de tradução intralingual, procuramos fazer o mesmo nas traduções das citações, opondo, quando for o caso, expressões não-consagradas no português a EIs preexistentes.

sempre foi reconhecida por bons tradutores. Assim, idiomatismos como o alemão “*Mit Wölfen muss man heulen*” (literalmente, “deve-se uivar com os lobos”) pode ser vertido em inglês como “*when in Rome do as the Romans*”; a expressão francesa “*ventre à terre*” (literalmente “ventre/barriga no chão”) pode ser vertida de diversas formas, como “o mais rápido possível”, “a toda velocidade” ou “manda brasa” (Savory, 1957, p. 16); e o espanhol “*rasgarse la barriga*” (literalmente “rasgar a própria barriga”) torna-se “cruzar os braços”. É tradicional em traduções com equivalência dinâmica verter idiomatismos clássicos por meio de idiomatismos correspondentes em línguas modernas. Uma expressão latina como “*manibus pedibusque*” (literalmente “com mãos e pés”) torna-se “com unhas e dentes”, e “*rem acu tetigisti*” (literalmente, “você tocou a coisa com uma agulha”) é vertido como “você acertou na mosca”. (NIDA, 1964, p. 237-238)¹¹

Entretanto, o tratamento generalizado de Nida (1964), reunindo figuras de palavra consagradas e não-consagradas sob o mesmo rótulo, abre espaço também para pensarmos na possibilidade de traduzir EIs e provérbios por uma figura não-consagrada, como por exemplo uma metáfora. Parece-nos ser esse o caso nos exemplos do autor no trecho a seguir:

Quando não há um idiomatismo prontamente correspondente na língua receptora, um leve ajuste na expressão da língua-fonte pode torná-la aceitável na língua receptora. Em *uduk*, por exemplo, “caminhar no Espírito” (Gálatas 5:15) é

¹¹ “The necessity for certain thorough alterations of exocentric expressions has always been recognized by good translators. Thus such idioms as German *Mit Wölfen muss man heulen* (literally, ‘one must howl with wolves’) may be rendered in English as ‘when in Rome do as the Romans’; the French phrase *ventre à terre* (literally, ‘belly to the ground’) may be rendered variously as ‘as quickly as possible’, ‘at full stretch’, and ‘hell for leather’ (Savory, 1957, p. 16); and Spanish *rasgarse la barriga* (literally, ‘to scratch one’s belly’) becomes ‘to twiddle one’s thumbs’. It has been traditional in D-E translations to render classical idioms by corresponding idioms in modern languages. A Latin phrase such as *manibus pedibusque* (literally, ‘with hands and feet’) becomes ‘tooth and nail’, and *rem acu tetigisti* (literally, ‘you touched the thing with a needle’) is rendered as ‘you have hit the nail on the head’.”

totalmente sem sentido, mas “deixe o Espírito guiá-lo no caminho” é um paralelo próximo. Da mesma maneira, um equivalente de “coroa da vida” (Tiago 1:12) não é possível em navajo, mas um ajuste para “o prêmio da vida” preserva o sentido básico do original e se conforma muito bem aos conceitos indígenas. (NIDA, 1964, p. 238)¹²

Além de uma estratégia, parece-nos que a tradução de um idiomatismo por uma metáfora não-consagrada pode ser também um efeito involuntário: o tradutor verte o fraseologismo de forma mais ou menos literal e o leitor da tradução, não percebendo que se trata de um fraseologismo da língua de partida, pode acreditar que seja uma metáfora ou outra figura de palavra original e não consagrada.

A tradução de metáforas por símiles, como “*sons of thunder*” por “*men like thunder*” (NIDA, 1964, p. 171) é útil segundo o autor para ajudar o leitor a perceber que se trata de um sentido figurado.

Se expressões semanticamente exocêntricas na língua-fonte forem traduzidas literalmente, geralmente serão interpretadas como endocêntricas (ou seja, mais ou menos literalmente), a menos que pistas práticas ou linguísticas sinalizem que a expressão utilizada envolve uma extensão de sentido incomum. Por essa razão, frequentemente se conclui que um símile é o meio mais eficaz de render uma metáfora. Itens como “tal qual” ou “como” imediatamente indicam ao leitor o fato de que as palavras em questão devem se tomadas em um sentido especial. (NIDA, 1964, p. 219)¹³

¹² “When there is no readily corresponding idiom in the receptor language, a slight adjustment in the source-language expression may make it acceptable in the receptor language. In Uduk, for example, “walk in the Spirit” (Galatians 5:15) is quite meaningless, but ‘let the Spirit lead you in the way’ is a close parallel. Similarly, a literal equivalent of “crown of life” (James 1:12) is hopeless in Navajo, but an adjustment to ‘the life-way prize’ preserves the basic meaning of the original and fits indigenous concepts very well.”

¹³ If semantically exocentric expressions in the source language are translated literally, they are generally interpreted as endocentric (i.e. more or less literally), unless practical or linguistic clues signal that the expression used involves an unusual extension of meaning. For this reason one often finds that a simile is the most effective way of rendering a metaphor. Words such as ‘like’ and ‘as’ immediately cue the reader to the fact that the words in question are to be taken in a special sense.

Também este caso parece-nos poder ocorrer como efeito involuntário resultante da tradução literal, especialmente se pensarmos nas EIs de matriz comparativa como as estudadas por Xatara (1994)¹⁴. Assim, se uma EI como “*avoir l’estomac comme un pneu crevé*”, em lugar de ser traduzida pelo correspondente “estar com o estômago nas costas”, conforme sugere esta autora (p. 127), for traduzida literalmente por “ter/estar com o estômago como um pneu furado”, o leitor pode tanto compreender que se trata de uma EI consagrada no idioma original quanto pensar que seja apenas um símile não-consagrado na língua da tradução.

Muitas vezes, porém, segundo o autor, as metáforas precisam ser traduzidas por não-metáforas, ou seja, por paráfrases ou explicações, quando certas extensões de sentido do original não têm paralelo no idioma receptor ou quando não há na cultura receptora um elemento presente na expressão original. Um dos exemplos fornecidos é “seu semblante caiu” (Marcos 10:22), que em certa língua das Filipinas teria de ser traduzido simplesmente como “ele ficou triste” (NIDA, 1964, p. 220)¹⁵.

Por fim, o autor apresenta também a hipótese de se traduzir uma não-metáfora por uma metáfora, inclusive obrigatoriamente em alguns casos: “Por exemplo, em shilluk o único meio de falar em doença é dizer ‘ele foi tomado por Deus’, mas esse uso de *Jok* ‘Deus’ em uma expressão tão fortemente idiomática não é interpretada pelas pessoas de maneira endocêntrica” (NIDA, 1964, 221)¹⁶. No caso das EIs, obrigatório ou não, o emprego de uma EI em um ponto no qual o

¹⁴ Essas EIs são chamadas por Tagnin (1989; 2005) de símiles, porém esta autora, da mesma forma que Xatara (1994), trata apenas dos casos consagrados, cristalizados no idioma, enquanto Nida (1964), ao sugerir a tradução das expressões semanticamente exocêntricas por símiles, parece se referir à figura de palavra em seu uso geral, frequentemente não-cristalizado, como nos exemplos apresentados em alguns dicionários: “*A figure of speech in which two essentially unlike things are compared, often in a phrase introduced by like or as, as in ‘How like the winter hath my absence been’ or ‘So are you to my thoughts as food to life’ (Shakespeare)*” (PICKETT, 2004); “figura que estabelece uma comparação entre dois termos de sentidos diferentes ligados pela palavra *como* ou por um sinônimo desta (*qual, assim como, do mesmo modo que* etc.); ambos estão obrigatoriamente presentes na frase e um deles, com sentido real, identifica-se com outro mais expressivo; comparação assimilativa (p.ex.: *a linda jovem desabrochava como uma rosa na primavera; investiu qual uma fera contra o assaltante*)” (HOUAISS, VILLAR e FRANCO, 2001).

¹⁵ “*his countenance fell*” / “*he became sad*”

¹⁶ “*For example, in Shilluk the only way to speak of sickness is to say ‘he is taken by God’, but this use of *Jok* ‘God’ in such a highly idiomatic phrase is not interpreted by the people endocentrically*”

original não tem uma correspondente pode funcionar como a estratégia de compensação mencionada por Baker (1992) e Rónai (ver 2.4 e 2.5 abaixo), contrabalançando uma eliminação que tenha sido necessária em outro local do texto.

2.3 BURITY

Burity (1989) propõe-se a aplicar a teoria de Nida para examinar a questão da traduzibilidade de provérbios do inglês para o português. Após comentar algumas das características desses fraseologismos e revisar as abordagens de oito autores a respeito da tradução em geral, dentre as quais seleciona (e por isso discute com mais detalhes) a de Nida como mais adequada em sua opinião, o autor analisa uma lista de provérbios, escolhidos, segundo ele, de forma aleatória, juntamente com seus correspondentes, a maior parte retirada do *Adagiário* de Leonardo Mota e dos *1001 provérbios em contraste* de Martha Steinberg¹⁷.

Nesse ponto fica evidente que na verdade Burity (1989) considera como estratégia possível para traduzir provérbios apenas o emprego de um equivalente (ou correspondente, como preferimos chamar), seja ele semelhante ao do original ou não. Ou seja, nessa perspectiva, se não houver um provérbio com o mesmo sentido na língua de chegada, a tradução não será possível.

Dos exemplos selecionados, o autor chama de provérbios formalmente equivalentes somente aqueles cujos correspondentes no português são uma tradução palavra-por-palavra do provérbio em inglês, como “*The end justifies the means*” / “O fim justifica os meios” ou “*Every man has his price*” / “Todo homem tem seu preço” (p. 96). Todos os demais casos, desde aqueles com correspondências próximas, como “*He who lives with cripples, learns to limp*” / “Quem com coxo anda, aprende a mancar” (p. 99), até outros bem diferentes como “*Beauty is skin deep*” / “Quem vê cara não vê coração” (p. 98), são considerados dinamicamente equivalentes. Essa aplicação um tanto enviesada da teoria de Nida leva Burity (1989) a concluir que “o número de provérbios dinamicamente equivalentes superaram de longe o de provérbios formalmente equivalentes”¹⁸, enquanto identifica completamente a tradução de provérbios ao estabelecimento de um

¹⁷ Ambas as obras fazem parte de nossa bibliografia, porém, da de Steinberg, Burity (1989) utiliza a primeira edição, de 1985, enquanto nós utilizamos a segunda, de 2002.

¹⁸ “*dynamically equivalent proverbs by far outnumbered their formally equivalent counterparts*”

correspondente. Essa visão é resumida neste trecho das conclusões de seu trabalho:

Provérbios são universais, uma vez que derivam de experiências humanas semelhantes e as refletem. A universalidade dos provérbios é evidenciada pelos equivalentes encontrados nas mais diferentes línguas por todo o mundo.

Entretanto, como uma forma literária especial, os provérbios são difíceis de traduzir porque apenas raramente pode-se transferir fielmente a forma e o significado de uma mensagem transmitida em uma língua para outra diferente. Por isso, quando se fala em provérbios, mais do que a tradução correta, deve-se procurar o equivalente apropriado. (p. 104-105)¹⁹

2.4 BAKER

Em seu livro *In Other Words: A Coursebook on Translation*, de 1992, Mona Baker se propõe a apresentar contribuições da teoria linguística moderna para embasar a formação do tradutor e para guiar as decisões deste durante seu trabalho. A obra é dividida em capítulos organizados de maneira crescente em termos de complexidade linguística, ampliando o foco em cada capítulo. Assim, a autora começa tratando da equivalência²⁰ no nível da palavra, passa à equivalência acima do nível da palavra — ponto no qual insere a questão da tradução

¹⁹ “*Proverbs are universal since they derive from, and reflect similar human experience. The universality of proverbs is evidenced through equivalents found in many different languages throughout the world.*

However, as a special literary form, proverbs are difficult to translate because only rarely can one faithfully transfer the form and the meaning of a message conveyed in a certain language to another. Hence, when speaking of proverbs, rather than the right translation, one must search for the suitable equivalent.”

²⁰ A autora toma a precaução de explicar que “o termo equivalência é adotado neste livro mais por conveniência — porque os tradutores estão habituados a ele — do que por ele ter algum status teórico. É utilizado aqui com a ressalva de que, embora geralmente seja possível obter alguma forma de equivalência, ela é influenciada por uma variedade de fatores linguísticos e culturais e portanto é sempre relativa”.

“*the term **equivalence** is adopted in this book for the sake of convenience — because most translators are used to it rather than because it has any theoretical status. It is used here with the proviso that although equivalence can usually be obtained to some extent, it is influenced by a variety of linguistic and cultural factors and is therefore always relative*” (BAKER, 1992, p. 6).

de idiomatismos —, depois à equivalência gramatical, à textual e à pragmática.

Baker (1992) discute a tradução de colocações (*collocations*), EIs (*idioms*)²¹ e expressões fixas (*fixed expressions*, como “*as a matter of fact*”, “*ladies and gentlemen*”, etc.)²². Sobre EIs e expressões fixas, aponta duas dificuldades principais para o tradutor: i) reconhecê-las e interpretá-las corretamente e ii) reproduzir na tradução os vários aspectos de seu significado. Conforme exposto em nossa Introdução, não tratamos neste trabalho da primeira dificuldade, restringindo nossa atenção às soluções possíveis após a identificação e compreensão do fraseologismo.

Ao tratar do problema da tradução dos idiomatismos, Baker (1992) discute de forma breve, porém sistemática e rica de exemplos, as razões da dificuldade de traduzir esses fraseologismos e as estratégias que propõe aos tradutores para superá-la. Para a autora, a tradução desses itens é problemática principalmente pelos seguintes motivos:

- Pode não haver equivalente na língua-alvo.

Um idiomatismo ou expressão fixa pode não ter nenhum equivalente na língua-alvo. A forma que a língua escolhe para expressar, ou não expressar, vários significados não pode ser prevista e apenas ocasionalmente corresponde à forma que outra língua escolhe para expressar o mesmo significado. Um idioma pode expressá-lo por meio de uma única palavra, outro pode expressá-lo por meio de uma expressão fixa transparente, um terceiro pode expressá-lo por meio de um idiomatismo, e assim por diante. Portanto, não é realista esperar encontrar com certeza idiomatismos e expressões equivalentes na língua-alvo. (BAKER, 1992, p. 68)²³

²¹ Para a autora, “construções linguísticas fixas que permitem pouca ou nenhuma variação formal e [...] frequentemente contêm sentidos que não podem ser deduzidos a partir de seus componentes individuais”

“*frozen patterns of language which allow little or no variation in form and [...] often carry meanings which cannot be deduced from their individual components*” (BAKER, 1992, p. 63).

Alguns exemplos da autora são “*bury the hatchet*” e “*the long and short of it*”.

²² Ou, pensando no português, “*volte sempre*”, “*de fato*”, “*com certeza*”, etc.

²³ *An idiom or fixed expression may have no equivalent in the target language. The way a language chooses to express, or not express, various meanings cannot be predicted and only occasionally matches the way another language chooses to express the same meanings. One*

- Pode haver um correspondente semelhante na língua-alvo, porém com contextos de uso diferentes, conotações diversas, ou que não seja pragmaticamente intercambiável.

To sing a different tune (“cantar uma melodia diferente”) é um idiomatismo em inglês que significa dizer ou fazer algo que sinaliza uma mudança de opinião porque contradiz o que se disse ou se fez antes. Em chinês, *chang-dui-tai-xi* (“cantar melodias diferentes/cantar um dueto”) também se refere normalmente a pontos de vista contraditórios, mas tem um uso bastante diferente. A expressão tem conotações políticas e pode, em certos contextos, ser interpretada como expressando pontos de vista complementares em vez de contraditórios. (BAKER, 1992, p. 69)²⁴

- Um idiomatismo pode ser usado no texto de partida com o sentido literal e o idiomático ao mesmo tempo, de modo que, se o correspondente não for semelhante em forma e conteúdo, não será possível reproduzir plenamente o jogo de palavras. A autora cita o trecho de um texto contendo o seguinte jogo: “*He had sufficient influence to be able to **poke his nose into** the private affairs of others where less aristocratic **noses** might have been speedily bloodied*” (BAKER, 1992, p. 70, grifos da autora) e afirma que ele só poderia ser reproduzido “em idiomas, como o francês ou o alemão, que apresentam um idiomatismo idêntico ou pelo menos um idiomatismo que se refira a interferir em assuntos alheios e que contenha o equivalente de *nose*” (BAKER, 1992, p. 70)²⁵. Seria o caso também do português, por exemplo: “Ele tinha influência suficiente para poder **meter o nariz** em

language may express it by means of a single word, another may express it by means of a transparent fixed expression, a third may express it by means of an idiom, and so on. It is therefore unrealistic to expect to find equivalent idioms and expressions in the target language as a matter of course.

²⁴ *To sing a different tune is an English idiom which means to say or do something that signals a change in opinion because it contradicts what one has said or done before. In Chinese, chang-dui-tai-xi ('to sing different tunes/to sing a duet') also normally refers to contradictory points of view, but has quite a different usage. It has strong political connotations and can, in certain contexts, be interpreted as expressing complementary rather than contradictory points of view.*

²⁵ *“in languages such as French or German which happen to have an identical idiom or at least an idiom which refers to interfering in other people’s affairs and which has the equivalent of nose in it”*

assuntos particulares de outras pessoas quando **narizes** menos aristocráticos teriam rapidamente ficado cobertos de sangue”.

- A própria convenção de utilizar idiomatismos na língua escrita, os contextos em que são empregados e sua frequência de uso podem ser diferentes nos dois idiomas: “Línguas como o árabe e o chinês, que fazem uma distinção acentuada entre discurso escrito e falado e nas quais a modalidade escrita é associada a um alto nível de formalidade, tendem, em geral, a evitar utilizar idiomatismos em textos escritos” (BAKER, 1992, p. 71)²⁶.

Baker (1992) expõe as estratégias que considera válidas para lidar com idiomatismos na tradução, fazendo poucos comentários sobre cada uma, mas sempre exemplificando com trechos de textos e suas traduções, envolvendo diversos idiomas além do inglês, como francês, árabe, espanhol, etc.²⁷ A autora alerta já de antemão que a escolha de qual estratégia utilizar depende de diversos fatores, e não apenas da existência ou não de um correspondente. Segundo ela, outros fatores a considerar incluiriam, por exemplo, a importância dos itens lexicais que constituem o idiomatismo, ou seja, se um ou mais deles será retomado em outro ponto do texto, assim como a adequação do uso de linguagem idiomática no registro em questão (p. 72).

A primeira estratégia discutida é o emprego de um idiomatismo com sentido e forma similares, ou seja, que além de transmitir aproximadamente a mesma ideia também seja constituído por itens lexicais equivalentes, uma combinação pouco frequente segundo a autora. Um dos exemplos apresentados se refere à EI “*to force one’s hand*” (“forçar a mão”), cujo correspondente em francês utiliza a mesma imagem: “*forcer la main a qqn.*”.

Baker (1992) chama a atenção para o fato de, apesar de parecer a solução ideal, essa primeira estratégia não ser sempre a mais recomendada, pois questões de estilo, registro e efeito retórico também devem ser levados em consideração (p. 72). Nesse ponto a autora concorda com Fernando e Flavell (1981), que também alertam que, além da dificuldade de conseguir uma correspondência próxima no nível semântico, “mesmo onde isso é possível, frequentemente há diferenças

²⁶ “Languages such as Arabic and Chinese which make a sharp distinction between written and spoken discourse and where the written mode is associated with a high level of formality, tend, on the whole, to avoid using idioms in written texts”

²⁷ Para os trechos em idiomas estrangeiros a autora fornece uma *back translation* o mais literal possível para facilitar a compreensão dos leitores anglófonos.

consideráveis de estilo, registro, frequência, etc. Existe uma forte compulsão inconsciente da maioria dos tradutores de procurar desesperadamente por um idiomatismo na língua receptora, não importando o quanto inadequado ele possa ser” (p. 82)²⁸.

A segunda estratégia seria utilizar um idiomatismo com significado similar mas com forma diferente. Um dos exemplos apresentados é o ditado (“*expression*”, para a autora) em inglês “*One good turn deserves another*”, correspondente ao provérbio (também chamado de “*expression*” por Baker) francês “*À beau jeu, beau retour*” (FERNANDO e FLAVELL, 1981, *apud* BAKER, 1992, p. 74).

A estratégia seguinte é a tradução por paráfrase, que, segundo a autora, é “de longe a maneira mais comum de traduzir idiomatismos quando não se consegue encontrar um correspondente na língua-alvo ou quando parece inadequado utilizar linguagem idiomática no texto-alvo devido a diferenças nas preferências estilísticas da língua-fonte e da língua-alvo” (p. 74)²⁹. É o caso de “*to push another pony past the post*”, presente em um dos exemplos, no qual é traduzido em francês por “*favoriser un autre candidat*” (“favorecer outro candidato”), uma paráfrase explicitando seu significado.

Opção geralmente desconsiderada pelos outros autores consultados, que talvez não a aceitassem como solução válida para traduzir provérbios e EIs, a tradução por omissão é a estratégia seguinte de Baker (1992). Consistiria em apagar completamente o fraseologismo no texto traduzido e realizar os ajustes necessários para que não se sinta sua falta.

É de se notar que a autora fala em “*translation by omission*”, e não apenas “*omission*”, reforçando assim a ideia de que esta seria uma estratégia de tradução, e não uma não-tradução³⁰. Ela aponta essa solução para os casos nos quais um idiomatismo “não tenha nenhum correspondente próximo na língua-alvo, seu sentido não possa ser facilmente parafraseado, ou por razões estilísticas” (BAKER, 1992, p. 77)³¹. O exemplo apresentado é o seguinte, envolvendo um trecho em

²⁸ “*even where this is possible there are often considerable differences of style, register, frequency, etc. There is a strong unconscious urge in most translators to search hard for an idiom in the receptor-language, however inappropriate it may be*”.

²⁹ “*by far the most common way of translating idioms when a match cannot be found in the target language or when it seems inappropriate to use idiomatic language in the target text because of differences in stylistic preferences of the source and target languages*”

³⁰ A mesma observação valeria para sua “*translation by paraphrase*”, uma vez que alguns autores não consideram a paráfrase como uma forma de tradução *stricto sensu*.

³¹ “*has no close match in the target language, its meaning cannot be easily paraphrased, or for stylistic reasons*”

inglês e sua tradução em árabe, da qual tomamos aqui a *back translation* da autora:

It was bitter, but funny, to see that Professor Smith had doubled his own salary before recommending the offer from Fayed, and added a pre-dated bonus for good measure.

[...]

It was regrettable, even funny, that Professor Smith had been able to double his salary twice before offering his recommendation to accept Fayed's offer, and that he added to this a bonus, the date of which had been previously decided on.
(BAKER, 1992, p. 77-78)

A tradução por omissão, ou outra que minimize a idiomaticidade do trecho original, pode ser acompanhada pela compensação, também mencionada pela autora, embora aponte ser impossível exemplificar tal estratégia adequadamente porque para isso seria necessário muito espaço. A compensação consistiria em inserir, em outro ponto do texto-alvo em que isso seja possível, outro fraseologismo, de modo a manter um equilíbrio idiomático, “compensando” aquele que teve de ser omitido ou traduzido por uma paráfrase em outra parte.

2.5 RÓNAI

Paulo Rónai, teórico da tradução e tradutor consagrado, trata do tema da tradução de EIs no capítulo sobre “armadilhas da tradução”, presente em seu livro *A tradução vivida*, no qual comenta, com base em sua experiência profissional, as mais variadas dificuldades encontradas pelo tradutor em seu trabalho. Nesse capítulo, Rónai (1981), ao tratar das metáforas, inclui as EIs no que chama de “metáforas convencionais”, expressões figuradas que “conseguem adoção geral a ponto de serem empregadas sem que a pessoa falante se lembre do sentido primitivo das palavras que as compõem. ‘É uma mão na roda’ — dizemos pensando num auxílio que vem no momento oportuno, sem vermos a imagem da carroça encalhada” (p. 55).

Em relação à tradução dessas “metáforas convencionais”, o autor parece julgar inapropriado traduzi-las literalmente, considerando “raro existirem expressões metafóricas de sentido igual em duas línguas”, coincidência que segundo ele ocorreria “em geral por influência de uma

língua sobre a outra” (p. 56). Esse posicionamento pode ser constatado nos dois trechos a seguir:

Ai do tradutor que não identifica a metáfora convencional e a verte **dissecada em seus elementos**. “Não ter papas na língua”, “vir com quatro pedras na mão” assim como *avoir du poil dans le nez* ou *faire des gorges chaudes* se aplicam a situações dissociadas por inteiro, respectivamente, de “papa”, de “pedra”, de “nariz” e de “calor”. (RÓNAI, 1981, p. 56, negritos nossos)

Em todo caso, o problema das metáforas lembramos mais uma vez de que não estamos traduzindo palavras, mas sentenças. Noutros termos: o bom tradutor, depois de se inteirar do conteúdo de um enunciado, tenta esquecer as palavras em que ele está expresso, para depois *procurar, na sua língua, as palavras exatas em que semelhante idéia seria naturalmente vazada*. (RÓNAI, 1981, p. 58, grifos nossos)

Nesse sentido, a visão de Rónai (1981) se alinha com a da maioria dos autores estudados, que demonstram forte preferência pela tradução por fraseologismos correspondentes, como o autor explicita logo adiante:

Bem mais comum é à locução metafórica de uma língua corresponder outra igualmente figurada, embora composta de elementos de todo diferentes. Assim *s'en aller en eau de boudin* é “passar em branca nuvem”. Ao nosso “sem dizer água vai” corresponde em inglês *before you could say Jack Robinson*; a “matar dois coelhos de uma cajadada” corresponde o francês *tirer d'un sac deux moutures*. (p. 56)

Também de maneira consoante com o ponto de vista de outros autores, Rónai (1981) admite a tradução por paráfrase explicativa se (e somente se) não for encontrado um correspondente no outro idioma. No entanto, diferentemente dos demais, apresenta tal opção necessariamente aliada ao recurso da compensação: “quando na língua-alvo não

encontramos expressão metafórica de igual teor, verteremos a metáfora francesa ou inglesa pela explicação dela e, adotando o método da compensação, empregaremos uma locução figurada na primeira oportunidade para não empobrecer o texto” (p. 57). Como vimos acima, a compensação também é mencionada por Baker (1992), que a associa também à tradução por omissão, não citada no capítulo de Rónai (1981). Entretanto, Baker (1992) apresenta a compensação apenas como uma opção ao tradutor, admitindo portanto a possibilidade de utilizar a paráfrase não aliada a ela, enquanto no trecho de Rónai (1981) transcrito acima a compensação aparece quase como um complemento indispensável da paráfrase explicativa.

2.6 XATARA

Uma das maiores especialistas em EIs no Brasil, a lexicóloga e lexicógrafa Cláudia Maria Xatara aborda de passagem o tema da tradução dessas lexias complexas (e às vezes também de outras, inclusive provérbios) em seus trabalhos. Esse interesse é compreensível, já que suas pesquisas quase sempre têm por objetivo dicionários especiais de EIs voltados principalmente para tradutores, além de professores e estudantes de línguas ou de tradução.

Quanto às estratégias para o tradutor lidar com esses fraseologismos, a autora estabelece primeiramente uma macrodivisão entre tradução literal e tradução não-literal. Para ela, a tradução literal só seria possível nos casos, pouco frequentes, em que existam expressões idênticas nos dois idiomas, com “presença de equivalentes lexicais e manutenção da idiomaticidade, da mesma estrutura (classe gramatical e ordem), do mesmo valor conotativo, do mesmo efeito e do mesmo nível de linguagem” (XATARA, 1998, p. 67; XATARA e OLIVEIRA, 2008, p. 127), como em “*arriver comme un ouragan*” / “chegar como um furacão”.

Contudo, quando todos esses requisitos não forem preenchidos, a autora desaprova completamente a tradução literal, considerando-a nesses casos, com base em Tristá (1988), como um “frequente erro”: “O domínio dessas expressões é imprescindível para o tradutor, não somente porque evita o frequente erro de traduzir literalmente os fraseologismos, mas também porque permite eleger entre vários sinônimos o que estilisticamente se aproxima mais do original” (XATARA, 1998, p. 63; XATARA e OLIVEIRA, 2008, p. 127).

Também em Xatara (2002a) a tradução literal é explicitamente contraindicada, desta vez em relação a provérbios:

[...] para traduzir os provérbios *Au royaume des aveugles, les borgnes sont rois* e *À brebis tondue, Dieu mesure le vent*, por exemplo, [...] o tradutor também não deve se contentar com a tradução literal “No reino dos cegos, os caolhos são reis” para o primeiro provérbio, ou “Para ovelha tosquiada, Deus mede o vento” para o segundo [...] (XATARA, 2002a, p. 442)³²

O próprio fato de a autora não se preocupar em justificar a recusa das opções literais pode indicar que essa posição raramente é contestada³³. De fato, como veremos, tal ideia é predominante, quase uma unanimidade, sempre que se trata de tradução de EIs ou provérbios, tanto entre teóricos como entre tradutores.

Percebe-se portanto uma distinção bem marcada entre a concepção de tradução literal quando já existem idiomatismos muito semelhantes nas duas línguas, caso em que na verdade se está traduzindo por um idiomatismo correspondente, e quando não existe tal semelhança e a tradução literal resultará em algo novo, desconhecido na cultura de chegada.

Para a autora, a tradução não-literais, muito mais comum, seria possível em três casos: (i) quando houver idiomatismos semelhantes, embora não exatamente iguais, como “*promettre monts et merveilles*” / “prometer mundos e fundos”; (ii) quando houver expressões completamente diferentes, mas com manutenção da idiomaticidade, como “*avoir plusieurs cordes à son arc*” / “ter muitas cartas na manga”; e (iii) quando não houver idiomatismos correspondentes, “quando as EIs se traduzem por paráfrases”, como no caso de “*parler comme un oiseau en cage*” / “ser palpiteiro”. (XATARA, 1998, p. 68; XATARA e OLIVEIRA, 2008, p. 127).

³² [...] *pour traduire les proverbes « Au royaume des aveugles, les borgnes sont rois » et « À brebis tondue, Dieu mesure le vent », par exemple, [...] le traducteur ne doit pas non plus se contenter de la traduction littérale* No reino dos cegos, os caolhos são reis *pour le premier proverbe, ou* Para ovelha tosquiada, Deus mede o vento *pour le deuxième* [...]

³³ Afinal, no texto não são explicitadas as razões para desconsiderar a opção de inserir na cultura de língua portuguesa uma imagem original como “Para ovelha tosquiada, Deus mede o vento”, ou uma variação como “No reino dos cegos, os caolhos são reis” — ou, para produzir um resultado melhor em relação ao ritmo, como desejaria Berman (2007), “Em reino de cegos, caolhos são reis”. Ou, em relação à EI “*ménager la chèvre et le chou*”, mencionada em um trecho próximo neste mesmo texto (citado abaixo), por que não importar uma EI como “cuidar da cabra e da couve”, já com aliterações prontas?

A nosso ver, as possibilidades (i) e (ii) se relacionariam a uma mesma solução, a tradução por fraseologismo correspondente, diferindo apenas em relação à dificuldade para se encontrar tal correspondente, menor no caso (i) e maior no caso (ii)³⁴. Essa é claramente a estratégia privilegiada pela autora, de modo que a tradução por uma paráfrase explicativa, solução proposta para o caso (iii), é colocada como último recurso, aceito apenas se não tiver sido possível de forma alguma obter um fraseologismo correspondente. Portanto, segundo essa visão, “se identificarmos uma lexia complexa como EI, não devemos nos contentar, na tradução, com uma paráfrase da expressão. Devemos pois, [sic] encontrar uma expressão correspondente que podemos identificar com base em seu significado conotativo” (XATARA, RIVA e RIOS, 2002, p. 188).

Assim, **cairá a qualidade da tradução** se uma EI do francês, como *glisser une peau de banane à quelqu'un*, receber em português uma ‘explicação’, no caso “enganar, lograr, burlar ou ludibriar”, ao invés de simples e precisamente sua equivalência idiomática, “puxar o tapete” ou “dar uma rasteira” [...] (XATARA, 1998, p. 63, **negritos nossos**)

Nesses casos, a autora parece nem considerar a paráfrase como tradução da EI: “Assim, ‘levar vantagem’ ou ‘enganar’ **não deve ser considerada a ‘tradução’** da EI *couper l’herbe sous les pieds*, mas sim ‘dar uma rasteira’, ‘passar a perna’, ‘passar pra trás’ ou ‘puxar o tapete’” (XATARA e OLIVEIRA, 2008, p. 127, **negritos nossos**).

Pode-se concluir, portanto, que as estratégias nessa visão podem ser divididas em três possibilidades: tradução literal, tradução por correspondente idiomático e tradução por paráfrase explicativa. Dessas, a segunda opção é claramente a mais prestigiada, uma vez que a tradução literal só é aceita quando também resulta em um correspondente idiomático, e a explicação é vista como um último recurso, somente no caso de não ser realmente possível encontrar um correspondente. Todos esses posicionamentos ficam bastante claros neste trecho de Xatara (2002a), no qual se incluem tanto a tradução de EIs como a de provérbios:

³⁴ Na verdade, de certa forma podemos considerar até mesmo a tradução chamada de literal pela autora como uma variante dessa estratégia, constituindo o caso no qual seria mais fácil encontrar o idiomatismo correspondente, por ser ele praticamente igual ao da língua de partida.

O tradutor que deve *ménager la chèvre et le chou*, não deve apenas “administrar interesses contraditórios”, mas deverá, idiomáticamente, “acender uma vela a Deus e outra ao Diabo”, ou então “agradar a gregos e troianos”, ou ainda “jogar com pau de dois bicos”. Da mesma forma, para traduzir os provérbios *Au royaume des aveugles, les borgnes sont rois* e *À brebis tondue, Dieu mesure le vent*, por exemplo, ele não pode se satisfazer, respectivamente, com a explicação “um sujeito medíocre parece notável se comparado com outros sem nenhum valor” ou “Deus dá provações proporcionais à fraqueza humana”; o tradutor também não deve se contentar com a tradução literal “No reino dos cegos, os caolhos são reis” para o primeiro provérbio, ou “Para ovelha tosquiada, Deus mede o vento” para o segundo, mas tem de encontrar os provérbios equivalentes — fixos e consagrados: “Em terra de cegos, quem tem um olho é rei” e “Deus dá o frio conforme o cobertor”. (p. 442)³⁵

Muitas dessas ideias transparecem também, em maior ou menor grau, em trabalhos orientados por Xatara, como Falcão (2002), Rios (2003), Riva (2004, 2009), Succi (2006) e Camacho (2008) — algumas passagens que ilustram isso serão citadas mais adiante. Também tiveram influência em muitos estudos que utilizaram seus trabalhos como referência bibliográfica, como Gonçalves e Sabino (2001), Arancibia (2007), Matias (2008), Reis (2008).

³⁵ “*Le traducteur qui doit « ménager la chèvre et le chou », ne devra pas seulement administrer des intérêts contradictoires, mais il devra, idiomatiquement, allumer une bougie à Dieu et à Satan, ou alors agréer les Grecs et les Troyens, ou encore jouer avec deux bâtons. De la même façon, pour traduire les proverbes « Au royaume des aveugles, les borgnes sont rois » et « À brebis tondue, Dieu mesure le vent », par exemple, il ne peut pas se contenter, respectivement, de l’explication « un médiocre quelconque paraît notable s’il est comparé à des gens sans aucune valeur » ou « Dieu donne les épreuves proportionnelles à la faiblesse humaine » ; le traducteur ne doit pas non plus se contenter de la traduction littérale No reino dos cegos, os caolhos são reis pour le premier proverbe, ou Para ovelha tosquiada, Deus mede o vento pour le deuxième, mais il a à trouver les proverbes équivalents — figés et consacrés: Em terra de cegos, quem tem um olho é rei et Deus dá o frio conforme o cobertor”.*

2.7 OUTROS LEXICÓGRAFOS E A QUESTÃO DOS DICIONÁRIOS BILÍNGUES

Gonçalves e Sabino (2001) estudam as dificuldades existentes para aprendizes, professores, tradutores, intérpretes, etc. conseguirem dominar as EIs de um idioma — mais especificamente, neste estudo, aquelas da língua italiana. Analisando diferentes dicionários bilíngues italiano-português, as autoras apontam diversos problemas, como ausência de determinadas expressões, correspondentes incompletos, correspondentes em português de Portugal. Nota-se, portanto, que as expectativas das autoras relacionam-se sempre com a presença de correspondentes nesses dicionários, de modo que, por exemplo, não parecem esperar, como não esperam quase todos aqueles que encontramos tratando de dicionários de fraseologismos, que essas obras disponibilizassem uma tradução literal na qual se compreendesse a imagem utilizada na expressão original, assim como desaprovam quando apenas uma paráfrase explicativa é fornecida. Vejamos parte de uma das tabelas comparativas criadas pelas autoras:

Expressão Idiomática	Explicação do contexto	Sugestão de tradução
<i>Dare un colpo al cerchio e uno alla botte.</i>	<i>Dar razão a ambos os contendores.</i>	<i>Agradar a gregos e a troianos; acender uma vela para Deus e outra para o Diabo</i>
<i>Essere il diavolo e l'acqua santa.</i>	<i>Diz-se de duas pessoas que se odeiam.</i>	<i>Ser como o diabo e a cruz; ser como cão e gato.</i>
<i>Mettere il bastone fra le ruote.</i>	<i>Criar dificuldade. Criar obstáculos.</i>	<i>Jogar areia em.s. [sic]</i>

(GONÇALVES e SABINO, 2001, p. 64, adaptada)

As sugestões de tradução fornecidas na última coluna são das autoras, que apontam o fato de em alguns dos dicionários analisados só aparecerem as explicações da coluna anterior. Em nenhum momento do trabalho se considera, por exemplo, que uma tradução literal pudesse interessar a aprendizes, professores ou tradutores. Como para as autoras citadas anteriormente, na falta de correspondentes, a única opção para Gonçalves e Sabino (2001) é a paráfrase explicativa: “algumas expressões, por não possuírem uma correspondência adequada na língua-alvo, só podem ser traduzidas por meio de uma definição ou de uma explicação” (GONÇALVES e SABINO, 2001, p. 73, grifo nosso).

Esse ideal do dicionário bilíngue como fornecedor de correspondentes idiomáticos para o tradutor se faz presente no discurso da maioria dos lexicólogos e lexicógrafos que consultamos, e revela quase sempre um determinado pensamento em relação à tradução de EIs e provérbios, qual seja, a valorização do emprego de um fraseologismo correspondente igualmente idiomático. Esse pensamento está sintetizado com clareza nos seguintes fragmentos: “[...] nos dicionários bilíngües de EIs, o lexicógrafo deve tentar propor equivalentes tão idiomáticos quanto os da língua de partida” (CAMACHO, 2008, p. 33)

[...] muitos dicionários bilíngües trazem somente as definições, as quais servem apenas para elucidar o que elas querem dizer, mas não ajudam em nada o tradutor, que deve colocar no seu texto expressões de igual valor idiomático, para que o texto não perca sua característica estilística. (CAMACHO, 2008, p. 43-44)

Também Rios (2003), apesar de reconhecer que as EIs integram a herança linguístico-cultural de um povo e que “as divergências culturais se acentuam em razão da história de cada língua e de cada povo”, defende que mesmo assim pode haver correspondências entre unidades idiomáticas de diferentes idiomas, pois estes “têm imagens diferentes para expressarem conceitos, senão idênticos, ao menos suficientemente próximos para serem adequados à tradução”, de modo que o “lexicógrafo deve elaborar materiais de consulta que auxiliem o tradutor por meio da indicação dessas imagens que, em línguas diferentes, remetem a conceitos semelhantes” (p. 52-53).

Em Falcão (2002), podemos observar até mesmo uma reprodução da ideia, que vimos transparecer em Xatara e Oliveira (2008), de que a paráfrase não poderia ser considerada uma tradução.

Com relação à tradução, os dicionários gerais bilíngües apresentam, quando possível, traduções idiomáticas, mas encontramos também muitas explicações e paráfrases no lugar de traduções que são também possíveis. [...]

No caso específico dos DLEB [dicionários de língua especiais bilíngües], encontramos vários tipos de traduções, ou melhor, apenas em alguns pudemos observar traduções, na maioria das vezes também idiomáticas; nos demais, encontramos

muitas explicações e paráfrases na língua de chegada da EI na língua de partida.” (FALCÃO, 2002, p. 39)

Contudo, mais uma vez essa concepção acaba relativizada na mesma obra, uma vez que, mais adiante, comentando os resultados de sua pesquisa com dicionários bilíngues, a mesma autora relata ter encontrado “para a grande maioria das EIs em inglês (exatamente 386 expressões), traduções também idiomáticas em português; apenas 6 com traduções conotativas, mas não idiomáticas e 34 com *traduções parafrásticas ou explicativas*”³⁶ (FALCÃO, 2002, p. 73, grifos nossos). Ou seja, no mesmo trabalho a autora num momento opõe tradução e paráfrase como distintas e noutra fala em “tradução parafrástica”.

Alguns dicionários bilíngues especiais de EIs e provérbios que consultamos (com diferentes abrangências para esses conceitos em cada um) confirmam essa visão de que, diante de uma dessas lexias complexas, a primeira providência é procurar um correspondente e, na inexistência deste, explicar o sentido por meio de uma paráfrase. Schambil e Schambil (2002), por exemplo, avisam em sua apresentação que “cada verbete contém uma tradução ou explicação em português, seguida de sentenças-modelo que exemplificam o uso da expressão no inglês contemporâneo, e sugestões para o seu uso” (p. 8). Ou seja, os autores parecem ver como tradução apenas o correspondente, na ausência do qual é apresentada uma explicação (que não seria então uma tradução?), e nunca uma tradução literal, por exemplo, como confirmamos nestes dois verbetes de páginas iniciais da obra, um com um provérbio (chamado pelos autores de ditado) e outro com uma EI:

ACTIONS

actions speak louder than words – (ditado) Falar é fácil, fazer é que são elas. ♦ *Every new government has promised to improve the situation of the elderly. I only believe it when I see it. Actions speak louder than words.*

ADAM

³⁶ As traduções por lexia simples de sentido conotativo, chamadas por Falcão (2002) de “traduções conotativas, mas não idiomáticas” constituem uma estratégia aparentemente rara na bibliografia, não tendo sido comentada por nenhum outro estudioso. Mesmo essa autora lhe dá pouca atenção, apenas mencionando sua ocorrência em seu corpus e não tecendo maiores comentários. No próximo capítulo, ao sistematizar as estratégias para tradução de EIs e provérbios, tomamos este caso como um tipo especial de tradução por paráfrase.

not know someone from Adam – nunca ter visto alguém mais gordo, não ter a menor idéia de quem é alguém. ♦ *“Who is that woman that keeps smiling at you?” “I have no idea, I don’t know her from Adam.”* ♦ *How am I supposed to meet Mr. Walton amongst all the passengers arriving from Boston when I don’t know him from Adam?* (p. 21-22)

Também em Gomes (2003), dicionário bastante interessante cuja abrangência do conceito de EI inclui desde provérbios e ditados até verbos frasais e neologismos, observamos uma organização semelhante ao localizar EIs que se enquadram no conceito com o qual trabalhamos aqui. Para *“not know someone from Adam”*, por exemplo, também encontramos o correspondente “nunca ter visto mais gordo”, além da explicação “desconhecer totalmente” (GOMES, 2003, p. 5).

Uma exceção nesse sentido parece ser a obra de Steinberg (2002). Nela, a autora lista 1001 provérbios ingleses e norte-americanos e, para cada um deles, fornece uma “tradução tão literal quanto possível” (p. 14), seguida, se houver, de um correspondente. Ruptura ainda maior representa o fato de, na ausência deste, a autora na maioria das vezes não explicar o sentido do provérbio, deixando ao leitor o papel de interpretar a imagem pintada nele. No prefácio, Alfredo Bosi aponta o que considera uma vantagem da presença da tradução literal:

A literalidade, no caso, é de rigor, pois através dela pode-se cotejar a frase, assim transposta, com o provérbio correspondente em nossa língua. Na comparação ressaltam os torneios peculiares a cada idioma e reponta aquele não sei quê chamado com sal e propriedade pelos velhos filólogos de “gênio da língua”. (In STEINBERG, 2002, p. 4)

Esse “gênio da língua” provavelmente seria o que Berman (2007) pretendia que transparecesse em sua proposta de tradução, comentada acima. Obviamente, não parece razoável esperar que algum dicionário apresente a tradução da “letra” defendida por esse autor, recriando características formais do provérbio ou da expressão original, mas uma tradução literal como a fornecida por Steinberg (2002) poderia servir de base para que o tradutor a construísse. Como dissemos, todavia, essa obra e o trecho citado do prefácio de Bosi representam uma exceção,

pelo que pudemos observar em outros textos, inclusive no prefácio de outra obra de Steinberg, comentado mais abaixo (2.9).

2.8 MALLAFRÈ E MONLLOR

Mallafrà (1991) comenta diversos elementos que frequentemente trariam dificuldades no momento da tradução, partindo principalmente de sua experiência de tradução do *Ulisses* de James Joyce. Assim, após apresentar um longo panorama da tradução em geral e seus diversos tipos, para enfim chegar à tradução literária, que lhe interessa mais diretamente, o autor discute onomatopeias, repetições, rimas, aliteraões, duplos sentidos, jogos de palavras, topônimos, idiomatismos, “fórmulas proverbiais”, etc. Interessam-nos aqui os dois últimos pontos, já que suas considerações sobre a tradução desses elementos (especialmente em relação às fórmulas proverbiais, pois o autor não se detém na tradução de idiomatismos), assim como as de Monllor (1999), trazem uma contribuição muito interessante para pensarmos a distinção entre as diferentes visões envolvendo a tradução literal, conforme visto acima nos trabalhos de Xatara e Berman. Apesar de Monllor (1999) não utilizar o termo “provérbio”, parece-nos válido, considerando a coincidência entre as características dos *refranys* catalães (ou *refranes* espanhóis — “refrães” ou “refrãos” no português) e dos provérbios como entendidos aqui, aproveitar as observações dessa autora.

A produção de provérbios, refrães e frases feitas, entre outros, é uma atividade que se revela a priori comum a todos os povos como uma marca de cultura fundamentalmente oral, com uma linguagem figurada de grande riqueza que torna possível a união de dois elementos: a observação do mundo e o juízo que sobre este se faz, e com traços característicos que facilitam a sua memorização e expansão. (MONLLOR, 1999, p. 21)³⁷

³⁷ “La producció de proverbis, refranys i frases fetes, entre altres, és una activitat que se’ns revela a priori comuna a tots els pobles com a marca de cultura fonamentalment oral, amb un llenguatge figurat de gran riquesa que fa possible la unió de dos elements: l’observació del món i el judici que sobre aquest hom fa, i amb uns trets característics que faciliten la seua memorizació i expansió.”

Mallafre (1991) parece basear sua orientação tradutória principalmente no objetivo de produzir “efeitos equivalentes” (“*efectes equivalents*”), sintetizado no que ele chama de regra de três (“*regla de tres*”): “a obra original é para o leitor típico da obra original como a tradução é para o leitor típico da obra traduzida” (p. 62)³⁸. O autor considera como “leitor típico” aquele que faz parte “do público habitual mediano, da clientela, de um autor ou de um gênero determinados” (p. 62)³⁹, assumindo haver entre os elementos desse público e entre os públicos correspondentes nas duas culturas uma semelhança de receptividade, de formação, etc.

Quanto à tradução de provérbios e outros compostos paremiológicos, Mallafre (1991) aponta que pode ser difícil encontrar um equivalente em outro idioma e, quando há um, “se não for literalmente exato, é possível que necessite de algumas modificações” (p. 205)⁴⁰. Por isso, sugere um “sistema de tradução” (“*sistema de traducció*”) com quatro estratégias, aplicável, segundo ele, também a outros campos além do de expressões proverbiais (p. 206): literalidade preexistente (*literalitat preexistent*), equivalência preexistente (*equivalència preexistent*), adaptação literal (*adaptació literal*) e adaptação equivalente (*adaptació equivalent*) (p. 206-211). Comentamos cada uma delas mais abaixo.

O artigo de Monllor (1999) baseia-se em um pequeno corpus de refrões em catalão, espanhol e francês com a temática homem/mulher, divididos em quatro grupos: i) refrões com correspondência total de forma e conteúdo em catalão, espanhol e francês; ii) refrões com correspondência aproximada em catalão, espanhol e francês (mesmo conteúdo com forma diferente); iii) refrões com correspondência de forma e conteúdo em catalão e espanhol, mas não em francês; e iv) refrões com correspondência de forma e conteúdo em espanhol e francês, mas não em catalão. A partir desse corpus, a autora discute as três primeiras possibilidades de tradução do esquema proposto por Mallafre (1991). Como seus exemplos são bastante úteis, sendo inclusive mais numerosos que os do próprio Mallafre (1991), aliaremos aqui os trabalhos dos dois autores para tratar das estratégias sugeridas.

O uso da literalidade preexistente seria possível nos casos em que houvesse uma correspondência exata ou com “variações mínimas de

³⁸ “*l’obra original és al lector tipus de l’obra original com la traducció és al lector tipus de l’obra traduïda*”

³⁹ “*del públic habitual mitjà, de la clientela, d’un autor o d’un gènere determinats*”

⁴⁰ “*si no és literalmente exacte, és possible que necessiti algunes modificacions*”

léxico e construção”⁴¹, ou seja, quando a mesma ideia fosse expressa com palavras e forma semelhantes (MALLAFRÈ, 1991, p. 206; MONLLOR, 1999, p. 26). Seriam os casos nos quais, segundo Monllor (1999), a literalidade é tão grande que até mesmo a tradução palavra-por-palavra poderia funcionar, apesar de que, havendo pequenas diferenças, “sempre será mais recomendável e menos arriscado utilizar o equivalente” (MONLLOR, 1999, p. 26)⁴², comentário que constitui mais uma demonstração da preferência generalizada pela tradução por um correspondente idiomático.

Alguns exemplos dos dois autores seriam:

*Del que els ulls no veuen, el cor no se'n dol /
What the eye does not see the heart does not
grieve / Ojos que no ven, corazón que no siente
[...]
Feta la llei, feta la trampa / Every law has a
loophole (MALLAFRÈ, 1991, p. 206)*

- *A la dona i a la cabra, corda llarga*
- *A la mujer y a la cabra, sog a larga*
- *À la femme comme a la chèvre, longue corde*
[...]
- *Tira més un pèl de dona que cent mules*
- *Más tira moza que sog a*
- *Un cheveu de femme tire plus que trente paires
de boeufs*
[...]
- *Home previngut val per dos*
- *Hombre prevenido vale por dos*
- *Un homme averti en vaut deux (MONLLOR,
1999, p. 21-22)*

Apesar de os autores serem mais “tolerantes” em relação à noção de correspondência total, como se pode observar acima no segundo exemplo de cada um deles, de modo geral essa primeira estratégia pode ser comparada com a possibilidade de tradução literal para Xatara (1998) e Xatara e Oliveira (2008), discutida em 2.6 acima.

A equivalência preexistente abrangeria os casos nos quais a mesma ideia é expressa com palavras e forma diferentes — e frequentemente com diferentes níveis de linguagem, como alerta

⁴¹ “*variacions mínimes de lèxic i construcció*”.

⁴² “*sempre serà més recomanable i menys arriscat fer servir l'equivalent*”

Mallafre (1991, p. 207). Monllor (1999) especifica que “já não estamos diante de refrões que poderíamos traduzir quase de maneira literal. Apesar disso, será interessante ver como, com palavras, formas e imagens diferentes, expressam uma mesma ideia ou fazem referência a um tema comum [...]” (MONLLOR, 1999, p. 27)⁴³.

Essa estratégia pode ser identificada com a tradução por correspondentes proposta por vários autores. O nome “equivalência preexistente” não nos parece adequado, pois na verdade quem estabelece a correspondência é o tradutor, com base no contexto e em cada situação tradutória — a correspondência não preexiste independente desses determinantes.

Mallafre (1991) lembra, no entanto, que “às vezes a equivalência é válida, porém, no contexto, pode se referir a uma situação na qual não é possível mudar as palavras da LO” (p. 208)⁴⁴. Nesses casos, o autor sugere ser possível uma solução aliando o correspondente e a tradução literal, o que a nosso ver poderia constituir uma quinta estratégia no esquema proposto por ele, mas que o autor prefere ver como uma variação da equivalência preexistente. Um dos poucos exemplos dados para ilustrar essa possibilidade seria o seguinte: para traduzir “*A burnt child dreads the fire*”, cujo correspondente mais comum no catalão seria “*Gat escaldat amb aigua tèbia en té prou*”, poder-se-ia utilizar “*Nen escaldat amb aigua tèbia en té prou*” (p. 209), para não perder a referência à criança (*child/nen*) do provérbio original, caso esta seja importante no contexto. Nessa solução, “a estrutura dá a consistência suficiente de refrão a uma tradução literal” (p. 208-209)⁴⁵. Pensando no português, significaria uma tradução como “Bebê escaldado tem medo de água fria” ou “Criança escaldada tem medo de água fria”. Mallafre (1991) acrescenta ainda que, da mesma forma, uma tradução do catalão (ou do português, podemos concluir) para o inglês poderia ser, se conviesse, “*A burnt cat dreads the fire*” (p. 209).

A “consistência de refrão” mencionada acima também parece ser fundamental na terceira alternativa apresentada por Mallafre (1991) e retomada por Monllor (1999). Nela, não sendo encontrado um correspondente nem literal nem com outras palavras, o tradutor poderia realizar uma adaptação literal. Esta é a estratégia à qual Monllor (1999)

⁴³ “*Ja no som davant de refranys que podríem traduir quasi de manera literal. Malgrat això serà interessant de veure com, amb paraules, formes i imatges diferents, expressen una mateixa idea o fan referència a un tema comú [...]*”

⁴⁴ “*De vegades l'equivalència és vàlida, però, en context, pot referir-se a una situació en què no és possible canviar les paraules de la LO.*”

⁴⁵ “*L'estructura dona la consistència suficient de refrany a una traducció literal.*”

dedica maior espaço, talvez por ser um conceito menos comum. Vale notar que nenhum dos dois autores menciona a opção da tradução por paráfrase, sugerida por vários outros no caso de não haver um correspondente idiomático. Como têm por objetivo uma tradução com o mesmo conteúdo e que cause o mesmo efeito no receptor, consideram que, se este não reconhecer na estrutura o provérbio ou refrão, a tradução não terá funcionado (MONLLOR, 1999, p. 28).

A adaptação literal significaria manter uma correspondência de sentido e ao mesmo tempo de “tom ou estilo, por meio do ritmo, da inversão, do jogo de palavras ou outros recursos próprios do provérbio” (MALLAFRÈ, 1991, p. 210)⁴⁶. Ou seja, traduzir seu conteúdo dando-lhe uma forma externa que na língua de chegada pareça um provérbio (MONLLOR, 1999, p. 27). Para alcançar tal resultado, seria

Indispensável a competência lingüística do tradutor, tanto em relação à língua original como em relação à língua meta; mas também é indispensável a competência ideológica que lhe permita ver e compreender a mensagem que o refrão transmite, o contexto social e cultural em que este tem origem e do qual se serve. (MONLLOR, 1999, p. 27-28)⁴⁷

Não é difícil chegar à conclusão de que tal estratégia se assemelha fortemente à tradução da letra proposta por Berman (2007)⁴⁸ e, como esta, desvia-se bastante do ponto de vista da maioria dos demais autores. Um dos exemplos de Mallafrè (1991) seria traduzir “*A hungry man is an angry man*” por “*Home afamat, home enfadat*” (p. 210), que não é um provérbio em catalão, mas passa a impressão de ser.

Monllor (1999) também oferece vários exemplos dessa estratégia com propostas de tradução para refrões de seu corpus sem correspondentes em alguma das línguas. Nessas propostas, busca sempre, conforme aponta em seus comentários, reproduzir o conteúdo

⁴⁶ “*to o estil mitjaçant el ritme, la inversió, el joc de paraules o altres recursos propis del proverbí*”.

⁴⁷ “*Indefugible la competència lingüística del traductor, tant respecte a la llengua original com a la llengua meta; però també és indefugible la competència ideològica que el permeta de veure i de comprendre el missatge que el refrany transmet, el context social i cultural en què aquest té l’origen i es fa servir.*”

⁴⁸ Embora Berman (2007) fale em “tradução” e os outros dois autores falem em “adaptação”, todos eles propõem soluções semelhantes, visando a traduzir o conteúdo do provérbio/refrão numa estrutura com traços formais de provérbios/refrões da língua de chegada, mesmo não sendo um fraseologismo consagrado nesta.

do original e, ao mesmo tempo, recriar um efeito de refrão na língua de chegada, trabalhando especialmente com ritmo e rima, entre outros recursos formais. Eis alguns de seus exemplos:

“*Muller arreglada, el llit fet i pentidada → La femme lavée et coiffée, et le lit fait*” (p. 28)

“*La dona a casa i l’home a la plaça → La femme sous le toit et l’homme sur le trottoir*” (p. 28)

“*Dona i sardina, com més petita més fina → La femme comme la sardine, plus elle est petite plus elle est fine*” (p. 29)

“*Ne dire à ta femme ce que tu celer veux → A la teua dona no digues allò que guardar vols*” (p. 29)

Monllor (1999) não vê como efetiva, nesses casos, uma tradução literal que não se valha de recursos para reproduzir o estilo dos refrões. Assim, para o segundo exemplo acima, descarta a opção “*la femme à la maison et l’homme à la place*” como “muito distante de nosso objetivo”⁴⁹ porque “o resultado não causaria o efeito de refrão” (p. 28)⁵⁰. Da mesma forma, em relação ao último, afirma:

Uma tradução literal não causaria o efeito de refrão, razão pela qual se usa uma estrutura menos habitual, um pouco artificial, talvez, mas que aparentemente conserva o tom de advertência e conselho da forma francesa. A tradução literal seria “*no dir a la teua dona allò que guardar vols*”. (p. 29)⁵¹

A quarta estratégia assinalada por Mallafrè (1991) seria, segundo ele próprio, bem pouco frequente. Chamada pelo autor de “*adaptação equivalente*”, denominação um tanto confusa e pouco esclarecedora, seria utilizada quando “a ilusão de expressão preexistente pode

⁴⁹ “*molt llunyana del nostre objectiu*”

⁵⁰ “*el resultat no faria l’efecte de refrany*”

⁵¹ “*Una traducció literal no faria l’efecte de refrany, raó per la qual es fa servir una estructura menys habitual, una mica artificial, potser, però que aparentment conserva el to d’advertència i consell de la forma francesa. La traducció literal seria «no dir a la teua dona allò que guardar vols».*”

aconselhar uma tradução não literal, ou não totalmente literal, com significados e ritmo mais adequados” (p. 211)⁵². Os exemplos do autor seriam traduzir *“Birds of a feather go together”* por *“Els qui van a l’una fan causa comuna”* e traduzir *“Cap in hand goes through the land”* por *“A barretades fas caminades”*. Mallafrè (1991) não oferece mais nenhum exemplo ou explicação, de modo que esta sua última estratégia não fica muito clara. Além disso, Monllor (1999) não a retoma em seu artigo, provavelmente por não ver necessidade de aplicá-la em seu corpus de refrões. Portanto, como também não é mencionada por nenhum outro autor que tenhamos estudado, isso é tudo que temos sobre tal estratégia. Com base nesse parco conteúdo, parece-nos que a ideia de Mallafrè (1991) seria a possibilidade de traduzir criando um novo provérbio, inexistente no idioma de chegada, que tivesse um sentido semelhante ao do original mas utilizasse imagens e palavras diferentes, caso esse procedimento tivesse um resultado com um melhor efeito de provérbio que uma tradução utilizando as mesmas imagens e palavras.

Além da retomada das estratégias de Mallafrè (1991), também são interessantes, no artigo de Monllor (1999), as considerações da autora sobre as diferentes visões de mundo inerentes a cada cultura e suas influências nas manifestações linguísticas, o que a leva a levantar outra questão em relação à tradução de refrões:

Quanto à tradução do refrão, teríamos de nos perguntar, em primeiro lugar, se este é um recurso válido em outras línguas e, em segundo lugar, se os referentes simbólicos são intercambiáveis de uma língua a outra, o que significaria, talvez, que estamos diante de um fenômeno de universalidade temática, o que implicaria podermos interpretar o conteúdo do refrão da mesma maneira e que não importaria tanto a existência de refrões idênticos quanto a repetição de temas, campos semânticos e símbolos. (MONLLOR, 1999, p. 30)⁵³

⁵² *“la illusió d’expressió preexistent pot aconsellar una traducció no literal, o no del tot, amb significats i ritme més adients”*

⁵³ *“Quant a la traducció del refrany, hauríem de preguntar-nos, en primer lloc, si aquest és un recurs vàlid en altres llengües i, en segon lloc, si els referents simbòlics són intercanviables d’una llengua a una altra, la qual cosa significaria, potser, que som al davant d’un fenomen d’universalitat temàtica, la qual cosa implicaria que podríem interpretar el contingut del refrany de la mateixa manera i que no importaria tant l’existència de refranys idèntics com la repetició de temes, de camps semàntics i de símbols.”*

Ou seja, o refrão ou o provérbio ser um recurso válido nas duas línguas envolvidas na tradução — e no mesmo registro, caberia acrescentar — e os elementos simbólicos utilizados serem interpretados da mesma forma talvez seriam pontos mais importantes que a existência ou não de correspondentes consagrados, pois a recriação do fraseologismo estrangeiro levaria à mesma interpretação pela repetição de símbolos e campos semânticos compartilhados. A autora observa a recorrência de diversos temas específicos e referentes simbólicos em seu corpus, porém continua em aberto se o mesmo ocorreria em se tratando de outras combinações de línguas e se a temática geral não fosse delimitada, como neste caso, em que todos os refrões escolhidos se referem de alguma forma ao tema homem/mulher.

2.9 OUTROS AUTORES E A PREFERÊNCIA PELA BUSCA DE CORRESPONDENTES

De modo geral, como já apontamos, os comentários dos vários autores estudados sobre a tradução de provérbios e/ou EIs indicam claramente ser privilegiada a utilização, no texto traduzido, de uma EI ou provérbio da cultura de chegada correspondente ao original quanto ao sentido. No caso de não existir um elemento correspondente composto por imagens semelhantes, prefere-se o uso de uma solução igualmente idiomática com outras imagens e, na inexistência também desta, alguns aceitam (a contragosto) uma paráfrase explicativa. Encontramos algo semelhante à proposta de recriação da letra de Berman (2007), inspirada em Larbaud e Meschonnic, na adaptação literal mencionada por Mallafrè (1991) e Monllor (1999), mas em geral esta não é considerada como uma solução boa ou sequer possível, uma vez que não foi citada por mais nenhum dos autores estudados⁵⁴. Outras, como a tradução por omissão ou a compensação, também recebem ainda menos atenção.

O ponto de vista dominante pode ser sintetizado na concepção de Heinz (1999) mencionada por Arancibia (2007): “Heinz (1999, p. 155) considera que a tradução das expressões idiomáticas deva ter como característica imprescindível a equivalência semântica, como condição

⁵⁴ Uma possível causa poderia ser o fato de a proposta de Berman ainda ser recente: a obra na qual é enunciada foi lançada na França em meados dos anos 1980 e traduzida no Brasil apenas em 2007. Talvez a publicação em português leve a uma maior divulgação de suas ideias no Brasil e poroque mais reflexão a respeito de suas proposições.

importante a equivalência de registro, e de maneira quase irrelevante a correspondência dos componentes” (ARANCIBIA, 2007, p. 20)⁵⁵.

Outro indício do quanto essa visão é arraigada é o fato de alguns teóricos, ao tratar de outro tema ligado à tradução e utilizar provérbios ou EIs em seus exemplos, apontarem a tradução por correspondente como a correta ou a melhor. Catford (1965), ao comentar a relação dos conhecidos termos “tradução livre”, “tradução literal” e “tradução palavra-por-palavra” com sua distinção entre tradução limitada (*bounded*) e não-limitada (*unbounded*)⁵⁶, dá como exemplo a frase “*It’s raining cats and dogs*”, para a qual fornece três possibilidades de tradução em francês: uma palavra-por-palavra (“*Il est pleuvant chats et chiens*”), uma literal (“*Il pleut des chats et des chiens*”) e uma livre (“*Il pleut à verse*”) (p. 26-27). Ao comentar as três opções, o autor afirma que “Apenas a 3, a tradução livre, é intercambiável com o texto-fonte em situações [idênticas]” (p. 27)⁵⁷. O mesmo é apontado em relação ao exemplo seguinte, em russo: *Bog s n’im’i!* (palavra-por-palavra: “*God with them!*”; literal: “*God is with them!*”; livre: “*Never mind about them*”) (p. 27).

Tratando da teoria de Catford, Barbosa (1990) cita o primeiro exemplo deste e é mais categórica: “Aqui, somente a terceira versão é comutável com o TLO [texto na língua original] e, portanto, ao meu ver, é a *única* que constitui uma tradução *aceitável*” (p. 39, grifos nossos).

A valorização da tradução por correspondentes também é encontrada em autores que, além de teóricos, são bastante conhecidos como tradutores, como por exemplo Paulo Rónai, já comentado acima, e José Paulo Paes, que, prefaciando o dicionário de Camargo e Steinberg (1989), ao se referir a outros trabalhos dos mesmos autores — dentre os quais a primeira edição dos *1001 provérbios em contraste* de Steinberg (2002) mencionados acima—, afirma:

Esses três livros vieram enriquecer o instrumental de trabalho dos tradutores brasileiros, facultando-lhes adentrar com passo mais firme o sertão da página-fonte para chegar mais depressa, mas sem cortar caminho, ao oásis da página-alvo. Cortar

⁵⁵ “Heinz (1999, p. 155) considera que la traducción de las expresiones idiomáticas debe tener como característica imprescindible equivalencia semántica, como condición importante la equivalencia de registro, y de manera casi irrelevante la correspondencia de los componentes.”

⁵⁶ Adotamos a mesma tradução para os termos utilizada por Barbosa (1990) e Rodrigues (2000).

⁵⁷ “Only 3, the free translation, is interchangeable with the SL text in situations.”

caminho, em tradução, significa quase sempre privar o leitor de alguns dos maiores encantos da travessia do texto. Isso acontece sobretudo quando, por não encontrar na língua-alvo equivalente adequado para alguma expressão figurada do texto-fonte, o tradutor se contenta em verter-lhe apenas o significado, sem fazer justiça ao torneio verbal. Em tal pecado incorreria, por exemplo, quem diante de um idiomatismo tão saboroso quanto o nosso “descascar o abacaxi”, se contentasse em prosaicamente traduzi-lo por “to solve a rough problem”, deslembado ou ignorante de que existe em inglês idiomatismo equivalente, não menos saboroso, qual seja “to handle a hot potato”. (*In* CAMARGO e STEINBERG, 1989, p. V-VI)

Ou seja, para Paes, o principal serviço prestado por essas obras ao tradutor seria proporcionar correspondentes, e, apesar de considerar “descascar o abacaxi” um idiomatismo “saboroso”, o autor não concebe a possibilidade de introduzi-lo nas culturas de língua inglesa.

Também em Camargo e Steinberg (1990), complemento inglês-português do mesmo dicionário, encontramos o prefácio de outro tradutor, Izidoro Blikstein, condenando a tradução literal de EIs em favor do uso de correspondentes idiomáticos:

[...] nos encontraríamos em situação **desconcertante** e até **ridícula**, se traduzíssemos, por exemplo, frases como
I don't know him from Adam
 por
 Eu não o conheço desde Adão (!?),
 ou
We must clear the air before resuming negotiations
 por
 Precisamos limpar o ar (!?) antes de retomarmos as negociações,
 ou ainda
That dress of yours looks like something out of the ark
 por
 Esse seu vestido parece algo fora da arca (!?).

O nosso interlocutor certamente não entenderia o sentido da tradução e poderia até pensar que desconhecemos tanto o inglês quanto o português. (In CAMARGO e STEINBERG, 1990, p. I, **negritos nossos**)

Ou seja, enquanto Berman (2007) defende que o leitor possui uma “consciência-de-provérbio”, Blikstein acredita que com certeza uma EI traduzida literalmente não seria compreendida, deixando o tradutor em uma situação “desconcertante” ou mesmo “ridícula”, parecendo desconhecer os idiomas envolvidos. Pouco adiante, ele ressalta que, consultando o dicionário de Camargo e Steinberg (1990), será possível

traduzir, com **segurança** e **correção**, as expressões das três frases acima por suas equivalentes em português:

Nunca o vi mais gordo (... *from Adam*)

Precisamos esclarecer um malentendido [*sic*]...
(... *clear the air*)

Esse seu vestido parece do tempo da onça (... *out of the ark*).

(In CAMARGO e STEINBERG, 1990, p. I, **negritos nossos**)

Após discutirmos esses diversos pontos de vista relacionados à tradução de EIs e provérbios, no próximo capítulo apresentamos uma tentativa de sistematização das estratégias propostas pelos autores estudados. Assim, reunindo-as e resolvendo sobreposições e diferenças de nomenclatura, esperamos oferecer uma lista mais clara e abrangente das alternativas levantadas nesta revisão bibliográfica.

CAPÍTULO 3: SISTEMATIZAÇÃO DAS ESTRATÉGIAS PARA TRADUÇÃO DE PROVÉRBIOS E EIS

No capítulo anterior, discutimos os pontos de vista de diferentes autores a respeito da tradução de EIs e provérbios. Vimos que, apesar de concordarem que essas e outras lexias complexas causam dificuldades ao tradutor, normalmente cada um se limita a poucas opções, quando não a uma só, para lidar com elas, descartando a possibilidade de que, dependendo da situação tradutória, possa ser interessante ou necessário lançar mão de diferentes estratégias. Neste capítulo, buscamos sistematizar as soluções mencionadas no anterior, de modo a permitir-nos uma visão mais geral do assunto e das escolhas disponíveis para o tradutor. Essa sistematização consistiu em escolher as características distintivas de cada estratégia mencionada na bibliografia e eleger a nomenclatura que nos pareceu mais precisa dentre as empregadas pelos autores, ou ainda propor uma denominação diferente quando esta nos parecesse mais adequada que a(s) existente(s).

Com isso, chegamos ao estabelecimento das dez estratégias abaixo, ordenadas num percurso da mais próxima em relação à forma do original, que seria a tradução por um correspondente literal, até a mais distante, que seriam a tradução por omissão e a compensação, o que não impede que em alguns pontos a decisão por uma em vez de outra seja discutível, envolvendo algum grau de incerteza e subjetividade. Vale ressaltar também que essa ordem não representa nenhum julgamento de superioridade de uma estratégia em relação a outra simplesmente por anteceder-las.

- tradução por correspondente literal;
- tradução literal;
- tradução por figura de linguagem não-consagrada;
- tradução da letra;
- tradução por correspondente não-literal;
- tradução por correspondente adaptado;
- tradução por criação de correspondente;
- tradução por paráfrase;
- tradução por omissão;
- compensação.

Mesmo baseando-se em soluções sugeridas por outros autores, essa sistematização representa uma proposta totalmente nova pelo fato

de nenhum trabalho anterior ter reunido e organizado todas essas possibilidades, como fazemos aqui.

A seguir, comentamos e exemplificamos cada uma delas. Como nosso corpus é composto de traduções do português para línguas estrangeiras, para dar neste capítulo exemplos com contexto e em traduções para o português, utilizamos outra fonte: retiramos trechos contendo EIs ou provérbios do romance italiano *Fontamara*, de Ignazio Silone, e mostramos as soluções da tradução de Doris Natia Cavallari, publicada no Brasil, ou soluções nossas para ilustrar cada estratégia discutida. Desse modo, pretendemos facilitar a compreensão da análise apresentada no próximo capítulo para as ocorrências verificadas em nosso corpus.

3.1 TRADUÇÃO POR CORRESPONDENTE LITERAL

Esta seria a estratégia utilizada quando o provérbio ou a EI do texto original já tivesse um correspondente na língua da tradução que também constituísse uma tradução literal. Essa coincidência pode se dever a origens em comum dos fraseologismos, como no caso de provérbios oriundos do latim em diferentes línguas neolatinas, por exemplo, ou à sua “migração” de um idioma para outro como resultado de empréstimos e decalques.

Independentemente da razão da existência do correspondente literal, essa parece ser a situação mais confortável para o tradutor, pois se trata da mesma imagem empregada em sentido figurado, de modo que os jogos de palavras ou trocadilhos com o sentido literal de seus elementos que o original possa conter terão maior probabilidade de serem reconstituídos na tradução.

Para Xatara (1998) e Xatara e Oliveira (2008), como explícita ou implicitamente para vários outros, apenas nessa situação de existência de um correspondente com tamanho grau de semelhança seria possível uma tradução literal. No entanto, a nosso ver essa estratégia estaria mais próxima, em relação a seus efeitos e à postura dos estudiosos a seu respeito, da tradução por correspondente que da tradução literal conforme comentada mais adiante, já que esta é normalmente criticada por teóricos e tradutores. Nisso concordamos com Baker (1992), que não fala em tradução literal, mas sim em “usar um idiomatismo de sentido e forma similares” (p. 72). Nossa distinção também leva em conta Monllor (1999), que chama essa situação de “literalidade preexistente”.

Para Burity (1989), estas seriam as ocasiões, poucas segundo ele, em que seria realizável uma tradução com equivalência formal, de acordo com seu entendimento da teoria de Nida, para provérbios. Como não conseguimos nenhum exemplo contextualizado com provérbios, ficaremos com os dois primeiros exemplos desse autor, selecionados por ele em Steinberg (1985):

1. The end justifies the means
O fim justifica os meios (Steinberg:35);

2. Every man has his price
Todo homem tem seu preço (Steinberg:37) (BURITY, 1989, p. 96)

Já para EIs, temos os seguintes exemplos com contexto:

L'indomani mattina venne da me Maria Rosa, la madre di Berardo. "Hai visto mio figlio?" mi chiese. "Ha dormito in casa tua? Non ho chiuso occhio per aspettarlo." (SILONE, 1988, p. 130)

Na manhã seguinte veio a minha casa Maria Rosa, a mãe de Berardo. "Você viu o meu filho?" me perguntou. "Dormiu na sua casa? Não fechei os olhos esperando por ele".

"Tua madre ti va cercando di casa in casa" io gli risposi in tono risentito e spingendo davanti a me l'asino perché s'affrettasse. Ma Berardo non vi fece caso e si mise a camminare accanto a me, indovinando dal tono della mia voce che io sapevo tutto. (SILONE, 1988, p. 130-131)

"Sua mãe está lhe procurando de casa em casa", respondi-lhe num tom ressentido enquanto tocava o burro para que fosse mais depressa. Mas Berardo não fez caso e pôs-se a caminhar ao meu lado, adivinhando pelo tom da minha voz que eu sabia de tudo.

A maioria dos autores analisados no capítulo 2 considera esta a estratégia mais segura e a situação mais favorável para o tradutor, embora alguns, como Xatara (1998) e Baker (1992), admitam raramente ocorrerem correspondentes com o mesmo sentido utilizando as mesmas imagens, as mesmas palavras, na mesma ordem, com o mesmo registro, etc. Baker (1992) também alerta que esta solução, apesar de parecer ideal, nem sempre é a mais apropriada. Mesmo apresentando a mesma forma e o mesmo sentido, pode haver variações de uma língua para a outra quanto aos contextos de uso e às conotações do fraseologismo.

Também vale lembrar que algumas vezes dois fraseologismos que parecem ser correspondentes literais um do outro na verdade são utilizados com sentidos totalmente diferentes; são o que Rios (2003) chama de “falsos cognatos idiomáticos” (ver 3.4 abaixo). Esses casos, assim como aqueles, mencionados por Baker (1992), nos quais dois fraseologismos supostamente correspondentes são utilizados de maneiras diferentes, podem ser armadilhas na busca por correspondentes literais.

3.2 TRADUÇÃO LITERAL

Tratamos aqui da tradução literal enquanto escolha do tradutor, quando não resulta em um correspondente preexistente na língua de chegada, caso já discutido no item anterior. Essa separação foi motivada principalmente pela grande diferença entre os dois casos em relação à postura dos teóricos estudados: enquanto a situação descrita em 3.1 é considerada quase sempre a ideal, em razão da preferência geral pelo emprego de correspondentes, a tradução literal em outras condições é muitas vezes vista como um erro.

Entendemos a tradução literal neste trabalho conforme as duas primeiras possibilidades de compreensão desse conceito explicitadas por Aubert (1991)¹. Assim, consideramos como literais tanto a tradução na qual “determinado segmento textual (palavra, frase, oração) é expresso na LC [língua de chegada] mantendo-se as mesmas categorias numa mesma ordem sintática, utilizando vocábulos cujo semanticismo seja (aproximadamente) idêntico ao dos vocábulos correspondentes no texto em *língua de partida* (LP)”, quanto aquela “em que se mantém uma fidelidade semântica estrita, adequando porém a morfo-sintaxe [*sic*] às normas gramaticais da LC” (AUBERT, 1991, p. 187, grifos do autor).

Aubert (1991) também considera como uma possível interpretação do conceito de tradução literal “aquela em que se observa uma fidelidade semântico-contextual estrita, adequando a morfo-sintaxe [*sic*] e o estilo às normas e usos da LC”, como na tradução de “*Yours truly*” por “Atenciosamente” ou “*pour ce que de droit*” por “para os devidos fins (de direito)” (p. 188). Em relação a EIs e provérbios, no entanto, consideramos que este caso já se caracterizaria mais como

¹ Aubert (1991) trata em seu artigo da tradução literal em geral, e não apenas no caso de provérbios e/ou EIs. Por esse motivo suas definições não foram mencionadas nos capítulos anteriores.

tradução por correspondente do que como tradução literal, de modo que adotamos do autor apenas os dois tipos anteriores.

Para facilitar a visualização das diferenças entre as estratégias, procuramos utilizar o mesmo trecho em vários exemplos, de modo a demonstrar como seria traduzi-lo seguindo cada uma delas. É importante ter em mente, porém, que o fato de uma estratégia ser mais eficiente que outra para o trecho mostrado nos exemplos não significa que ela o será sempre. A conveniência de empregar uma ou outra solução varia de acordo com a situação tradutória.

[...] *anche per i vecchi proprietari è arrivato il giorno della penitenza. [...] Come si dice? “Chi ha mangiato la pecora, adesso vomita la lana.”* (SILONE, 1988, p. 49)

[...] também para os velhos proprietários chegou o dia da penitência. [...] Como se diz? “Quem comeu a ovelha, agora vomita a lã”.

Neste exemplo, temos um provérbio no italiano para o qual realizamos uma tradução literal no português. O único desvio da tradução palavra-por-palavra é em relação a “*ha mangiato*”, no *passato remoto*, que é um tempo verbal composto, mas corresponde a “comeu”, no pretérito perfeito, um tempo verbal simples no português. Aqui alguns poderiam até ver uma tradução da letra, já que a frase quase soa como provérbio também no português, especialmente com o estímulo da introdução “Como se diz?”. Preferimos, no entanto, colocá-lo como tradução literal e mostrar mais adiante como é possível trabalhar a forma para reforçar o efeito de provérbio.

[...] *L'acqua è nostra e resterà nostra. Ti mettiamo fuoco alla villa, com'è vero Cristo.* (SILONE, 1988, p. 60)

[...] A água é nossa e continuará nossa. Te tocamos fogo na *villa*, como é verdadeiro Cristo.

Neste caso também se faz uma tradução literal, desta vez de uma EI. Como o correspondente de “*vero*” no português é uma palavra mais longa, o ritmo da frase fica diferente, o que não seria um grande problema; porém, mais adiante mostramos como seria possível uma tradução da letra aproximando a sonoridade da frase traduzida àquela do original.

A tradução literal como delimitada aqui é mencionada por diversos autores, mas apenas para desaconselhá-la ou apontá-la como um erro a ser evitado, como vimos no capítulo anterior com Xatara

(2002), Xatara e Oliveira (2008) e Izidoro Blikstein (*In* CAMARGO e STEINBERG, 1990), por exemplo. Algumas vezes essa rejeição não é acompanhada de justificativas, talvez indicando ser esse julgamento tão difundido e tido como certo a ponto de alguns dispensarem maiores discussões. Em geral, o argumento mais comum é que o leitor da tradução não conseguiria compreender o fraseologismo traduzido literalmente por seu significado não ser a soma dos significados literais dos elementos que o compõem e não ser consagrado na língua de chegada.

Entretanto, há autores que lembram ser possível que o falante consiga interpretar o sentido figurado de um fraseologismo, especialmente no caso de provérbios, ainda que seja a primeira vez que tenha contato com ele.

Os significados literais podem, em boa parte dos casos, ajudar a entender o significado conotativo da expressão. Não se deve, portanto, levar em consideração o sentido individual de cada parte constituinte de uma EI, porém é importante se atentar para os casos nos quais partes do idiomatismo direcionam seu uso. (RIVA, 2004, p. 13; RIVA, 2009, p. 21)

Podemos encontrar, então, enunciados conotativos mas não necessariamente opacos ou não-composicionais, isto é, existem provérbios, de sentido conotativo, mas cujos elementos formadores são mais ou menos motivados e contribuem para se chegar à compreensão semântica. Assim, “Quem ama o feio, bonito lhe parece” é totalmente motivado, composicional e denotativo — por isso estamos diante de um ditado. Já em “Dinheiro não tem cheiro”, não se recupera a motivação que nos leva sem dificuldades à compreensão conotativa da sequência: trata-se, pois, de um provérbio não-composicional, mas — como sempre — figurado. E em “Quando a esmola é demais, o santo desconfia”, resgatam-se elementos composicionais que nos facilitam compreender o sentido figurado e esse caráter composicional não invalida a identidade proverbial do enunciado. (XATARA e SUCCI, 2008, p. 36)

Por outro lado, em relação à tradução dos mesmos, caso não exista um provérbio equivalente na língua meta, seu sentido poderá ser compreendido por meio da tradução literal de seus componentes. Ou seja, diferentemente das expressões idiomáticas, ao compreender o significado de seus componentes é possível a aproximação entre o receptor e a expressão, neste caso, o provérbio. (ARANCIBIA, 2007, p. 24)²

Vemos, portanto, que mesmo estudiosos partidários da tradução por correspondente admitem não ser a tradução literal sempre incompreensível, apesar de esse ser um dos argumentos frequentes daqueles que a desaconselham, como quando Izidoro Blikstein dizia das traduções literais de seus exemplos: “O nosso interlocutor certamente não entenderia o sentido da tradução e poderia até pensar que desconhecemos tanto o inglês quanto o português” (*In* CAMARGO e STEINBERG, 1990, p. 1) — ver 2.9. Portanto, mesmo que realmente não seja a estratégia mais apropriada na maior parte das vezes, seria arriscado afirmar tão categoricamente, como faz Blikstein, que o interlocutor não poderia compreender a tradução literal de um fraseologismo.

Ainda assim, mesmo compreensível, provavelmente em poucos contextos a tradução literal exatamente como delimitada aqui traria os melhores resultados com EIs ou provérbios, sendo quase sempre mais eficiente acrescentar algumas adaptações para reproduzir seus recursos formais, resultando numa tradução da letra, ou para tornar mais claro o sentido figurado, levando a uma tradução por figura de linguagem não-consagrada (essas distinções são mais difíceis em relação a EIs que a provérbios, por aquelas serem mais curtas e por isso com menos recursos de construção que estes). Porém, essas soluções também mantêm a imagem conotativa do original, de modo que as considerações acima sobre a possibilidade de se compreender um fraseologismo traduzido literalmente podem ajudar a sustentar também estas outras estratégias.

² “Por otro lado, con respecto a la traducción de los mismos, en el caso de que no exista un proverbio equivalente en la lengua meta, su sentido podrá ser comprendido por medio de la traducción literal de sus componentes. Es decir, a diferencia de las expresiones idiomáticas, al comprender el significado de sus componentes es posible la aproximación entre el receptor y la expresión, en este caso, el proverbio.”

3.3 TRADUÇÃO POR FIGURA DE LINGUAGEM NÃO-CONSAGRADA

Esta estratégia representa uma variação em relação à tradução literal que percebemos ser possível principalmente ao considerar a possibilidade vista por Nida (1964) como tradução de metáfora por metáfora (ver 2.2). Como o autor tratava tanto de metáforas consagradas, ou seja, fraseologismos, como de metáforas não-consagradas, notamos haver espaço para se traduzir EIs e provérbios como metáforas ou outras figuras de linguagem não-consagradas.

A principal diferença entre esta solução e a tradução literal tratada acima seria que aqui se fazem outras adaptações além daquelas necessárias para não gerar um enunciado agramatical, visando a deixar a tradução mais clara ou mais adequada estilisticamente. O que não é adaptado é o uso conotativo, ou seja, mantém-se a imagem figurada utilizada no texto de partida; contudo, não sendo esse uso conotativo consagrado na língua de chegada, o efeito não será mais o de um provérbio ou de uma EI, mas sim o de uma figura de linguagem nova, original. Nesse aspecto, essa estratégia difere da tradução da letra, comentada abaixo, já que esta se propõe a recriar o efeito do provérbio ou EI.

[...] anche per i vecchi proprietari è arrivato il giorno della penitenza. [...] Come si dice? “Chi ha mangiato la pecora, adesso vomita la lana.” (SILONE, 1988, p. 49)

[...] também para os velhos proprietários chegou o dia da penitência.
[...] Pois é, o lobo que comeu a ovelha agora está vomitando a lã.

Retomando esse trecho, já apresentado acima para exemplificar a tradução literal, sugerimos agora uma tradução que reproduz a figura de linguagem, neste caso a metáfora, utilizada no original, mas não no formato de um provérbio, e também se desviando de forma mais acentuada da tradução literal. Outro exemplo, agora com uma EI, seria:

Così il sole era già alto quando uscimmo dal paese. Faceva un’afa da vomitare. (SILONE, 1988, p. 34)

Assim o sol estava já alto quando saímos do vilarejo. Fazia um calor de dar ânsia de vômito.

Mais uma vez não se tem uma tradução literal próxima à palavra-por-palavra, mas o texto traduzido mantém a hipérbole presente na EI do original.

Esta estratégia pode incluir também a sugestão de Nida (1964) de traduzir idiomatismos por símiles, para explicitar que se está falando em sentido figurado e impedir que se faça uma interpretação literal. Um exemplo do autor, como vimos em 2.2, seria traduzir uma expressão que significasse “*sons of thunder*” como “*men like thunder*” (NIDA, 1964, p. 171). Podemos mais uma vez retomar o exemplo anterior:

[...] *anche per i vecchi proprietari è arrivato il giorno della penitenza. [...] Come si dice? “Chi ha mangiato la pecora, adesso vomita la lana.”* (SILONE, 1988, p. 49)

[...] também para os velhos proprietários chegou o dia da penitência. [...] Estão como lobos que comeram ovelhas e agora vomitam a lã.

3.4 TRADUÇÃO DA LETRA

Contrário a uma tradução que busque obsessivamente por correspondentes, considerada por ele como “etnocêntrica”, Berman (2007) propõe que se traduza valorizando a “letra” (“*lettre*”) do original, ou seja, levando em conta a importância da forma, dos significantes, percebendo-os como geradores de sentido (ver 2.1). No caso de provérbios e EIs, essa abordagem significaria traduzir reproduzindo tanto a imagem utilizada no fraseologismo estrangeiro como os seus recursos formais: “traduzir literalmente um provérbio não é simplesmente traduzir ‘palavra por palavra’. É preciso também traduzir o seu ritmo, o seu comprimento (ou sua concisão), suas eventuais aliteraões etc. Pois um provérbio é uma forma” (BERMAN, 2007, p. 16)³.

O principal efeito perseguido por essa estratégia é que o leitor reconheça se tratar de um provérbio ou EI, compreenda que seu sentido é conotativo, mas perceba se tratar de um fraseologismo desconhecido, estrangeiro, novo, sentindo um certo estranhamento pela imagem figurada diferente daquela do correspondente em sua língua, à qual está habituado.

³ Ver nota número 3 do capítulo 2 sobre o uso de Berman (2007) de “tradução literal” com um sentido próprio, para o qual preferimos adotar sempre o termo “tradução da letra”, emprestado do mesmo autor, para diferenciar do conceito mais difundido de literalidade.

[...] *anche per i vecchi proprietari è arrivato il giorno della penitenza. [...] Come si dice? “Chi ha mangiato la pecora, adesso vomita la lana.”* (SILONE, 1988, p. 49)

[...] também para os velhos proprietários chegou o dia da penitência. [...] Como se diz? “Quem tinha comido a ovelha, agora vomita a lã”.

Neste exemplo, retraduzimos o trecho já usado para ilustrar a tradução literal, porém desta vez acrescentamos uma pequena alteração para produzir um ritmo mais “proverbial”: substituindo “comeu” por “tinha comido”, conseguimos obter dois versos de sete sílabas poéticas (redondilhas maiores), a métrica mais popular no português, bastante comum em provérbios⁴. Além disso, os dois versos ficam com as tônicas na segunda, na quinta e na sétima sílabas:

Quem / **ti** / nha / co / **mi** / do a o / **ve** / lha,
A / **go** / ra / vo / **mi** / ta a / **lã**.

Dessa forma, o tradutor consegue uma frase com “sabor” de provérbio no português sem ter de recorrer a um correspondente, como fez a tradutora da obra (conforme veremos em 3.5 abaixo). Outro exemplo em que a tradução literal resulta em uma frase semelhante a um provérbio, porém inexistente no português, é o seguinte:

*Il conducente non gli fece più caso e riprese a gridare:
“Presto, presto; chi tardi arriva, male alloggia.”* (SILONE, 1988, p. 99)

O motorista não lhe fez mais caso e recomeçou a gritar:
“Rápido, rápido; quem tarde chega, mal se aloja.”

Neste caso, talvez por não ter encontrado um correspondente, a tradutora do livro preferiu fazer uma paráfrase, conforme veremos em 3.6 abaixo.

Já no próximo exemplo, retomando mais um trecho traduzido literalmente acima, conseguimos, trocando um de seus vocábulos, chegar a uma expressão sonoramente muito próxima daquela do italiano.

[...] *L’acqua è nostra e resterà nostra. Ti mettiamo fuoco alla Villa, com’è vero Cristo.*” (SILONE, 1988, p. 60)

⁴ Exemplo: “Água mole em pedra dura / tanto bate até que fura”.

“[...] A água é nossa e continuará nossa. Te tocamos fogo na *villa*, como é certo Cristo.”

Outros exemplos, envolvendo o catalão, o inglês, o espanhol e o francês, podem ser encontrados em Mallafrè (1991) e Monllor (1999), que sugerem uma estratégia muito semelhante, a qual chamam de “*adaptação literal*” (alguns deles foram reproduzidos em 2.8). Berman (2007), Mallafrè (1991) e Monllor (1999) parecem concordar na necessidade de que a tradução de um fraseologismo pareça um fraseologismo (provérbios e locuções para o primeiro, provérbios para o segundo e refrões para a última), o que os leva a não comentar a possibilidade de tradução por paráfrase. A principal diferença entre os três autores é que Berman (2007) coloca sua tradução da letra como frontalmente oposta ao uso de correspondentes e como necessária substituta deste, enquanto Mallafrè (1991) e Monllor (1999) propõem sua adaptação literal apenas para os casos nos quais não seja possível descobrir um correspondente.

Afora esses autores, não encontramos referências a estratégias semelhantes em nenhum outro, a não ser nas vagas referências a empréstimo de Meschonnic e Larbaud, lembrados por Berman (2007). Isso reforça a conclusão de que essa proposta representa uma ruptura em relação ao que defende a maioria dos demais autores. Apesar disso, as afirmações citadas em 3.2 acima no sentido de ser possível chegar ao sentido de um provérbio ou EI pela interpretação conotativa de sua tradução literal ajudam a justificar a possibilidade da tradução da letra para esses fraseologismos. A isso se pode acrescentar ainda o conceito sugerido por Berman (2007) de “*consciência-de-provérbio*” (p. 60), que seria a capacidade do falante de reconhecer um provérbio como tal, mesmo nunca o tendo encontrado anteriormente, de atribuir-lhe um significado com base no contexto e de associá-lo a outro preexistente com sentido semelhante. Em Francisco (2009), apresentamos exemplos (alguns deles reutilizados acima) que reforçam a hipótese de ser realmente possível reconhecer e compreender traduções da letra de provérbios e de EIs, principalmente com a ajuda de indícios contextuais que colaborariam com essa “*consciência-de-provérbio*”.

Entretanto, assim como com as demais estratégias, também esta não é adequada para todas as situações. Rios (2003), lembrando que “*a mesma imagem pode ter significados diferentes em culturas diferentes*” (TAGNIN, 1989, p. 46), alerta para a existência de “*falsos cognatos idiomáticos*”, que seriam

idiomatismos que, em duas culturas diferentes, recorrem à mesma imagem e possuem significados diferentes. Exemplificando, *con pies de plomo*, em espanhol, significa “com muito cuidado”, ao passo que em português, a expressão *dançar com pé de chumbo*, aparentemente bastante próxima da espanhola, significa “dançar mal ou devagar”. (RIOS, 2003, p.38)

Nessas situações, uma tradução da letra pode gerar certa confusão, pois ao leitor ocorrerá o sentido do fraseologismo de seu idioma em vez da interpretação conotativa que permita a compreensão do fraseologismo original. Assim, pode ser aconselhável empregar outra estratégia que cause menos problemas em casos como este.

3.5 TRADUÇÃO POR CORRESPONDENTE NÃO-LITERAL

Se o fraseologismo correspondente na língua de chegada não coincidir com a sua tradução literal, ainda assim utilizá-lo é geralmente a solução indicada pela maioria dos autores que temos analisado⁵. Neste caso estabelecer o correspondente exige um maior esforço, mas normalmente é apontado como o objetivo maior do tradutor, para que não seja obrigado a “se contentar” com uma paráfrase (ver 3.8 abaixo).

Segundo essa estratégia, busca-se uma EI ou um provérbio que, apesar de se expressar por meio de elementos formais diferentes e representando metáforas ou outras figuras de linguagem diversas das do original, possa transmitir um sentido semelhante e seja utilizado no mesmo contexto. Assim, ao contrário da tradução por correspondente literal, não são sempre mantidas as mesmas imagens do provérbio ou EI original, o que pode causar problemas se houver jogos de palavras ou alusões a elas em outros pontos do texto.

Um exemplo de escolha bastante bem-sucedida dessa estratégia é o seguinte:

[...] egli avrebbe finito di scialacquare le proprietà lasciategli dal padre, don Antonio che, pur ricchissimo e avanzato in età, era morto conducendo l'aratro. Ben si dice: la roba chi la fa e chi la gode. (SILONE, 1988, p. 47)

⁵ Muitos, como vimos, utilizando “equivalente” em vez de “correspondente”, porém sempre indicando estratégias semelhantes. Monllor (1999) fala em “equivalência preexistente”, termo que consideramos inadequado, conforme comentado em 2.8.

[...] teria dissipado, há muito tempo, os bens herdados do pai, dom Antonio, o qual, apesar de riquíssimo e de idade avançada, morrera conduzindo o arado. Bem que se diz: “Pai rico, filho nobre, neto pobre”. (CAVALLARI, 2003, p. 66)⁶

O correspondente em português encontrado pela tradutora se ajusta muito bem à situação, já que o trecho se refere a um filho que desperdiçou a herança do pai e a metáfora do provérbio em português se baseia nos elementos “pai”, “filho” e “neto”, o que não acontece no provérbio italiano, mais geral (“a coisa um a faz e outro a goza”). Outros exemplos da mesma tradutora são:

[...] anche per i vecchi proprietari è arrivato il giorno della penitenza. [...] Come si dice? “Chi ha mangiato la pecora, adesso vomita la lana.” (SILONE, 1988, p. 49)

[...] o tempo da penitência tinha chegado também para os antigos proprietários. [...] Como se diz mesmo? “Quem comeu a carne que roa os ossos” (CAVALLARI, 2003, p. 69).

Così il sole era già alto quando uscimmo dal paese. Faceva un’afa da vomitare. (SILONE, 1988, p. 34)

Assim, quando saímos do povoado o sol ia já alto. Fazia um calor de rachar. (CAVALLARI, 2003, p. 52)

Os argumentos dos defensores desta solução baseiam-se tipicamente na ideia de que com ela o sentido e a idiomaticidade do correspondente serão tão familiares ao leitor da tradução quanto o fraseologismo do texto de partida é para seus leitores. Algumas vezes, porém, nem são utilizados argumentos, já que a estratégia é tão difundida a ponto de parecer óbvia e incontestável para alguns autores.

Essa posição predominante em parte se deve à consagração da legibilidade e da fluência como características ideais para a tradução⁷, o que pode ser percebido, por exemplo, nesta passagem de Baker (1992):

⁶ Para esta tradução do romance de Silone e para as traduções do *Macunaíma*, adotamos um sistema de referências baseado no nome dos tradutores, em detrimento da norma da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), seguida para as demais obras, que exige a referência pelo nome do autor do original. Consideramos que nosso método facilita a comparação entre as traduções e entre originais e traduções, além de ser mais justo, já que estas obras são estudadas neste trabalho pelo interesse nas traduções que receberam.

⁷ Para um estudo e uma crítica desse ideal de tradução fluente, ver Venuti (1995; 2002).

Usar a fraseologia típica da língua-alvo — suas colocações naturais, suas próprias expressões fixas e semifixas, o nível correto de idiomaticidade, e assim por diante — *aumentará muito a legibilidade* de suas traduções. Alcançar esse nível correto significa que seu texto-alvo parecerá *menos “estrangeiro”* e, mantidos outros fatores, pode até *passar por um original*. (p. 78, grifos nossos)⁸

Entretanto, apesar dessa preferência geral, há quem advirta não ser o correspondente sempre a melhor solução de tradução, e até quem critique duramente essa estratégia. Nesse sentido, vale a pena repetir o alerta de Fernando e Flavell (1981) contra a “forte compulsão inconsciente da maioria dos tradutores de procurar desesperadamente por um idiomatismo na língua receptora, não importando o quanto inadequado ele possa ser” (p. 82)⁹, assim como as palavras de Berman (2007):

Ora, ainda que o sentido seja idêntico, substituir um idiotismo pelo seu equivalente é um etnocentrismo [...] Servir-se da equivalência é atentar contra a falância da obra. As equivalências de uma locução ou de um provérbio não os *substituem*. Traduzir não é buscar equivalências. (BERMAN, 2007, p. 60, grifos do autor)

Um dos problemas da tradução por correspondentes é que às vezes ela faz com que se perca algum efeito de sentido que poderia ser salvo utilizando-se outra estratégia. Um exemplo pode ser encontrado em Xatara (1998), quando fala em EIs irônicas: “[...] o efeito irônico nem sempre é mantido nas EI das duas línguas em questão, o que já representa, aliás[,] uma das perdas da tradução: *être haut comme un mouchoir de poche* revela ironia, não valendo o mesmo para sua correspondência em língua portuguesa, ‘ser um tampinha’” (p. 59).

⁸ “Using the typical phraseology of the target language — its natural collocations, its own fixed and semi-fixed expressions, the right level of idiomacity, and so on — will greatly enhance the readability of your translations. Getting this level right means that your target text will feel less ‘foreign’ and, other factors being equal, may even pass for an original”.

⁹ “strong unconscious urge in most translators to search hard for an idiom in the receptor-language, however inappropriate it may be”.

Neste caso, uma tradução literal como “ser grande como um lenço de bolso” poderia manter o caráter irônico mencionado.

3.6 TRADUÇÃO POR CORRESPONDENTE ADAPTADO

Atribuímos este nome ao que Mallafrè (1991) apresenta como uma variação de sua “equivalência preexistente” (ou seja, do que chamamos acima de “tradução por correspondente não-litera”), consistindo numa mescla do correspondente na língua de chegada com elementos da tradução literal do provérbio. A nosso ver, já não se trata apenas de uma tradução por correspondente, caracterizando, em vez disso, uma estratégia totalmente nova. Como sugere Mallafrè (1991), esta seria uma solução em casos nos quais uma ou mais palavras do provérbio original sejam importantes e não possam ser trocadas, como quando há um trocadilho com o provérbio, ou quando por qualquer outra razão essa(s) palavra(s) seja(m) retomada(s) na sequência do texto. Nessa situação, a tradução poderia ser construída a partir do correspondente idiomático, facilmente reconhecível para o leitor da tradução, porém com a inserção de palavras e imagens do fraseologismo original. Podemos pensar, no entanto, que o sucesso pleno dessa estratégia dependeria de o leitor compreender ou não que os elementos inseridos no fraseologismo do seu idioma são oriundos do fraseologismo estrangeiro.

Um exemplo seria o seguinte, resgatando novamente um trecho já utilizado acima:

[...] anche per i vecchi proprietari è arrivato il giorno della penitenza.

[...] Come si dice? “Chi ha mangiato la pecora, adesso vomita la lana.” (SILONE, 1988, p. 49)

[...] o tempo da penitência tinha chegado também para os antigos proprietários. [...] Como se diz mesmo? “Quem comeu a ovelha tem que roer os ossos”.

Neste exemplo, pensando numa situação na qual a palavra “ovelha” fosse relevante na continuação do texto, introduzimo-la no correspondente utilizado pela tradutora brasileira do romance, Doris Natia Cavallari. Pelo mesmo procedimento, mas desta vez realizando uma interferência maior, poderíamos pensar em mais um exemplo:

[...] egli avrebbe finito di scialacquare le proprietà lasciategli dal padre, don Antonio che, pur ricchissimo e avanzato in età, era morto

conducendo l'aratro. Ben si dice: la roba chi la fa e chi la gode. (SILONE, 1988, p. 47)

[...] teria acabado de dissipar os bens deixados pelo pai, dom Antonio, o qual, apesar de riquíssimo e de idade avançada, morrera conduzindo o arado. Bem que se diz: “A coisa o pai a faz, o filho a goza, o neto a perde”. (CAVALLARI, 2003, p. 66)

Em relação às EIs, é compreensível que essa estratégia seja bem mais complicada, devido à sua menor extensão e ao conseqüente menor número de itens com os quais jogar na construção do correspondente adaptado. O único exemplo que pudemos elaborar foi com base no trecho abaixo, em cuja tradução brasileira Doris Cavallari optou pelo correspondente “pão, pão; queijo, queijo” (CAVALLARI, 2003, p. 29) para verter a EI “*chiamando pane il pane e vino il vino*”.

Non c'è alcuna differenza tra questa arte del raccontare, tra questa arte di mettere una parola dopo l'altra [...] di spiegare una cosa per volta, senza allusioni, senza sottintesi, chiamando pane il pane e vino il vino, e l'antica arte di tessere [...] (SILONE, 1988, p. 13)

Não há nenhuma diferença entre esta arte de narrar, entre esta arte de colocar uma palavra depois da outra [...] de explicar uma coisa por vez, sem alusões, sem subentendidos, pão, pão; queijo, queijo; vinho, vinho, e a antiga arte de tecer [...]

Apesar de bastante incomum, tendo sido proposta apenas por Mallafrè (1991), e ainda assim sem grande ênfase, podemos observar, considerando os exemplos sugeridos acima, que essa solução não deixa de constituir uma possibilidade plausível, podendo gerar resultados satisfatórios em determinadas situações tradutórias.

3.7 TRADUÇÃO POR CRIAÇÃO DE CORRESPONDENTE

Acreditamos ser mais clara essa denominação para a estratégia chamada por Mallafrè (1991) de “*adaptação equivalente*”, pois descreve com mais precisão a operação textual sugerida e evita as controvérsias sobre a distinção entre adaptação e tradução ou sobre a existência de equivalências¹⁰. Essa estratégia consistiria em criar uma frase com sentido conotativo e com recursos típicos de provérbios, porém sem

¹⁰ Ver no capítulo 2 as justificativas para nossa preferência por “correspondente” em vez de “equivalente” neste trabalho, bem como a definição assumida para o termo escolhido.

utilizar as palavras do provérbio original nem de nenhum provérbio correspondente. Embora apenas esse autor proponha tal solução, e dedique pouquíssimo espaço a ela, podemos concluir, a partir de sua observação de que ela seria possível quando “a ilusão de expressão preexistente pode aconselhar uma tradução não literal”, que ele estaria se referindo às situações nas quais uma tradução da letra (ou “adaptação literal”, em sua nomenclatura) resultaria numa construção que não causaria uma ilusão de provérbio suficiente na língua de chegada. Poderia ser o caso, por exemplo, quando seus elementos apresentassem uma conotação de sentido obscuro, como em “Comida de angu, só quiabo é que entende” ou “Cu de pato não é gaveta”, dois provérbios registrados por Pérez (1961, p. 36-37).

Retomando um dos exemplos utilizados acima, poderíamos pensar que, se a tradução de “*la roba chi la fa e chi la gode*” ficasse pouco clara em português, pela estratégia de criação de correspondente poder-se-ia elaborar um novo “provérbio” buscando reproduzir o mesmo sentido e gerar uma ilusão de idiomaticidade.

[...] egli avrebbe finito di scialacquare le proprietà lasciatagli dal padre, don Antonio che, pur ricchissimo e avanzato in età, era morto conducendo l'aratro. Ben si dice: la roba chi la fa e chi la gode. (SILONE, 1988, p. 47)

[...] teria acabado de dissipar os bens deixados pelo pai, dom Antonio, o qual, apesar de riquíssimo e de idade avançada, morreria conduzindo o arado. Bem que se diz: “Quem viveu de pedreiro às vezes morre ao relento”.

Nesse exemplo, inclusive, a expressão “Bem que se diz” reforça a ilusão de provérbio preexistente. Bem mais difícil seria pensar em um exemplo com EIs, embora em tese a estratégia também poderia ser estendida a elas, considerando as características em comum dos dois tipos de fraseologismo. O problema novamente é a menor extensão e o menor número de recursos típicos das EIs em comparação aos provérbios, dificultando a elaboração de uma expressão nova, conotativa, que realmente passe a ilusão de idiomaticidade consagrada. Um exemplo possível seria o seguinte, em relação à EI “*afa da vomitare*”, imaginando que a tradução literal ou da letra poderia ficar pouco clara ou que não se pudesse utilizar o correspondente (mas admitimos que o resultado soa um tanto forçado).

Così il sole era già alto quando uscimmo dal paese. Faceva un'afa da vomitare. (SILONE, 1988, p. 34)

Assim, quando saímos do povoado o sol ia já alto. Fazia um calor de entontecer.

Mesmo em relação aos provérbios, com os quais a criação de um correspondente forjado parece menos difícil, não encontramos menção a essa estratégia em nenhum outro autor. Mesmo Monllor (1999), que retoma as estratégias de Mallafrè (1991), não faz nenhuma referência a essa possibilidade. Ainda assim, com o intuito de trabalhar com um levantamento o mais exaustivo possível de soluções propostas na bibliografia a respeito, consideramos interessante incluir a sugestão de Mallafrè (1991), embora com uma denominação a nosso ver mais clara que a escolhida pelo autor, e observar se ocorre alguma aplicação dela em nosso corpus.

3.8 TRADUÇÃO POR PARÁFRASE

A paráfrase explicativa é a solução geralmente proposta pelos autores para quando não há correspondentes idiomáticos, “quando as EI se traduzem por paráfrases” (XATARA, 1998, p. 68; XATARA e OLIVEIRA, 2008, p. 127), constituindo, para Baker (2002), a estratégia mais comum quando não se encontram correspondentes ou quando a linguagem idiomática não é apropriada na língua de chegada (ver 2.4). Para Gonçalves e Sabino (2001), essa parece ser a única opção, na falta de correspondentes: “algumas expressões, por não possuírem uma correspondência adequada na língua-alvo, só podem ser traduzidas por meio de uma definição ou de uma explicação” (p. 73, grifo nosso).

Para exemplificar, retomaremos três trechos já utilizados para apresentar novas opções de tradução, desta vez utilizando a paráfrase (duas são soluções da tradutora da obra e outra é criação nossa).

Il conducente non gli fece più caso e riprese a gridare:

“Presto, presto; chi tardi arriva, male alloggia.” (SILONE, 1988, p. 99)

O motorista não lhe deu atenção e continuou a gritar: “Depressa, depressa; quem chegar tarde, não acha lugar”. (CAVALLARI, 2003, p. 120)

Così il sole era già alto quando uscimmo dal paese. Faceva un'afa da vomitare. (SILONE, 1988, p. 34)

Assim o sol estava já alto quando saímos do vilarejo. Fazia um calor insuportável.

“[...] L’acqua è nostra e resterà nostra. Ti mettiamo fuoco alla Villa, com’è vero Cristo.” (SILONE, 1988, p. 60)

“[...] A água é nossa e vai continuar nossa. Por Deus, vamos tocar fogo no teu casarão.” (CAVALLARI, 2003, p. 80)

No primeiro exemplo, a tradutora parafraseia o sentido do provérbio utilizado no original por meio de um enunciado comum que não constitui um provérbio no português e nem se parece com um. Fazemos o mesmo no segundo exemplo, com uma das várias maneiras possíveis de expressar o sentido da EI (“calor muito forte”, “calor infernal”, “muito calor”, etc.). No terceiro exemplo, a paráfrase é realizada por meio de uma interjeição que reconstitui o sentido e a ênfase da EI italiana¹¹.

Um caso especial de tradução por paráfrase para EIs seria a utilização de uma lexia simples de sentido conotativo, situação mencionada por Falcão (2002) como “tradução conotativa, mas não idiomática” (p. 73). Os exemplos, envolvendo EIs em inglês com nomes de animais, encontrados por essa autora em dicionários bilíngues, foram os seguintes:

dog ear
orelha [de caderno]
night owl
coruja [pessoa que dorme tarde]
one horse town
buraco (ovo) [cidadezinha]
pack rat
lixeiro [pessoa que junta tranqueira]
rat fink
dedo-duro
stool pigeon
dedo-duro (p. 76)

A paráfrase neste caso conseguiria reproduzir boa parte do efeito da EI, já que seu sentido também é conotativo e consagrado no idioma.

¹¹ Não se trata de um caso de tradução por omissão porque, mesmo a EI sendo suprimida no final da frase, o seu sentido é de alguma forma retomado pela inserção no início. Também não consideramos como compensação porque neste trabalho restringimos esta estratégia à inserção de outro fraseologismo (provérbio ou EI) em um ponto diferente do texto.

A única diferença é ser uma lexia simples em vez de complexa. Contudo, essa possibilidade não parece muito frequente, tendo tido bem poucas ocorrências no corpus de Falcão (2002) e não tendo sido mencionada por nenhum outro autor estudado.

Em geral, como a maioria dos estudiosos parece preferir o emprego de correspondentes (ver 3.1 e 3.5 acima) para traduzir provérbios e EIs, a paráfrase costuma ser aceita apenas como um último recurso (com alguma frustração, como aceitando uma derrota), de forma que utilizá-la quando exista um fraseologismo correspondente resultaria numa tradução de qualidade inferior, ou mesmo uma não-tradução (ver 2.6 e 2.7). Essa visão deixa transparecer a ideia de que para cada fraseologismo seria possível somente uma estratégia, definível a partir de um sistema binário: se houver um correspondente, este será *a* tradução correta; se não, a saída é parafrasear.

Dentre os vários autores com abordagens nesse sentido comentados no capítulo anterior, basta lembrar o trecho de José Paulo Paes (ver 2.9), que chama de “pecado” que o tradutor “se contente” com a paráfrase na existência de um idiomatismo correspondente. Para ele, isso representaria “cortar caminho”, expressão que, assim como o verbo “contentar-se”, passa a ideia de que a paráfrase seria uma acomodação do tradutor incapaz de vencer o desafio de encontrar um correspondente. E fica visível também o sistema binário já mencionado: afora correspondente (positivo) e paráfrase (negativo), nenhuma outra hipótese é considerada.

3.9 TRADUÇÃO POR OMISSÃO

Encontrada por nós como estratégia apenas em Baker (1992), a omissão é comumente encarada como a não-tradução; todavia, segundo essa autora, ela pode ser uma escolha consciente e até aconselhável do tradutor em situações nas quais outras estratégias não sejam possíveis ou apropriadas. Seguindo Baker (1992), também preferimos utilizar “tradução por omissão” em vez de apenas “omissão” por julgarmos que ela envolva decisões do tradutor, inclusive porque, não tendo substituído o fraseologismo por nenhum elemento visível (paráfrase, correspondente, etc.), ele precisa realizar as adequações necessárias para que o leitor não sinta haver um “buraco” no texto traduzido. Além disso, se o sentido do fraseologismo for indispensável para o trecho em que ocorre, deverá ser diluído no texto para ser de alguma forma compreendido pelo leitor.

“[...] L’acqua è nostra e resterà nostra. Ti mettiamo fuoco alla Villa, com’è vero Cristo.” (SILONE, 1988, p. 60)

“[...] A água é nossa e vai continuar nossa, ou vamos tocar fogo no teu casarão!”

No exemplo acima, não traduzimos nem a forma nem o sentido da EI original; apenas reestruturamos os períodos para que não se sinta a sua ausência. Adicionalmente, acrescentamos um ponto de exclamação para recuperar um pouco da ênfase dada à promessa no original por meio da EI.

Se a ocorrência de linguagem idiomática ou conotativa for relevante para o texto que está sendo traduzido, pode ser indicado fazer acompanhar a tradução por omissão ou por paráfrase do recurso à compensação.

3.10 COMPENSAÇÃO

Estratégias que resultem no apagamento de características dos provérbios e EIs (conotação, coloquialismo, recursos formais, etc.), como a paráfrase ou a omissão, podem ser “compensadas” pela introdução de fraseologismos do mesmo tipo em outros pontos do texto, caso essas características sejam estilisticamente relevantes. Ou seja, ao traduzir outros trechos nos quais o original não contém fraseologismos, o tradutor os utiliza — algo como a tradução de não-metáfora por metáfora de Nida (1964) (ver 2.2) — para manter um equilíbrio idiomático e “não empobrecer o texto” (RÓNAI, 1981, p. 57).

Essa estratégia é lembrada por Rónai (1981) e por Baker (1992). Como menciona esta última, é difícil exemplificá-la porque envolve grandes porções do texto ou mesmo ele todo. Aproveitando o trecho utilizado para demonstrar a tradução por omissão, no entanto, podemos dar um exemplo mais localizado de compensação.

“[...] L’acqua è nostra e resterà nostra. Ti mettiamo fuoco alla Villa, com’è vero Cristo.”

Le parole esprimevano esattamente il nostro stato d’animo; ma quello che ristabilì la calma fu don Circostanza. (SILONE, 1988, p. 60)

“[...] A água é nossa e vai continuar nossa, ou vamos tocar fogo no teu casarão!”

As palavras expressavam exatamente nosso estado de espírito; mas quem acalmou os ânimos foi dom Circostanza.

Assim, empregando a EI “acalmar os ânimos” em um ponto no qual o original contém uma expressão denotativa, não-consagrada, recuperamos certo equilíbrio em relação ao período anterior, no qual a EI do original foi traduzida por uma omissão.

Também em nosso corpus, apesar de trabalharmos apenas com trechos limitados, pudemos notar ocorrências claras de compensação nas traduções analisadas. Isso pode ser um indício de que essa estratégia seja bastante utilizada pelos tradutores, hipótese que entretanto só poderia ser confirmada por meio de uma análise mais ampla.

Podemos pensar também que ela possa muitas vezes ser involuntária por parte do tradutor: ao se ajustar ao “tom” do texto, este acaba optando sempre por alternativas mais coloquiais ou idiomáticas ao traduzir frases comuns, o que resulta na inserção de EIs ou provérbios em locais onde estes não ocorriam no original, compensando outros pontos nos quais EIs ou provérbios foram traduzidos por omissão ou paráfrase. A confirmação dessa possibilidade, porém, escapa ao alcance do presente trabalho.

3.11 RESUMO DAS ESTRATÉGIAS

Para tentar apresentar de maneira mais clara a sistematização proposta neste capítulo, organizamos no esquema abaixo as principais características das estratégias comentadas:

tradução por correspondente literal:

- tradução literal coincide com correspondente da língua de chegada;
- jogos de palavras e referências a elementos do fraseologismo são traduzidos com mais facilidade

tradução literal:

- tradução palavra-por-palavra ou apenas com alterações necessárias para se conformar às regras da língua de chegada;
- não coincide com correspondente da língua de chegada

tradução por figura de linguagem não-consagrada:

- mantém a imagem conotativa do fraseologismo original;
- apresenta outras alterações além das necessárias para se conformar às regras da língua de chegada;
- não passa a impressão de ser provérbio ou EI

tradução da letra:

- mantém a imagem conotativa do fraseologismo original;
- visa a dar a impressão de ser um provérbio ou EI

tradução por correspondente não-literal:

- emprego de correspondente da língua de chegada com palavras e imagens diferentes daqueles do original

tradução por correspondente adaptado:

- emprego de correspondente da língua de chegada alterado para conter palavras e imagens traduzidas literalmente do fraseologismo original

tradução por criação de correspondente:

- elaboração de um provérbio ou EI inexistente na língua de chegada;
- não utiliza as palavras e imagens do fraseologismo original;
- parece um provérbio ou EI na língua de chegada;
- procura transmitir, de forma conotativa, o mesmo sentido do fraseologismo original

tradução por paráfrase:

- explicação do sentido do fraseologismo por meio de palavra ou expressão não-idiomática, não-conotativa e não-consagrada

tradução por omissão:

- tradução com total apagamento do fraseologismo presente no original;
- pode acarretar a necessidade de ajustes na sentença ou período para que não transpareça a ausência do item omitido

compensação:

- inserção de provérbio ou EI em um ponto do texto no qual o original não utiliza esses elementos, de modo a compensar a tradução por omissão ou paráfrase utilizada em relação a um fraseologismo em outro ponto.

Realizada essa sistematização, surgem algumas novas questões. Refletindo sobre a aplicação das estratégias, parece haver uma maior dificuldade em distinguir entre algumas delas quando se trata de EIs do que quando se trata de provérbios. Por serem geralmente mais curtas e conterem menos recursos de construção, em relação a elas parece mais difícil separar tradução literal, tradução da letra e tradução por figura de linguagem não-consagrada. Haveria então uma variedade maior de

estratégias possíveis para traduzir provérbios que para traduzir EIs? Não estaria correta nossa hipótese inicial de que as estratégias para traduzir uns e outros poderiam ser as mesmas?

Em tese, pela nossa sistematização da bibliografia, todas as estratégias poderiam ser utilizadas tanto com provérbios quanto com EIs, hipótese reforçada pelo fato de na maioria das vezes termos conseguido encontrar ou elaborar exemplos para ambos os tipos de fraseologismo. Entretanto, é inegável que em relação a algumas estratégias foi muito mais fácil pensar em exemplos com provérbios que com EIs.

Para podermos tratar essas questões com base em mais traduções reais, decidimos utilizar um corpus de pequenas dimensões. A sua constituição e análise é descrita no próximo capítulo.

CAPÍTULO 4: ELABORAÇÃO E ANÁLISE DO CORPUS

Conforme apresentado no capítulo anterior, a partir da revisão bibliográfica realizada conseguimos elaborar uma lista de estratégias propostas para lidar com o problema da tradução de provérbios e EIs. Para verificar em traduções reais a ocorrência ou não de cada uma delas e contribuir para a reflexão sobre os contextos nos quais podem ser empregadas e os possíveis efeitos decorrentes de cada escolha, elaboramos um corpus de pequenas dimensões. Esse corpus é composto de passagens do romance brasileiro *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*, de Mário de Andrade (1928/1965)¹, nos quais aparecem EIs e provérbios, juntamente com os trechos correspondentes de suas traduções para as línguas inglesa, espanhola, italiana e francesa de E. A. Goodland, Héctor Olea, Giuliana Segre Giorgi, e Jacques Thiériot, respectivamente.

4.1 COMPOSIÇÃO DO CORPUS

Sendo *Macunaíma* uma obra canônica da literatura brasileira, cabe ressaltar que não a analisamos aqui enquanto contribuição literária e nem pretendemos estudar as implicações do uso de EIs e provérbios para a obra e para suas traduções. A decisão de utilizá-la na composição de nosso corpus baseou-se apenas no fato de ela apresentar uma visível riqueza de ocorrências dos fraseologismos cuja tradução nos interessa, devido à declarada intenção do autor de representar a cultura e o folclore populares do Brasil. De fato, não são as obras integrais — original e traduções — que compõem o corpus, mas apenas trechos selecionados contendo EIs e provérbios. Assim, mesmo as afirmações referentes aos efeitos do emprego de cada estratégia dizem respeito principalmente a uma análise do contexto imediato no qual ocorrem e não do romance como um todo.

¹ Como a obra foi reeditada várias vezes após a primeira edição de 1928, inclusive algumas vezes com alterações do próprio autor, e provavelmente os quatro tradutores não utilizaram a mesma edição como texto original, preferimos utilizar a quarta edição, de 1965, tendo verificado, por comparação entre ela e as quatro traduções, que provavelmente não havia diferenças entre ela e os originais utilizados por cada tradutor nas porções textuais selecionadas para o corpus. A edição de 2008, por exemplo, foi descartada por conter uma omissão num desses trechos que não correspondia a nenhuma das traduções, o que não ocorre em relação à quarta edição. Além disso, pela organização dos capítulos idêntica na quarta edição e nas quatro traduções, pudemos concluir que os tradutores não trabalharam com a primeira edição, cuja composição dos capítulos era diferente, conforme explicado por Telê Ancona Lopez e Tatiana Longo Figueiredo no prefácio da edição de 2008.

Na tipologia estabelecida por Baker (1995), assim como em sua reformulação por Fernandes (2006), o nosso seria um corpus paralelo (*parallel corpus*), pois é constituído por texto em uma língua acompanhado por sua tradução em outras². No entanto, lembrando que a mesma autora define “corpus” como “uma coleção de textos armazenados em formato legível por máquina e capaz de ser analisada automática ou semiautomaticamente de variadas formas” (BAKER, 1995, p. 225)³, vale ressaltar que a manipulação de nosso corpus foi semiautomática. Ou seja, para sua organização, valemo-nos do auxílio de ferramentas computacionais simples, como editores de texto (como BrOffice Writer 3.2 e Microsoft Word 2007); porém, como nenhuma ferramenta poderia identificar as EIs e provérbios e selecionar e/ou analisar automaticamente as ocorrências desejadas do romance e das traduções, tivemos de fazê-lo “manualmente”, a partir de nossa leitura, aplicando os estudos descritos nos capítulos anteriores e os critérios explicados mais adiante.

4.2 SELEÇÃO E VALIDAÇÃO DE PROVÉRBIOS E EIS

Para selecionar os trechos para o corpus, primeiramente localizamos no romance brasileiro um grupo de expressões ou frases de sentido conotativo, atributo essencial comum a ambos os fraseologismos, conforme as definições adotadas (ver 1.4). Em seguida, pesquisamos cada fraseologismo selecionado em dicionários gerais e especiais para confirmar que se tratassem realmente de EIs ou provérbios.

Dadas as divergências entre as definições e nomenclaturas de cada dicionário, o simples fato de um fraseologismo constar em um deles não garantiria tratar-se de uma EI ou provérbio conforme entendidos por nós, porém comprova sua cristalização e indecomponibilidade total ou parcial, que somadas à conotação (utilizada como critério na seleção dos trechos) resultam em

² Embora Baker (1995) fale em originais numa língua A e traduções numa língua B, consideramos também se tratar de corpus paralelo quando mais do que dois idiomas estão envolvidos, pois o que a autora chama de corpus multilíngue (*multilingual corpus*) se refere a textos originais em diversos idiomas. Nesse sentido, concordamos com Fernandes (2006) que a distinção mais relevante para os Estudos da Tradução seria entre corpora comparáveis — compostos de originais semelhantes em línguas diferentes — e paralelos — compostos de um original e sua(s) tradução(ões) —, considerando suas características contrastáveis, já que ambos os tipos podem ser bilíngues ou multilíngues.

³ “*a collection of texts held in machine-readable form and capable of being analysed automatically or semi-automatically in a variety of ways*”.

características suficientes para classificá-los como tais. Em alguns casos, não foi encontrada exatamente a forma utilizada por Mário de Andrade, mas variantes próximas o suficiente para permitir confirmar a existência do fraseologismo. Por exemplo, para o provérbio “Plantei mandioca nasceu maniva, de ladrão de casa ninguém se priva” (ANDRADE, 1965, p. 201) e para a EI “tanto se me dá como se me dava” (ANDRADE, 1965, p. 66), localizamos apenas variantes como “Plantei mandioca nasceu maniva, de ladrão de casa ninguém se *livra*” e “tanto se me dá como se me *deu*”, respectivamente.

Com essa validação por meio dos dicionários, procuramos nos assegurar de não tomar como provérbio ou EI alguma metáfora ou sentença de criação do autor que não fosse cristalizada na língua, embora também seja provável que fraseologismos autênticos e consagrados possam ter sido deixados de lado por não terem sido registrados em nenhuma das obras consultadas. Acreditamos que possa ter sido esse o caso com “si Deus o assinalou alguma Ihe achou” (ANDRADE, 1965, p. 54) e com as EIs destacadas na citação a seguir: “— ... e cascavel faça ninho si eu não topo com a muiraquitã! Si vocês venham comigo muito que bem, si não, homem, antes só do que mal acompanhado! Mas eu tenho opinião de sapo e quando encasqueto uma coisa agüento firme no toco. Hei de ir só pra tirar a prosa do passarinho uirapuru, minto! da lacraia” (ANDRADE, 1965, p. 46). São todos exemplos de lexias compostas, conotativas e provavelmente consagradas que, no entanto, não foram encontradas em nenhum dos dicionários consultados⁴ e portanto não foram utilizadas no corpus. Contudo, uma vez que nosso objetivo não era trabalhar com todos os provérbios e EIs do livro, mas apenas reunir uma quantidade satisfatória deles para nossa pesquisa, essa parte da metodologia parece-nos ter sido bastante útil e necessária. Já em relação a “antes só do que mal acompanhado”, apesar de fixa e consagrada na maioria das obras consultadas, também não foi utilizada por tratar-se de um ditado e não de um provérbio, uma vez que seu sentido é denotativo.

Algumas EIs ainda em uso, como “dobrar a língua” e “botar a boca no mundo”, foram encontradas em dicionários gerais de língua (Aurélio e Houaiss, neste trabalho) e também na obra de Xatara e Oliveira (2002), voltada para fraseologismos correntes. Para outras e principalmente para provérbios mais antigos, no entanto, foram de muita

⁴ Apesar de termos localizado “agüentar firme” e “perder a prosa”, não consideramos tais registros suficientes para validar as ocorrências “agüento firme no toco” e “tirar a prosa” como EIs para este trabalho.

valia obras como a de Pérez (1961), Cascudo (1977) e Mota (1987), que, por terem sido escritas há mais tempo, contêm fraseologismos da época da publicação de *Macunaíma*. As obras nas quais foi localizado cada fraseologismo estão indicadas no Anexo I.

4.3 DELIMITAÇÃO DO CONTEXTO

Uma vez validados os fraseologismos selecionados, delimitamos a extensão dos trechos que os continham para composição do corpus. Considerando que, conforme discutido no capítulo 1, o contexto no qual ocorre uma EI ou um provérbio é crucial para sua compreensão e até mesmo para seu funcionamento como tais, procuramos manter sempre uma porção de texto suficiente para deixar entrever tal contexto. Via de regra, buscamos trabalhar com o período no qual ocorre o fraseologismo acompanhado do período anterior e do seguinte, porém dispensamos algum deles sempre que pertencesse a outro parágrafo e não contribuísse para a contextualização desejada. Da mesma forma, também incluímos períodos a mais quando com isso obteríamos um parágrafo completo e/ou quando os períodos vizinhos não bastassem para contextualizar adequadamente o provérbio ou a EI.

Uma vez escolhidos e validados os fraseologismos e delimitados os contextos, passamos à localização dos trechos correspondentes nas traduções em inglês, francês, italiano e espanhol. Tomamos o cuidado de não iniciar essa busca nem a análise das opções dos tradutores até que estivesse completa a seleção das ocorrências no português, para não correremos o risco de sermos influenciados nessa seleção pelas estratégias empregadas nas traduções.

O corpus com os trechos selecionados do romance em português e suas traduções é apresentado no Anexo I deste trabalho.

4.4 ANÁLISE DO CORPUS E RESULTADOS OBTIDOS

A metodologia descrita acima resultou em um corpus composto por 18 trechos em português contendo provérbios e 32 contendo EIs, totalizando 50 fragmentos originais acompanhados de 4 traduções cada. Passou-se então à análise das 200 soluções fornecidas pelos diferentes tradutores para as ocorrências dos fraseologismos.

A metodologia empregada nessa análise consistiu em eliminações subsequentes, identificando primeiramente as estratégias mais facilmente reconhecíveis, sempre com base no exposto no capítulo 3. A resultante sequência de identificação das estratégias poderá ser mais

bem compreendida nos subitens a seguir, organizados de acordo com ela, que apresentam a discussão dos resultados obtidos. O corpus completo com a classificação das estratégias pode ser consultado no Anexo 1.

4.4.1 Ocorrências de tradução por paráfrase

Primeiramente, foram verificadas quais eram as soluções que não apresentavam sentido conotativo ou que constituíam lexias simples, mantendo, porém, uma intersecção de sentido notável com o fraseologismo do texto de partida. Nesses casos, consideramos ter sido utilizada a estratégia de tradução por paráfrase. Por esse raciocínio, pudemos caracterizar claramente como tais as traduções a seguir, por exemplo:

VII⁵

Saindo da pensão Macunaíma topou com um beija-flor com rabo de tesoura. Não gostou da cagiüira não e pensou abandonar o randevu porém como promessa é dívida fez um esconjuro e seguiu. Lá chegando encontrou o gigante no portão, esperando. [...]
(ANDRADE, 1965, p. 65)

As he was leaving his digs, Macunaíma saw a scissor-tailed hummingbird. He did not like this bad omen at all and almost gave up all thought of his rendezvous, but feeling himself bound by his appointment, he conjured up a spell to exorcise himself, and went on. On arrival he — the Frenchwoman — was met by the giant waiting at the gate. (GOODLAND, 1984, p. 43)⁶

2

[...] A velha tapanhumas escutou a voz do filho no longe cinzado e se espantou. Macunaíma apareceu de cara amarrada e falou pra ela:

— Mãe, sonhei que caiu meu dente. (ANDRADE, 1965, p. 25-26)

[...] *La vieja tapanumas escuchó la voz de su hijo en lo cenizo lejano y se espantó. Macunaíma apareció carantamaula y dijo hacia ella:*

— *Madre, soñé que se me caía un diente.* (OLEA, 2004, p. 64)

Em todo o corpus, a estratégia da tradução por paráfrase foi empregada 59 vezes, o que vem a confirmar a afirmação de Baker

⁵ Referência para localização no corpus.

⁶ Ver nota 6 do capítulo 3.

(1992) de que esta é uma solução bastante frequente (ver 2.4). Apesar de geralmente representar abrir mão de características como a idiomaticidade e a conotação, presentes no fraseologismo original, e por isso ser vista por muitos autores como um recurso inferior, foi possível observar ocorrências de tradução por paráfrase aplicada de maneira bastante expressiva. Alguns bons exemplos são:

IX

Daí Macunaíma pisou nos calos também:

— Pois nem eu queria nenhuma das três, sabe! Três, diabo fêz!

Então Vei com as três filhas foram pedir pouso num hotel e deixaram Macunaíma dormir com a Portuga na jangada. (ANDRADE, 1965, p. 89)

Then Macunaíma felt his own corns being trodden on: “Right now I don’t want any of your three you-know-whats either! Three of them! A devil’s brood; may the devil fly away with the lot of them!”

Vei, with her three daughters, swept off to look for a hotel, leaving Macunaíma to sleep with his white-skinned fishwife on the raft. (GOODLAND, 1984, p. 65-66)

5

— Mas eu estou querendo tanto a pedra!...

— Vá querendo!

— Pois tanto se me dá como se me dava, regatão! (ANDRADE, 1965, p. 61)

— *Ho tanta voglia di quella pietra!...*

— *Peggio per te!*

— *E allora non me ne importa un bel niente, spilorcio, rigattiere!* (GIORGI, 2006, p. 77)

— *Mais j’ai tellement envie de la pierre !...*

— *Eh bien, reste sur ton envie !*

— *L’avoir ou pas, ça m’est bien égal, marchand !* (THIÉRIOT, 1996, p. 75)

16

— Me diga uma coisa: você conhece a língua do lim-pim-gua-pá?

— Nunca vi mais gordo!

— Pois então, rival: Vá-pá à-pá mer-per-da-pá! (ANDRADE, 1965, p. 130)

— *Dígame una cosa mariposa: usté conoce la lengua del len-pen-gua-pá?*

— *Nunca oí esa vaina!*

— *Pos entonces, rival: An-pan-dá-pá a la-pá mier-per-da-pá!* (OLEA, 2004, p. 186)

[...] “*Tell me something, do you know the Arago lingo, like ‘Staraguff aragit aragup’?*”

“*Never ‘eard of it!’*”

“*Very well, Clever Dick, garago sharagit yaragour saragelf!*” (GOODLAND, 1984, p. 96)

Houve ainda diversos exemplos nos quais a tradução por paráfrase foi acompanhada por uma compensação em outro ponto do texto, ou até no mesmo ponto, tendo sido inserido um fraseologismo na própria paráfrase. Essas situações serão discutidas em 4.4.9 abaixo, ao tratarmos da estratégia de compensação.

É curioso notar também que 54 das ocorrências de tradução por paráfrase referem-se a EIs, e apenas 5 a provérbios. Mesmo descontando o fato de o corpus conter mais trechos com aquelas que com estes, a diferença ainda é bem marcante. Basta pensarmos que são 54 exemplos de tradução por paráfrase num total de 128 possibilidades, no caso das EIs, e apenas 5 num total de 72, no caso dos provérbios. Esses resultados podem sugerir uma maior facilidade ou tendência de se tentar outras soluções para traduzir provérbios do que para traduzir EIs.

A tradução para o inglês foi a que mais se utilizou de paráfrases (19 ocorrências), seguida pela do italiano e do francês (16 cada) e do espanhol (8). Uma hipótese especulativa para a menor ocorrência na tradução para o espanhol poderia ser que a proximidade com o português tenha facilitado ao tradutor utilizar outras soluções, como tradução literal ou por correspondente literal, com mais frequência do que puderam fazê-lo os tradutores das outras línguas.

4.4.2 Ocorrências de tradução por correspondente literal

Quando a solução tinha sentido conotativo e parecia configurar um provérbio ou EI correspondente, realizamos uma pesquisa em diversos dicionários gerais e especiais, da língua de chegada e bilíngues, com o intuito de confirmar se se tratavam de fraseologismos consagrados, de forma análoga ao processo para validar os trechos do original que compõem o corpus (ver 4.2 acima)⁷. Dessa forma, havendo

⁷ Para ampliar as possibilidades de consulta, recorremos algumas vezes a dicionários cuja digitalização foi disponibilizada, em parte ou no todo (no caso de obras em domínio público),

registro em algum dicionário consultado que confirmasse a cristalização do fraseologismo na língua de chegada, nos (poucos) casos em que ele também coincidissem com uma tradução literal, concluímos se tratar da estratégia de tradução por correspondente literal. Estas são algumas das ocorrências assim identificadas:

XIV

Teve raiva por demais e maliciou que ia ficar com o butecaiana que é doença da raiva. Então exclamou:

— Ara! Ande eu quente, ria-se a gente!

Tirou as calças pra refrescar e pisou em cima. (ANDRADE, 1965, p. 147)

Fue por demás tanta rabia y malició que iba a quedar con beatacanina que es el mal de la rabia. Entonces exclamó:

— Ara! Ándeme yo caliente, ríase la gente!

Se quitó los pantalones para refrescar y los pisoteó por encimita. (OLEA, 2004, p. 203)

XIII

— Bom-dia, conhecido, como le vai, muito obrigado, bem.

Trabalhando, não?

— Quem não trabuca não manduca.

— É mesmo. Bom, té-loguinho. (ANDRADE, 1965, p. 142)

— *Buongiorno, amico. Come va, bene, grazie. Si lavora, eh?*

— Chi non lavora non mangia.

— *Proprio così. Bene, arrivederci.* (GIORGI, 2006, p. 165)

“Good morning, friend,” the huckster greeted Macunaíma, “how d’ye do, thanks a lot! Doing a bit of work, eh? That’s good!”

“He who doesn’t work doesn’t eat!”

“You said it. Well, bye bye!” [...] (GOODLAND, 1984, p. 106)

O segundo exemplo acima representa um caso no qual os fraseologismos das línguas de chegada, conforme Baker (1992) alerta poder ocorrer (ver 2.4 e 3.1), não têm o mesmo efeito de seu

no site do Google Livros (<http://books.google.com.br/>). Alguns exemplos são Ortega (1953), Pellecer (2007) e Partridge (2002). Com esse recurso pudemos localizar alguns itens que não constavam em outros dicionários fisicamente acessíveis. Mesmo quando apenas uma parte dos livros foi disponibilizada, muitas vezes essas partes continham a EI ou o provérbio que procurávamos. Essas obras foram incluídas em nossa bibliografia, com a indicação do endereço online em que estão disponíveis suas digitalizações, mesmo nos casos em que são permitidas apenas visualizações parciais.

correspondente, mesmo se tratando de traduções literais. Isso se deve principalmente à ausência da rima e ao fato de os verbos *lavorare* e *mangiare* no italiano e *to work* e *to eat* no inglês serem de uso bem mais corriqueiro que “trabucar” e “manducar” no português. É notável ainda o traço semântico de intensidade atribuível a “trabucar” — “trabalhar *com grande energia*; lidar, labutar” (HOUISS, VILLAR e FRANCO, 2001, grifo nosso) — não compartilhado por *lavorare* e *to work*, mais neutros, tendo “trabalhar” como correspondente mais frequente.

Ao decidir se um fraseologismo utilizado na tradução seria considerado um correspondente literal em vez de correspondente não-literal, algumas vezes toleramos pequenas diferenças que, mesmo fazendo a tradução deixar de ser palavra-por-palavra, não fazem com que deixem de ser literais em sentido mais amplo (ver em 3.2 o conceito de tradução literal adotado neste trabalho). Não se pode negar, todavia, que os limites dessa tolerância, e conseqüentemente os limites de nosso conceito de literalidade, não podem ser estabelecidos de forma incontestável. Alguns exemplos:

II

[...] As lágrimas escorregando pelas faces infantis do herói iam lhe batizar a peitaria cabeluda. Então ele suspirava sacudindo a cabecinha:
— Qual, manos! Amor primeiro não tem companheiro, não!... (ANDRADE, 1965, p. 45)

[...] *Las lágrimas que escurrían por la faz infantil del héroe le iban a bautizar el pelo en pecho. Entonces suspiraba sacudiendo la cabecita:*
— *Ni modo, manos! Pal amor primero no hay compañero! ¿No?...* (OLEA, 2004, p. 87)

XVII

[...] Só ficara um aruaí muito falador. Macunaíma se consolou pensanteando: “O mal ganhado, diabo leva... paciência”. Passava os dias enfarado e se distraía fazendo o pássaro repetir na fala da tribo os casos que tinham sucedido pro herói desde infância. [...] (ANDRADE, 1965, p. 201)

[...] *Sólo quedó ahí un loro retetarabilla. Macunaíma se consoló cavicavilando: “Lo mal habido, el diablo se lo lleva... paciencia”. Se pasaba los días amorriñado y se distraía haciendo repetir al pajarraco en el habla de la tribu los casos que habían sucedido al héroe desde la niñez. [...]* (OLEA, 2004, p. 274)

VII

Saindo da pensão Macunaíma topou com um beija-flor com rabo de tesoura. Não gostou da caguíra não e pensou abandonar o randevu porém como promessa é dívida fêz um esconjuro e seguiu. Lá chegando encontrou o gigante no portão, esperando. (ANDRADE, 1965, p. 59)

Al momento di uscire dalla pensione, Macunaíma si vide davanti un colibrì con la coda a forbice e il presagio non gli andò proprio affatto a genio: pensò di rinunciare al randevu. Poi, dato che ogni promessa è debito, fece uno scongiuro e proseguì.

Là giunto, trovò il gigante davanti al cancello che l'aspettava. (GIORGI, 2006, p. 76)

Saliendo de la pensión, Macunaíma se topó con un chupamirto con rabo de tijera. No le gustó el presagio y pensó abandonar el rendez-vous pero como lo prometido es deuda en un santiamén se santiguó y siguió.

Llegando allá se encontró al gigante en el portón, esperando. (OLEA, 2004, p. 112)

23

Então os irmãos se descabelaram. Agora não era possível mais irem na Europa não, porque possuíam só a noite e o dia. Levaram na prantina enquanto o herói esfregava óleo de andiroba no corpo pros mosquitos não amolarem e adormecia bem. (ANDRADE, 1965, p. 147)

Entonces los manos se desesperaron. Ahora ya no era posible que fueran a Europa, pues sólo poseían a las noches y los días. Soportaron el lloriqueo mientras el héroe se refregaba aceite de jalapa en el cuerpo pa que los mosquitos no lo fregarán y se durmió de un hilo. (OLEA, 2004, p. 103)

A principal vantagem dos casos em que há um correspondente literal é a possibilidade de resolver mais facilmente trocadilhos ou outras referências a elementos do fraseologismo do texto original. É o que se pode verificar claramente nestes dois trechos:

VIII

Estava desconsolado de não ter força ainda e vinha numa distração tamanha que deu uma topada.

Então de tanta dor o herói viu no alto as estrêlas e entre elas enxergou Capêi mingoadinha cercada de névoa. (ANDRADE, 1965, p. 69)

Era tutto sconcolato per il fatto di non essere ancora in forze, e camminava tanto distrattamente che fece un bel capitombolo.

Allora, dal gran dolore, l'eroe vide le stelle lassù in alto e in mezzo ad esse scorse Capèi calante al massimo e circondata di bruma. (GIORGI, 2006, p. 87)

Estaba desconsolado por no tener las fuerzas aún y venía en tan tamaña distracción que se dio un topetazo.

Entonces de tanto dolor se puso a ver estrellas el héroe y en lo alto, entre ellas, divisó a Capei menguadita y cercada de neblina. (OLEA, 2004, p. 123)

11

[...] Caiuanogue foi se chegando porém o herói fedia muito.

— Vá tomar banho! ela fez. E foi-se embora.

Assim nasceu a expressão “Vá tomar banho!” que os Brasileiros empregam se referindo a certos imigrantes europeus. (ANDRADE, 1965, p. 87)

[...] Cayuanog se fue allegando pero el héroe apestaba mucho.

— Que qué, vete a bañar! — le replicó. Y se retiró.

Así nació la expresión “Vete a bañar!” que los Brasileños emplean refiriéndose a ciertos inmigrantes europeos. (OLEA, 2004, p. 138)

Caiïuanogue s'approche mais notre héros puit fort.

— Va te laver! Dit-elle. Et elle s'en fut.

Ainsi naquit l'expression « Va te laver » que les Brésiliens emploient à propos de certains immigrants européens. (THIÉRIOT, 1996, p. 96)

Nos dois trechos, “viu estrelas” e “vá tomar banho” são utilizados ao mesmo tempo em seu sentido conotativo, como EIs, e no sentido denotativo. Nas quatro traduções mostradas, esse jogo de palavras pôde ser mantido por existir um correspondente literal, enquanto nas traduções para as outras línguas os tradutores tiveram que dar outras soluções, como a tradução literal, por paráfrase, etc.

No entanto, em conformidade com o que afirmam alguns teóricos estudados nos capítulos anteriores, os casos em que foi possível uma tradução utilizando um correspondente literal foram poucos (15 no total: 7 com provérbios e 8 com EIs). E, como vimos no exemplo acima envolvendo o provérbio “Quem não trabuca não manduca”, nem sempre se trata de uma solução perfeita, podendo haver várias diferenças entre os correspondentes, mesmo eles tendo sentido e forma semelhantes. Como se podia prever pela maior proximidade com o português, a maior parte (10) das ocorrências de correspondente literal foi registrada na

tradução para o espanhol. A tradução para o italiano teve 3 e as outras duas tiveram 1 cada.

4.4.3 Ocorrências de tradução literal

Quando o fraseologismo foi traduzido literalmente, mas o resultado não constitui um correspondente na língua de chegada, verificamos tratar-se de aplicação da estratégia de tradução literal conforme delimitamos no capítulo anterior. Foram identificadas dessa forma 15 ocorrências, sendo 8 envolvendo provérbios e 7 envolvendo EIs. Os idiomas que mais se prestaram a essa solução foram o espanhol (8) e o italiano (5), mais uma vez possivelmente devido à maior proximidade com o português, enquanto o inglês e o francês tiveram apenas 1 ocorrência cada.

A maioria dos casos de tradução literal localizados no corpus também podem ser considerados exemplos de tradução da letra, pois resultam em enunciados com traços de provérbios ou EIs na língua de chegada. É o que podemos notar nos exemplos abaixo, particularmente no primeiro:

I

Nas conversas das mulheres no pino do dia o assunto eram sempre as peraltagens do herói. As mulheres se riam muito simpatizadas, falando que “espinho que pinica, de pequeno já traz ponta”, e numa pagelança Rei Nagô fez um discurso e avisou que o herói era inteligente. (ANDRADE, 1965, p. 13)

En las pláticas de mujeres a pleno rayo del día, el bululú era siempre por las travesuras del héroe. Las mujeres reían muy halagadas, diciendo que “espina que pincha de pequeña ya trae punta” y en una brujencia de payé, Rey Nagô hizo un discurso y avisó que el héroe era inteligente. (OLEA, 2004, p. 48)

8

Chegou na pensão tomando a bênção de cachorro e chamando gato de tio, só vendo! suando esfolado com fogo nos olhos, botando os bofes pela boca. (ANDRADE, 1965, p. 70)

Llegó a la pensión tan sumiso que tomaba la bendición del perro y llamaba al gato de tío, tenían que verlo! Sudaba despellejándose con ojos de fuego, echando los bofes por la boca. (OLEA, 2004, p. 119)

Especialmente em relação às EIs, muitas vezes as duas estratégias se sobrepõem, já que, enquanto com provérbios é necessário que a tradução literal tenha ritmo ou outros traços característicos para poder ser considerada também uma tradução da letra, no caso da EI normalmente não há muitos outros atributos além da conotação. Assim, a tradução literal de uma EI somente não é também uma tradução da letra quando soa totalmente estranha ou sem sentido na língua de chegada. Porém, como em todos os casos envolvendo provérbios também houve essa coincidência, podemos pensar na seguinte explicação: como a tradução literal geralmente é mal vista por grande parte dos teóricos e tradutores, conforme constatamos nos capítulos anteriores, pode ser que os tradutores de *Macunaíma* somente tenham se permitido traduzir literalmente quando o resultado soasse como provérbio, e tenham portanto evitado fazê-lo nos demais casos. O alcance deste estudo, todavia, não permite confirmar tal hipótese.

Foram observados apenas dois casos, envolvendo a tradução de EIs, nos quais é possível dizer que a tradução literal não coincide com uma tradução da letra. Em ambos os casos ela é associada ao recurso das notas de rodapé. Essas notas foram bastante raras na maioria das traduções que compõem nosso corpus. Apenas a tradutora italiana lança mão delas com mais frequência⁸, havendo pelo menos uma na maioria das páginas, normalmente com o intuito de esclarecer alguma referência histórica, geográfica, cultural, etc. Seis delas encontram-se nos trechos selecionados para o corpus, sendo que duas nos interessam diretamente por envolverem a tradução de EIs. O primeiro trecho é o seguinte:

30

E trepou na rede com Denaquê. Imaerô desinfeliz suspirou assim:

— Deixe estar jacaré, que a lagoa há-de secar!... (ANDRADE, 1965, p. 204)

E si mise nell'amaca con Denaquê, mentre Imaerô sospirava sconsolatamente:

— Lascia perdere i jacaré, tanto lo stagno si asciugherà!...^{*9} (GIORGI, 2006, p. 241)

⁸ Apesar de as notas não conterem nenhuma indicação do tipo “N. do T”, parece-nos muito provável que sejam notas da tradutora, pelo caráter das informações nelas inseridas.

⁹ Versi popolari.

⁹ Utilizamos um sistema diferente para a chamada das notas de rodapé oriundas da tradução italiana, para distingui-las das nossas.

O exemplo contém uma tradução literal da EI brasileira (embora com uma interpretação equivocada, como se se estivesse falando sobre jacarés e não ao jacaré) e afirma na nota de rodapé tratar-se de “versos populares”, o que não nos parece de todo falso, embora para este trabalho se trate de uma EI. De todo modo, podemos pensar aqui numa variação da estratégia de tradução literal não prevista pelos teóricos estudados e não explorada nas demais traduções que constituem o corpus. Essa variação consistiria em, tendo traduzido o fraseologismo literalmente, explicitar em nota que aquele enunciado é uma EI ou um provérbio (apesar de não ter havido nenhum exemplo no corpus, a solução aparentemente seria válida também na tradução de provérbios).

O outro caso envolvendo o recurso a notas é:

11

[...] Caiuanogue foi se chegando porém o herói fedia muito.

— Vá tomar banho! ela fez. E foi-se embora.

Assim nasceu a expressão “Vá tomar banho!” que os Brasileiros empregam se referindo a certos imigrantes europeus. (ANDRADE, 1965, p. 87)

[...] *Caiuanogue si avvicinò: ma l'eroe puzzava troppo.*

— *Va' a fare il bagno** — disse; e se ne andò.

Fu così che ebbe origine l'espressione “Vá tomar banho!”, di cui si servono i brasiliani riferendosi a certi immigrati europei. (GIORGI, 2006, p. 102)

Novamente a nota de rodapé refere-se à tradução literal do fraseologismo, porém desta vez a informação fornecida nela é a EI correspondente no italiano. Trata-se de mais uma possibilidade não mencionada em nossas referências bibliográficas e que aparece esta única vez no corpus, embora nos pareça uma alternativa bastante interessante para traduzir provérbios e EIs, pois mantém a imagem conotativa presente no original e ao mesmo tempo facilita a compreensão por parte do leitor. Pode-se notar inclusive que isso permitiu à tradutora utilizar logo em seguida, na segunda ocorrência da mesma EI, o fraseologismo em português.

Portanto, a tradução literal acompanhada de nota de rodapé parece ser uma solução bastante viável principalmente em trechos como este, nos quais o sentido denotativo do fraseologismo tem relação com o contexto em que está inserido. Neste exemplo, “vá tomar banho”

* Equivalente dell'italiano “va' a farti friggere!”.

funciona simultaneamente como EI e como expressão com sentido denotativo, relacionado ao mau cheiro do personagem Macunaíma, jogo que não seria possível reproduzir se fosse simplesmente traduzida pelo correspondente “*va’ a farti friggere*” (algo como “vá se fritar”)¹⁰.

4.4.4 Ocorrências de tradução por correspondente não-literal

Quando há registro em algum dicionário consultado, porém o fraseologismo não coincide com a tradução literal, identificamos a estratégia de tradução por correspondente não-literal.

XI

— Oi, conhecido, tome tento com gigante! Você já sabe do que ele é capaz. Piaimã está fraco está fraco porém canudo que teve pimenta guarda o ardume. Si você não tem medo mesmo, aposto. (ANDRADE, 1965, p. 130)

— *Ehi, amico, sta’ attento, con quel gigante! Sai bene di che cosa è capace. Piaimã è debole, è debole, però la volpe perde il pelo e non il vizio... se davvero non hai paura, io ci sto.* (GIORGI, 2006, p. 150)

1

— Bom-dia, coraçãozinho dos outros.

Porém Macunaíma fechou-se em copas carrancudo.

— Não quer falar comigo, é?

— Estou de mal. (ANDRADE, 1965, p. 15)

— *Buenos días, corazoncito de los demás*

Pero Macunaíma rostritorcido cerró el pico.

— *¿No quieres hablar conmigo, eh?*

— *Ando de malas.* (OLEA, 2004, p. 50)

Em alguns casos, quando uma frase ou expressão não consta em nenhuma das obras consultadas, tentou-se ainda mais um expediente para investigar se é cristalizada no idioma: a pesquisa de ocorrências na internet. Assim, consideramos que um número elevado de ocorrências¹¹

¹⁰ Como vimos em 4.4.2 acima, em italiano e francês havia correspondentes literais. Na tradução para o inglês, o problema foi resolvido empregando um correspondente não-literal relacionado ao mesmo campo semântico: “*go jump in the lake*”.

¹¹ Comparando as próprias buscas realizadas, estabelecemos o patamar de mil páginas para considerar a ocorrência significativa. A rigor, tal valor deveria variar de acordo com o idioma, mas, como a pesquisa na internet foi apenas um recurso acessório e não o principal para

ao realizarmos uma busca com a ferramenta Google¹² indicaria ser a frase ou expressão pesquisada provavelmente cristalizada no idioma¹³. Foi esse o caso com o seguinte segmento:

7

Vai, êle sentou na rêde mui rente da francesa, muito! e falou murmurando que com êle era oito ou oitenta, não vendia não emprestava a pedra mas porém era capaz de dar... “Conforme...” O gigante estava mas era querendo brincar com a francesa. (ANDRADE, 1965, p. 60)

Entonces se sentó en la hamaca muy junto de la francesa, harto! y habló murmulando, pues con él lo demás era lo de menos, ya que no vendía ni prestaba la piedra pero sin embargo sería capaz de darla... “Depende de los asegunes...” El gigante lo que estaba de veras queriendo era jugar con la francesa. (OLEA, 2004, p. 115)

Após as buscas em todos os dicionários disponíveis, foi localizada apenas a EI “*tanto es lo demás como lo de menos*” em Frauca (1906); ao buscarmos na internet, porém, constatamos milhares de ocorrências de “*lo demás era lo de menos*” e “*lo demás es lo de menos*”, principalmente desta última, por ser também o título de uma canção. Assim, pudemos concluir tratar-se de uma expressão cristalizada no espanhol, característica que faltava para confirmá-la como correspondente não-literal da EI brasileira.

Vale dizer ainda que consideramos tratar-se dessa estratégia mesmo quando tenha sido empregado um ditado ou citação em vez de um provérbio. Levando em conta a proximidade desses fraseologismos e o fato de muitos autores não se preocuparem em distingui-los, parecemos que o efeito possivelmente pretendido com sua utilização seja mais

determinar a consagração do fraseologismo, não consideramos imprescindível estabelecer critérios mais precisos nesse sentido.

¹² Para melhor ajustar as buscas a cada idioma, utilizamos os seguintes endereços: www.google.com para as buscas em língua inglesa; www.google.it para aquelas em língua italiana; www.google.es para aquelas em língua espanhola; e www.google.fr para aquelas em língua francesa.

¹³ Tomamos o cuidado, todavia, de sempre verificar se as ocorrências não eram, na totalidade ou em sua maioria, referentes a outros sentidos da expressão ou frase. Diante da impossibilidade de analisar todas as páginas oferecidas como resultado de algumas buscas, utilizamos-nos de amostras, ou seja, abrimos algumas dessas páginas para observar com qual sentido a palavra ou expressão era predominantemente empregada nelas. Outra precaução foi não procurar apenas o fraseologismo completo, exatamente como aparece nas traduções, mas realizar também buscas por partes dele, ou inverter a ordem de algumas palavras, ou ainda substituir algumas delas por sinônimos, etc., com o intuito de localizar possíveis variantes.

semelhante ao da tradução por correspondente que ao da tradução por paráfrase ou qualquer outra estratégia. É o caso nestes exemplos:

II

[...] As lágrimas escorregando pelas faces infantis do herói iam lhe batizar a peitaria cabeluda. Então ele suspirava sacudindo a cabecinha:

— Qual, manos! Amor primeiro não tem companheiro, não!... (ANDRADE, 1965, p. 45)

[...] *le lacrime che scorrevano sul volto infantile dell'eroe andavano a battezzargli il gran petto villosso. Allora lui sospirava scuotendo la piccola testa:*

— *È inutile, fratelli: il primo amore non si scorda mai!*... (GIORGI, 2006, p. 53)

[...] *Les larmes qui ruisselaient sur les joues de notre héros allaient baptiser sa poitrine poilue. Alors secouant sa petite tête, il soupirait :*

— *Ah ! Mes frères, premier amour dure toujours !* (THIÉRIOT, 1996, p. 54)

XV

— Iriqui é muito relambória, mano, mas a princesa, upa! Não dê credito pra Iriqui não! Oi que Sol de inverno chuva de verão choro de mulher palavra de ladrão, eieiei... ninguém não caia não! (ANDRADE, 1965, p. 183)

— *Iriquí es muy singracia, mano, pero la princesa, uepa! No, no les des bolilla a Iriquí! “No olvidés, me decía Fierro, / que el hombre no debe creer / en las lágrimas de mujer / ni en la renguera del perro”.* Ayayay, *malhaya quien caiga...* (OLEA, 2004, p. 252)

Em relação ao primeiro trecho, localizamos o fraseologismo italiano em Arthaber (1989) e uma ocorrência significativa (4.110 páginas) do francês na internet, além de um fraseologismo semelhante (“*On revient toujours a ses premières amours*”) em Maloux (1960, 2001) e Lacerda, Lacerda e Abreu (1999). Dessa forma, pode-se concluir que sejam consagrados em seus idiomas, porém seu sentido não nos parece ser conotativo, de modo que não se configurariam como provérbios, mas sim como ditados. De maneira semelhante, a solução utilizada para o segundo trecho não é um provérbio, mas uma citação, retirada da obra *El gaucho Martín Fierro*, de José Hernández, publicada em 1872 (CULLETON, 2005).

Foram ao todo 56 ocorrências da estratégia, sendo 10 para traduzir provérbios e 46 para traduzir EIs. A distribuição por idiomas foi

bastante homogênea: 16 no inglês, 14 no italiano e no espanhol e 12 no francês. Essa frequente utilização vai ao encontro dos resultados da revisão bibliográfica discutida nos capítulos anteriores, que apontavam uma forte preferência da maior parte dos teóricos estudados pela tradução por correspondentes. Por outro lado, a predominância de ocorrências com EIs sugere mais uma vez, assim como no caso da tradução por paráfrase (ver 4.4.1 acima), uma possível maior preocupação em reproduzir os aspectos formais dos provérbios, ocasionando a tentativa de outras alternativas que não privilegiem apenas o sentido. Uma dessas alternativas foi a tradução da letra.

4.4.5 Ocorrências de tradução da letra

Não tendo sido localizado registro nos dicionários consultados nem ocorrência abundante na internet, consideramos tratar-se da estratégia de tradução da letra quando ainda assim a tradução possuísse características que a fizessem parecer um provérbio ou uma EI na língua de chegada. Aqui se admite certo grau de incerteza, já que o fato de não constarem em dicionários ou na internet não fornece certeza absoluta de não se tratar de um fraseologismo consagrado. No entanto, como a pesquisa foi ampla e minuciosa, podemos crer que a margem de erro seja pequena.

Também se deve admitir alguma subjetividade ao julgar a semelhança ou não da tradução com um provérbio ou EI, decisão que representa a distinção entre uma tradução da letra e uma tradução por figura de linguagem não-consagrada. Esse aspecto será comentado em 4.4.12 abaixo. Por ora, vejamos alguns exemplos claros de tradução da letra.

I

Nas conversas das mulheres no pino do dia o assunto eram sempre as peraltagens do herói. As mulheres se riam muito simpatizadas, falando que “espinho que pinica, de pequeno já traz ponta”, e numa pagelanza Rei Nagô fez um discurso e avisou que o herói era inteligente. (ANDRADE, 1965, p. 13)

L'argomento abituale delle chiacchiere delle donne all'imbrunire erano sempre i maestri dell'eroe. Le donne se la ridevano con simpatia e dicevano che “prun che punge ha la punta aguzza fin da piccino”; in

occasione di una pagelança il re Nagô fece un bel discorso per comunicare che l'eroe era intelligente. (GIORGI, 2006, p. 14)*

En las pláticas de mujeres a pleno rayo del día, el bululú era siempre por las travesuras del héroe. Las mujeres reían muy halagadas, diciendo que “espina que pincha de pequeña ya trae punta” y en una brujencia de payé, Rey Nagô hizo un discurso y avisó que el héroe era inteligente. (OLEA, 2004, p. 48)

Dans les conversations méridiennes des femmes, le grand sujet c'était toujours les polissonneries de notre héros. Elles en riaient de bon coeur en disant : « Épine qui pique même petite déjà pointe. » Et lors du rite de la pajelança, le Roi Nagô fit un discours et publia que notre héros était intelligent. (THIÉRIOT, 1996, p. 24)

20

[...] Maanape e Jiguê encontraram o herói na porta da rua e perguntaram pra ele:

— Quem matou seu cachorrinho, meus cuidados?

Então Macunaíma contou o sucedido e principiou chorando. [...] (ANDRADE, 1965, p. 141)

[...] Maanape e Jiguê erano davanti alla porta di strada e gli dissero:

— Chi ti ha ucciso il cagnolino, mio carino?

Allora Macunaíma raccontò quello che era successo e incominciò a piangere. [...] (GIORGI, 2006, p. 164)

Em relação ao primeiro segmento, todas as traduções, umas mais literais e outras menos, mantêm a imagem figurada presente no original, além de aspectos formais como concisão e aliterações, especialmente envolvendo a consoante “p”; no italiano temos ainda assonâncias com as vogais “u” e “i”. Em espanhol e francês, os dicionários registram formas consagradas semelhantes em relação à imagem utilizada (“*La espina cuando nace, la punta lleva delante*”, “*L'épine en naissant va la pointe devant*”); no entanto, ainda assim temos em ambos os casos traduções mais literais (palavra-por-palavra, no caso do espanhol), que reproduzem a forma do provérbio original e também soam como provérbios na língua de chegada, como se fossem variantes daqueles já existentes.

No segundo exemplo, também temos, em vez de um correspondente como “*Ti è morto il gatto?*”, registrado em Battaglia (1970), uma tradução mais literal (palavra-por-palavra seria “*Chi ha*

* Cerimonia rituale di scongiuro.

ucciso il tuo cagnolino?”), com algumas alterações que permitem recuperar o comprimento e o ritmo da EI brasileira, uma vez que a tradução apresenta o mesmo número de sílabas e os acentos tônicos nas mesmas posições.

Uma solução interessante envolvendo a estratégia de tradução da letra é a utilizada no seguinte exemplo:

IX

Daí Macunaíma pisou nos calos também:

— Pois nem eu queria nenhuma das três, sabe! Três, diabo fêz!

Então Vei com as três filhas foram pedir pouso num hotel e deixaram Macunaíma dormir com a Portuga na jangada. (ANDRADE, 1965, p. 92)

Entonces Macunaíma perdió la figura también.

— *Pos al fin que ni quería, entiende! Tres, ni al revés!*

Entonces Vei y las tres hijas se fueron a pedir posada en un hotel y dejaron a Macunaíma durmiendo con la Portuga en la jangada. (OLEA, 2004, p. 143)

A frase “*Tres, ni al revés*” não foi localizada nos dicionários consultados e nem apresentou ocorrências na internet. Verificamos, porém, uma frequência alta na internet da expressão “*ni al revés*”, além de ocorrências da variante “*ni al derecho ni al revés*”, indicando que, apesar de não constarem nos dicionários consultados, estas provavelmente são EIs consagradas no idioma espanhol. Assim sendo, temos uma tradução que, além de reproduzir características formais do original, como concisão e rima, e portanto soar como um provérbio na língua de chegada, ainda utiliza, na construção desse candidato a provérbio, uma EI preexistente, reforçando a idiomaticidade da recriação proposta.

A estratégia parece ter sido uma opção interessante especialmente em alguns casos nos quais possibilitou a manutenção de referentes culturais mencionados no provérbio brasileiro, como nestes exemplos:

III

Resolveu abandonar a empresa, voltando pros pagos de que era imperador. Porém Maanape falou pra êle:

— Deixa de ser aruá, mano! Por morrer um carangueijo o mangue não bota luto não! que diacho! desanima não que arranjo as coisas! (ANDRADE, 1965, p. 44)

Resolvió abandonar la empresa volviendo pa los pagos donde era emperador. Pero Maanape habló de este modo:

— *Dejese de ser baboso, mano! Por un cangrejo muerto el manglar no guarda luto! qué diablos! no se desanime que yo me las arreglo con esos cosos!* (OLEA, 2004, p. 97)

Et décide d'abandonner son entreprise et de retourner aux domaines dont il était empereur. Mais Maanape lui dit :

— *Ne sois pas moule, frérot ! Un crabe qui crève n'endeuille pas la grève, qui diable ! Ne perds pas courage, je vais tout arranger !* (THIÉRIOT, 1996, p. 60)

XVI

A princesa teve ódio. É que ela andava últimamente brincando com Jiguê. Macunaíma bem que percebeu porém imaginou: “Plantei mandioca nasceu maniva, de ladrão de casa ninguém se priva, paciência!...” E tinha encolhido os ombros. (ANDRADE, 1965, p. 203)

La principessa si arrabiò molto. Perché da qualche tempo aveva cominciato a divertirsi insieme a Jiguê. Macunaíma se ne era accorto benissimo ma aveva pensato: “Piantando manioca vien su maniva, di ladro di casa nessun si priva, pazienza!...”. Si era stretto nelle spalle.* (GOODLAND, 1984, p. 226)

A la princesa-carambolo le dio odio. Era ella quien ultimadamente jugueteaba con Yigué. Macunaíma bien que se dio cuenta, pero pensó: “Planto mandioca y me nace ñame, del ladronicio de casa nadie se espante, paciência...”. Y había encogido los hombros. (OLEA, 2004, p. 261-262)

The princess shuddered with disgust and loathing. Of late, she had been making love with Jiguê. Macunaíma had noticed this, but had shrugged his shoulders and said to himself,

“I planted cassava, cassava grew;

From a thief in the house,

No one is secure!

Patience!” (GOODLAND, 1984, p. 148-149)

La princesse en conçut de la haine : vous devez savoir que ces derniers temps elle s'amusait avec Jigué. Macounaíma s'en était aperçu mais avait pensé : « J'ai semé du manioc, je récolte du manioc, c'est le lot de chacun d'abriter un voleur dans sa demeure, attendons notre heure !... » Et il avait haussé les épaules. (THIÉRIOT, 1996, p. 202)

* L'inutile fogliame della manioca: solo il tubero è commestibile.

A tradução da letra foi empregada para traduzir 38 provérbios e 13 EIs, totalizando 51 ocorrências¹⁴. Essa utilização foi mais frequente do que esperávamos inicialmente, considerando as poucas menções à estratégia na bibliografia consultada. Uma razão pode ser a carga cultural da obra traduzida, plena de elementos culturalmente marcados do contexto brasileiro, o que pode ter levado a uma preocupação em não aclimatá-la demais nas traduções, uma possível consequência se se recorresse sempre a correspondentes. No caso dos provérbios, a tradução da letra chega a ser a estratégia predominante, reforçando a hipótese de haver uma maior preocupação com as características formais na tradução desses fraseologismos em comparação com a das EIs, tendência já sugerida pelos resultados referentes à tradução por paráfrase e por correspondente não-literal (ver 4.4.1 e 4.4.4 acima).

Os idiomas nos quais a tradução da letra foi mais utilizada foram o francês e o espanhol, com 16 exemplos cada, enquanto o inglês teve 11 casos e o italiano 9. De fato, em relação à tradução francesa, Torres (2004) também já observou que

Os ditados e provérbios traduzidos por Thiériot são, segundo a expressão de Berman (1985 : 36), traduzidos “literalmente”. Não se trata de traduções palavra-por-palavra, mas de uma tradução que conserva ritmo, comprimento, aliteração e moral [...] O tradutor até mesmo criou rimas que não existem no texto brasileiro e conservou as principais metáforas [...]. A atenção do tradutor é voltada, ainda segundo a expressão de Berman, “ao jogo dos significantes” [...]. (TORRES, 2004, p. 285)¹⁵

¹⁴ Desse total, houve casos nos quais a estratégia coincidiu com a tradução literal, ou nos quais a solução dada também poderia ser interpretada como outra estratégia. Esses casos são comentados em 4.4.11 e 4.4.12 abaixo.

¹⁵ *Les dictons et proverbes traduits par Thiériot sont, selon l'expression de Berman (1985 : 36), traduits « littéralement ». Il ne s'agit pas de traductions mots à mots mais d'une traduction qui conserve rythme, longueur, allitération et morale [...] Le traducteur a même créé des rimes qui n'existent pas dans le texte brésilien et a conservé les principales métaphores [...]. L'attention du traducteur s'est portée, toujours selon l'expression de Berman, « au jeu des signifiants » [...].*

4.4.6 Ocorrências de tradução por figura de linguagem não-consagrada

Quando uma tradução observada no corpus mantém de alguma forma a conotação verificada no provérbio ou EI do original, porém **não** em forma de provérbio ou EI (nem preexistentes na língua de chegada, nem como criação do tradutor por meio de uma tradução da letra), consideramos caracterizada a estratégia de tradução por figura de linguagem não-consagrada, prevista com base na sugestão de Nida (1964) de tradução de metáfora por metáfora (ver 2.2 e 3.3)¹⁶. Os exemplos a seguir esclarecem melhor como ela funciona:

I

Nas conversas das mulheres no pino do dia o assunto eram sempre as peraltagens do herói. As mulheres se riam muito simpatizadas, falando que “espinho que pinica, de pequeno já traz ponta”, e numa pagelança Rei Nagô fez um discurso e avisou que o herói era inteligente. (ANDRADE, 1965, p. 13)

During the women's midday chatter the talk was always about the hero's pranks. The women laughed knowingly, saying, “The little one's prickly prickle already has a point!” And in the tribal assembly, King Nagô declared that the hero had his head screwed on the right way. (GOODLAND, 1984, p. 4)

XII

— Olha, primo, pagar não posso não mas vou te dar um conselho que vale ouro: Neste mundo tem três barras que são a perdição dos homens: barra de rio, barra de ouro e barra de saia, não caia! (ANDRADE, 1965, p. 138)

— *Senti, cugino, pagare non posso, ma ti voglio dare un consiglio che vale un tesoro: a questo mondo ci sono tre “barra” che portano l'uomo alla perdizione: barra (secca) di fiume, barra (sbarra) d'oro, e barra (orlo) di gonna, attenzione.* (GIORGI, 2006, p. 160)

[...] *“Look, cousin, it's impossible for me to repay you, but I'll make you a present of some advice that's worth its weight in gold. In this*

¹⁶ Pode-se pensar também que em alguns casos esta não seja uma estratégia, mas apenas o resultado do fato de o tradutor ter pensado tratar-se no original de uma metáfora ou outra figura de linguagem comum, e não cristalizada. Contudo, como neste trabalho lidamos apenas com o produto da tradução, sem termos acesso ao processo tradutório, não temos meios de verificar essa hipótese. Além disso, o fato de uma estratégia ter sido voluntária ou involuntária não influencia seus efeitos no texto traduzido.

world there are three bars that are the ruination of mankind: the sand bar in a river — where the washerwomen are endlessly quarreling; the bar of gold — over which both friends and thieves fall out; and the bar of a skirt that won't come off!” (GOODLAND, 1984, p. 103)

No primeiro exemplo, nota-se que o enunciado empregado para traduzir o provérbio brasileiro é conotativo, empregando uma imagem semelhante, além de conter um jogo de palavras com “*prickly prickle*”. Apesar disso, não se parece com um provérbio na língua de chegada por não ser geral, mas se referir especificamente ao menino Macunaíma (“*the little one*”). Portanto, não pode ser considerado uma tradução da letra conforme tratada aqui, mas ilustra bem o que estamos chamando de tradução por figura de linguagem não-consagrada.

No segundo exemplo, também fica claro que as traduções não são nem pretendem parecer provérbios, pois em ambas são inseridos apostos para esclarecer o significado de suas partes, o que seria desnecessário se se tratasse de um provérbio cristalizado e desaconselhável se se pretendesse imitar um. É fácil notar a diferença em relação a uma tradução da letra comparando com a versão francesa:

— *Écoute, cousin, je peux pas te payer mais je vais te donner un conseil qui vaut son pesant d'oseille : En ce monde, sables mouvants, or trébuchant et jupon au vent sont la perdition des hommes. Garde-toi de tomber dans leur piège !* (THIÉRIOT, 1996, p. 147)

Muitas vezes, porém, a distinção entre as duas estratégias não é tão clara, pois o limite a partir do qual podemos dizer que um enunciado soa como provérbio pode ser incerto e depender da subjetividade do leitor. Essas situações são comentadas com mais detalhes em 4.4.12 abaixo.

Do total de 17 ocorrências¹⁷ de tradução por figura de linguagem não-consagrada, 15 envolvem provérbios e apenas 2 envolvem EIs, novamente, podemos supor, por estas terem menos elementos conotativos passíveis de recriação do que aqueles, e por isso se

¹⁷ Os casos em que a solução do texto traduzido pode ser interpretada como tradução da letra ou como tradução por figura de linguagem não-consagrada (ver 4.4.12 abaixo) foram incluídos em ambas as contagens, mas, como as duas estratégias são mutuamente excludentes, diferentes interpretações podem levar a diferentes totais para cada uma delas. Preferimos levar em conta as duas possibilidades e não forçar uma classificação unívoca, já que o principal objetivo de nossa análise do corpus não foi chegar a resultados quantitativos, com números exatos, mas sim embasar uma pesquisa de cunho mais qualitativo.

prestarem mais à tradução por correspondentes ou por paráfrase. Por sinal, os dois exemplos da estratégia com EIs referem-se a expressões mais longas, e podem, dependendo da leitura, ser considerados como traduções da letra.

8

Chegou na pensão tomando a bênção de cachorro e chamando gato de tio, só vendo! suando esfolado com fogo nos olhos, botando os bofes pela boca. Descansou um pedaço e como estava arado de fome bateu uma fritada de sururu de Maceió, um pato seco de Marajó molhando a janta com mocoioró. Descansou. (ANDRADE, 1965, p. 70)

Macounaïma arriva à la pension il fallait voir dans quel état ! Suant, soufflant, l'oeil enflammé, des égratignures partout, époumoné, égaré : il présenta ses civilités au chien et appela tonton le matou. Il s'accorda un petit repos et comme il avait une de ces faims, il bâfra une friture de moules de Maceió, un canard fumé de Marajó et arrosa le casse-croûte de liquer de cajou. Et là-dessus se repose. (THIÉRIOT, 1996, p. 80)

30

E trepou na rêde com Denaque. Imaerô desinfeliz suspirou assim: — Deixe estar jacaré, que a lagoa há-de secar!... (p. 217)

Y se trepó en la hamaca con Denaqué. Imaeró desinfeliz suspiró así: — No le hace caimán, que tus lagunas se han de secar! (OLEA, 2004, p. 278)

Nenhum dos casos de tradução utilizando essa estratégia correspondeu à tradução por símiles, prevista por Nida (1964) e incluída por nós como uma subcategoria da tradução por figura de linguagem não-consagrada (ver 2.2 e 3.3). Inicialmente, pensamos que fosse esse o caso nesta tradução para o inglês:

28

[...] Légua e meia adiante olhou pra trás. Isso Oibê vinha na cola dele. Então tornou a botar o furabolo na goela e lançou que era só feijão e água. [...] (ANDRADE, 1965, p. 181)

[...] A league and a half farther, he looked over his shoulder to find Oibê sticking to him like glue, so he tickled his throat yet again and threw up just beans and water [...] (GOODLAND, 1984, p. 139)

Entretanto, posteriormente localizamos um registro da EI em Fraenkel (1987), de modo que concluímos tratar-se simplesmente de uma tradução por correspondente não-literal.

4.4.7 Ocorrências de tradução por correspondente adaptado

Houve 6 casos em nosso corpus (3 com provérbios e 3 com EIs) nos quais a estratégia utilizada parecia uma tradução da letra, porém na verdade consistia em uma combinação de elementos do correspondente não-literal da língua de chegada com elementos da tradução literal do fraseologismo original. Essa possibilidade foi prevista, na bibliografia estudada, apenas por Mallafrè (1991), como uma variação da tradução por correspondente não-literal (“equivalência preexistente”, para o autor). Como comentado em 3.6, consideramos mais apropriado vê-la como uma estratégia à parte, a qual chamamos de “tradução por correspondente adaptado”. Eis alguns exemplos:

IV

Oitenta contos não valia muito mas o herói refletiu bem e falou pros manos:

— Paciência. A gente se arruma com isso mesmo, quem quer cavalo sem tacha anda de a-pé...

Com êsses cobres é que Macunaíma viveu. (ANDRADE, 1965, p. 44)

[...] *Ochenta contos no valía mucho pero el héroe reflexionó bien y le dijo a los manos:*

— *Paciencia. Uno se las arregla con eso mero, pues quien quiere caballo con colmillo dado anda a pie...*

Con esos cobres Macunaíma la fue pasando. (OLEA, 2004, p. 97)

25

No fim da semana o herói estava descascando bem e foi na cidade buscar sarna pra se coçar. Andou banzando banzando, e muito fatigado por causa da fraqueza parou no parque do Anhangabaú. (ANDRADE, 1965, p. 153)

Alla fine della settimana l'eroe aveva già incominciato a spellarsi e andò in città a cercarsi delle rogne da grattare. Gironzoló, gironzoló e quando fu troppo stanco per la debolezza che aveva addosso andò a fermarsi nel giardino dell'Anhangabaú. (GIORGI, 2006, p. 175-176)

20

Brincou com a copeira muito aluado e voltou macambúzio prà pensão. Maanape e Jiguê encontraram o herói na porta da rua e perguntaram pra êle:

— Quem matou seu cachorrinho, meus cuidados?

Então Macunaíma contou o sucedido e principiou chorando. (ANDRADE, 1965, p. 143-144)

Jugueteó en la cama-camara de la mucama con la cabeza en la luna y regresó a la pensión pesaroso. Maanape y Yiguê hallaron al héroe en la puerta de la calle y le preguntaron:

— *¿Qué, lo machucó un tren, mis cuidados?*

Entonces Macunaíma contó lo sucedido y llegó a llorar. (OLEA, 2004, p. 199-200)

Maanape et Jigué trouvèrent notre héros sur le pas de la porte et lui demandèrent :

— *Ma parole, frangin ! On a tué ton chien !*

Alors Macounaïma leur conta ce qui était arrivé et se mit à pleurer. (THIÉRIOT, 1996, p. 150)

No primeiro exemplo, a solução dada pelo tradutor mexicano é uma fusão da tradução literal do provérbio brasileiro com o correspondente “*A caballo regalado no se le mira/busca el colmillo*”. Da mesma forma, o correspondente italiano da EI “buscar sarna para se coçar” é “*cercare (delle) rogne*”, ao qual o tradutor acrescenta “*da grattare*”, presente apenas na EI brasileira (“para se coçar”). Por fim, no terceiro exemplo, as traduções para o espanhol e para o francês da EI “quem matou seu cachorrinho?” são elaboradas, respectivamente, a partir da fórmula de despedida jocosa “*Que te vaya bien – y que te machuque un tren*” e a partir dos provérbios preexistentes em francês “*Celui qui/Quand on veut tuer son chien (on) l’accuse de la rage/dit qu’il est enragé*” e “*Il ne faut pas tuer son chien pour une mauvaise année*”.

Apesar de quase não ser mencionada em nossa bibliografia, essa estratégia foi empregada pelo menos uma vez na tradução para cada idioma.

4.4.8 Ocorrências de tradução por criação de correspondente

Após identificarmos no corpus todas essas estratégias conforme descrito acima, restaram ainda 4 casos (2 envolvendo provérbios e 2 envolvendo EIs) que receberam soluções que não correspondiam a

nenhuma delas. As traduções utilizadas para verter os fraseologismos tinham traços de provérbios e EIs da língua de chegada (portanto não eram paráfrases nem traduções por figura de linguagem não-consagrada), porém empregavam imagens e conotações muito diferentes daquelas do original (o que excluiria traduções literais, da letra ou por correspondente literal) e não foram localizadas em dicionários ou na internet (não sendo, assim, correspondentes não-literais). Embora a princípio tenham parecido casos sem solução prevista na bibliografia, posteriormente percebemos se tratar precisamente da estratégia chamada por Mallafrè (1991) de “adaptação equivalente”, e que preferimos denominar “tradução por criação de correspondente” (ver 2.8 e 3.7). Aqui estão 3 dessas ocorrências (a quarta é comentada em 4.4.13, porque nela esta estratégia foi utilizada aliada à tradução por criação de correspondente):

X

— Mas que catingueiros êsses! O herói nunca matou viado! Não tinha nenhum viado na caçada não! Gato miador, pouco caçador, gente! Em vêz foram dois ratos chamuscados que Macunaíma pegou e comeu. (ANDRADE, 1965, p. 122)

— *Quoi ! des chevreuils ! Le héros n’a jamais tué de chevreuil ! Vous ne savez donc pas qu’y a pas plus hâbleur qu’un chasseur ? Y avait pas de chevreuils dans le bois, seulement deux souris grillées que Macounaïma a attrapées et mangées !* (THIÉRIOT, 1996, p. 130)

XI

— Oi, conhecido, tome tento com gigante! Você já sabe do que êle é capaz. Piaimã está fraco está fraco porém canudo que teve pimenta guarda o ardume. Si você não tem medo mesmo, aposto. (ANDRADE, 1965, p. 129)

— *Eh l’ami! Prends garde au géant ! Tu sais déjà de quoi il est capable. Piaïman en ce moment n’est pas vaillant vaillant, mais rappelle-toi que vipère qui a mordu tout son venin n’a pas perdu... Si vraiment tu n’as pas peur, je tope.* (THIÉRIOT, 1996, p. 137)

30

E trepou na rede com Denaquê. Imaerô desinfeliz suspirou assim:

— Deixe estar jacaré, que a lagoa há-de secar!... (ANDRADE, 1965, p. 204)

Et il grimpa dans le hamac avec Denaquê. Imaerô l’infortunée exhala ses soupirs :

« *Le jour viendra, caïman, que tu perdras tes dents !* » (THIÉRIOT, 1996, p. 215)

Não podemos descartar totalmente a possibilidade de que se trate de fraseologismos consagrados não registrados em nenhum dicionário e sem nenhuma ocorrência na internet, contudo a probabilidade dessa situação nos parece reduzida.

4.4.9 Ocorrências de compensação

Conforme discutido nos capítulos anteriores, alguns autores propõem que o tradutor pode traduzir um provérbio ou EI utilizando uma paráfrase ou omissão e, para tentar manter um “equilíbrio idiomático” do texto, inserir um provérbio ou EI em outro ponto no qual esses fraseologismos não ocorrem no original. Inicialmente, assim como Baker (1992), não pretendíamos buscar exemplos de compensação em nosso corpus, uma vez que, a rigor, tal estratégia funcionaria no âmbito do texto como um todo.

No entanto, ao longo da análise do corpus, pudemos notar diversas vezes, nas quatro traduções, o recurso a essa estratégia, mesmo apenas nos limites dos trechos selecionados. Por esse motivo, decidimos que seria válido registrar essas ocorrências, para termos uma visão, mesmo que restrita, das possibilidades de sua aplicação. Nesse sentido, tendo em mente que todas as traduções utilizaram a tradução por paráfrase, consideramos como aplicação da estratégia de compensação toda vez que um fraseologismo aparecesse no texto traduzido sem que houvesse um fraseologismo no ponto correspondente do texto original.

Vejamos alguns exemplos:

I

Nas conversas das mulheres no pino do dia o assunto eram sempre as peraltagens do herói. As mulheres se riam muito simpatizadas, falando que “espinho que pinica, de pequeno já traz ponta”, e numa pagelança Rei Nagô fez um discurso e avisou que o herói era inteligente. (ANDRADE, 1965, p. 13)

During the women's midday chatter the talk was always about the hero's pranks. The women laughed knowingly, saying, “The little one's prickly prickle already has a point!” And in the tribal assembly, King Nagô declared that the hero had his head screwed on the right way. (GOODLAND, 1984, p. 4)

21

Então puderam pensamentear.

— Pois é, meus cuidados, você andou lerdando, cozinhando galo, cozinhando galo, o gigante é que não havia de esperar, foi-se. Agora agunte a massada! (ANDRADE, 1965, p. 144)

Dopodiché furono in grado di pensare.

— *Insomma, caro mio, tu te la sei presa comoda, menando il can per l'aia, menando il can per l'aia, non c'era ragione perché il gigante stesse lì ad aspettare, e se ne è andato. Adesso sopporta le conseguenze!* (GIORGI, 2006, p. 164)

[...] *they were able to think clearly.*

“The trouble is, fellows, you drag your feet so, waiting for hens to piss holy water; now the giant doesn't hang around to see which way the cat jumps, he just gets up and goes. Now you take the strain!” (GOODLAND, 1984, p. 105)

[...] *ils purent réfléchir à leur aise.*

— *Tu vois, frérot, à quoi ça mène de faire le lièvre : on muse, on s'amuse et pendant ce temps le géant ne t'a pas attendu et a levé le camp. Maintenant à toi les embêtements !* (THIÉRIOT, 1996, p. 150)

XVI

A princesa teve ódio. É que ela andava últimamente brincando com Jiguê. Macunaíma bem que percebeu porém imaginou: “Plantei mandioca nasceu maniva, de ladrão de casa ninguém se priva, paciência!...” E tinha encolhido os ombros. (ANDRADE, 1965, p. 203)

A la princesa-carambolo le dio odio. Era ella quien ultimadamente jugueteaba con Yiguê. Macunaíma bien que se dio cuenta, pero pensó: “Planto mandioca y me nace ñame, del ladroncio de casa nadie se espante, paciência...”. Y había encogido los hombros. (OLEA, 2004, p. 261-262)

Vemos portanto que todos os tradutores utilizaram, conscientemente ou não, EIs para traduzir lexias simples ou expressões denotativas ou não-consagradas: “*to have one's head screwed on the right way*” para “ser inteligente”, “*prenderse la comoda*” e “*to drag your feet*” para “andar lerdando”, etc. Em todos esses casos, o resultado é que estilisticamente essas traduções recuperam de alguma forma o elemento conotativo e idiomático que não pôde ser mantido em outro ponto no qual foi necessária uma paráfrase¹⁸.

¹⁸ Ou omissão, porém em nosso corpus não identificamos nenhuma ocorrência dessa estratégia.

Das 33 ocorrências de compensação identificadas, 32 consistiram na inserção de EIs; o único caso de compensação por inserção de provérbio foi o seguinte:

26

Suzi viu êle sair, enxugou os olhos e falou pro namorado:

— Choremos não.

Então Macunaíma desamarrou a cara e se arranjou pra ir falar com mano Maanape. (ANDRADE, 1965, p. 162)

Suzi saw him go out, dried her tears and said to her lover, “No use crying over spilt milk!” So Macunaíma pulled himself together too and decided he had better go and chew the fat with Maanape. (GOODLAND, 1984, p. 118)

Em alguns trechos, como os apresentados a seguir, a compensação ocorreu pela introdução de uma EI na própria paráfrase ou outra estratégia utilizada para traduzir o fraseologismo do original.

IV

[...] Oitenta contos não valia muito mas o herói refletiu bem e falou pros manos:

— Paciência. A gente se arruma com isso mesmo, quem quer cavalo sem tacha anda de a-pé...

Com esses cobres é que Macunaíma viveu. (ANDRADE, 1965, p. 51)

[...] Eighty thousand milreis was not a fortune, but after giving it much thought, the hero declared to his brothers, “Patience! A chap could make ends meet pretty well on that. Don’t forget that a man who insists on a horse without a blemish finds himself ridind Shanks’ mare!” Thus it was that on this trifle Macunaíma lived. (GOODLAND, 1984, p. 33)

II

[...] As lágrimas escorregando pelas faces infantis do herói iam lhe batizar a peitaria cabeluda. Então ele suspirava sacudindo a cabecinha:

— Qual, manos! Amor primeiro não tem companheiro, não!... (ANDRADE, 1965, p. 45)

[...] the tears running down his fuzzing cheeks to baptize his hairy chest. Then he sighed, wagging his tiny head, “Fiddlesticks, brother! I’ll ne’er find a patch on that other!” (GOODLAND, 1984, p. 28)

30

E trepou na rede com Denaquê. Imaerô desinfeliz suspirou assim: — Deixe estar jacaré, que a lagoa há-de secar!... (ANDRADE, 1965, p. 204)

[...] *And with that he climbed into the hammock with Denaquê. “‘Never mind! The day of reckoning is sure to come!’ muttered Imaerô unhappily [...]* (GOODLAND, 1984, p. 158)

A distribuição por idioma da tradução ficou desta forma: inglês com 19 ocorrências; espanhol e francês com 5 cada e italiano com 4. Vemos portanto que, apesar de lembrada por apenas dois dos autores estudados, a compensação foi um expediente bastante utilizado e, mesmo com frequências diferentes, em todas as línguas de chegada do corpus.

4.4.10 Ocorrências de tradução por omissão

Não foi encontrado em nosso corpus nenhum exemplo de omissão como estratégia para traduzir EIs ou provérbios, o que talvez se deva a uma visão negativa desta solução, por deixar de reproduzir um elemento do original. Assim, quando considerada como possibilidade, ela seria uma última opção, quando nem mesmo uma compreensão segura do original para permitir uma paráfrase fosse possível. Essa explicação, porém, é principalmente intuitiva, sendo necessárias mais pesquisas para verificar se essa estratégia, mencionada por Baker (1992), é utilizada e em quais contextos.

4.4.11 Estratégias coincidentes

Encontramos em nosso corpus alguns casos de coocorrência de estratégias, ou seja, traduções nas quais seria possível identificar duas estratégias diferentes. Essa coocorrência foi verificada em duas situações distintas, que decidimos separar em coincidência e concorrência de estratégias.

Consideramos haver coincidência de estratégias nos casos (14 no total) em que a solução dada pelo tradutor representa **simultaneamente** mais de uma estratégia. Isso ocorreu com frequência, como mencionamos acima, com traduções literais e da letra, ou seja, traduzido literalmente, às vezes palavra-por-palavra, o fraseologismo ainda apresenta (ou passa a apresentar) elementos formais que o fazem parecer um provérbio ou EI da cultura de chegada.

I

Nas conversas das mulheres no pino do dia o assunto eram sempre as peraltagens do herói. As mulheres se riam muito simpatizadas, falando que “espinho que pinica, de pequeno já traz ponta”, e numa pagelança Rei Nagô fez um discurso e avisou que o herói era inteligente. (ANDRADE, 1965, p. 13)

En las pláticas de mujeres a pleno rayo del día, el bululú era siempre por las travesuras del héroe. Las mujeres reían muy halagadas, diciendo que “espina que pincha de pequeña ya trae punta” y en una brujencia de payé, Rey Nagô hizo un discurso y avisó que el héroe era inteligente. (OLEA, 2004, p. 48)

VIII

Então de tanta dor o herói viu no alto as estrelas e entre elas enxergou Capei minguadinha cercada de névoa. “Quando míngua a Luna não comeces coisa alguma” suspirou. E continuou consolado. (ANDRADE, 1965, p. 75)

Allora, dal gran dolore, l’eroe vide le stelle lassù in alto e in mezzo ad esse scorse Capêi calante al massimo e circondata di bruma. “Quando cala la luna, non iniziar cosa alcuna” sospirò. E continuò la sua strada riconfortato. (GIORGI, 2006, p. 88)

Entonces de tanto dolor se puso a ver estrellas el héroe y en lo alto, entre ellas, divisó a Capei menguadita y cercada de neblina. “Cuando mengua la Luna no comiences cosa alguna” suspiró. Y proseguió más consolado. (OLEA, 2004, p. 123)

8

Chegou na pensão tomando a bênção de cachorro e chamando gato de tio, só vendo! suando esfolado com fogo nos olhos, botando os bofes pela boca. (ANDRADE, 1965, p. 70)

Llegó a la pensión tan sumiso que tomaba la bendición del perro y llamaba al gato de tío, tenían que verlo! Sudaba despellejándose con ojos de fuego, echando los bofes por la boca. (OLEA, 2004, p. 119)

Outra coincidência observada foi de tradução da letra com tradução por correspondente adaptado, no trecho abaixo:

XVII

Só ficara um aruaí muito falador. Macunaíma se consolou pensanteando: “O mal ganhado, diabo leva... paciência”. Passava os

dias enfarado e se distraía fazendo o pássaro repetir na fala da tribo os casos que tinham sucedido pro herói desde infância. (p. 214)

Seul était resté un ara maracanan particulièrement loquace. Macounaïma se consola en ruminant : « Bien mal acquis, le diable se le farcît... Patience! »

Il passait ses jours dans l'ennui et sa distraction était de faire répéter à l'oiseau, dans le parler de la tribu, ses aventures de héros depuis son enfance. (p. 212)

Além de constituir uma tradução da letra do provérbio brasileiro, a solução do tradutor francês contém ainda elementos emprestados de provérbios correspondentes: “*Bien mal acquis ne profit jamais*”, “*De bien mal acquis courte joie*”, “*Bien mal acquis ne prospère pas*”.

Houve até mesmo um caso no qual a solução dada pelo tradutor aparentemente contém três estratégias coincidentes:

V

No outro dia estava tão fatigado da farra que a saudade bateu nê. Se lembrou da muiraquitã. Resolveu agir logo porque primeira pancada é que mata cobra. (ANDRADE, 1965, p. 47)

The morning after this carouse he felt so whacked that homesickness overcame him again. He remembered his lost amulet and decided he must do something about it at once because it is always the first blow that kills the snake. (GOODLAND, 1984, p. 36)

A tradução apresentada do provérbio “Primeira pancada é que mata cobra” pode ser facilmente classificada como sendo simultaneamente uma tradução literal e da letra. Contudo, além disso, a escolha da palavra “*blow*” em vez de qualquer outro correspondente de “pancada” permite concluir que na elaboração da tradução houve ainda um trabalho a partir do correspondente “*The first blow is half the battle*”. Vemos, portanto, tratar-se também de um exemplo de tradução por correspondente adaptado.

4.4.12 Estratégias concorrentes

Em outras situações (8 ao todo), também é possível considerar duas estratégias distintas, mas já não se trata de estratégias coincidentes: como a diferença entre os efeitos esperados de cada estratégia é mais acentuada, não podemos dizer que as duas funcionam ao mesmo tempo, mas apenas que a solução pode ter diferentes efeitos dependendo de

cada leitor. Como trabalhamos com base no produto da tradução, sem ter acesso direto ao seu processo, não podemos saber qual foi a estratégia escolhida pelo tradutor; assim, o que temos são duas estratégias potenciais, e a decisão entre os efeitos de uma ou de outra realizar-se-á somente no momento de cada leitura, a partir da interpretação de cada leitor da tradução. Ou seja, se este vir a solução oferecida no texto traduzido como uma metáfora comum, o efeito será o de uma tradução por figura de linguagem não-consagrada; se pensar que se trata de um fraseologismo de sua língua, ou mesmo perceber que se parece com um provérbio ou EI, o efeito será o de uma tradução da letra. Vejamos alguns exemplos:

III

Resolveu abandonar a empresa, voltando pros pagos de que era imperador. Porém Maanape falou assim:

— Deixa de ser aruá, mano! Por morrer um carangueijo o mangue não bota luto! que diacho! desanima não que arranjo as coisas! (ANDRADE, 1965, p. 51)

Decise di abbandonare l'impresa e far ritorno ai villaggi dove lui era l'imperatore. Ma Maanape gli disse:

— *Non fare lo stupido, fratello! La palude non porta il lutto per la morte di un granchio, diamine! Non ti scoraggiare, che aggiusto tutto io!* (GIORGI, 2006, p. 60)

[...] thought of throwing in his hand and returning to his birthplace, of which he was emperor. But Maanape broke in, "Stop your whining, brother! If a crab dies, the whole mudflat doesn't go into mourning. Don't worry, I'll fix things for you!" (GOODLAND, 1984, p. 33)

IV

[...] Oitenta contos não valia muito mas o herói refletiu bem e falou pros manos:

— Paciência. A gente se arruma com isso mesmo, quem quer cavalo sem tacha anda de a-pé...

Com esses cobres é que Macunaíma viveu. (ANDRADE, 1965, p. 51)

[...] Ottantamila milréis non era gran che, ma l'eroe dopo matura riflessione disse ai fratelli:

— *Pazienza. Chi vuole andare a cavallo senza pagare finisce che va a piedi...*

Macunaíma andó avanti con quei soldi lì. (GIORGI, 2006, p. 61)

8

Chegou na pensão tomando a bênção de cachorro e chamando gato de tio, só vendo! suando esfolado com fogo nos olhos, botando os bofes pela boca. Descansou um pedaço e como estava arado de fome bateu uma fritada de sururu de Maceió, um pato seco de Marajó molhando a janta com mocororó. Descansou. (ANDRADE, 1965, p. 70)

Macounaïma arriva à la pension il fallait voir dans quel état ! Suant, soufflant, l'oeil enflammé, des égratignures partout, époumoné, égaré : il présenta ses civilités au chien et appela tonton le matou. Il s'accorda un petit repos et comme il avait une de ces faims, il bâfra une friture de moules de Maceió, un canard fumé de Marajó et arrosa le casse-croûte de liquer de cajou. Et là-dessus se repose. (THIÉRIOT, 1996, p. 80)

Em todos os casos como esses, considerando que o objetivo de nosso estudo não é prioritariamente quantitativo, isto é, não visamos a realizar uma classificação exata das estratégias verificadas, mas observar seu emprego, não vimos problemas em apontar as duas opções, quando seriam, a nosso ver, igualmente possíveis. Nesse sentido, parece-nos que, se não é possível determinar com certeza qual de duas estratégias foi aplicada, pode-se concluir que ambas poderiam tê-lo sido naquele contexto.

4.4.13 Soma de estratégias

24

[...] O outro enquizilou assanhado:

— Não me olhe de banda que não sou quitanda, não me olhe de lado que não sou melado!

— Mas o quê você está fazendo aí, tio! (ANDRADE, 1965, p. 146)

[...] *The monkey did not like being stared at and said angrily, “Do you think you’ll know me again? This side’s honey and that side’s funny!”*

“But whatever are you doing down there, uncle?” (GOODLAND, 1984, p. 110)

Na tradução do trecho acima, foram utilizadas duas estratégias somadas: primeiro uma tradução por um correspondente do inglês (“*do you think you’ll know me again?*”) e em seguida um jogo de palavras rimado (“*This side’s honey and that side’s funny!*”), que, considerando o fato de não o termos localizado em nenhum dos dicionários consultados e de não utilizar as mesmas imagens do original, provavelmente configura uma tradução por criação de correspondente. Desse modo, o

tradutor parece ter lançado mão de duas estratégias diferentes para conseguir dar conta dos diversos aspectos relevantes no fraseologismo original: forma, sentido, cristalização, etc.

Apesar de ter-se verificado apenas uma vez no corpus todo, parece-nos válido considerar que essa ocorrência possa apontar para uma possibilidade não prevista por nenhum dos teóricos discutidos nos capítulos anteriores. Assim, se pensarmos as estratégias de tradução não como regras a serem seguidas, mas sim como alternativas flexíveis à disposição do tradutor, a soma de estratégias pode se colocar como uma solução interessante quando apenas uma delas não parecer dar conta de toda a riqueza do fraseologismo a ser traduzido.

De modo geral, considerando a dificuldade em muitos casos para distinguir qual de duas ou mais estratégias estaria sendo utilizada, e a conseqüente necessidade de aceitar a possibilidade de estratégias coincidentes, concorrentes ou somadas, podemos afirmar que a principal conclusão inspirada pela análise do corpus será que a melhor maneira de visualizarmos as estratégias para traduzir EIs e provérbios não é separando-as em categorias estanques, mas imaginando-as num *continuum*. Assim, a sistematização que propomos no capítulo anterior foi suficiente para descrever as estratégias verificadas no corpus e provavelmente representa um elenco abrangente das alternativas à disposição do tradutor, mas não significa que este tenha necessariamente de optar por uma delas e nem que sua opção automaticamente eliminará todas as demais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, investigamos a questão da tradução de provérbios e expressões idiomáticas, buscando reunir as estratégias disponíveis para lidar com esses fraseologismos no ato tradutório. Primeiramente, realizou-se uma revisão bibliográfica na qual foram analisados diferentes pontos de vista de diversos autores a respeito do tema. De modo geral, essa etapa do estudo apontou uma forte preferência pela tradução por correspondentes idiomáticos, sejam eles coincidentes com a tradução literal do fraseologismo ou não. Apenas na completa impossibilidade desta a maior parte dos autores analisados parece admitir, embora a contragosto, a tradução por meio de uma paráfrase. A tradução literal é condenada pela maioria deles quando não coincide com um correspondente, e outras possibilidades, como a tradução da letra, a omissão ou a compensação, são defendidas ou mencionadas por menos autores. Essas tendências gerais puderam ser observadas não só em textos teóricos, mas também em prefácios de tradutores consagrados, como Isidoro Blikstein e José Paulo Paes, e em textos de lexicógrafos que trabalham com esses fraseologismos, além de dicionários resultantes desse trabalho.

A partir de uma sistematização das opções mencionadas na bibliografia analisada, chegou-se ao estabelecimento de dez estratégias: tradução por correspondente literal, tradução literal, tradução por figura de linguagem não-consagrada, tradução da letra, tradução por correspondente não-literal, tradução por correspondente adaptado, tradução por criação de correspondente, tradução por paráfrase, tradução por omissão e compensação.

Em seguida, foi organizado um corpus composto por trechos retirados do romance brasileiro *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*, de Mário de Andrade, nos quais foram identificados provérbios e EIs, com base nas definições que adotamos, alinhados com os trechos correspondentes nas traduções para o italiano, o espanhol, o inglês e o francês. Nesse corpus, analisou-se cada solução utilizada para traduzir provérbios e EIs do original, verificando se corresponderiam às estratégias previstas a partir da bibliografia.

Na análise do corpus, essas estratégias mostraram-se suficientes para descrever todas as ocorrências observadas, porém também vieram à tona possibilidades que não foram antevistas por nenhum autor, como o emprego de notas de rodapé associadas às estratégias, a coincidência e a concorrência de estratégias, a combinação de mais de uma estratégia para compor uma solução. Vale reforçar ainda que só foi possível

classificar todas as ocorrências utilizando a lista resultante de nossa sistematização, contendo estratégias estabelecidas com base em diferentes autores, o que significa que nenhum dos autores estudados havia fornecido individualmente opções suficientes para descrever todas as possibilidades verificadas no corpus. Além disso, concluímos ser mais produtivo pensar essas possibilidades não como estratégias claramente distinguíveis, separadas em categorias estanques, mas sim como um *continuum* no qual a escolha de uma solução não representa a exclusão automática de todas as outras.

Os resultados obtidos a partir do corpus mostraram certo alinhamento com aqueles da revisão bibliográfica no sentido de as estratégias mais frequentes terem sido de fato a tradução por correspondentes (literais e não-literais, estes últimos mais numerosos) e a tradução por paráfrase. Essa concordância também se observou no que concerne à menor ocorrência das estratégias de tradução literal e de tradução por omissão, ambas vistas de forma desfavorável pela maioria dos autores. Em relação à primeira, quase todas as ocorrências verificadas no corpus coincidem com a estratégia de tradução da letra, o que pode ser um indício de que se tenha evitado utilizá-la quando essa coincidência não ocorreu. Quanto à segunda, não houve nenhuma ocorrência dela em todo o corpus.

Por outro lado, verificou-se uma frequência bastante significativa da estratégia de tradução da letra, contrariando nossas expectativas anteriores baseadas na exiguidade de referências a ela na bibliografia. Isso ocorreu especialmente em relação aos provérbios, e pode se dever às características da obra traduzida, na qual têm grande relevância os elementos que destacam a cultura brasileira, mas pode também apontar para um potencial da estratégia que poderia ser mais explorado na tradução de outros textos. Outra solução muito pouco discutida na bibliografia que teve uma ocorrência bastante acentuada no corpus foi a compensação, utilizada numerosas vezes em todas as traduções que o compõem.

A hipótese aventada inicialmente de que se poderia pensar em soluções válidas tanto para EIs quanto para provérbios se confirmou parcialmente pelo fato de todas as estratégias levantadas em nossa sistematização poderem ser tentadas com ambos os tipos de fraseologismos, pois conseguimos encontrar ou elaborar exemplos de cada uma delas tanto com EIs como com provérbios. Pôde-se notar, contudo, e a análise do corpus veio a reforçar essa percepção, que cada estratégia pode se prestar melhor à tradução de um ou de outro fraseologismo. Observou-se nitidamente, por exemplo, uma maior

incidência de traduções da letra ou por figura de linguagem não-consagrada para provérbios e de traduções por paráfrase ou por correspondente não-literal para EIs. Uma explicação para isso poderia ser que os provérbios chamem mais a atenção para sua forma que as EIs, pelo fato de normalmente apresentarem mais recursos de construção, e talvez por isso os tradutores se ocupem mais em recriar suas características formais. Ou ainda, pode ser que essa maior riqueza de recursos possibilite uma maior “margem de manobra” para os tradutores tentarem soluções mais elaboradas.

Com exceção da tradução por omissão, todas as demais estratégias ocorreram pelo menos algumas vezes no corpus, o que sugere que sejam todas utilizáveis, podendo ser escolhidas de acordo com as prioridades do projeto de tradução e com diversos fatores, como aqueles sugeridos por Baker (1992): relevância dos itens lexicais que constituem o fraseologismo e adequação do uso de linguagem idiomática no idioma e no registro envolvidos (p. 72).

Nesse sentido, nosso objetivo não foi estabelecer qual a melhor maneira de traduzir EIs e provérbios, pois consideramos bastante arriscado pensar em “receitas” aplicáveis à tradução de qualquer texto, mesmo restringindo o alcance à tradução literária ou à tradução da “grande prosa”, como faz Berman (2007, p. 46). O próprio fato de um mesmo fraseologismo do original ter quase sempre sido traduzido utilizando diferentes estratégias em cada idioma aponta para a multiplicidade de opções a que o tradutor pode recorrer.

Assim, os resultados aqui apresentados, tanto referentes às preferências observadas na bibliografia como às ocorrências no corpus, podem tanto indicar que certas estratégias tenham se consagrado por produzir normalmente melhores efeitos, quanto sugerir que uma visão tradicional tenha impedido uma reflexão sobre outras possibilidades interessantes. Assim, mesmo aquelas alternativas desconsideradas pela maioria talvez devessem ser pensadas com mais atenção, podendo representar boas opções em muitas situações tradutórias.

Muitas questões permanecem em aberto em relação à tradução de EIs e provérbios, e futuras pesquisas seriam desejáveis para investigar a ocorrência, na tradução de outros textos, das estratégias aqui listadas, com o intuito de observar até que ponto as conclusões verificadas neste trabalho se mantêm e quais estariam mais relacionadas com as características particulares da obra cujas traduções analisamos. Uma possibilidade seria pesquisar as traduções do *Ulisses*, de James Joyce, por exemplo, uma vez que foi na experiência de sua tradução para o catalão que Mallfrè (1991) baseou suas observações. Podem ser

tentadas também pesquisas com grandes corpora de traduções de textos literários, como o COMPARA (<http://www.linguateca.pt/COMPARA/>). Para localizar passagens contendo EIs ou provérbios nesse tipo de corpus, poder-se-ia realizar buscas automáticas com base em elementos de campos semânticos recorrentes nesses fraseologismos, como animais, partes do corpo, etc. Nesse sentido, levantamentos como os de Falcão (2002) e Rios (2003) poderiam ser úteis como ponto de partida.

Considerando ainda que nossa pesquisa baseou-se no produto do processo tradutório, não pudemos chegar a conclusões em relação aos processos mentais envolvidos na tomada de decisão por parte do tradutor sobre qual estratégia utilizar. Pesquisas voltadas para o processo de tradução poderiam esclarecer mais este ponto, possibilitando verificar se nessa tomada de decisão se manifestam as preferências observadas na análise da bibliografia exposta em nosso capítulo 2. Também seriam válidas investigações voltadas para a recepção de diferentes estratégias por leitores das traduções. Pesquisas que fornecessem mais dados sobre a aceitação e a compreensão das diversas formas de traduzir os fraseologismos estudados poderiam jogar mais luz sobre os efeitos potenciais de cada uma das estratégias a que chegamos neste trabalho.

Assim, esperamos com nosso trabalho ter contribuído com uma sistematização que possa servir de ponto de partida para futuros estudos sobre o tema, além de possibilitar uma visão mais ampla por parte dos tradutores quanto às soluções à sua disposição para lidar com provérbios e EIs no ato tradutório.

REFERÊNCIAS

Traduções e originais cotejados¹

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*: o herói sem nenhum caráter. 4. ed. São Paulo: Martins, 1965.

CAVALLARI, Doris Nátia (tradução). SILONE, Ignazio. *Fontamara*. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2003.

GIORGI, Giuliana Segre (tradução). ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*: l'eroe senza nessun carattere. 6. ed. Milano: Adelphi, 2006.

GOODLAND, E. A. (tradução). ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*. London/Melbourne/New York: Quartet Books, 1984.

OLEA, Héctor (tradução). ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*. Barcelona: Octaedro, 2004.

SILONE, Ignazio. *Fontamara*. Milano: Arnoldo Mondadori, 1988.

THIÉRIOT, Jacques (tradução). ANDRADE, Mário de. *Macounaïma*. Paris: Stock/Unesco/ALLCA XX, 1996.

Obras citadas

ACADÉMIE FRANÇAISE. *Complément du Dictionnaire de l'Académie Française*. Bruxelles: Société Typographique Belge, 1843.

AMARAL, Amadeu. *Tradições populares*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1982.

AMMER, Christine. *The American Heritage Dictionary of Idioms*. Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 1997. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=9re1vfFh04sC>>. Acesso em 25 mar. 2010.

¹ Ver nota 6 do capítulo 3.

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

ARANCIBIA, María de las Victorias. *Un estudio sobre la traducción de los fraseologismos en El DiBU*. 2007. 116 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007. Disponível em:

<http://www.pget.ufsc.br/curso/dissertacoes/Maria_de_Las_Victorias_d_e_Vieira_-_Dissertacao.pdf>. Acesso em: 9 jul 2009.

ARTHABER, Augusto. *Dizionario comparato di proverbi e modi proverbiali in sette lingue*. Milano: Hoepli, 1989.

AUBERT, Francis Henrik. Descrição e quantificação de dados em Tradutologia. *Tradução e Comunicação*. São Paulo: Álamo, n. 4, p. 71-82, julho 1984.

———. A tradução literal: impossibilidade, inadequação ou meta?. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, v. 0, n. 25, p. 185-192, 1991. Disponível em:

<<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/8782/8144>>. Acesso em: 23 abr 2010.

BAKER, Mona. *In Other Words: A Coursebook on Translation*. London: Routledge, 1992.

———. Corpora in Translation Studies: An Overview and Suggestions for Future Research”. *Target*, Amsterdam, v. 7, n. 2, p. 223-243, 1995.

BARBOSA, Heloisa Gonçalves. *Procedimentos técnicos da tradução: Uma nova proposta*. Campinas: Pontes, 1990.

BATTAGLIA, Salvatore. *Grande dizionario della lingua italiana*. Torino: Unione Tipografico-editrice Torinese, 1970. 18 v.

BERMAN, Antoine. *Pour une critique des traductions: John Donne*. Paris, Gallimard, 1995.

———. *La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain*. 2. ed. Paris: Éditions du Seuil, 1999.

———. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Trad. Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET-UFSC, 2007.

BOATNER, Maxine Tull; GATES, John Edward. *A Dictionary of American Idioms*. New York: Barron's Educational Series, 1984.

BOHN, Henry George. *A polyglot of foreign proverbs: comprising French, Italian, German, Dutch, Spanish, Portuguese, and Danish, with English translations and a general index*. London: Bell & Daldy, 1867. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=-xtWAAAAMAAJ>>. Acesso em: 7 jul. 2010.

BOISTE, Pierre Claude Victor; NODIER, Charles; BARRÉ, Louis. *Dictionnaire universel de la langue française avec le latin et l'étymologie*. Paris: Firmin Didot e Rey et Belhatte, 1857. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=MK4-AAAAcAAJ>>. Acesso em 7 jul. 2010.

BURITY, Ivan Macêdo. *On Translatability: As Illustrated by the Equivalence between English and Portuguese Proverbs*. 1989. 112 f. Dissertação (Mestrado em Língua Inglesa e Literatura Correspondente) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1989.

BUSARELLO, Raulino. *Máximas latinas para o seu dia-a-dia: Repertório de citações, provérbios, sentenças e adágios tematizados e traduzidos*. Florianópolis: Ed. Do autor, 1998.

CABRAL, Tomé. *Novo dicionário de termos e expressões populares*. Fortaleza: UFC, 1982.

CAMACHO, Beatriz Facincani. *Estudo comparativo de expressões idiomáticas do português do Brasil e de Portugal e do francês da França e do Canadá*. 2008. 167 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2008. Disponível em:

<http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/brp/33004153069P5/2008/camacho_bf_me_sjrp.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2009.

CAMARGO, Sidney; STEINBERG, Martha. *Dicionário de expressões idiomáticas metafóricas português-inglês*. São Paulo: EPU, 1989.

———. *Dicionário de expressões idiomáticas metafóricas inglês-português*. São Paulo: EPU, 1990.

CAMPOS, Aluísio Mendes. *Dicionário francês-português de locuções*. São Paulo: Ática, 1980.

CAMPOS, Juana García; BARELLA, Ana. *Diccionario de Refranes*. 3. ed. Rev. Madrid: Espasa Calpe, 1996.

CASARES, Julio. *Introducción a la lexicografía moderna*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1969.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Locuções tradicionais no Brasil*. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: MEC, 1977.

CATFORD, John Cunnison. *A Linguistic Theory of Translation: An Essay in Applied Linguistics*. London: Oxford University Press, 1965.

CHESTERMAN, Andrew. *Memes of Translation: The Spread of Ideas in Translation Theory*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000.

CULLETON, José Guillermo. Análise da tradução para o português do poema “El Viejo Viscacha”, do livro *La Vuelta de Martín Fierro*, de José Hernández. *Scientia Traductionis*. n. 1, dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scientiatriaductionis.ufsc.br/viscacha.html>>. Acesso em: 30 jun. 2010.

FALCÃO, Paula Christina de Souza. *A tradução para o português de expressões idiomáticas em inglês com nomes de animais*. 2002. 108 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2002.

FALCÃO, Paula Christina de Souza; XATARA, Claudia Maria. Os animais nos idiomatismos: interface inglês-português. *Cadernos de*

Tradução, Florianópolis, v. 16, p. 71-82, 2005. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6733/6206>>. Acesso em: 28 mar. 2009.

FERNANDES, Lincoln. Corpora in Translation Studies: Revisiting Baker's Typology. *Fragmentos*, Florianópolis, v. 30, p. 87-95, jan.-jun. 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/view/8217>>. Acesso em: 11 jul. 2010.

FERNANDO, Chitra; FLAVELL, Roger. *On Idiom: Critical Views and Perspectives*. Exeter: University of Exeter, 1981.

FERRAZ, Aderlande Pereira.; SOUZA, Kariny Cristina de. O uso de expressões idiomáticas em textos publicitários. *Maestria*, Sete Lagoas, n. 2, p. 143-153, jan./dez. 2004. Disponível em: <http://www.unifemm.edu.br/publicacoes/arquivos/Maestria_n2_2004.pdf>. Acesso em 28 mar. 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio – Século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FRAENKEL, Benjamin Bevilaqua. *Dicionário de expressões idiomáticas da língua inglesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1987.

FRANCISCO, Reginaldo. A tradução da letra dos provérbios e locuções: uma possibilidade de tradução estrangeirizante. *In-Traduções*, Florianópolis, v. 1, 2009. Disponível em: <http://www.pget.ufsc.br/in-traducoes/public/papers/artigo_1_2009_reginaldo_francisco.pdf>. Acesso em 10 jan. 2010.

FRANCISCO, Reginaldo; ZAVAGLIA, Claudia. *Parece mas não é: as armadilhas na tradução do italiano para o português*. São Carlos: Claraluz, 2008.

FRAUCA, Julio Cejador y. *La lengua de Cervantes: gramática y diccionario de la lengua castellana en el ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha*. Vol. 2. Madrid: Rates, 1906. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=YDErAAAIAAJ>>. Acesso em: 25 mar 2010.

GIL, José Manuel Fraile. *La palabra: expresiones de la tradición oral*. Salamanca: Centro de Cultura Tradicional, Disputación de Salamanca, 2002. Disponível (parcial) em: <http://books.google.com.br/books?id=MoqBAAAAMAAJ>>. Acesso em: 17 mar 2010.

GLAZER, Mark. *A Dictionary of Mexican American Proverbs*. Westport: Greenwood, 1987. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=39-sWW7QvUYC>>. Acesso em: 7 jul. 2010.

GOMES, Luiz Lugani. *Novo dicionário de expressões idiomáticas americanas*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

GONÇALVES, Daria Cândido; SABINO, Marilei Amadeu. Desafios enfrentados para obter o domínio das expressões idiomáticas italianas. *Fragmentos*, Florianópolis, v. 21, p. 61-76, jul.-dez. 2001. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/view/6540/6171>>. Acesso em: 30 jan 2009.

GREIMAS, Algirdas Julien. Os provérbios e os ditados. Tradução de Katia Hakim Chalita. In: *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Tradução de Ana Cristina Cruz Cezar et al. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 288-295.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de Semiótica*. Tradução de Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Cultrix, c1979.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JAMES, Ewart. *NTC's Dictionary of British Slang and Colloquial Expressions*. [S.l.]: NTC, c1996.

JIMÉNEZ, Alberto Buitrago. *Diccionario de dichos y frases hechas*. 12. ed. Madrid: Espasa, 2005.

LACERDA, Roberto Cortes de; LACERDA, Helena da Rosa Cortes de; ABREU, Estela dos Santos. *Dicionário de provérbios: francês - português - inglês*. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.

LAROUSSE. *Gran diccionario de la lengua española*. [S.l.]: Larousse, c. 1998.

LEBOUC, Georges. *Dictionnaire de belgicisms*. Bruxelles: Racine, 2006. Disponível (parcial) em: <http://books.google.com.br/books?id=7Jj625vvHckC>>. Acesso em: 25 mar 2010.

LONGMAN *Dictionary of English Idioms*. Harlow: Longman, 1979.

LONGMAN *Dictionary of English Language and Culture*. 5. ed. Harlow: Longman, 2002.

LONGMAN *Active Study Dictionary*. 4. ed. Harlow: Longman, 2003. CD-ROM.

MALLAFRÈ, Joaquim. *Llengua de tribu i llengua de polis: Bases d'una traducció literària*. Barcelona: Quaderns Crema, 1991.

MALOUX, Maurice. *Dictionnaire des proverbes, sentences et maximes*. Paris: Larousse, 1960.

———. *Dictionnaire des proverbes, sentences et maximes*. Paris: Larousse, 2001.

MATIAS, Luciana Corrêa. *Expressões idiomáticas corporais no Dicionário bilingüe de uso espanhol-português / português-espanhol (Dibu)*. 2008. 126 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: http://www.pget.ufsc.br/curso/dissertacoes/Luciana_Correa_Matias_-_Dissertacao.pdf>. Acesso em 9 jul. 2009.

MESCHONNIC, Henri. *Pour la Poétique II: Épistémologie de l'Écriture - Poétique de la Traduction*. Paris: Gallimard, 1973.

———. Les proverbes, actes de discours. *Revue des Sciences Humaines*, Tome XL 1, n. 163, Université de Lille III, Lille, p. 419-430, 1976.

MOLINER, María. *Diccionario de uso español*. 2.ed. Madrid: Gredos, 2001. CD-ROM. Versão 2.14.1.

MONLLOR, Paloma Gómez. La traducció del refrany. In: MARTOS, Josep Lluís (ed.). *La traducció del discurs*. Alacant: Universitat d'Alacant, 1999.

MOTA, Leonardo. *Adagiário brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1987.

NASCENTES, Antenor. *Tesouro da fraseologia brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Freitas Bastos, 1966.

NATALE, Francesco di; ZACCHEI, Nadia. *In bocca al lupo!*: Espressioni idiomatiche e modi di dire tipici della lingua italiana. 3. ed. [s.l.]: Guerra, 2000.

NIDA, Eugene Albert. *Toward a Science of Translating: With Special Reference to Principles and Procedures Involved in Bible Translating*. Leiden: E. J. Brill, 1964.

ORTEGA, José Jara. *Más de 2.500 refranes relativos a la mujer: soltera, casada, viuda y suegra*. Madrid: Instituto Editorial Reus, 1953. Disponível (parcial) em: <http://books.google.com.br/books?id=w7wcAAAAMAAJ>. Acesso em: 17 mar 2010.

PANCKOUCKE, André Joseph. *Dictionnaire des proverbes françois et des façons de parler comiques, burlesque et familiares, &c.*: Avec l'explication, et les etymologies les plus avérées. Frankfurt/Mainz: François Varrentrapp, 1750. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=iITQMh7fNzIC>. Acesso em: 18 mar 2010.

PARTRIDGE, Eric; BEALE, Paul. *A Dictionary of Slang and Unconventional English*. 8 ed. rev. London/New York: Routledge, 2002. Disponível em:

<<http://books.google.com.br/books?id=tvRp1whVFUsC>>. Acesso em 10 mar 2010.

PARTRIDGE, Eric; SIMPSON, Jaqueline. *The Routledge Dictionary of Historical Slang*. 6 ed. rev. London: Routledge, 1973. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=0voNAAAAQAAJ>>. Acesso em 6 jul. 2010.

PELLECER, Sergio Morales. *Diccionario de guatemaltequismos*. 4 ed. Guatemala: Artemis Edinter, 2007. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=DbROpoJGCZwC>>. Acesso em 10 mar 2010.

PÉREZ, José. *Provérbios brasileiros*. São Paulo: [s.n.], 1961.

PICKETT, Joseph P. (ed.) *The American Heritage Dictionary of the English Language*. 4. ed. Boston: Houghton Mifflin, 2004.

PUGLIESI, Márcio. *Dicionário de expressões idiomáticas: locuções usuais da língua portuguesa*. São Paulo: Parma, 1981.

QUARTU, Bruna Monica. *Dizionario dei modi di dire della lingua italiana: 10.000 modi di dire ed estensioni figurate in ordine alfabetico per lemmi portanti e campi di significato*. Milano: Rizzoli, 1993.

RADICCHI, Sandra. *In Italia: modi di dire ed espressioni idiomatiche*. Roma: Bonacci, 1985.

REAL ACADEMIA Española. *Diccionario de la Lengua Española*. Espasa Calpe, 1995. CD-ROM. Versão 21.1.0.

REIS, Simone Rosa Nunes. *Uma comparação do tratamento de expressões idiomáticas em quatro dicionários bilíngües francês / português e português / francês*. 2008. 178 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <http://www.pget.ufsc.br/curso/dissertacoes/Simone_Rosa_Nunes_Reis_-_Dissertacao.pdf>. Acesso em 9 jul. 2009.

REYNA, José Reynaldo Reyna. *Modismos de Tejas*. San Antonio: Penca Books, 1980. Disponível em:

<<http://books.google.com.br/books?id=os0uAAAAYAAJ>>. Acesso em: 3 jul. 2010.

RIOS, Tatiana Helena Carvalho. *Idiomatismos português-francês-espanhol com nomes de partes do corpo humano*. 2003. 187 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2003.

RIVA, Huéinton Cassiano. *Proposta de dicionário onomasiológico de expressões idiomáticas*. 2004. 163 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2004.

———. *Dicionário onomasiológico de expressões idiomáticas usuais na língua portuguesa do Brasil*. 2009. 311 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2009.

Disponível em:

<http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/brp/33004153069P5/2009/riva_hc_dr_sjrp.pdf> . Acesso em: 16 nov. 2009.

ROBERT, Paul. *Le nouveau Petit Robert: dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française* . Paris: Dictionnaires Le Robert, 1993.

ROCHA, Regina. *A enunciação dos provérbios: descrições em francês e português*. São Paulo: Annablume, 1995.

RODRIGUES, Cristina Carneiro. *Tradução e diferença*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

ROLLAND, Eugène. *Faune Populaire de la France: Noms vulgaires, dictons, proverbes, légendes, contes et superstitions*. Paris: Maisonneuve & Larose, 1967. tomo IV. Disponível em:

<<http://books.google.com.br/books?id=8HUHNZ77eEkC>>. Acesso em: 1 jul. 2010.

RÓNAI, Paulo. *A tradução vivida*. 3. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

SABATINI, Francesco; COLETTI, Vittorio. *Dizionario di Italiano Sabatini-Coletti*. Firenze: Giunti, 1997. 1 CD-ROM.

SAVAIANO, Eugene, WINGET, Lynn W. *Modismos ingleses para hispanos/English Idioms for Spanish Speakers*. 2 ed. rev. New York: Barron's Educational Series, 2007. Disponível (parcial) em: <<http://books.google.com.br/books?id=LRVXSi97SOEC>>. Acesso em: 1 abr. 2010

SCHAMBIL, Maria Helena; SCHAMBIL, Peter. *Dicionário de expressões idiomáticas da língua inglesa*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

SCHLEIERMACHER, Friedrich Daniel Ernst. “Sobre os diferentes métodos de tradução”. Tradução Mauri Furlan, 2007. No prelo.

SCHWAMMENTHAL, Riccardo; STRANIERO, Michele. L. *Dizionario dei proverbi italiani*. 3. ed. Milano: RCS, 1999.

SEVILLA, Julia; URBINA, Jesús Cantera Ortiz de. *Pocas palabras bastan: vida e interculturalidad del refrán*. Salamanca: Centro de Cultura Tradicional, Disputación de Salamanca, 2002. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=CyhIAAAAMAAJ>>. Acesso em: 17 mar. 2010.

SIEFRING, Judith. *The Oxford Dictionary of Idioms*. 2 ed. rev. New York: Oxford University Press, 2006.

SILVA, Euclides Carneiro da. *Dicionário de locuções da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Bloch, 1975.

SILVA, Guido Gomes. *Diccionario breve de mexicanismos*. México: FCE, 2001. Disponível em: <<http://www.academia.org.mx/dicmex.php>>. Acesso em 10 mar. 2010.

SILVA, Márcia Moura. *Análise da tradução de termos indígenas em Macunaíma de Mário de Andrade na tradução de Héctor Olea para o espanhol*. 2009. 130 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <[http://www.pget.ufsc.br/curso/dissertacoes/Marcia Moura da Silva - Dissertacao.pdf](http://www.pget.ufsc.br/curso/dissertacoes/Marcia_Moura_da_Silva_-_Dissertacao.pdf)>. Acesso em 25 ago. 2009.

SIMÕES, Guilherme Augusto. *Dicionário de expressões populares portuguesas*. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

SINTES PROS, Jorge. *Diccionario de aforismos, provérbios y refranes: Con su interpretación para el empleo adecuado y con equivalencias en cinco idiomas (latín, francés, italiano, inglés y alemán)*. 3. ed. rev. e ampl. Barcelona: Sintés, 1961.

STEINBERG, Martha. *1001 provérbios em contraste: ditados ingleses e norte-americanos e seus equivalentes em português*. 2. ed. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

STRAUSS, Emanuel. *Concise Dictionary of European Proverbs*. London/New York: Routledge, 1998. Disponível (parcial) em: <http://books.google.com.br/books?id=HJ_BJtntMioC>. Acesso em: 18 mar 2010.

SUCCI, Thais Marini. *Os provérbios relativos aos sete pecados capitais*. 2006. 152 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2006. Disponível em: <http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/brp/33004153069P5/2006/succi_tm_me_sjrp.pdf>. Acesso em 30 set. 2009.

TAGNIN, Stella Ester Ortweiler. *Expressões idiomáticas e convencionais*. São Paulo: Ática, 1989.

———. *O jeito que a gente diz: Expressões convencionais e idiomáticas*. São Paulo: Disal, 2005.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. *Variations sur l'étranger dans les lettres: cent ans de traductions françaises des lettres brésiliennes*. Arras: Artois, 2004.

TOSI, Renzo. *Dicionário de sentenças latinas e gregas*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

URBINA Jesús Cantera Ortiz de. *Diccionario Akal del refranero sefardí*. Madrid: Akal, 2004. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=TDaEvsjmm6sC>>. Acesso em: 18 mar 2010.

_____. *Diccionario Akal del refranero latino*. Madrid: Akal, 2005. Disponível em:
<<http://books.google.com.br/books?id=x1l5lkkwNIOC>>. Acesso em: 18 mar 2010.

VENUTI, Lawrence. *The translator's invisibility: a history of translation*. London/New York: Routledge, 1995.

_____. *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença*. Tradução Laureano Pelegrini, et. al. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

VINAY, Jean-Paul; DARBELNET, Jean. *Stylistique comparée du français et de l'anglais*. Paris: Didier, 1958.

VIRMAÎTRE, Charles. *Dictionnaire D'Argot Fin-de-Sicle*. Paris: A. Charles, 1894. Disponível em:
<<http://www.archive.org/details/dictionnairearg00virmuoft>>. Acesso em: 18 mar. 2010.

XATARA, Claudia Maria. *As expressões idiomáticas de matriz comparativa*. 1994. 140 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1994.

_____. *A tradução para o português de expressões idiomáticas em francês*. 1998. 254 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1998.

_____. La traduction phraséologique. *Meta*, Montreal, v. 47, p. 441-444, 2002a. Disponível em:
<<http://www.erudit.org/revue/meta/2002/v47/n3/008029ar.pdf>>. Acesso em: 30 jan 2009.

_____. Les expressions idiomatiques: de la marginalité à la reconnaissance. *Le Français Dans Le Monde*, Paris, v. 319, p. 28-29, 2002b. Disponível em:
<<http://www.fdlm.org/fle/article/319/idiomatique.php3>>. Acesso em: 2 fev. 2009.

XATARA, Cláudia Maria; OLIVEIRA, Wanda Leonardo de. *PIP – dicionário de provérbios, idiomatismos e palavrões*: francês-português/português-francês. São Paulo: Cultura Editores Associados, 2002.

———. *Novo PIP – dicionário de provérbios, idiomatismos e palavrões em uso*: francês-português/português-francês. 2. Ed. Reest. São Paulo: Cultura Editores Associados, 2008.

XATARA, Cláudia Maria; RIVA, Huéinton Cassiano; RIOS, Tatiana Helena Carvalho. As dificuldades na tradução de idiomatismos. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 8, p. 183-194, 2002.

Disponível em:

<<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/viewFile/5892/5572>>. Acesso em: 21 fev. 2009.

XATARA, Cláudia Maria; RIVA, Huéinton Cassiano. A linguagem idiomática organizada em pares dicotômicos. *Alfa Revista de Lingüística*, São Paulo, v. 49, n. 2, p. 111-123, 2005. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/index.php/alfa/article/viewFile/1406/1106>>. Acesso em: 6 nov. 2009.

XATARA, Cláudia Maria; RIOS, Tatiana Helena Carvalho. A elaboração de um dicionário de idiomatismos: da teoria à prática. *Estudos Lingüísticos*, Campinas, v. 34, p. 165-170, 2005. Disponível em:

<<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2005/4publica-estudos-2005-pdfs/a-elaboracao-de-um-dicionario-1349.pdf?SQMSESSID=a38ffc79c82bcbe561e1c641326fd16c>>. Acesso em 21 fev. 2009.

———. O estudo contrastivo dos idiomatismos: aspectos teóricos. *Caderno Seminal Digital*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 7, p. 54-80, jan./jun. 2007. Disponível em: <http://www.dialogarts.uerj.br/arquivos/seminal_VII.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2009.

XATARA, Cláudia Maria; SUCCI, Thais Marini. Revisitando o conceito de provérbio. *Veredas on-line*, v. 1, p. 33-48, 2008. Disponível

em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo3.pdf>>.
Acesso em: 30 jan. 2009.

ZAPATA, Carlos García; MUÑOZ, César. *Refranero antioqueño: diccionario fraseológico del habla antioqueña*. Medellín: Editorial Universidad de Antioquia, 1996. Disponível (trechos) em <http://books.google.com.br/books?lr=&cd=2&as_brr=0&id=lrYuAAAAYAAJ>. Acesso em 25 mar 2010.

ZINGARELLI, Nicola. *Vocabolario della lingua italiana*. Bologna: Zanichelli, 2001, CD-ROM.

Obras consultadas

AUBERT, Francis Henrik. *As (in)fidelidades da tradução: Servidões e autonomia do tradutor*. 2.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

BASSNETT, Susan. *Estudos da tradução*. Tradução de Vivina de Campos Figueiredo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

BERMAN, Antoine. *A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica*. Trad. Maria Emília Pereira Chanut. Bauru: EDUSC, 2002.

BORBA, Francisco da Silva. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

BRUNELLI, Anna Flora. Aconselhamentos de auto-ajuda: um caso de captação do gênero proverbial. *Alfa Revista de Lingüística*, São Paulo, v. 50, n. 1, p. 113-128, 2006. Disponível em: <http://www.alfa.ibilce.unesp.br/download/v50/09_BRUNELLI.pdf>. Acesso em: 2 nov. 2009.

CAMARGO, Sidney; BORNEBUSCH, Herbert. *Dicionário de expressões idiomáticas metafóricas alemão-português*. São Paulo: EPU, 1996.

FURLAN, Mauri. *La retórica de la traducción en el Renacimiento: Elementos para la constitución de una teoría de la traducción renacentista*. Tesis doctoral. Barcelona: Universidad de Barcelona, 2002.

INSTITUT DE FRANCE. *Dictionnaire de l'Académie Française*. 6 ed. Paris: Firmin Didot, 1835. Vol. 1. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=OQ8JAAAAQAAJ>>. Acesso em 10 mar 2010.

JESUS, Izabel Teodolina de. Construções condicionais proverbiais: uma visão sociocognitiva. *Alfa Revista de Lingüística*, São Paulo, v. 49, n. 1, p. 139-160, 2005. Disponível em: <<http://www.alfa.ibilce.unesp.br/download/v49/v49-1/cap8.pdf>>. Acesso em 13 nov. 2009.

PRIETO, Jorge Mejía. *Así habla el mexicano: diccionario básico de mexicanismos*. Ciudad de México: Panorama, 1984. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=yrD7X-KZBCcC>>. Acesso em 6 jul. 2010.

STEINER, George. *Depois de Babel: questões de linguagem e tradução*. Tradução de Carlos Alberto Faraco. Curitiba: Editora UFPR, 2005.

TOURY, Gideon. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam: Benjamin, 1995.

WILLIAMS, J.; CHESTERMAN, A. *The Map: A Beginner's Guide to Doing Research in Translation Studies*. Manchester: St. Jerome, 2002.

Sites consultados

www.hkocher.info/minha_pagina/proverbios.htm

www.linguateca.pt/COMPARA/

www.deproverbio.com

www.google.com

www.google.com.br

www.google.es

www.google.fr

www.google.it

www.books.google.com.br

ANEXO – corpus

Trechos contendo provérbios	
I ¹	
Nas conversas das mulheres no pino do dia o assunto era sempre as peraltagens do herói. As mulheres se riam muito simpatizadas, falando que “ <u>espinho que pinica, de pequeno já traz ponta</u> ”, e numa pagelança Rei Nagô fêz um discurso e avisou que o herói era inteligente. (ANDRADE, 1965, p. 4)	Pérez (1961) Mota (1987) Lacerda, Lacerda e Abreu (1999)
L’argomento abituale delle chiacchiere delle donne all’imbrunire erano sempre i mestri dell’eroe. Le donne se la ridevano con simpatia e dicevano che “ <u>prun che punge ha la punta aguzza fin da piccino</u> ”; in occasione di una pagelança ^{*2} il re Nagô fece un bel discorso per comunicare che l’eroe era intelligente. (GIORGI, 2006, p. 14)	<u>Tradução da letra</u>
En las pláticas de mujeres a pleno rayo del día, el bululú era siempre por las travesuras del héroe. Las mujeres refán muy halagadas, diciendo que “ <u>espina que pincha de pequeña ya trae punta</u> ” y en una brujencia de payé, Rey Nagô hizo un discurso y avisó que el héroe era inteligente. (OLEA, 2004, p. 48)	<u>Tradução literal E</u> <u>Tradução da letra</u> Campos e Barella (1996) ³ : “La espina cuando nace, la punta lleva delante” Lacerda, Lacerda e Abreu (1999): “La espina, cuando nace, lleva la punta delante”

¹ Para facilitar as referências no corpo do trabalho, utilizamos uma numeração sequencial em números romanos para os trechos com provérbios e uma com algarismos arábicos para aqueles com Els.

* Cerimonia rituale di scongiuro.

² Utilizamos um sistema diferente para a chamada das notas de rodapé oriundas da tradução italiana, para distinguir das nossas.

³ Toda vez que não for indicado nenhum registro em dicionário significa que o fraseologismo não foi localizado em nenhum dos dicionários da bibliografia. Quando houver alguma diferença mais acentuada entre o fraseologismo no trecho e a forma como ele consta no dicionário, esta será indicada; nos demais casos, será informada apenas a referência da obra lexicográfica.

<p>During the women’s midday chatter the talk was always about the hero’s pranks. The women laughed knowingly, saying, “<u>The little one’s prickly prickle already has a point!</u>” And in the tribal assembly, King Nagô declared that the hero had his head screwed on the right way. (GOODLAND, 1984, p. 4)</p>	<p><u>Tradução por figura de linguagem não-consagrada</u></p> <p><u>Compensação</u>⁴</p> <p>Partridge e Beale (2002): “have one’s head screwed on, or on right, or on the right way”</p> <p>Longman (2002): “have one’s head screwed on”</p>
<p>Dans le conversations méridiennes des femmes, le grand sujet c’était toujours les polissonneries de notre héros. Elles en riaient de bon coeur en disant : « <u>Épine qui pique même petite déjà pointe.</u> » Et lors du rite de la pajelança, le Roi Nagô fit un discours et publia que notre héros était intelligent. (THIÉRIOT, 1996, p. 24)⁵</p>	<p><u>Tradução da letra</u></p> <p>Lacerda, Lacerda e Abreu (1999): “L’<u>épine en naissant va la pointe devant</u>”</p> <p><u>Compensação</u></p> <p>Robert (1993): “de bon coeur”</p>
<p>II</p>	
<p>As lágrimas escorregando pelas faces infantis do herói iam lhe batizar a peitaria cabeluda. Então êle suspirava sacudindo a cabecinha: — Qual, manos! <u>Amor primeiro não tem companheiro, não!</u>... (p. 36)</p>	<p>Pérez (1961) Mota (1987) Lacerda, Lacerda e Abreu (1999)</p>
<p>[...] le lacrima che scorrevano sul volto infantile dell’eroe andavano a battezzargli il gran petto villosa. Allora lui sospirava scuotendo la piccola testa: — È inutile, fratelli: <u>il primo amore non si scorda mai!</u>... (p. 53)</p>	<p><u>Tradução por correspondente não-literal</u> (ditado)</p> <p>Arthaber (1989) Strauss (1998)</p>

⁴ Para facilitar a visualização dos usos da estratégia de compensação, utilizamos negrito para identificar os fraseologismos referentes a ela.

⁵ No restante do corpus, como as traduções se repetem sempre na mesma ordem, indicamos apenas o número da página. Veja também a nota 6 do capítulo 3.

<p>Las lágrimas que escurrían por la faz infantil del héroe le iban a bautizar el pelo en pecho. Entonces suspiraba sacudiendo la cabecita: — Ni modo, manos! <u>Pal amor primero no hay compañero!</u> ¿No?... (p. 87)</p>	<p><u>Tradução por correspondente literal</u> Gil (2002): “Amor primero no tiene compañero” Sevilla e Urbina (2002): “Amor primero no tiene compañero” Ortega (1953): “Luna de enero y amor primero no tienen compañero”</p>
<p>[...] the tears running down his fuzzing cheeks to baptize his hairy chest. Then he sighed, wagging his tiny head, “Fiddlesticks, brother! <u>I’ll ne’er find a patch on that other!</u>” (p. 28)</p>	<p><u>Tradução por paráfrase</u> <u>Compensação</u> Gomes (2003): “not a patch on [col] longe de ser igual ou comparável a, nem por sombra, nem de leve” Longman (1979): “not be a patch on <i>coll.</i> To be not nearly so good as” Longman (2003): “not be a patch on somebody/something <i>British English informal</i> to be much less good, attractive etc than someone or something else”</p>
<p>Les larmes qui ruisselaient sur les joues de notre héros allaient baptiser sa poitrine poilue. Alors secouant sa petite tête, il soupirait : — Ah ! Mes frères, <u>premier amour dure</u></p>	<p><u>Tradução por correspondente não-litera</u> (ditado) Google⁶: “premier amour dure</p>

⁶ Busca em páginas em francês pelo site www.google.fr em 2 de julho de 2010. Toda vez que não for indicado o resultado da pesquisa no Google significa que não foi encontrada ocorrência significativa ou que a busca não foi realizada porque o fraseologismo já havia sido localizado em algum dos dicionários da bibliografia.

<p><u>toujours</u> ! (p. 54)</p>	<p>toujours” - 4.110 ocorrências</p> <p>Maloux (1960, 2001): “On revient toujours a ses premières amours” Lacerda, Lacerda e Abreu (1999): “On revient toujours a ses premières amours”</p>
<p>III</p>	
<p>Resolveu abandonar a emprêsa, voltando pros pagos de que era imperador. Porém Maanape falou pra êle: — Deixa de ser aruá, mano! <u>Por morrer um carangueijo o mangue não bota luto não!</u> que diacho! desanima não que arranjo as coisas! (p. 44)</p>	<p>Pérez (1961): “Por morrer um carangueijo não se cobre o mangue de luto” Mota (1987) Lacerda, Lacerda e Abreu (1999)</p>
<p>Decise di abbandonare l’impresa e far ritorno ai villaggi dove lui era l’imperatore. Ma Maanape gli disse: — Non fare lo stupido, fratello! <u>La palude non porta il lutto per la morte di un granchio</u>, diamine! Non ti scoraggiare, che aggiusto tutto io! (p. 60)</p>	<p><u>Tradução por figura de linguagem não-consagrada</u> <u>OU Tradução da letra</u></p>
<p>Resolvió abandonar la empresa volviendo pa los pagos donde era emperador. Pero Maanape habló de este modo: — Dejese de ser baboso, mano! <u>Por un cangrejo muerto el manglar no guarda luto!</u> qué diablos! no se desanime que yo me las arreglo con esos cosos! (p. 97)</p>	<p><u>Tradução da letra</u></p>
<p>[...] thought of throwing in his hand and returning to his birthplace, of which he was emperor. But Maanape broke in, “Stop your whining, brother! <u>If a crab dies, the</u></p>	<p><u>Tradução da letra</u> <u>OU Tradução por figura de linguagem não-consagrada</u></p>

<p><u>whole mudflat doesn't go into mourning.</u> Don't worry, I'll fix things for you!" (p. 33)</p>	<p><u>Compensação</u> Ammer (1997): "throw in one's hand"</p>
<p>Et décida d'abandonner son entreprise et de retourner aux domaines dont il était empereur. Mais Maanape lui dit : — Ne sois pas moule, frérot ! <u>Un crabe qui crève n'endeuille pas la grève</u>, qui diable ! Ne perds pas courage, je vais tout arranger ! (p. 60)</p>	<p><u>Tradução da letra</u></p>
<p></p>	<p></p>
<p>IV</p>	<p></p>
<p>Oitenta contos não valia muito mas o herói refletiu bem e falou pros manos: — Paciência. A gente se arruma com isso mesmo, <u>quem quer cavalo sem tacha anda de a-pé...</u> Com êsses cobres é que Macunaíma viveu. (p. 44)</p>	<p>Pérez (1961): "Quem quer cavalo sem taxa anda a pé" Mota (1987): "Quem quer cavalo sem tacha anda a pé" Lacerda, Lacerda e Abreu (1999)</p>
<p>Ottantamila milréis non era gran che, ma l'eroe dopo matura riflessione disse ai fratelli: — Paziienza. <u>Chi vuole andare a cavallo senza pagare finisce che va a piedi...</u> Macunaíma andó avanti con quei soldi lì. (p. 61)</p>	<p><u>Tradução por figura de linguagem não-consagrada</u> <u>OU Tradução da letra</u> <u>Compensação</u> Sabatini Coletti (1997): "andare avanti" Zingarelli (2001): "andare avanti"</p>
<p>Ochenta contos no valía mucho pero el héroe reflexionó bien y le dijo a los manos: — Paciencia. Uno se las arregla con eso mero, pues <u>quien quiere caballo con colmillo dado anda a pie...</u> Con esos cobres Macunaíma la fue pasando. (p. 97)</p>	<p><u>Tradução por correspondente adaptado</u> Bohn (1867): "Quien quisiere mula sin tacha, ándese á pie" Campos e Barella (1996): "El que quiere caballo sin tacha, ese se anda a pata" Glazer (1987): "A caballo</p>

	regalado no se le mira el colmillo” / “A caballo regalado no se le busca colmillo”
Eighty thousand milreis was not a fortune, but after giving it much thought, the hero declared to his brothers, “Patience! A chap could make ends meet pretty well on that. Don’t forget that <u>a man who insists on a horse without a blemish finds himself ridind Shanks’ mare!</u> ” Thus it was that on this trifle Macunaíma lived. (p. 33)	<u>Tradução por figura de linguagem não-consagrada</u> <u>Compensações</u> Longman (2002): “make (both) ends meet”; Longman (1979): “(on/by) shanks’s pony/mare” Schambil e Schambil (2002): “on shank’s pony (ou mare)”
Quatre-vingts contos, ce n’était pas beaucoup, mais notre héros mûrement réfléchit et dit à ses frères : — Patience. Nous nous débrouillerons avec ça. <u>Qui veut un cheval parfait n’a qu’à aller à pied...</u> Voilà donc avec quel blé Macounaïma vécut. (p. 60)	<u>Tradução por correspondente não-literal</u> Lacerda, Lacerda e Abreu (1999): “Qui veut un cheval sans défaut doit aller à pied”
V	
No outro dia estava tão fatigado da farra que a saudade bateu nêle. Se lembrou da muiraquitã. Resolveu agir logo porque <u>primeira pancada é que mata cobra</u> . (p. 47)	Pérez (1961)
Il giorno dopo era tanto stanco per la baldoria fatta, che gli ritornò la nostalgia. Gli venne in mente il muiraquitã. Decise di agire subito, <u>chi ha tempo non aspetta tempo</u> . (p. 64)	<u>Tradução por correspondente não-literal</u> Arthaber (1989) Sabatini e Coletti (1997) Zingarelli (2001) Strauss (1998)
Al otro día estaba tan fatigado de la farra que la morriña lo zangoloteó duro. Se	<u>Tradução literal E</u> <u>Tradução da letra</u>

<p>acordó de la muiraquitán. Resolvió actuar luego porque <u>el primer golpe es lo que mata a la culebra.</u> (p. 101)</p>	
<p>The morning after this carouse he felt so whacked that homesickness overcame him again. He remembered his lost amulet and decided he must do something about it at once because <u>it is always the first blow that kills the snake.</u> (p. 36)</p>	<p><u>Tradução literal E</u> <u>Tradução da letra E</u> <u>Tradução por correspondente adaptado</u> Steinberg (2002): “The first blow is half the battle.” Lacerda, Lacerda e Abreu (1999): “The first blow is half the battle.”</p>
<p>Le lendemain il était si fatigué de sa foiridon que la saudade le poignit. Il se souvint de la mouïraquitan et résolut d’agir rondement car <u>c’est du premier coup que du souroucoucou il faut couper le cou.</u> (p. 64)</p>	<p><u>Tradução da letra</u></p>
<p>VI</p>	
<p>Macunaíma não quis saber. — Pois vou assim mesmo. <u>Onde me conhecem honras me dão, onde não me conhecem me darão ou não!</u> Então Maanape acompanhou o mano. (p. 47-48)</p>	<p>Mota (1987)</p>
<p>Macunaíma non lo volle sapere. — E io ci vado lo stesso. <u>Chi mi conosce mi onora, e chi non mi conosce faccia come vuole!</u> Allora Maanape accompagnò il fratello. (p. 65)</p>	<p><u>Tradução por figura de linguagem não-consagrada</u></p>
<p>Macunaíma no se dió por enterado. — Pues así mero voy. <u>Donde me conocen honras me dan, donde no me conocen quien quite y me las darán!</u></p>	<p><u>Tradução da letra</u></p>

Maanape entonces acompañó al mano. (p. 101)	
Macunaíma didn't want to listen to any of this. He said, "Then I'll go there on my own . <u>Where I'm known, I'm thought well of. Where I'm not, who cares!</u> " In the end, Maanape went with his brother. (p. 36)	<u>Tradução por paráfrase</u> <u>Compensação</u> Pickett (2004): "on (one's) own"
Macounaïma ne voulut pas savoir. — Assez barguigné, j'y vais ! <u>Qui me connaît me respecte, qui ne me connaît pas apprendra à me respecter ou bien gare !</u> Du coup Maanape accompagna son frère. (p. 64)	<u>Tradução por figura de linguagem não-consagrada</u>
VII	
Saindo da pensão Macunaíma topou com um beija-flor com rabo de tesoura. Não gostou da caguíra não e pensou abandonar o randevu porém como <u>promessa é dívida</u> fêz um esconjuro e seguiu. Lá chegando encontrou o gigante no portão, esperando. (p. 59)	Xatara e Oliveira (2002) Lacerda, Lacerda e Abreu (1999)
Al momento di uscire dalla pensione, Macunaíma si vide davanti un colibrì con la coda a forbice e il presagio non gli andò proprio affatto a genio : pensò di rinunciare al randevu. Poi, dato che <u>ogni promessa è debito</u> , fece uno scongiuro e proseguì. Là giunto, trovò il gigante davanti al cancello che l'aspettava. (p. 76)	<u>Tradução por correspondente literal</u> Sabatini e Coletti (1997) Zingarelli (2001) Strauss (1998) <u>Compensação</u> Sabatini e Coletti (1997): "andare a genio" Zingarelli (2001): "andare a genio"
Saliendo de la pensión, Macunaíma se topó con un chupamirto con rabo de tijera. No le gustó el presagio y pensó abandonar el	<u>Tradução por correspondente literal</u> Urbina (2004, 2005)

<p>rendez-vous pero como <u>lo prometido es deuda</u> en un santiamén se santiguó y siguió. Llegando allá se encontró al gigante en el portón, esperando. (p. 112)</p>	Strauss (1998)
<p>As he was leaving his digs, Macunaíma saw a scissor-tailed hummingbird. He did not like this bad omen at all and almost gave up all thought of his rendezvous, but <u>feeling himself bound by his appointment</u>, he conjured up a spell to exorcise himself, and went on. On arrival he — the Frenchwoman — was met by the giant waiting at the gate. (p. 43)</p>	<u>Tradução por paráfrase</u>
<p>En sortant de la pension, Macounaïma croisa un colibri à la queue bifide. Ce mauvais présage lui déplut et il pensa renoncer au rendez-vous, mais <u>chose promise, chose due !</u> il fit un signe de conjuration et continua. (p. 73-74)</p>	<u>Tradução por correspondente não-literal</u> Lacerda, Lacerda e Abreu (1999) Urbina (2004) Strauss (1998) Panckoucke (1750)
VIII	
<p>Então de tanta dor o herói viu no alto as estrêlas e entre elas enxergou Capêi mingoadinha cercada de névoa. “<u>Quando mingua a Luna não comeces coisa alguma</u>” suspirou. E continuou consolado. (p. 70)</p>	<p>Mota (1987): “Quando minguar a lua não comeces coisa alguma”⁷ Cascudo (1977): “Antiquíssimo adágio do séc. XVI aconselhava: ‘Ao minguar a lua, não comeces coisa alguma’”. (p. 225)</p>
<p>Allora, dal gran dolore, l’eroe vide le stelle lassù in alto e in mezzo ad esse scorse Capêi calante al massimo e circondata di</p>	<u>Tradução literal E Tradução da letra</u>

⁷ O autor aponta que “Pronuncia-se nasalizando o ‘u’ de ‘lua’” (MOTA, 1987, p. 173).

bruma. “ <u>Quando cala la luna, non iniziar cosa alcuna</u> ” sospirò. E continuò la sua strada riconfortato. (p 87-88)	
Entonces de tanto dolor se puso a ver estrellas el héroe y en lo alto, entre ellas, divisó a Capei menguadita y cercada de neblina. “ <u>Quando mengua la Luna no comienes cosa alguna</u> ” suspiró. Y proseguí más consolado. (p. 123)	<u>Tradução literal E Tradução da letra</u>
The sudden twinge of pain made the hero lift his eyes to the stars above, and among them he saw Capei, the Moon, on the wane and circled by a halo. “ <u>When the Moon’s on the wane, to start is in vain!</u> ” he remembered sadly; the thought gave him some comfort. (p. 50)	<u>Tradução da letra</u>
La douleur fut si violente que notre héros vit là-haut les étoiles et parmi elles il aperçut Capei à son déours, entourée d’un halo de brume. « <u>Quand la Lune décroît, garde-toi d’entreprendre quoi que ce soit</u> », soupirait-t-il. Et il fut consolé. (p. 83)	<u>Tradução da letra</u>
IX	
Daí Macunaíma pisou nos calos também: — Pois nem eu queria nenhuma das três, sabe! <u>Três, diabo fêz!</u> Então Vei com as três filhas foram pedir pouso num hotel e deixaram Macunaíma dormir com a Portuga na jangada. (p. 89)	Pérez (1961) Mota (1987) Lacerda, Lacerda e Abreu (1999)
Allora Macunaíma si irritò terribilmente lui pure: — E io non ne volevo nessuna delle tre, sai! <u>Tre è il numero del diavolo!</u> A questo punto Vei e le sue tre figlie andarono a prendere alloggio per quella notte in un hotel e lasciarono Macunaíma a	<u>Tradução por figura de linguagem não-consagrada</u>

<p>dormire con la portuguesina sulla jangada. (p. 108)</p>	
<p>Entonces Macunaíma perdió la figura también. — Pos al fin que ni quería, entiende! <u>Tres, ni al revés!</u> Entonces Vei y las tres hijas se fueron a pedir posada en un hotel y dejaron a Macunaíma durmiendo con la Portuga en la jangada. (p. 143)</p>	<p><u>Tradução da letra</u> Google⁸: “Tres ni al revés” - 2 ocorrências (digitalizações da tradução espanhola de Macunaíma) “ni al revés” - 15.900 ocorrências “ni al derecho ni al revés” - 442 ocorrências</p>
<p>Then Macunaíma felt his own corns being trodden on: “Right now I don’t want any of your three you-know-whats either! <u>Three of them! A devil’s brood; may the devil fly away with the lot of them!</u>” Vei, with her three daughters, swept off to look for a hotel, leaving Macunaíma to sleep with his white-skinned fishwife on the raft. (p. 65-66)</p>	<p><u>Tradução por paráfrase</u></p>
<p>Macounaíma lui monta sur les pieds à son tour : — J’en voulais pas de vos trois filles ! <u>Trois, c’est le diable sous le toit !</u> Alors Vei et ses trois filles allèrent prendre pension dans un hôtel et laissèrent Macounaíma dormir avec sa pompadour dans la jangada. (p. 102)</p>	<p><u>Tradução da letra</u></p>
<p>X</p>	
<p>— Mas que catingueiros êsses! O herói nunca matou viado! Não tinha nenhum viado na caçada não! <u>Gato miador, pouco caçador, gente!</u> Em vêz foram dois ratos</p>	<p>Pérez (1961): “Gato muito miador é pouco caçador” Mota (1987): “Gato miador, ruim caçador”</p>

⁸ Busca em páginas em espanhol pelo site www.google.es em 2 de julho de 2010.

chamuscados que Macunaíma pegou e comeu. (p. 122)	Lacerda, Lacerda e Abreu (1999)
— Macché cervi di pianura! L'eroe manco ne ha ammazzato uno di cervo! Non abbiamo trovato nessun cervo a caccia, macché! <u>Gatto che miagola molto, di caccia ne fa poca</u> , gente! Quello che ha preso Macunaíma erano due topi bruciacchiati e se li è mangiati. (p. 142)	<u>Tradução da letra</u>
— Qué guazubirás ni que ojo de hacha! El héroe nunca mató venado! No había ningún venado en la cacería! <u>Cae más pronto un hablador que un cojo!</u> En cambio fueron dos ratas tatemadas lo que Macunaíma agarró y comió. (p. 178)	<u>Tradução por correspondente não-litera</u> Glazer (1987): “Cae más pronto un hablador que un cojo” / “Más pronto cae un hablador que un cojo” <u>Compensação</u> Silva (2001): “ni qué ojo de hacha”
[...] “But what deer are you talking about? There were no deer at all in that hunt. There’s a proverb, friends, saying, ‘ <u>Meowing cats catch few rats!</u> ,’ but at one time a couple of singed rats came out, which Macunaíma killed and ate.” (p. 89)	<u>Tradução da letra</u>
— Quoi ! des chevreuils ! Le héros n’a jamais tué de chevreuil ! Vous ne savez donc pas qu’y a pas plus hâbleur qu’un <u>chasseur ?</u> Y avait pas de chevreuils dans le bois, seulement deux souris grillées que Macounaïma a attrapées et mangées ! (p. 130)	<u>Tradução por criação de correspondente</u>
XI	
— Oi, conhecido, tome tento com gigante! Você já sabe do que êle é capaz. Piaimã está fraco está fraco porém <u>canudo que</u>	Mota (1987) Lacerda, Lacerda e Abreu (1999)

<p><u>teve pimenta guarda o ardume</u>. Si você não tem medo mesmo, aposto. (p. 129)</p>	
<p>— Ehi, amico, sta’ attento, con quel gigante! Sai bene di che cosa è capace. Piaimã è debole, è debole, però <u>la volpe perde il pelo e non il vizio...</u> se davvero non hai paura, io ci sto. (p. 150)</p>	<p><u>Tradução por correspondente não-literar</u> Arthaber (1989): “La volpe/il lupo perde il pelo, ma il vizio mai” Sabatini Coletti (1997): “il lupo perde il pelo ma non il vizio” Zingarelli (2001): “Il lupo perde il pelo ma non il vizio” Lacerda, Lacerda e Abreu (1999): “La volpe perde il pelo, ma il vizio mai”/“Il lupo cangia il pelo, ma non il vizio” Strauss (1998): “Il lupo muta/cangia il pelo, ma non il vizio”</p>
<p>— Oiga, conocido, tome tiento con el gigante! Usté ya sabe de lo que es capaz. Piaíma anda debilón debilón pero <u>pajilla que tuvo ají guarda el ardor...</u> Si usté de veras no tiene miedo, apuesto. (p. 185)</p>	<p><u>Tradução literal E Tradução da letra</u></p>
<p>[...] “Okay, dad, but watch it, you ought to know what that giant is capable of. Piaiman may be in a very weak state, but <u>a jaguar never changes its spots</u>. If you’re not frightened of him, I’ll take your bet.” (p. 95)</p>	<p><u>Tradução por correspondente não-literar</u> Steinberg (2002): “The leopard cannot change its spots” Schambil e Schambil (2002): “The leopard cannot change its spots” Strauss (1998): “The leopard cannot change its spots”</p>
<p>— Eh l’ami! Prends garde au géant ! Tu</p>	<p><u>Tradução por criação de</u></p>

<p>sais déjà de quoi il est capable. Piaïman en ce moment n'est pas vaillant vaillant, mais rappelle-toi que <u>vipère qui a mordu tout son venin n'a pas perdu...</u> Si vraiment tu n'as pas peur, je tope. (p. 137)</p>	<p><u>correspondente</u></p>
<p>XII</p>	
<p>— Olha, primo, pagar não posso não mas vou te dar um conselho que vale ouro: Nêste mundo tem três barras que são a perdição dos homens: <u>barra de rio, barra de ouro e barra de saia, não caia!</u> (p. 138-139)</p>	<p>Mota (1987)</p>
<p>— Senti, cugino, pagare non posso, ma ti voglio dare un consiglio che vale un tesoro: a questo mondo ci sono tre “barra” che portano l'uomo alla perdizione: <u>barra (secca) di fiume, barra (sbarra) d'oro, e barra (orlo) di gonna, attenzione.</u> (p. 160)</p>	<p><u>Tradução por figura de linguagem não-consagrada</u></p>
<p>— Mire, primo, pagar no puedo pagarle pero le daré un consejo que vale oro: En este mundo hay tres barras que son la perdición de los hombres: <u>Barras de río, barras de oro y embarradas de falda, añañay, no caiga!</u> (p. 195)</p>	<p><u>Tradução da letra</u></p>
<p>[...] “Look, cousin, it's impossible for me to repay you, but I'll make you a present of some advice that's worth its weight in gold. In this world there are three bars that are the ruination of mankind: <u>the sand bar in a river — where the washerwomen are endlessly quarreling; the bar of gold — over which both friends and thieves fall out; and the bar of a skirt that won't come off!</u>” (p. 103)</p>	<p><u>Tradução por figura de linguagem não-consagrada</u></p>
<p>— Écoute, cousin, je peux pas te payer mais je vais te donner un conseil qui vaut son pesant d'oseille : <u>En ce monde, sables</u></p>	<p><u>Tradução da letra</u></p>

<p><u>mouvants, or trébuchant et jupon au vent sont la perdition des hommes.</u> Garde-toi de tomber dans leur piège ! (p. 147)</p>	
<p>XIII</p>	
<p>O tequeteque saudou: — Bom-dia, conhecido, como vai, muito obrigado, bem. Trabalhando, não? — <u>Quem não trabuca não manduca.</u> — É mesmo. Bom, té-loguinho. (p. 145)</p>	<p>Pérez (1961) Mota (1987) Lacerda, Lacerda e Abreu (1999)</p>
<p>Il girovago salutò: — Buongiorno, amico. Come va, bene, grazie. Si lavora, eh? — <u>Chi non lavora non mangia.</u> — Proprio così. Bene, arrivederci. (p. 165)</p>	<p><u>Tradução por correspondente literal</u> Sabatini Coletti (1997) Lacerda, Lacerda e Abreu (1999) Strauss (1998)</p>
<p>El tilichero saludò: — Buen día, conocido, cómo le va, bien, muchas gracias. ¿Laburando, no? — <u>En esta tierra caduca, quien no trabaja no manduca.</u> — Así es. Bueno, ta-lueguito. (p. 201)</p>	<p><u>Tradução por correspondente não-litera</u> Mota (1987) Sintes Pros (1961): “En esta vida caduca, el que no trabaja, no manduca” Lacerda, Lacerda e Abreu (1999): “En esta vida caduca, el que no trabaja no manduca” Strauss (1998): “El que no trabaja no come/manduca”</p>
<p>“Good morning, friend,” the huckster greeted Macunáfima, “how d’ye do, thanks a lot! Doing a bit of work, eh? That’s good!” “<u>He who doesn’t work doesn’t eat!</u>” “You said it. Well, bye bye!” [...] (p. 106)</p>	<p><u>Tradução por correspondente literal</u> Mota (1987): “He that will not work, neither shall he eat” Strauss (1998) Steinberg (2002): “He that will not work shall not eat”</p>

<p>Le camelot le salua :</p> <p>— Bonjour amigo comment ça va pas mal merci et chez vous pas mal non plus moi aussi merci. Alors on travaille ?</p> <p>— <u>Pour grailler, faut travailler !</u></p> <p>— Ça c'est bien vrai ! Allez, salut ! (p. 151)</p>	<p><u>Tradução da letra</u></p>
<p>XIV</p>	
<p>Teve raiva por demais e maliciou que ia ficar com o butecaiana que é doença da raiva. Então exclamou:</p> <p>— Ara! <u>Ande eu quente, ria-se a gente!</u></p> <p>Tirou as calças pra refrescar e pisou em cima. (p. 147)</p>	<p>Mota (1987)</p>
<p>Si arrabiò troppo e temette che gli venisse la butecaiana, cioè la malattia della rabbia. Alla fine esclamò:</p> <p>— Diamine! <u>Al diavolo il caldo e che ridano pure!</u></p> <p>Per rinfrescarsi, si tolse i pantaloni e li calpestò. (p. 168)</p>	<p><u>Tradução por figura de linguagem não-consagrada</u></p>
<p>Fue por demás tanta rabia y malició que iba a quedar con beatacanina que es el mal de la rabia. Entonces exclamó:</p> <p>— Ara! <u>Ándeme yo caliente, ríase la gente!</u></p> <p>Se quitó los pantalones para refrescar y los pisoteó por encimita. (p. 203)</p>	<p><u>Tradução por correspondente literal</u></p> <p>Mota (1987): “Ande yo caliente y ríase la gente” (p. 44)</p> <p>Moliner (2001): “Ande [o ándeme] yo caliente y ríase la gente.”</p>
<p>He was smoldering with rage, all hot under the collar, and he feared he might be felled by a stroke; then he suddenly burst out, “Oh deary me, oh glory be! <u>When I come over sweaty hot, my folks do nowt but laugh a lot!</u>”</p> <p>He tore off his trousers to cool himself and</p>	<p><u>Tradução da letra</u></p> <p><u>Compensação</u></p> <p>Pickett (2004): “hot under the collar”</p>

<p>jumped up and down, trampling on them. (p. 108)</p>	
<p>Sa rage redoubla et enfin atteignit de telles proportions qu’il pensa qu’il être pris par la boutecaïana qui est la fièvre rabique. Alors il s’ecria : — Bon sang ! <u>Si la fièvre me prend, de moi vont rire les gens !</u> Il enleva son pantalon pour se rafraîchir et le piétina. (p. 154)</p>	<p><u>Tradução por paráfrase</u></p>
<p>XV</p>	
<p>— Iriqui é muito relambória, mano, mas a princesa, upa! Não dê crédito pra Iriqui não! Oi que <u>Sol de inverno chuva de verão chôro de mulher palavra de ladrão, eieiei... ninguém não caia não!</u> (p. 193)</p>	<p>Mota (1987): “Sol de inverno, chuva de verão, choro de mulher, palavra de ladrão, ninguém caia, não!”</p>
<p>— Iriquì è molto infingarda, fratello, e la principessa, invece, op là! Non dar mica retta a Iriquì! Bada che <u>Sole d’inverno, pioggia d’estate, pianto di donna, parola di ladro, eheheh... si salvi chi può!</u> (p. 216)</p>	<p><u>Tradução por figura de linguagem não-consagrada</u></p>
<p>— Iriquí es muy singracia, mano, pero la princesa, uepa! No, no les des bolilla a Iriquí! “<u>No olvidés, me decia Fierro, / que el hombre no debe creer / en las lágrimas de mujer / ni en la renguera del perro</u>”. Ayayay, malhaya quien caiga... (p. 252)</p>	<p><u>Tradução por correspondente não-literar</u> citação - <i>El gaucho Martín Fierro</i>, de José Hernández, publicada em 1872, conforme Culleton (2005)</p> <p><u>Compensação</u> Real Academia (1995): “dar bolilla”</p>
<p>[...] “Iriqui is really very tiresome, brother, she gives me a pain in the neck; but the princess — my word! — that’s <u>a different kettle of fish!</u> Don’t you believe a word that Iriqui says, ever! <u>The sun may fail in</u></p>	<p><u>Tradução da letra</u></p> <p><u>Compensação</u> Longman (2002): “pain in the neck” / “a</p>

<p><u>summer, the winter rain may fail, but a woman's tears fail never her lover to bewail!</u>" And he went off to make love to the princess again. (p. 141-142)</p>	<p>pretty/fine/different kettle of fish" Pickett (2004): "kettle of fish"</p>
<p>— L'Iriqui est débeçtante comme tout, frangin, tandis que la princesse, quel chic ! Laisse Iriqui chialer et souviens-toi qu'il <u>ne faut se fier ni au soleil d'hiver ni à la pluie d'été ni à femme qui pleure ni à parole de voleur !</u> Et il alla s'amuser avec la princesse. (p. 193)</p>	<p><u>Tradução da letra</u></p>
<p>XVI</p>	
<p>A princesa teve ódio. É que ela andava últimamente brincando com Jiguê. Macunaíma bem que percebeu porém imaginou: "<u>Plantei mandioca nasceu maniva, de ladrão de casa ninguém se priva, paciência!...</u>" E tinha encolhido os ombros. (p. 203)</p>	<p>Pérez (1961): "Plantei mandioca e nasceu maniva, de ladrão de casa ninguém se livra" Mota (1987): "Plantei mandioca, nasceu maniva, de ladrão de casa ninguém se livra"</p>
<p>La principessa si arrabiò molto. Perchè da qualche tempo aveva cominciato a divertirsi insieme a Jiguê. Macunaíma se ne era accorto benissimo ma aveva pensato: "<u>Piantando manioca vien su maniva,* di ladro di casa nessun si priva, pazienza!...</u>". Si era stretto nelle spalle. (p. 226)</p>	<p><u>Tradução literal E Tradução da letra</u></p>
<p>A la princesa-carambolo le dio odio. Era ella quien ultimadamente jugueteaba con Yigué. Macunaíma bien que se dio cuenta, pero pensó: "<u>Planto mandioca y me nace ñame, del ladronicio de casa nadie se</u></p>	<p><u>Tradução da letra</u> <u>Compensação</u> Real Academia (1995): "darse cuenta de"</p>

* L'inutile fogliame della manioca: solo il tubero è commestibile.

<p><u>espante</u>, paciencia...”. Y había encogido los hombros. (p. 261-262)</p>	<p>Larousse (1998): “darse cuenta”</p>
<p>The princess shuddered with disgust and loathing. Of late, she had been making love with Jiguê. Macunaíma had noticed this, but had shrugged his shoulders and said to himself, <u>“I planted cassava, cassava grew;</u> <u>From a thief in the house,</u> <u>No one is secure!</u> Patience!” (p. 148-149)</p>	<p><u>Tradução da letra</u></p>
<p>La princesse en conçut de la haine : vous devez savoir que ces derniers temps elle s’amusait avec Jigué. Macounaïma s’en était aperçu mais avait pensé : « J’<u>ai semé du manioc, je récolte du manioc, c’est le lot de chacun d’abriter un voleur dans sa demeure, attendons notre heure !...</u> » Et il avait haussé les épaules. (p. 202)</p>	<p><u>Tradução da letra</u></p>
<p></p>	<p></p>
<p>XVII</p>	<p></p>
<p>Só ficara um aruaí muito falador. Macunaíma se consolou pensanteando: “<u>O mal ganhado, diabo leva... paciência</u>”. Passava os dias enfarado e se distraía fazendo o pássaro repetir na fala da tribo os casos que tinham sucedido pro herói desde infância. (p. 214)</p>	<p>Pérez (1961) Mota (1987) Lacerda, Lacerda e Abreu (1999)</p>
<p>Era rimasto soltanto un aruaí molto chiacchierino. Macunaíma si consolò pensando tra sé: “<u>Il maltolto se lo porta via il diavolo... pazienza</u>”. Si annoiava tutto il giorno e per distrarsi faceva ripetere all’uccello, nella lingua della tribù, tutte le avventure che erano successe all’eroe dall’infanzia in poi. (p. 238)</p>	<p><u>Tradução da letra</u></p>
<p>Sólo quedó ahí un loro retetarabilla.</p>	<p><u>Tradução por</u></p>

<p>Macunaíma se consoló cavicavilando: “<u>Lo mal habido, el diablo se lo lleva... paciencia</u>”. Se pasaba los días amorriñado y se distraía haciendo repetir al pajarraco en el habla de la tribu los casos que habían sucedido al héroe desde la niñez. (p. 274)</p>	<p><u>correspondente literal</u> Zapata e Muñoz (1996): “Lo mal habido (avenido) se lo lleva el diablo”</p>
<p>The only one that stayed behind was a parrot that was a notable talker. Macunaíma consoled himself, pensively remarking, “<u>Whatever has been earned by wickedness, the devil will surely take away!</u> Patience!” He spent all his days plunged deeply in remorse, distracting himself by making the bird repeat, in the tribal tongue, all the things that had happened to the hero since childhood. (p. 156)</p>	<p><u>Tradução por figura de linguagem não-consagrada</u> <u>OU Tradução da letra</u></p>
<p>Seul était resté un ara maracanan particulièrement loquace. Macounaïma se consola en ruminant : « <u>Bien mal acquis, le diable se le farcit... Patience!</u> » Il passait ses jours dans l’ennui et sa distraction était de faire répéter à l’oiseau, dans le parler de la tribu, ses aventures de héros depuis son enfance. (p. 212)</p>	<p><u>Tradução da letra E</u> <u>Tradução por correspondente adaptado</u> Lacerda, Lacerda e Abreu (1999): “Bien mal acquis ne profit jamais” / “De bien mal acquis courte joie” Strauss (1998): “Bien mal acquis ne profit jamais” / “Bien mal acquis ne prospère pas”</p>
<p>XVIII</p>	
<p>Decidiu: — Qual o quê!... <u>Quando urubú está de caipora o de baixo caga no de cima</u>, êste mundo não tem geito mais e vou pro céu. Ia pro céu viver com a marvada. (p. 208)</p>	<p>Pérez (1961): “Quando urubu está infeliz o do baixo borra no de cima” Mota (1987): “Urubu, quando anda caipora, o de baixo caga no de cima” Xatara e Oliveira (2002):</p>

	<p>“Urubu, quando está infeliz, até o debaixo suja o de cima” Lacerda, Lacerda e Abreu (1999): “Quando urubu está de azar, o de baixo caga no de cima” / “Quando urubu está infeliz, o de baixo borra no de cima”</p>
<p>Decise: — Per carità!... <u>Quando l’urubù ha il malocchio, quello di sotto caga su quello di sopra</u>: a questo mondo non c’è remedio e io me ne vado in cielo. Andava in cielo a vivere con la sua malvagia. (p. 246)</p>	<p><u>Tradução literal E</u> <u>Tradução da letra</u></p>
<p>Así pues se decidió: — Sonó! <u>Cuando el gallinazo anda empingorotado el de abajo caga el de encima</u>, este mundo no tiene arreglo, me voy pal cielo. Se iba pal cielo a vivir con la marvada. (p. 282)</p>	<p><u>Tradução por figura de linguagem não-consagrada</u> <u>OU Tradução da letra</u></p>
<p>He made up his mind: “What of it! <u>When the vulture becomes the harbinger of woe, it shits on those above it from below!</u> This world has nothing for me anymore; I shall go up to heaven!” He went up to heaven to live with his she-devil. (p. 163)</p>	<p><u>Tradução da letra</u> <u>Compensação</u> Longman (2002): “make up one’s mind”</p>
<p>Il décide donc : — Ici-bas y a que du tracas ! <u>Quand il a la poisse, l’urubu du dessus se fait conchier par l’urubu du dessous</u>. Ce monde est devenu invivable, je pars pour le ciel. Oui, il irait vivre au ciel avec sa friponne. (p. 220)</p>	<p><u>Tradução por figura de linguagem não-consagrada</u> <u>OU Tradução da letra</u></p>

Trechos contendo expressões idiomáticas	
1	
<p>— Bom-dia, coraçãozinho dos outros. Porém Macunaíma <u>fechou-se em copas</u> carrancudo. — Não quer falar comigo, é? (p. 15)</p>	<p>Nascentes (1966) Simões (1993) Ferreira (1999) Houaiss, Villar e Franco (2001) Xatara e Oliveira (2002) Camacho (2002)</p>
<p>— Buon giorno, tesoruccio bello. Ma Macunaíma imbronciato <u>non aprì la bocca</u>. — Non vuoi parlare con me, eh? (p. 16)</p>	<p><u>Tradução por paráfrase</u></p>
<p>— Buenos días, corazoncito de los demás. Pero Macunaíma rostritorcido <u>cerró el pico</u>. — ¿No quieres hablar conmigo, eh? (p. 50)</p>	<p><u>Tradução por correspondente não-literal</u> Real Academia (1995) Moliner (2001) Larousse (1998)</p>
<p>“Good morning! How’s our little heartthrob today?” Macunaíma <u>kept a surly silence</u>. “So you don’t want to speak to me, is that it? (p. 5)</p>	<p><u>Tradução por paráfrase</u></p>
<p>— Bonjour, petit trésor ! Mais Macounaíma se renfrogna et <u>lui fit la gueule</u>. — Tu veux pas me causer ? (p. 25-26)</p>	<p><u>Tradução por correspondente não-literal</u> Lebouc (2006)</p>
2	
<p>A velha tapanhumas escutou a voz do filho no longe cinzado e se espantou. Macunaíma apareceu <u>de cara amarrada</u> e falou pra ela:</p>	<p>Simões (1993) Simões (1993): “cara amarrada” Ferreira (1999): “amarrar</p>

<p>— Mãe, sonhei que caiu meu dente. (p. 16)</p>	<p>a cara” Houaiss, Villar e Franco (2001): “amarrar a cara” Xatara e Oliveira (2002): “amarrar a cara” Camacho (2002): “ficar de cara amarrada”</p>
<p>La vecchia negra udi in lontananza la voce del figlio nel crepuscolo e rimase stupefatta. Macunaíma venne avanti <u>con la faccia scura</u> e le disse: — Mamma, ho sognato che mi è cascato un dente. (p. 29)</p>	<p><u>Tradução por paráfrase</u></p>
<p>La vieja tapanumas escuchó la voz de su hijo en lo cenizo lejano y se espantó. Macunaíma apareció <u>carantamaula</u> y dijo hacia ella: — Madre, soñé que se me caía un diente. (p. 64)</p>	<p><u>Tradução por paráfrase</u></p>
<p>The old Tapanhuma woman heard the voice of her son in the twilit distance and marveled. Macunaíma approached her, <u>his face crumpled with worry</u>, and said, “Mother dear, I had a dream that one of my teeth had fallen out!” (p. 13)</p>	<p><u>Tradução por paráfrase</u></p>
<p>La vieille Tapanioumas entendit la voix de son fils dans le lointain cendré et tressaillit. Macounaïma apparut, <u>le visage maussade</u>, et lui dit : — Mère, j’ai rêvé qu’était tombée ma dent. (p. 35)</p>	<p><u>Tradução por paráfrase</u></p>
<p>3</p>	
<p>A icamiaba não tinha nem um arranhãozinho e cada gesto que fazia era mais sangue no corpo do herói soltando berros formidandos que diminuíam de</p>	<p>Cascudo (1977) Houaiss, Villar e Franco (2001)</p>

<p>mêdo os corpos dos passarinhos. Afinal <u>se vendo nas amarelas</u> porque não podia mesmo com a icamiaba, o herói deitou fugindo chamando pelos manos: — Me acudam que sinão eu mato! me acudam que sinão eu mato! (p. 22)</p>	
<p>[...] mentre l’amazzone non aveva nemmeno un graffio e, a ogni gesto che faceva, altro sangue sgorgava dal corpo dell’eroe, che lanciava urla spaventose; dalla paura gli uccellini si rimpicciolivano tutti. Alla fine, <u>vedendosela brutta</u> perché con quell’amazzone non ce la faceva proprio, l’eroe se la diede a gambe e andò a chiedere aiuto ai fratelli: — Accorrete, che se no l’ammazzo! Accorrete, che se no l’ammazzo! (p. 36)</p>	<p><u>Tradução por correspondente não-literal</u> Sabatini e Coletti (1997): “vedersela brutta” Zingarelli (2001): “vedersela brutta”</p> <p><u>Compensação</u> Sabatini e Coletti (1997): “darsela a gambe” Zingarelli (2001): “darsela a gambe”</p>
<p>La icamiaba no tenía ni una arañadita y cada gesto que hacía era más sangre en el cuerpo del héroe, que ya daba berridos horrisonos que disminuían de miedo los cuerpos de los pajaritos. Al final, <u>viéndoselas color de hormiga</u> porque de veras no podía con la amazona, el héroe largó a huir llamando a los manos: — Socórranme que si no mato! Socórranme que si no mato! (p. 70)</p>	<p><u>Tradução por correspondente não-literal</u> Silva (2001): “(estar o ponerse algo) color de hormiga”</p>
<p>The Amazon hadn’t even the tiniest scratch, while with each blow she struck she drew more blood from the hero, who was letting out such dreadful roars that the birds shrank in terror. At last, <u>getting the wind up</u> from being outmatched by this female warrior, the hero turned and fled, calling to his brothers, “Help! Help! I’m killing her!” (p. 17)</p>	<p><u>Tradução por correspondente não-literal</u> Longman (2002) Camargo e Steinberg (1990)</p>
<p>L’Icamiaba n’avait pas la moindre éraflure</p>	<p><u>Tradução por paráfrase</u></p>

<p>et chacun de ses coups faisait jaillir de nouveaux flots de sang du corps de notre héros qui poussait des braillements si épouvantables qu'ils rétrécissaient le corps des oiseaux apeurés. Finalement, <u>se voyant réduit à merci</u> car il ne pouvait rien contre l'Icamiaba, notre héros prit le parti de la fuite tout en appelant ses frères : — À l'aide sinon je la tue ! À l'aide sinon je la tue ! (p. 40)</p>	<p><u>Compensação</u> Robert (1993): “Prendre le parti de”</p>
4	
<p>Os dois manos estavam com fome. Fizeram um zaiacúti com folhagem cortada pelas saúvas, esconderijo no galho mais baixo da árvore pra flecharem a caça devorando as frutas. Maanape falou pra Macunaíma: — Olha, si algum pássaro cantar não secunda não, mano, <u>sinão adeus minhas encomendas!</u> O herói mexeu a cabeça que sim. (p. 48)</p>	<p>Nascentes (1966) Simões (1993) Ferreira (1999) Houaiss, Villar e Franco (2001) Xatara e Oliveira (2002)</p>
<p>I due fratelli avevano fame. Fecero uno scudo di foglie, uno zaiacúti, servendosi di quelle tagliate dalle formiche saúvas e vi si nascosero dietro stando sul ramo più basso dell'albero per frecciare la cacciagione che veniva a divorare la frutta. Maanape disse a Macunaíma: — Bada, fratello, se un uccello si mette a cantare, tu non rispondere, altrimenti <u>siamo fritti!</u> L'eroe con il capo fece cenno di sì. (p. 65)</p>	<p><u>Tradução por correspondente não-literal</u> Sabatini e Coletti (1997) Radicchi (1985)</p>
<p>Los dos manos estaban con hambre. Escudados con un zaiacuti tramado con el hojerío cortado por las tambochas hicieron un escondrijo en la rama más baja del árbol para así poder flechar la caça y devorar las frutas. Maanape le dijo a Macunaíma:</p>	<p><u>Tradução por paráfrase</u></p>

<p>— Mira, me tinca que si algún pájaro canta mejor chitón-chiticalladito, que si no, <u>adiós atracón!</u> El héroe movió la cabeza que sí. (p. 101)</p>	
<p>The two brothers were very hungry, so they made themselves a shield from leaves cut by the ants and hid on the lowest branch of the tree to pick off the game feeding on the fallen fruit. Maanape warned Macunaíma, “Look, if you hear a birdcall, don’t reply, brother, or <u>it’s farewell to my spell!</u>” The hero nodded agreement. (p. 37)</p>	<p><u>Tradução por correspondente não-litera</u> Google⁹: “farewell for a spell”: 1.610 ocorrências</p>
<p>Les deux frères avaient faim. Avec le feuillage coupé par les fourmis ils se firent un zaiacouti sur la plus basse branche de l’arbre pour s’y tapir et pouvoir décocher leurs flèches sur les bêtes qui se repaissaient des fruits. Maanape dit à Macounaïma : — Fais gaffe ! Si un piaf chante, ne lui réponds pas ! Sinon, frangin, <u>tu peux dire adieu au repas !</u> Notre héros fit un signe d’assentiment. (p. 64)</p>	<p><u>Tradução por paráfrase</u></p>
<p>5/6¹⁰</p>	
<p>— Mas eu estou querendo tanto a pedra!... — Vá querendo! — Pois <u>tanto se me dá como se me dava</u>, regatão! — Regatão uma ova, francesa! <u>Dobre a língua!</u> Colecionador é que é! Foi lá dentro e voltou carregando um</p>	<p>Nascentes (1966): “tanto se me dá como se me deu” Silva (1975): “tanto se lhe dá como se lhe deu” Mota (1987): “tanto se me dá como se me deu”</p>

⁹ Busca em páginas em inglês pelo site www.google.com em 2 de julho de 2010.

¹⁰ Quando dois trechos contendo provérbios ou EIs estavam próximos, apresentamos a sequência completa para facilitar a visualização do contexto.

<p>grajaú tamanho feito de embira e cheinho de pedra. (p. 61)</p>	<p>Simões (1993): “tanto se me dá como se me deu”</p> <p>Simões (1993) Ferreira (1999) Houaiss, Villar e Franco (2001) Xatara e Oliveira (2002)</p>
<p>— Ho tanta voglia di quella pietra!... — Peggio per te! — E allora <u>non me ne importa un bel niente</u>, spilorcio, rigattiere! — Rigattiere un corno, francesina! <u>Sta’ attenta a come parli</u>! Si dice collezionista! Andò di là e ritornò con una enorme cesta fatta di fibre di embira e piena colma di pietre. (p. 77)</p>	<p>5- <u>Tradução por paráfrase</u></p> <p>6- <u>Tradução por paráfrase</u></p>
<p>— Pero es que estoy queriendo tanto la piedra!... — Siga queriendo! — Pos <u>me va y me viene</u>, regatón! — Regatón un cuerno, francesa! <u>¿Sabe con quien está hablando?</u> Nomás que con un Coleccionista! Fue allá adentro y volvió cargado con tamaño escriño hecho con cáñamo y llenecito de piedras. (p. 114)</p>	<p>5- <u>Tradução por correspondente não-literal</u> Moliner (2001): “A mí qué me va ni me viene [a tí qué te va ni te viene, etc.]”; Larousse (1998): “ni me, te o le va ni me, te o le viene”</p> <p>6- <u>Tradução por paráfrase</u></p>
<p>“But I want that stone ever so much!” “You can keep on wanting it!” “<u>It’s all the same to me</u>, I’m sure, my dear dealer!” “Dealer, fiddlesticks, Frenchwoman! <u>Take that word back</u>. I’m a collector, that’s what I am!” He went inside again and returned carrying a great wicker clothes basket full of stones. (p. 44)</p>	<p>5- <u>Tradução por correspondente não-literal</u> Longman (2002)</p> <p>6- <u>Tradução por paráfrase</u></p>
<p>— Mais j’ai tellement envie de la</p>	<p>5- <u>Tradução por paráfrase</u></p>

<p>pierre !...</p> <p>— Eh bien, reste sur ton envie !</p> <p>— <u>L’avoir ou pas, ça m’est bien égal</u>, marchand !</p> <p>— Marchand mon oeil, petite Française ! <u>Tourne ta langue avant de parler</u> ! Je suis col-lec-tion-neur !</p> <p>Il passa dans la pièce voisine et revint chargé d’un énorme panier à poules en fibre, tout rempli de pierres [...] (p. 75)</p>	<p>6- <u>Tradução por correspondente não-litera</u> Google¹¹:</p> <p>“tourne ta langue avant de parler”: 1.390 ocorrências</p> <p>“tourner la langue avant de parler”: 391 ocorrências</p> <p>“tourner la langue * avant de parler”: 9.110 ocorrências</p> <p>“tourner la langue sept fois avant de parler”: 4.120 ocorrências</p> <p>“tourner la langue 7 fois avant de parler”: 4.960 ocorrências</p> <p>“tourner la langue * fois avant de parler”: 5.910 ocorrências</p> <p>Robert (1993): “PROV. <i>Il faut tourner sept fois sa langue dans sa bouche avant de parler</i>”</p>
7	
<p>Vai, êle sentou na rêde mui rente da francesa, muito! e falou murmurando que com êle <u>era oito ou oitenta</u>, não vendia não emprestava a pedra mas porém era capaz de dar... “Conforme...” O gigante estava mas era querendo brincar com a francesa. (p. 60)</p>	<p>Nascentes (1966) Simões (1993) Ferreira (1999) Houaiss, Villar e Franco (2001)</p>
Dopodiché andò a sedersi nell’amaca	<u>Tradução por paráfrase</u>

¹¹ Busca em páginas em francês pelo site www.google.fr em 2 de julho de 2010.

<p>vicino, molto! alla francesina, e sussurrando le disse che <u>era tutto o niente</u> e la pietra non la vendeva e non la prestava, però era capace di regalarla... “Dipende...”. Il gigante, quello che voleva, era divertirsi insieme alla francesina. (p. 78)</p>	
<p>Entonces se sentó en la hamaca muy junto de la francesa, hartó! y habló murmulando, pues con él <u>lo demás era lo de menos</u>, ya que no vendía ni prestaba la piedra pero sin embargo sería capaz de darla... “Depende de los asegunes...” El gigante lo que estaba de veras queriendo era jugar con la francesa. (p. 115)</p>	<p><u>Tradução por correspondente não-litera</u> Frauca (1906): “tanto es lo demás como lo de menos” Google¹²: “lo demás era lo de menos”: 76.900 “lo demás es lo de menos”: 326.000¹³</p>
<p>He came and sat in the hammock, very close, affectionately close to the Frenchwoman and murmured in her ear that with him, <u>it was all or nothing</u>. He wouldn't lend her the stone; however, he might feel willing to give it to her. “It all depends...!” he cooed. The giant had reached that stage when he felt compelled to make a pass at the Frenchwoman. (p. 45)</p>	<p><u>Tradução por paráfrase</u> <u>Compensação</u> Longman (2002): “make a pass at”</p>
<p>Soudain il s'assit sur le hamac contre, tout contre la Française et lui glissa dans l'oreille qu'avec lui <u>c'était tout ou rien</u>, il ne vendrait ni ne prêterait la pierre, mais il était prêt à la donner... selon son bon vouloir à elle... Le géant n'avait qu'une idée en tête, s'amuser avec la belle. (p. 76)</p>	<p><u>Tradução por paráfrase</u></p>

¹² Busca em páginas em espanhol pelo site www.google.es em 2 de julho de 2010.

¹³ É também o título de uma música, motivo da grande ocorrência.

8/9	
<p>Chegou na pensão <u>tomando a bênção de cachorro e chamando gato de tio</u>, só vendo! suando esfolado com fogo nos olhos, <u>botando os bofes pela bôca</u>. Descansou um pedaço e como estava arado de fome bateu uma fritada de sururú de Maceió, um pato sêco de Marajó molhando a janta com mocororó. Descansou. (p. 65)</p>	<p>Nascentes (1966): “Pedir a bênção aos cachorros” Mota (1987): “tomando bênção a cachorro, chamando gato ‘meu tio’” Ferreira (1999): “tomar a bênção a cachorro”, “chamar o gato meu tio” Houaiss, Villar e Franco (2001): “tomar a bênção a cachorro”</p> <p>Houaiss, Villar e Franco (2001): “pôr/deitar os bofes pela boca” Xatara e Oliveira (2002): “botar os bofes pra fora”</p>
<p>Arrivò in pensione <u>tanto frastornato che non capiva più niente</u>, bisognava vederlo, sudato, scorticato, con gli occhi che bruciavano, <u>tutto scalmanato</u>. Riposò un pocchino e poi, dato che era morto di fame, si preparò una frittata con molluschi di Maceió e un anitra secca di Marajó, innaffiando la cena con il mocororó o acquavite di cajú. Poi si riposò. (p. 82)</p>	<p>8- <u>Tradução por paráfrase</u> 9- <u>Tradução por paráfrase</u></p>
<p>Llegó a la pensión tan sumiso que <u>tomaba la bendición del perro y llamaba al gato de tío</u>, tenían que verlo! Sudaba despellejándose con ojos de fuego, <u>echando los bofes por la boca</u>. Descansó un ratito y como andaba muerto de hambre preparó unas fritangas con mejillón de Maceió, un pato seco de Marajó sopeando la comida con mocororó. Descansó. (p. 119)</p>	<p>8- <u>Tradução literal E Tradução da letra</u> 9- <u>Tradução por correspondente literal</u> Real Academia (1995) Moliner (2001) Larousse (1998)</p>
<p>The hero arrived back at the digs, his tail</p>	<p>8- <u>Tradução por paráfrase</u></p>

between his legs, spent and ready to eat a humble pie. He was scratched and sweating, with bloodshot eyes, **fed up to the teeth with his futile exertions.** He rested a bit, and then, realizing how hungry he was, he had for dinner a dish of fried mussels from Maceió, and a cold duck, Marajó style with cashew-nut sauce. He **hit the hay.** (p. 48-49)

9- Tradução por paráfrase

Compensação (4)

(paráfrases incluem EIs, além da compensação ao final)

Longman (2002): “with one’s tail between one’s legs” / “eat humble pie” / “hit the hay”

Schambil e Schambil (2002): “with one’s tail between one’s legs” / “eat humble pie” / “be fed up to the back teeth with someone (ou something)”

Camargo e Steinberg (1990): “with one’s tail between one’s legs”

Pickett (2004): “eat a humble pie”

James (1996): “fed (up) to the back teeth with something or someone”

Macounaïma arriva à la pension il fallait voir dans quel état ! Suant, soufflant, l’oeil enflammé, des égratignures partout, **époumoné, égaré** : il **présenta ses civilités au chien et appela tonton le matou.** Il s’accorda un petit repos et comme il avait une de ces faims, il bâfra une friture de moules de Maceió, un canard fumé de Marajó et arrosa le casse-croûte de liquer de cajou. Et là-dessus se reposa. (p. 80)

9- Tradução por paráfrase

8- Tradução por figura de linguagem não-consagrada OU Tradução da letra

10

Estava desconsolado de não ter força ainda

Houaiss, Villar e Franco

<p>e vinha numa distração tamanha que deu uma topada. Então de tanta dor o herói viu no alto as <u>estrêlas</u> e entre elas enxergou Capêi minguadinha cercada de névoa. (p. 69)</p>	<p>(2001): “ver estrelas” Ferreira (1999): “ver estrelas ao meio-dia”</p>
<p>Era tutto sconcolato per il fatto di non essere ancora in forze, e camminava tanto distrattamente che fece um bel capitolombolo. Allora, dal gran dolore, l’eroe vide le stelle lassù in alto e in mezzo ad esse scorse Capêi calante al massimo e circondata di bruma. (p. 87)</p>	<p><u>Tradução por correspondente literal</u> Sabatini e Coletti (1997) Zingarelli (2001)</p>
<p>Estaba desconsolado por no tener las fuerzas aún y venía en tan tamaña distracción que se dio un topetazo. Entonces de tanto dolor se puso a <u>ver estrellas</u> el héroe y en lo alto, entre ellas, divisó a Capei menguadita y cercada de neblina. (p. 123)</p>	<p><u>Tradução por correspondente literal</u> Real Academia (1995) Larousse (1998)</p>
<p>He was so sunk in gloom over his feebleness that he stumbled into a hole in the road which tripped him up. The sudden twinge of pain made the hero <u>lift his eyes to the stars above</u>, and among them he saw Capei, the Moon, on the wane and circled by a halo. (p. 50)</p>	<p><u>Tradução por paráfrase</u></p>
<p>Il ne pouvait se consoler de n’avoir pas encore de force et cela le plongea dans une telle distraction qu’il trébucha. La douleur fut si violente que notre héros vit là-haut <u>les étoiles</u> et parmi elles il aperçut Capêi à son décours, entourée d’un halo de brume. (p. 83)</p>	<p><u>Tradução literal E Tradução da letra</u></p>
11	
Caiuanogue foi se chegando porém o herói	Nascentes (1966):

<p>fedia muito. — <u>Vá tomar banho!</u> ela fêz. E foi-se embora. Assim nasceu a expressão “<u>Vá tomar banho!</u>” que os Brasileiros empregam se referindo a certos imigrantes europeus. (p. 84)</p>	<p>“Mandar tomar banho” Cascudo (1977)</p>
<p>Caiuanogue si avvicinò: ma l’eroe puzzava troppo. — <u>Va’ a fare il bagno</u> * — disse; e se ne andò. Fu così che ebbe origine l’espressione “<u>Vá tomar banho!</u>”, di cui si servono i brasiliani riferendosi a certi immigrati europei. (p. 102)</p>	<p><u>Tradução literal</u> com correspondente em nota de rodapé e transcrição da EI original na segunda ocorrência Sabatini e Coletti (1997): “mandare qlcu. a farsi friggere”, “andare a farsi friggere Zingarelli (2001): “Mandare qc. a farsi friggere”, “Andare a farsi friggere”</p>
<p>Cayuanog se fue allegando pero el héroe apestaba mucho. — Que qué, <u>vete a bañar!</u> — le replicó. Y se retiró. Así nació la expresión “<u>Vete a bañar!</u>” que los Brasileños emplean refiriéndose a ciertos inmigrantes europeos. (p. 138)</p>	<p><u>Tradução por correspondente literal</u> Silva (2001)</p>
<p>The hero was stinking so foul that Kaiuanog kept on her course. “<u>Go jump in the lake!</u>” she cried and glided on. In this way was born the expression “<u>Go jump in the lake!</u>,” which Brazilians use when being rude to certain European immigrants. (p. 61)</p>	<p><u>Tradução por correspondente não-litera</u> James (1996) Camargo e Steinberg (1990)</p>
<p>Caïouanogue s’approcha mais notre héros puait fort.</p>	<p><u>Tradução por correspondente literal</u></p>

* Equivalente dell’italiano “va’ a farti friggere!”.

<p>— <u>Va te lavar !</u> Dit-elle. Et elle s’en fut. Ainsi naquit l’expression « <u>Va te lavar</u> » que les Brésiliens emploient à propos de certains immigrants européens. (p. 96)</p>	<p>Virmaître (1894)</p>
<p>12</p>	
<p>Não te dou mais nenhuma das minhas três filhas não! Daí Macunaíma <u>pisou nos calos</u> também: — Pois nem eu queria nenhuma das três, sabe! Três, diabo fêz! (p. 89)</p>	<p>Nascentes (1966) Simões (1993): “pisou os calos” Houaiss, Villar e Franco (2001) Xatara e Oliveira (2002): “pisou no calo”</p>
<p>Non ti voglio più dare nessuna delle mie figlie, ecco! Allora Macunaíma <u>si irritò terribilmente</u> lui pure: — E io non ne volevo nessuna delle tre, sai! Tre è il numero del diavolo! (p. 108)</p>	<p><u>Tradução por paráfrase</u></p>
<p>Ya no le ofrezco a ninguna de mis hijas. Nanay! Entonces Macunaíma <u>perdió la figura</u> también. — Pos al fin que ni quería, entiende! Tres, ni al revés! (p. 143)</p>	<p><u>Tradução por correspondente não-litera</u> Google¹⁴: “perder la figura”: 13.300 ocorrências</p>
<p>I shall certainly not give you one of my daughters. No, I certainly will not!” Then Macunaíma felt <u>his own corns being trodden on</u>: “Right now I don’t want any of your three you-know-whats either! Three of them! A devil’s brood; may the devil fly away with the lot of them!” (p. 65)</p>	<p><u>Tradução por correspondente não-litera</u> Camargo e Steinberg (1990) Longman (2002)</p>
<p>[...] et plus question que je te donne une des mes trois filles, sûrement pas ! Macounaïma <u>lui monta sur les pieds</u> à son</p>	<p><u>Tradução por correspondente não-litera</u> Google¹⁵:</p>

¹⁴ Busca em páginas em espanhol pelo site www.google.es em 6 de julho de 2010.

tour : — J'en voulais pas de vos trois filles ! Trois, c'est le diable sous le toit ! (p. 102)	“monter sur les pieds”: 316.000 ocorrências
13	
Ninguém mais não falava em boutonnière por exemplo; só puíto, puíto se escutava. Macunaíma <u>ficou de azeite</u> uma semana, sem comer sem brincar sem dormir só porque desejava saber as línguas da terra. Lembrava de perguntar pros outros como era o nome daquêle buraco mas tinha vergonha de irer pensar que êle era ignorante e moita. (p. 113)	Houaiss, Villar e Franco (2001)
Nessuno diceva più boutonnière; si sentiva dire soltanto puíto, puíto. Macunaíma <u>rimase di malumore</u> per una settimana, senza mangiare, senza fare all'amore, senza dormire, solo perché desiderava conoscere le lingue del posto. Aveva voglia di domandare a qualcuno com'era il nome di quel buco, ma si vergognava temendo che lo credessero ignorante, e allora silenzio. (p. 131)	<u>Tradução por paráfrase</u>
Nadie más decia ojal o boutonnière por ejemplo; sólo puito y puito se escuchaba. Macunaíma <u>anduvo hecho un vinagre</u> una semana sin comer sin jugar y sin dormir sólo porque deseaba saber las lenguas de la tierra. Se acordaba de preguntar a los demás cómo era el nombre de aquel agujero pero tenía vergüenza de que fueran a pensar que era ignorante, y mejor chitón. (p. 167)	<u>Tradução por correspondente não-literal</u> Savaiano e Winget (2007)
Nobody spoke anymore of a flower for the	<u>Tradução por</u>

¹⁵ Busca em páginas em espanhol pelo site www.google.es em 2 de julho de 2010.

<p>buttonhole; only arsehole, arsehole, was heard.</p> <p>Macunaíma was <u>down in the dumps</u> for a whole week without eating, without making love, without sleeping, because he badly wanted to know the country's language, that was all. He thought about asking someone else the name of that hole, but being ashamed of showing his ignorance, he held his tongue. (p. 81-82)</p>	<p><u>correspondente não-litera</u> Longman (2002)</p>
<p>C'est ainsi que nul ne parlait plus de <i>boutonnière</i> par exemple, mais de trou-de-balle, on n'entendait plus que « trou-de-balle » partout.</p> <p>Macounaïma <u>fut de méchante humeur</u> pendant une semaine, sans manger sans s'amuser sans dormir, rien que parce qu'il voulait savoir les langues du pays. Il aurait bien demandé aux autres quel était le nom de ce trou-là, mais il avait honte d'être pris pour un ignorant, il préférerait la fermer. (p. 121)</p>	<p><u>Tradução por paráfrase</u></p>
<p>14</p>	
<p>Então Macunaíma fumou fava de paricá pra ter sonhos gostosos e adormeceu bem. No outro dia lembrou que precisava se vingar dos manos e resolveu <u>passar um pealo</u> nêles. Levantou madrugada e foi esconder no quarto da patroa. (p. 124)</p>	<p>Nascentes (1966) Ferreira (1999) Houaiss, Villar e Franco (2001)</p>
<p>Allora Macunaíma fumò fave di paricá che dånno sogni piacevoli e si addormentò tranquillamente.</p> <p>Il giorno dopo pensò che si doveva vendicare dei fratelli e decise di <u>giocar loro un tiro</u>. Si alzò prestissimo e andò a nascondersi nella stanza della padrona [...] (144-145)</p>	<p><u>Tradução por correspondente não-litera</u> Sabatini e Coletti (1997): “giocare un (brutto) tiro a qlcu.” Zingarelli (2001): “giocare un brutto tiro a qc.”</p>

<p>Entonces Macunaíma fumó habas de paricá para pipiscar sueños sabrosos y se adormeció rebién. Al otro día se acordó que necesitaba vengarse de los manos y resolvió <u>tenderles una</u>. Se levantó de madrugada y fue a esconderse al cuarto de la encargada. (p. 180)</p>	<p><u>Tradução por paráfrase</u></p>
<p>So Macunaíma smoked some hash to give himself delicious dreams and went soundly to sleep. The next day he remembered he wanted to revenge himself on his brothers and decided <u>to pull their legs</u>. He rose early and went to the landlady's room to hide [...] (p. 91)</p>	<p><u>Tradução por correspondente não-literal</u> James (1996) Pickett (2004) Longman (2002)</p>
<p>Alors Macounaïma prisa de la fève de parkia pour avoir de beaux rêves et plongeait dans la sommeil. Le lendemain il se rappela qu'il devait se venger de ses frères et résolut de <u>les berner</u>. Il se leva dès potron-jaquet et alla se cacher dans la chambre de la patronne [...] (p. 132)</p>	<p><u>Tradução por paráfrase</u></p>
<p>15</p>	
<p>Formou-se um furdunço temível. Então Macunaíma se aproveitou da trapalhada e <u>pernas praquê vos quero!</u> Vinha um bonde na carreira badalando. Macunaíma pongou o bonde e foi ver como passava o gigante. (p. 128)</p>	<p>Nascentes (1966): “Pernas, para que te (sic) quero?” Mota (1987): “pernas, para que te quero!” Simões (1993): “Pernas para que vos quero” Ferreira (1999): “pernas, para que te quero!” Houaiss, Villar e Franco (2001): “pernas, para que te quero!”</p>

	Xatara e Oliveira (2002): “pernas para que te quero”
Si era creato proprio un casino tremendo. Macunaíma approfittò della confusione e <u>mise le gambe in spalla</u> . Stava arrivando a tutta velocità un tram dondolante e scampanellante: ci saltò su e andò a vedere come se la stava passando il gigante. (p. 148-149)	<u>Tradução por correspondente não-litera</u> Sabatini e Coletti (1997)
Se formó un desbarajuste terrible. Entonces Macunaíma se aprovechó de la balumba y <u>piernas pra qué las quiero!</u> Venía un tranvía desbadajándose en la carrera. Macunaíma subió de palomita al tranvía y fue a ver cómo la pasaba el gigante. (p. 184)	<u>Tradução por correspondente litera</u> Moliner (2001): “Pies para qué os quiero.” Larousse (1998): “Pies para qué os quiero.” Real Academia (1995): “Pies, ¿para qué os quiero?” Google ¹⁶ : “piernas para qué las quiero”: 186 ocorrências “piernas pa qué las quiero”: 102 ocorrências
The skirmish worsened into a terrible brawl. Macunaíma made good use of the confusion and <u>showed a clean pair of heels</u> by jumping onto a streetcar that came clanging on its tracks. He went to see how the giant was getting along. (p. 94)	<u>Tradução por correspondente não-litera</u> Longman (2002) Schambil e Schambil (2002) Camargo e Steinberg (1990): “to show heels”
La pagaille devenait terrible. Alors Macounaíma profita du tohu-bohu et <u>pris ses jambes à son cou</u> . Un tram brinquebalant arrivait au bout de la rue. Macounaíma l’attrapa au vol et s’en fut	<u>Tradução por correspondente não-litera</u> Robert (1993)

¹⁶ Busca em páginas em espanhol pelo site www.google.es em 3 de julho de 2010.

prendre des nouvelles de la santé du géant. (p. 136)	
16	
— Me diga uma coisa: você conhece a língua do lim-pim-gua-pá? — <u>Nunca vi mais gordo!</u> — Pois então, rival: Vá-pá à-pá mer-per-da-pá! (p. 130)	Nascentes (1966): “Nunca ter visto mais gordo” Simões (1993) Xatara e Oliveira (2002)
— Dimmi una cosa: tu conosci la lingua del lim-pim-gua-pá? — <u>Mai sentita nominare!</u> — E allora, sta’ a sentire, rivale: Va-pa a-pa mer-per-da-pa! (p. 151)	<u>Tradução por correspondente não-litera</u> Sabatini e Coletti (1997)
— Dígame una cosa mariposa: usté conoce la lengua del len-pen-gua-pá? — <u>Nunca oí esa vaina!</u> — Pos entonces, rival: An-pan-dá-pá a la-pá mier-per-da-pá! (p. 186)	<u>Tradução por paráfrase</u>
[...] “Tell me something, do you know the Arago lingo, like ‘Staraguff aragit aragup’?” “ <u>Never ‘eard of it!</u> ” “Very well, Clever Dick, garago sharagit yaragour saragelf!” (p. 96)	<u>Tradução por paráfrase</u>
— Dis-moi : tu connais le javanais ? — <u>Je l’aurais vu que ça se serait su !</u> — Eh bien, mavalavin, jeve tavenmeverdeve ! (p. 139)	<u>Tradução da letra</u>
17	
Era a velha Ceiuci chegando. Macunaíma pernas pra que vos quero pelo eucalíptal. Mas o passarinho sempre mais perto e Macunaíma isso vinha que vinha acochado pela velha. (p. 136)	Nascentes (1966): “Pernas, para que te (sic) quero?” Mota (1987): “pernas, para que te quero!”

	<p>Simões (1993): “Pernas para que vos quero” Ferreira (1999): “pernas, para que te quero!” Houaiss, Villar e Franco (2001): “pernas, para que te quero!” Xatara e Oliveira (2002): “pernas para que te quero”</p>
<p>[...] della vecchia Ceiuçi che arrivava. Macunaíma <u>via come il vento</u> attraverso il bosco di eucaliptus, ma quel grido di uccello che gli veniva dietro si avvicinava sempre di più e perciò doveva continuare a correre a più non posso con la vecchia alle calcagna. (p. 157)</p>	<p><u>Tradução por correspondente não-literar</u> Google¹⁷: “via come il vento”: 18.200 ocorrências “e via come il vento”: 1.330 ocorrências</p>
<p>Era la vieja Ceiuci llegando. Y Macunaíma <u>piernas pa qué las quiero</u> por los eucaliptos. Pero el pajarito más cerca y Macunaíma en eso venía que venía acosado por la vieja. (p. 193)</p>	<p><u>Tradução por correspondente literal</u> Moliner (2001): “Pies para qué os quiero.” Larousse (1998): “Pies para qué os quiero.” Real Academia (1995): “Pies, ¿para qué os quiero?” Google¹⁸: “piernas para qué las quiero”: 186 ocorrências “piernas pa qué las quiero”: 102 ocorrências</p>
<p>It meant that the old Ceiuci was coming. Macunaíma <u>skedaddled all out</u> into a stand of blue gums. But the little bird came closer, ever closer, and Macunaíma could see he was being overtaken by the old</p>	<p><u>Tradução por paráfrase</u></p>

¹⁷ Busca em páginas em italiano pelo site www.google.it em 3 de julho de 2010.

¹⁸ Busca em páginas em espanhol pelo site www.google.es em 3 de julho de 2010.

woman. (p. 101)	
[...] de la vieille Ceïouci qui le talonnait. Macounaïma <u>se carapata</u> par un bois d'eucalyptus. Mais l'oiseau était toujours plus près plus près et Macounaïma sentait déjà le souffle de la vieille lui siffler aux oreilles. (p. 145)	<u>Tradução por paráfrase</u>
18	
Macunaïma agradeceu muito e quis pagar o auxílio porém se lembrou que estava carecendo de fazer economia. Virou pro tuiuiú e falou: — Olha, primo, pagar não posso não mas vou te dar um conselho que <u>vale ouro</u> : Neste mundo tem três barras que são a perdição dos homens: barra de rio, barra de ouro e barra de saia, não caia! (p. 138-139)	Ferreira (1999) Houaiss, Villar e Franco (2001)
Macunaïma ringraziò moltissimo e volle pagare l'aiuto ricevuto, ma poi si ricordò che aveva bisogno di far economia e disse, rivolto al tuiuiú: — Senti, cugino, pagare non posso, ma ti voglio dare un consiglio che <u>vale un tesoro</u> : a questo mondo ci sono tre “barra” che portano l'uomo alla perdizione: barra (secca) di fiume, barra (sbarra) d'oro, e barra (orlo) di gonna, attenzione. (p. 160)	<u>Tradução por correspondente não-literal</u> Sabatini e Coletti (1997): “valere, costare un tesoro”
Macunaïma agradeció mucho e quiso pagar la manita pero se acordó que estaba careciendo de hacer economías. Se viró hacia el tuyuyú y concluyó: — Mire, primo, pagar no puedo pagarle pero le daré un consejo que <u>vale oro</u> : En este mundo hay tres barras que son la perdição de los hombres: Barras de río, barras de oro y embarradas de falda,	<u>Tradução literal E</u> <u>Tradução da letra</u>

aññay, no caiga! (p. 195)	
<p>Macunaíma thanked the stork profusely. He would have liked to pay for the help he had been given, but he remembered that they needed to economize.</p> <p>He turned to the jabiru stork and said, “Look, cousin, it’s impossible for me to repay you, but I’ll make you a present of some advice that’s <u>worth its weight in gold</u>. In this world there are three bars that are the ruination of mankind: the sand bar in a river — where the washerwomen are endlessly quarreling; the bar of gold — over which both friends and thieves fall out; and the bar of a skirt that won’t come off!” (p. 103)</p>	<p><u>Tradução por equivalente não-litera</u> Ammer (1997)</p>
<p>Macounaíma dit mille mercis et voulut payer le coup d’aile mais il se souvint qu’il avait besoin de faire des économies. Il se tourna vers le touiouiou et lui dit : — Écoute, cousin, je peux pas te payer mais je vais te donner un conseil qui <u>vaut son pesant d’oseille</u> : En ce monde, sables mouvants, or trébuchant et jupon au vent sont la perte des hommes. Garde-toi de tomber dans leur piège ! (p. 147)</p>	<p><u>Tradução da letra</u></p>
19/20	
<p>Não tinha ninguém no palácio e a copeira do vizinho contou que Piaimã com toda a família fôra na Europa descansar da sova. Macunaíma <u>perdeu tódo o requebrado</u> e se contrariou bem. Brincou com a copeira muito aluado e voltou macambúzio pra pensão. Maanape e Jiguê encontraram o herói na porta da rua e perguntaram pra êle: — <u>Quem matou seu cachorrinho</u>, meus</p>	<p>Xatara e Oliveira (2002): “perder o rebolado”</p> <p>Nascentes (1966): “Quem matou seu cachorrinho?”</p>

<p>cuidados? Então Macunaíma contou o sucedido e principiou chorando. (p. 143-144)</p>	
<p>Nel palazzo non c’era nessuno, ma la cameriera di un vicino raccontò a Macunaíma che Piaimã era andato in Europa con tutta la famiglia per ristabilirsi dalle botte ricevute. Macunaíma <u>rimase malissimo</u> e molto seccato: controvoglia si divertì insieme alla cameriera, poi ritornò in pensione tutto imbronciato. Maanape e Jiguê erano davanti alla porta di strada e gli dissero: — <u>Chi ti ha ucciso il cagnolino</u>, mio carino? Allora Macunaíma raccontò quello che era successo e incominciò a piangere. (p. 164)</p>	<p>19- <u>Tradução por paráfrase</u></p> <p>20- <u>Tradução da letra</u> Battaglia (1970): “<i>Ti è morto il gatto?</i>: domanda scherzosa a chi appare di pessimo umore o veste come se portasse il lutto”</p>
<p>No había nadie en el palacete y la mucama del vecino contó que Piaíma con toda la familia se había ido a Europa a reponerse de la soba. Macunaíma <u>perdió la figura</u> y se recontracontrariò. Juguetéó en la cama-camara de la mucama con la cabeza en la luna y regresó a la pensión pesaroso. Maanape y Yiguê hallaron al héroe en la puerta de la calle y le preguntaron: — <u>¿Qué, lo machucó un tren</u>, mis cuidados? Entonces Macunaíma contó lo sucedido y llegó a llorar. (p. 199-200)</p>	<p>19- <u>Tradução por correspondente não-literal</u> Google¹⁹: “perder la figura”: 19.300 ocorrências</p> <p><u>Compensação</u> Google²⁰: “con la cabeza en la luna”: 1.810.000 ocorrências</p> <p>20- <u>Tradução por correspondente adaptado</u> Reyna (1980): “Que te vaya bien – y que te machuque un tren. Humorous farewell”</p>
<p>There was no one at home at the palace,</p>	<p>19- <u>Tradução por</u></p>

¹⁹ Busca em páginas em espanhol pelo site www.google.es em 6 de julho de 2010.

²⁰ Busca em páginas em espanhol pelo site www.google.es em 6 de julho de 2010.

<p>but a barmaid from a boozier nearby told him that Piaïman had gone to Europe with his whole family to recover from the trouncing he had been given. <u>Macounaïma shook off the torpor remaining from his illness</u> and flew into a passion. He screwed the maid like crazy; by the time he was back in his digs he was crestfallen. Maanape and Jiguê met him at the door, and after one look at him, said, “<u>Whose dog has been hung now</u>, brother?” Macounaïma told them what he had found out and started yowling. (p. 104-105)</p>	<p><u>paráfrase</u>²¹</p> <p><u>Compensação</u> Gomes (2003): “fly into a rage/passion encolerizar-se”</p> <p>20- <u>Tradução por correspondente não-literai</u> Partridge e Beale (2002): “Whose dog is dead?; Whose dog’s a-hanging”</p>
<p>Il n’y avait personne au palais et la servante du voisin lui conta que Piaïman avec toute sa famille était parti pour l’Europe se remettre de la déroutée. Macounaïma <u>perdit tout son allant</u> et fut bien contrarié. Il s’amusa avec la servante mais il était complètement dans les nuages, pas du tout à l’ouvrage, et il s’en revint tout piteux à la pension. Maanape et Jigué trouvèrent notre héros sur le pas de la porte et lui demandèrent : — Ma parole, frangin ! On a tué ton chien ! Alors Macounaïma leur conta ce qui était arrivé et se mit à pleurer. (p. 150)</p>	<p>19- <u>Tradução por paráfrase</u></p> <p><u>Compensação</u> Robert (1993): “Être, se perdre dans les nuages”</p> <p>20- <u>Tradução por correspondente adaptado</u> Académie Française (1843): “Il ne faut pas tuer son chien pour une mauvaise année” Boiste, Nodier e Barré (1857): “Quand on veut tuer son chien, on dit qu’il est enragé [PROV.]” Rolland (1967): “Celui qui veut tuer son chien l’accuse de la rage” / “Il ne faut pas tuer son chien pour une mauvaise année” Robert (1993): “Qui veut noyer son chien l’accuse de la rage”</p>

²¹ Porém provavelmente resultante de compreensão equivocada da EI.

21	
<p>Então puderam pensamentear. — Pois é, meus cuidados, você andou lerdeando, <u>cozinhando galo</u>, <u>cozinhando galo</u>, o gigante é que não havia de esperar, foi-se. Agora aguente a massada! (p. 144)</p>	<p>Ferreira (1999) Houaiss, Villar e Franco (2001)</p>
<p>Dopodiché furono in grado di pensare. — Insomma, caro mio, tu te la sei presa comoda, <u>menando il can per l’aia</u>, <u>menando il can per l’aia</u>, non c’era ragione perché il gigante stesse lì ad aspettare, e se ne è andato. Adesso sopporta le conseguenze! (p. 164)</p>	<p><u>Tradução por correspondente não-litera</u> Battaglia (1970) Radicchi (1985) Sabatini e Coletti (1997) Zingarelli (2001)</p> <p><u>Compensação</u> Sabatini e Coletti (1997): “prendersela comoda” Zingarelli (2001): “prendersela comoda”</p>
<p>Hasta entonces pudieron pensamentear. — Pos sí, mis cuidados, usted anduvo por ahí demore y demore <u>dando atole con el dedo</u>, y el gigante sí que no se iba a quedar espere y espere y se fue. Ora aguante el tren! (p. 200)</p>	<p><u>Tradução por correspondente não-litera</u> Moliner (2001)</p>
<p>[...] they were able to think clearly. “The trouble is, fellows, you drag your feet so, <u>waiting for hens to piss holy water</u>; now the giant doesn’t hang around to see which way the cat jumps, he just gets up and goes. Now you take the strain!” (p. 105)</p>	<p><u>Tradução por correspondente não-litera</u> Partridge e Simpson (1973): “when hens make holy water”</p> <p><u>Compensação (2)</u> Longman (2002): “drag one’s feet/heels” Pickett (2004): “drag (one’s) feet/heels” Sieftring (2006): “drag your feet” / “see which</p>

	way the cat jumps”
[...] ils purent réfléchir à leur aise. — Tu vois, frérot, à quoi ça mène de <u>faire le lièvre</u> : on muse, on s’amuse et pendant ce temps le géant ne t’a pas attendu et a levé le camp . Maintenant à toi les embêtements ! (p. 150)	<u>Tradução por paráfrase</u> ²² <u>Compensação</u> Robert (1993): “lever le camp”
22	
Não vê que o Governo estava com mil vêzes mil pintores já encaminhados pra mandar na pensão da Europa e Macunaíma ser nomeado era mas só <u>no dia de São Nunca</u> . Ficava muito longe. (p. 147)	Simões (1993) Xatara e Oliveira (2002) Camacho (2002)
Succede che il governo aveva mille volte mille pittori già pronti per farsi mandare in Europa con la borsa di studio e prima che venisse il turno di Macunaíma bisognava <u>aspettare l’anno di San Mai</u> . Troppo tempo. (p. 167)	<u>Tradução por correspondente não-literale</u> Sabatini e Coletti (1997): “l’anno del mai, l’anno che non ci sarà” Battaglia (1970): “Rimandare all’anno mai” / “Pagare il giorno di San Mai”
No ve que el Gobierno estaba con mil veces mil pintores ya encaminhados para ser mandados con la beca a Europa y para que Macunaíma fuera nombrado sólo faltaba que llegase <u>el día de San Nunca</u> . Y para eso aún le colgaba. (p. 203)	<u>Tradução literal E</u> <u>Tradução da letra</u>
They had not realized that there were already a thousand painters clamoring to squeeze a grant out of the government and that Macunaíma would have to wait for <u>donkey’s years</u> before it was his turn. They had waited there a long time [...] (p. 107)	<u>Tradução por correspondente não-literale</u> Longman (2002) James (1996) Schambil e Schambil (2002)

²² Contendo referência à fábula de La Fontaine, “A lebre e a tartaruga”.

<p>Il faut dire que le Gouvernement <u>avait déjà sur les bras</u> les requêtes de mille fois mille peintres qui demandaient à être envoyés en pension en Europe et Macounaïma avoir une bourse, ce serait <u>à la saint-glinglin</u>, donc <u>pas pour demain</u>. (p. 153)</p>	<p><u>Tradução por paráfrase</u> <u>Compensações</u> Robert (1993): “avoir sur les bras” / “Ce n’est pas demain que”</p>
<p>23</p>	
<p>Então os irmãos se descabelaram. Agora não era possível mais irem na Europa não, porque <u>possuíam só a noite e o dia</u>. Levaram na prantina enquanto o herói esfregava óleo de andiroba no corpo pros mosquitos não amolarem e adormecia bem. (p. 147)</p>	<p>Pérez (1961)</p>
<p>Allora i fratelli incominciarono a strapparsi i capelli. Adesso <u>non avevano più un soldo in tasca</u> e non era più possibile andare in Europa. Continuarono a lungo il loro piagnisteo, mentre l’eroe si passava olio di andiroba sul corpo per non esser disturbato dalle zanzare e si addormentava tranquillamente. (p. 168)</p>	<p><u>Tradução por paráfrase</u></p>
<p>Entonces los manos se desesperaron. Ahora ya no era posible que fueran a Europa, pues <u>sólo poseían a las noches y los días</u>. Soportaron el lloriqueo mientras el héroe se refregaba aceite de jalapa en el cuerpo pa que los mosquitos no lo fregaran y se durmió de un hilo. (p. 103)</p>	<p><u>Tradução por correspondente literal</u> Moliner (2001): “No tener más que el día y la noche.”</p>
<p>The brothers tore their hair at this. It would now be impossible for any of them to go to Europe, as they were <u>left with nothing but sunshine and moonshine</u>. They lifted up their voices in a common howl of dismay while the hero rubbed himself all over with crab oil against the mosquitoes</p>	<p><u>Tradução da letra</u> <u>Compensação</u> Pickett (2004): “tear (one’s) hair” Longman (2002): “tear one’s hair (out)”</p>

and fell into a sound sleep. (p. 108)	
Alors les deux frères s'arrachèrent les cheveux. Cette fois il n'était plus possible d'aller en Europe, ils <u>n'avaient plus que l'air du temps pour vivre</u> . Pendant que ses frères se répandaient en lamentations, notre héros se frottait le corps d'huile d'andiroba pour ne pas être turlupiné par les moustiques et il n'eut pas de peine à s'endormir. (p. 153)	<u>Tradução por correspondente não-litera</u> Robert (1993): “vivre de l'air du temps”
24	
O outro enquizilou assanhado: — <u>Não me olhe de banda que não sou quitanda, não me olhe de lado que não sou melado!</u> — Mas o quê você está fazendo aí, tio! (p. 149-150)	Pérez (1961): “Não me olhe de banda que não sou da quitanda” Mota (1987): “Não me olhe de banda que não sou quitanda nem me olhe de lado que não sou melado”
L'altro seccato sbottò: — <u>Guardare e non toccare è una cosa da imparare!</u> — Ma che cosa stai facendo lì, zietto? (p. 171)	<u>Tradução por correspondente não-litera</u> Battaglia (1970) Zingarelli (2001): “Vedere e non toccare è una cosa da crepare”
El otro se puso como energúmeno. — <u>No me mire de soslayo que no soy malayo, ni me vea de lado que no soy melado!</u> — Pero que anda usted haciendo ahí, titío! (p. 207)	<u>Tradução da letra</u>
The monkey did not like being stared at and said angrily, “ <u>Do you think you'll know me again? This side's honey and that side's funny!</u> ” “But whatever are you doing down there, uncle?” (p. 110)	<u>Tradução por correspondente não-litera</u> + <u>Tradução por criação de correspondente</u> Partridge e Beale (2002): “do you think you'll know

	me again? or “you’ll know me again, won’t you?”
<p>L’autre agacé par ce manège se mit en boule :</p> <p>— <u>Ne me regarde pas de travers, je ne suis pas ton père ; ne me regarde pas en coulisse, je ne suis pas la police !</u></p> <p>— Je voudrais savoir ce que tu fais, tonton ! (p. 156)</p>	<p><u>Tradução da letra</u></p> <p><u>Compensação</u></p> <p>Robert (1993): “<i>Être, se mettre en boule</i>”</p>
25	
<p>No fim da semana o herói estava descascando bem e foi na cidade <u>buscar sarna pra se coçar</u>. Andou banzando banzando, e muito fatigado por causa da fraqueza parou no parque do Anhangabaú. (p. 153)</p>	<p>Pérez (1961) Nascentes (1966) Simões (1993) Ferreira (1999) Houaiss, Villar e Franco (2001) Xatara e Oliveira (2002)</p>
<p>Alla fine della settimana l’eroe aveva già incominciato a spellarsi e andò in città a <u>cercarsi delle rogne da grattare</u>. Gironzò, gironzò e quando fu troppo stanco per la debolezza che aveva addosso andò a fermarsi nel giardino dell’Anhangabaú. (p. 175-176)</p>	<p><u>Tradução por correspondente adaptado</u></p> <p>Radicchi (1985): “cercare rogna”</p>
<p>Al final de la semana el héroe ya andaba despellejándose y se fue a la ciudad, pero <u>queriendo salir de guatemala entró en guatepeor</u>. Anduvo a trochemoche y sin ton ni son, y así muy desmejorado por la debilidad se detuvo en el parque del Añangabaú. (p. 211)</p>	<p><u>Tradução por correspondente não-literal</u></p> <p>Moliner (2001): “Salir de Guatemala y entrar en Guatepeor”</p> <p><u>Compensação</u></p> <p>Real Academia (1995): “sin ton ni son”</p>
<p>By the weekend the hero’s skin had peeled, so he went into town <u>to trail his coat</u>. As he</p>	<p><u>Tradução por correspondente não-literal</u></p>

<p>mooched about here he felt more and more tired and done in after his illness, and came to a standstill in Anhangabaú Park. (p. 112)</p>	<p>James (1996)</p>
<p>À la fin de la semaine les croûtes du héros commençaient à tomber et il alla en ville <u>chercher des verges pour se faire fouetter</u>. Il bada baguenauda et recru de fatigue car il était encore faiblard, il s’arrêta dans le parc de l’Aniangabaou. (p. 159)</p>	<p><u>Tradução por correspondente não-litera</u> Robert (1993): “<i>Donner des verges pour se faire battre, fouetter</i>”</p>
<p></p>	<p></p>
<p>26</p>	<p></p>
<p>Suzi viu êle sair, enxugou os olhos e falou pro namorado: — Choremos não. Então Macunaíma <u>desamarrou a cara</u> e se arranjou pra ir falar com mano Maanape. (p. 162)</p>	<p>Simões (1993): “cara amarrada” Ferreira (1999): “amarrar a cara” Houaiss, Villar e Franco (2001): “amarrar a cara” Xatara e Oliveira (2002): “amarrar a cara” Camacho (2002): “ficar de cara amarrada”</p>
<p>Appena Suzi lo vide uscire si asciugò gli occhi e disse all’innamorato: — Non dobbiamo piangere. Allora Macunaíma <u>si rasserenò</u> e fece in modo di andare a parlare con il fratello Maanape. (p. 183)</p>	<p><u>Tradução por paráfrase</u></p>
<p>Suzi lo vio salir, se secó los ojos y le dijo a su enamorado: — Ya no lloremos. Entonces Macunaíma <u>desfrunció la cara</u> y se las arregló para ir a hablar con su mano Maanape. (p. 219)</p>	<p><u>Tradução por paráfrase</u></p>
<p>Suzi saw him go out, dried her tears and said to her lover, “No use crying over spilt milk!” So Macunaíma <u>pulled himself together</u> too and decided he had better go</p>	<p><u>Tradução por correspondente não-litera</u> Pickett (2004): “pull (oneself) together”</p>

<p>and chew the fat with Maanape. (p. 118)</p>	<p>Longman (2002): “pull sbdy. together” Camargo e Steinberg (1990): “pull oneself together”</p> <p><u>Compensação (2)</u> Ammer (1997): “No use crying over spilt milk” Strauss (1998): “there is no use crying over spilt milk” Pickett (2004): “chew the fat”</p>
<p>Suzi le vit sortir, sécha ses yeux et dit à son coquin : — Assez pleuré ! Alors Macounaïma <u>se dérida</u> et s’accoutra pour aller parler à son frère Maanape. (p. 167)</p>	<p><u>Tradução por paráfrase</u></p>
<p>27</p>	
<p>— Eu sou Mendonça Mar pintor. Desgostoso da injustiça dos homens faz três séculos que afastei-me dêles <u>metendo cara no sertão</u>. Descobri esta gruta ergui com minhas mãos êste altar do Bom Jesus da Lapa e vivo aqui perdoando gente mudado em frei Francisco da Soledade. (p. 189)</p>	<p>Ferreira (1999) Houaiss, Villar e Franco (2001) Xatara e Oliveira (2002)</p>
<p>— Io sono il pittore Mendonça Mar. Disgustato dall’ingiustizia degli uomini, tre secoli fa mi sono staccato da loro <u>per ritirarmi nel</u> sertão.* Ho scoperto questa grotta, ho eretto con le mie mani questo altare del Bom Jesus da Lapa e vivo qui,</p>	<p><u>Tradução por paráfrase</u></p>

* Episodio realmente accaduto.

perdonando la gente, tramutato in frate Francisco da Soledade. (p. 212)	
— Yo soy Mendonça Mar, pintor. Disgustado con la injusticia de los hombres hace tres siglos que me alejé de ellos <u>metiendo la cara</u> en la Tierradentro del sertón. Descubrí esta gruta y erguí con mis propias manos este altar de Bom Jesus da Lapa y vivo acá perdonando gente, mudado pa Fray Francisco de la Soledad. (p. 248)	<u>Tradução literal E</u> <u>Tradução da letra</u> ²³
[...] “I am Mendonça Mar, painter. Disgusted with the injustice of man, I have spent three centuries withdrawn from human contact <u>in the far reaches of the backlands</u> . I discovered this grotto, and built with my own hands this shrine dedicated to the Lord Jesus of the Cavern. I live here, forgiving mankind, changed into Friar Francisco of the Solitude.” (p. 138)	<u>Tradução por paráfrase</u>
— Je suis Mendonça Mar, peintre de mon état. Écoeuré de l’injustice des hommes, cela fait trois siècles que je me suis éloigné d’eux et que je <u>me suis enfoncé dans le sertão</u> . J’ai découvert cette grotte, j’ai élevé de mes propres mains cet autel au Bon Jésus de la Lapa et je vis ici, pardonnant à mon prochain, devenu frère Francisco de la Solitude. (p. 189)	<u>Tradução por paráfrase</u>
28	
Légua e meia adiante olhou pra trás. Isso Oibê vinha <u>na cola dêle</u> . Então tornou a botar o furabolo na goela e lançou que era só feijão e água. (p. 190)	Houaiss, Villar e Franco (2001): “andar na cola de” Xatara e Oliveira (2002) Silva (1975)

²³ “*Meter la cara*” tem uma forte ocorrência na internet, porém em outros contextos e com outros sentidos.

<p>Una lega e mezza più in là guardò di nuovo indietro. Oibê gli stava proprio <u>alle spalle</u>. Allora si mise ancora una volta l'indice in gola e vomitò soltanto acqua e fagioli. (p. 213)</p>	<p><u>Tradução por correspondente não-literar</u> Zingarelli (2001)</p>
<p>Legua y media adelante miró hacia atrás. En eso Oibé venía <u>pisándole la cola</u>. Entonces volvió a ponerse el dedo pica-tortas en el garguero y guác! guacareó puro poroto y agua. (p. 249)</p>	<p><u>Tradução por correspondente não-literar</u> Pellecer (2007): “pisar la cola”</p>
<p>A league and a half farther, he looked over his shoulder to find Oibê <u>sticking to him like glue</u>, so he tickled his throat yet again and threw up just beans and water (p. 139)</p>	<p><u>Tradução por correspondente não-literar</u> Fraenkel (1987): “Sticks like glue”</p>
<p>Une lieue et demie plus loin il regarda en arrière. Oibé était à <u>deux pas</u>. Alors derechef il s'enfila l'index dans le bec et cracha seulement les haricots et l'eau du couac. (p. 190)</p>	<p><u>Tradução por correspondente não-literar</u> Robert (1993): “<i>C'est à deux pas d'ici, tout près, à côté.</i>”</p>
<p>29</p>	
<p>Vinha a noite. Aromado pelas frutas dos cajueiros o herói <u>ferrava no sono</u> bem. Quando a arraiada vinha o papagaio tirava o bico da asa e tomava o café da manhã devorando as aranhas que de-noite fiavam as teias dos ramos pro corpo do herói. (p. 214)</p>	<p>Simões (1993) Ferreira (1999) Houaiss, Villar e Franco (2001) Xatara e Oliveira (2002)</p>
<p>Veniva notte. Odroso di frutti di cajù l'eroe <u>si addormentava profondamente</u>. Quando l'alba ritornava, il pappagallo tirava fuori il becco da sotto l'ala e per colazione divorava i ragni che durante la notte avevano filato la loro tela tra i rami e il corpo dell'eroe. (p. 238)</p>	<p><u>Tradução por paráfrase</u></p>
<p>Venía la noche. Aromatizado por las frutas</p>	<p><u>Tradução por paráfrase</u></p>

<p>del cajuil, el héroe <u>se achinchorraba rebién en el sueño</u>. Cuando el rayar del otro día venía, el loro destapaba el pico del ala y se tomaba el café de mañana devorando a las arañas que de noche urdían ñanduti de las ramas hacia el cuerpo del héroe. (p. 274-275)</p>	
<p>Night came. Perfumed by the scent of the cashews, the hero <u>fell asleep</u>. When dawn broke, the parrot took its beak from under its wing and breakfasted off the spiders that had spun their webs from the branches to the hero's body during the night. (p. 156)</p>	<p><u>Tradução por paráfrase</u></p>
<p>La nuit venait. Tout confit par l'arôme du cajou, notre héros <u>s'enfonçait poings fermés dans le sommeil</u>. Dès potron-jaquet, le perroquet sortait son bec de dessous l'aile et pour petit déjeuner dévorait les araignées qui la nuit avaient tendu leurs arantèles entre les branches et le corps de notre héros. (p. 212)</p>	<p><u>Tradução por correspondente não-litera</u> Robert (1993): “<i>Dormir à poings fermés, très profondément.</i>”</p>
30	
<p>E trepou na rêde com Denaque. Imaerô desinfeliz suspiroou assim: — <u>Deixe estar jacaré, que a lagoa há-de secar!...</u> (p. 217)</p>	<p>Pérez (1961) Mota (1987) Lacerda, Lacerda e Abreu (1999)</p>
<p>E si mise nell'amaca con Denaquê, mentre Imaerô sospirava sconsolatamente: — <u>Lascia perdere i jacaré, tanto lo stagno si asciugherà!...</u>* (p. 241)</p>	<p><u>Tradução litera</u>²⁴ com nota de rodapé</p>
<p>Y se trepó en la hamaca con Denaqué. Imaeró desinfeliz suspiró así: — <u>No le hace caimán, que tus lagunas se</u></p>	<p><u>Tradução por figura de linguagem não-consagrada OU Tradução</u></p>

* Versi popolari

²⁴ Apesar de equivocada na primeira parte.

<u>han de secar!</u> (p. 278)	<u>da letra</u>
<p>And with that he climbed into the hammock with Denaquê. ““Never mind! <u>The day of reckoning is sure to come!</u>” muttered Imaerô unhappily [...] (p. 158)</p>	<p><u>Tradução por paráfrase</u></p> <p><u>Compensação</u> Gomes (2003): “day of reckoning” Longman (1979): “the day of reckoning”</p>
<p>Et il grimpa dans le hamac avec Denaquê. Imaerô l’infortunée exhala ses soupirs : « <u>Le jour viendra, caïman, que tu perdras tes dents !</u> » (p. 215)</p>	<p><u>Tradução por criação de correspondente</u></p>
31/32	
<p>Vinha chegando assim <u>como quem não quer</u>, com muitas danças, piscava pro herói, parecia que dizia — “<u>Cai fora</u>, seu nhonhô moço!” e fastava com muitas danças assim como quem não quer. Deu uma vontade no herói tão imensa que alargou o corpo dêle e a bôca umideceu [...] (p. 218-219)</p>	<p>Mota (1987): “como quem não quer, querendo” Ferreira (1999): “como quem não quer e querendo” Xatara e Oliveira (2002): “como quem não quer nada”</p> <p>Ferreira (1999): “cair fora” Houaiss, Villar e Franco (2001): “cair fora” Xatara e Oliveira (2002): “cair fora” Camacho (2002): “cair fora”</p>
<p>Veniva avanti così, <u>come contro voglia</u>, con molte danze, faceva cenno all’eroe come per dirgli “<u>Vattene via</u>, bel signorino!”, e con molte danze si allontanava come se non volesse. All’eroe venne una voglia tanto immensa che il suo</p>	<p>31- <u>Tradução por paráfrase</u></p> <p>32- <u>Tradução por paráfrase</u></p>

<p>corpo crebbe e gli si inumidì la bocca [...] (p. 243)</p>	
<p>Se venía allegando, así <u>como quien no quiere la cosa</u>, con muchas danzas, le guiñaba al héroe, parecía que decía “<u>Aviéntese</u>, mi moquenquén!” y se apartaba con muchas danzas así como sin querer la cosa. Le dieron al héroe unas ganas tan inmensas que estiró el cuerpo suyo y la boca se le humedeció [...] (p. 279)</p>	<p>31- <u>Tradução por correspondente não-literal</u> Moliner (2001)</p> <p>32- <u>Tradução por paráfrase</u></p>
<p>She came toward him dancing to and fro, <u>feigning reluctance</u>, then ogling him; seeming to say “<u>Keep off</u>, you naughty boy!,” then stepping back again with inviting movements. She made such a seductive gesture that the hero’s body dilated and his mouth watered. (p. 160)</p>	<p>31- <u>Tradução por paráfrase</u></p> <p>32- <u>Tradução por paráfrase</u></p>
<p>Elle s’approchait <u>avec la coquetterie de celle qui d’avance se refuse</u>, dansant mille danses, clignant de l’oeil à notre héros comme pour dire : « <u>Bas les pattes</u>, jeune homme ! » et elle s’éloignait dansant mille danses, avec la coquetterie de celle qui d’avance se refuse. La convoitise de notre héros décupla : tout son corps se tendit et l’eau lui monta à la bouche [...] (p. 217)</p>	<p>31- <u>Tradução por paráfrase</u></p> <p>32- <u>Tradução por correspondente não-literal</u> Robert (1993)</p>